

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

**AVALIAÇÃO DO IMPACTO DO PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE
EMPREENDEDORES – EMPRETEC NA VIDA PROFISSIONAL DOS
EMPRETECOS FORMADOS NO SEBRAE/RECIFE**

Tese de Doutoramento em Ciências da Educação

FERNANDO JOSÉ MOREIRA COELHO

Orientadores

Professor Doutor Armando Paulo Ferreira Loureiro

Professora Doutora Carla Susana da Encarnação Marques



Vila Real, 2017

Fernando José
Moreira Coelho

**AVALIAÇÃO DO IMPACTO DO PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE
EMPREENDEDORES – EMPRETEC NA VIDA PROFISSIONAL DOS
EMPRETECOS FORMADOS NO SEBRAE/RECIFE**



2017

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

**AVALIAÇÃO DO IMPACTO DO PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE
EMPREENDEDORES – EMPRETEC NA VIDA PROFISSIONAL DOS
EMPRETECOS FORMADOS NO SEBRAE/RECIFE**

Tese de Doutoramento em Ciências da Educação

FERNANDO JOSÉ MOREIRA COELHO

Orientadores

Professor Doutor Armando Paulo Ferreira Loureiro

Professora Doutora Carla Susana da Encarnação Marques

Composição do Júri:

Vila Real, 2017

Esta tese foi redigida ao abrigo do Acordo Ortográfico de 2013

A minha mãe Suzete Coelho, com todo amor e carinho, ao meu pai Antônio Coelho e avós Arnaldo e Rita (*in memoriam*).

À Jane, pelos momentos vividos e pelo incentivo em todas as fases da elaboração desta pesquisa.

Às minhas filhas, Fernanda e Priscila, por todo carinho e amor.

Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Paulo Freire. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 12 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999, p. 32.

AGRADECIMENTOS

Aos meus orientadores e amigos Professor Doutor Armando Paulo Ferreira Loureiro e Professora Doutora Carla Susana da Encarnação Marques, pelo apoio, incentivo e orientação.

Aos docentes do curso de Doutorado em Ciências da Educação da UTAD.

Aos colegas da turma de doutorado, por toda aprendizagem conjunta, como também pelas horas de alegria e descontração.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – IFPE.

Ao SEBRAE Nacional e em especial à coordenação geral do Programa de Formação de Empreendedores – EMPRETEC.

Ao SEBRAE - RECIFE e em especial aos Gestores, Formadores e EMPRETECos do Programa de Formação de Empreendedores - EMPRETEC dos anos de 2012 e 2013.

Aos amigos e Professores, Doutor Emanuel Leite e Doutor Luís Carvalheira de Mendonça.

RESUMO

As modificações econômicas e sociais têm exigido uma nova educação voltada ao empreendedorismo. O objetivo desta pesquisa foi avaliar o impacto do Programa de Formação de Empreendedores – EMPRETEC – na vida profissional dos EMPRETECos formados no SEBRAE – Recife/PE, Brasil. Procedeu-se à pesquisa primária, observacional, transversal, prospectiva e descritiva, incluindo 66 EMPRETECos, 10 formadores e três gestores. Procedeu-se à análise de dados quantitativos, por meio de distribuição de frequências, e qualitativos, empregando a análise de conteúdo de Bardin, realizada com o programa NVIVO. O grupo de formandos caracterizou-se predominantemente por pertencer ao gênero masculino, na faixa etária de 25 a 50 anos e tinham o terceiro grau completo com pós-graduação. Como resultados viu-se que nos seminários haviam participantes que já possuíam seu próprio empreendimento e buscavam maior qualificação para expandir seus negócios ou mudar seu ramo de atividade, confirmando o conceito de empreendedorismo. Comprovou-se que o Programa exerceu impacto na vida profissional dos EMPRETECos, pois os motivou a constituir empresa, mudar de ramo de atuação ou expandir a empresa que já possuía. O programa promoveu mudanças comportamentais que, por sua vez, acarretaram alterações na vida profissional dos mesmos. O emprego da *heutagogia* pode ter contribuído para a redução da taxa de mortalidade das empresas integradas por EMPRETECos, por permitir melhor identificação de oportunidades e de planejamento sistemático, favorecendo maior renda e melhor qualidade. Nas dimensões de motivação, perfil psicológico, perfil cognitivo e contributos, constatou-se que o EMPRETEC contribuiu para a identificação de novas oportunidades, melhorou a condição financeira, o otimismo, a autonomia, a independência, as competências administrativas, inovadoras e de planejamento. Conclui-se que o EMPRETEC gerou impactos positivos para os formandos, percebidos também pelos gestores e formadores do curso, possibilitando o despertar das características do comportamento empreendedor.

As contribuições deste estudo foram poder afirmar que a metodologia do curso viabilizou aos formandos o desenvolvimento de um comportamento empreendedor, o que aponta para sugerir que tal metodologia deva ser adaptada, para emprego no ensino médio e nos cursos de graduação, favorecendo a formação de um número maior de pessoas com conhecimento de empreendedorismo, portanto com maior probabilidade de contribuir para o crescimento da economia.

Palavras-chave: Empreendedorismo. Educação. Heutagogia. EMPRETEC.

ABSTRACT

Economic and social changes have required a new education focused on entrepreneurship. The objective of this research was to evaluate the impact of the Entrepreneurs Training Program - EMPRETEC - in the professional life of EMPRETECOs trained at SEBRAE – Recife/PE, Brazil. A primary, observational, cross-sectional, prospective and descriptive research was carried out, including 66 EMPRETECOs, 10 trainers and three managers. Quantitative data were analyzed by means of frequency distribution and qualitative data, by using the Bardin content analysis performed with the NVIVO program. The group of trainees was predominantly male, 25 to 50 years old, and third grade with postgraduate studies. In the seminars there were participants who already had their own venture and sought higher qualification to expand their business or change their branch of activity, confirming the concept of entrepreneurship. We identified that the Program had an impact on the professional life of EMPRETECOs since it motivated them to start a company, change their business or expand the company they already owned. The program promoted behavioral changes that, in turn, led to changes in their professional lives. The use of heutagogy may have contributed to the reduction of the mortality rate of the companies integrated by EMPRETECOs, by allowing a better identification of opportunities and systematic planning, favoring higher income and better quality. In the dimensions of motivation, psychological profile, cognitive profile and contributions, it was verified that EMPRETEC contributed to the identification of new opportunities, improved financial condition, optimism, autonomy, independence, as well as administrative, innovative and planning skills. We concluded that EMPRETEC generated positive impacts for the trainees, also perceived by the managers and trainers of the course, enabling the awakening of the characteristics of entrepreneur behavior. As contributions of the study, power is appointed to a methodology of the course enabled the trainees the development of entrepreneurial behavior, which points to suggest that such a methodology to be adapted for high school and undergraduate courses, favoring the formation of a greater number of people with entrepreneurial knowledge, therefore, most likely to contribute to economic growth.

Keywords: Entrepreneurship. Education. Heutagogy. EMPRETEC.

ÍNDICE GERAL

RESUMO.....	vi
ABSTRACT.....	vii
ÍNDICE DE FIGURAS.....	xi
ÍNDICE DE TABELAS.....	xvii
ÍNDICE DE QUADROS.....	xviii
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	xix
INTRODUÇÃO	1
1. Definição do Problema.....	8
2. Justificativa	8
CAPÍTULO I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO E LEGAL	10
1.1 Educação e Formação de Adultos.....	10
1.1.1 As Políticas Públicas no campo da Educação e Formação de Adultos	15
1.2 Empreendedorismo.....	21
1.2.1 Conceitualização de Empreendedorismo.....	22
1.2.2 O conceito de empreendedor	27
1.3 Formação e educação empreendedora.....	42
1.3.1 Programa EMPRETEC no Brasil	51
CAPÍTULO II. CAMINHO METODOLÓGICO	60
2.1 Tipo de pesquisa.....	60
2.2 Objetivos	61
2.3 População do Estudo	62
2.4 Amostra do Estudo.....	66
2.5 Instrumentos de recolha dos dados.....	66
2.6 Variáveis	67
2.7 Recolha dos dados	69
2.8 Tratamento dos dados	70

CAPÍTULO III. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS	74
3.1 Análise quantitativa dos dados da pesquisa	74
3.2 Análise comparativa entre formadores, gestores e EMPRETECos	92
3.3 Análise Qualitativa – Categorias temáticas	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112
Caracterização dos formandos	112
Avaliações da proposta do curso na formação empreendedora.....	113
Metodologia do curso.....	114
Estímulo ao desenvolvimento de características empreendedoras	115
Contribuições do curso para melhoria econômica-profissional dos EMPRETECos.....	117
Sucesso profissional	118
Limitações do estudo	119
Sugestões.....	120
REFERÊNCIAS	123
APÊNDICE A.....	141
APÊNDICE B.....	143
APÊNDICE C.....	165
APÊNDICE D.....	169
APÊNDICE E.....	173
APÊNDICE F.....	177
ANEXO A.....	220
ANEXO B.....	222
ANEXO C	223

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Classificação dos programas de empreendedorismo	3
Figura 2 – Características de participantes, contextos, programas e resultados de educação e treinamento em empreendedorismo	4
Figura 3 – Oportunização de criação de negócios segundo modelo de criatividade.....	44
Figura 4 – Fluxograma da recolha e dos procedimentos de Análise de Dados	69
Figura 5 – Técnicas estatísticas utilizadas	70
Figura 6 – Scores médios em todas as dimensões, no EMPRETEC – SEBRAE (2012-2013), Recife, Pernambuco, Brasil.....	81
Figura 7 – Médias nos itens das dimensões para avaliação do EMPRETEC – SEBRAE (2012-2013), Recife, Pernambuco, Brasil	83
Figura 8 – Médias nos itens das dimensões para as motivações que podem induzir o surgimento de uma ideia de negócio, no EMPRETEC-SEBRAE (2012-2013), Recife, Pernambuco, Brasil	84
Figura 9 – Médias nos itens das dimensões para o perfil psicológico, no EMPRETEC – SEBRAE (2012-2013), Recife, Pernambuco, Brasil	85
Figura 10 – Médias nos itens das dimensões para o perfil cognitivo, no EMPRETEC – SEBRAE (2012-2013), Recife, Pernambuco, Brasil	86
Figura 11 – Médias nos itens das dimensões para os contributos do EMPRETEC – SEBRAE (2012-2013), para o negócio, Recife, Pernambuco, Brasil.....	87
Figura 12 – Médias nos itens da dimensão de comportamento para os contributos do EMPRETEC – SEBRAE (2012-2013), Recife, Pernambuco, Brasil.....	88
Figura 13 - Árvore 1 -1.3 «Como passou a ser formador do EMPRETEC/Sebrae?»	177
Figura 14 - Árvore 2–1.4 «Realiza outras atividades?Quais?».....	178
Figura 15 – Árvore 3 – 1.5 «Na sua opinião qual a relação que esse trabalho como formador no EMPRETEC/Sebrae tem com a sua experiência profissional?»	179
Figura 16 – Árvore 4- 1.6 Na sua opinião qual a relação que esse trabalho como formador no EMPRETEC/SEBRAE tem com sua formação acadêmica?.....	179
Figura 17 – Árvore 5 – 1.7«Para Ser formador/facilitador do EMPRETEC/Sebrae realizou/teve de realizar algum tipo de formação? Se sim considera que essa formação foi importante?»	180

Figura 18 – Arvore 6 – 1.8 Considera que a experiência como formador no EMPRETEC/SEBRAE contribuiu para o seu desenvolvimento profissional?	181
Figura 19 – Árvore 7 – 1.9 «Sente-se realizado como formador do EMPRETEC/Sebrae? Porquê?»	181
Figura 20 – Árvore 8 – 1.10«Qual considera ser o maior desafio neste trabalho?»	182
Figura 21 – Árvore 9 -1.11 «Que pensa que pode melhorar como formador?»	183
Figura 22 – Árvore 10 – 2.1«Durante o curso EMPRETEC/SEBRAE como se desenvolve a formação que você dá aos alunos? Ou seja, quais as estratégias, os métodos, os recursos que você utiliza para realizar a formação dos seus alunos?»	184
Figura 23 – Árvore 11 – 2.2«Você acredita que as instalações físicas onde ocorre o EMPRETEC no SEBRAE Recife, são próprias pra o desenvolvimento dos trabalhos para a que se propõe o curso? Por quê?»	184
Figura 24 - Árvore 12 – 2.3«No decorrer das suas aulas, para dar as suas aulas teve em consideração os saberes, as experiências prévias e a linguagem quotidiana dos seus formandos? Se sim, pode dar-me algum exemplo, ou exemplos de como fez? Se não fez por que razão ou razões nunca o fez?»	185
Figura 25 – Árvore 13 – 2.4«No decorrer das suas aulas, para dar as suas aulas, costumava partir dos problemas quotidianos e desafios e motivações dos seus formandos? Se sim, pode dar-me algum exemplo, ou exemplos de como fez? Se não fez por que razão ou razões nunca o fez?»	186
Figura 26 – Árvore 14 – 2.5 «Considera que no processo educativo-formativo que implementou nas suas aulas era dada autonomia e responsabilidade aos formandos para que eles realizassem as suas aprendizagens. Se sim, pode dizer-me como, de que forma deu essa autonomia e responsabilidade aos formandos? Se não, por que não fez?» ...	186
Figura 27 - Árvore 15 – 2.6«Considera que o processo educativo-formativo que implementou nas suas aulas proporcionou a participação ativa dos formandos? Se sim, pode dizer-me de que forma ou formas tal ocorreu? Se não, pode dizer-me por quê?»	187
Figura 28 - Árvore 16 – 2.7«Considera que o processo educativo-formativo que implementou nas suas aulas proporcionou a cooperação entre os formandos? Se sim, pode dizer-me de que forma ou formas tal ocorreu? Se não, pode dizer-me por quê?»	188
Figura 29 – Árvore 17 – 2.8«Considera que o processo educativo-formativo que implementou nas suas aulas se baseou num diálogo na reciprocidade e confiança mútua entre si e seus formandos? Se sim, pode dizer-me de que forma ou formas tal ocorreu? Se não, pode dizer-me por quê?»	189
Figura 30 – Árvore 18 – 2.9«Existe evasão dos EMPRETECOS? Se sim, indique qual/quais as suas causas dessa evasão.»	189
Figura 31 - Árvore 19 – 2.10«Acredita que a carga horária oferecida pelo programa é satisfatória para o conhecimento e competências que se pretende desenvolver nos formandos, por quê?»	190

Figura 32 – Árvore 20 – 3.1«Em sua opinião, qual ou quais os maiores contributos do EMPRETEC/Sebrae para a vida dos formandos?».....	191
Figura 33 – Árvore 21 – 3.2«Em sua opinião o curso contribuiu para a melhoria da condição econômica e profissional dos formandos? Por quê?».....	191
Figura 34 – Árvore 22 – 3.3«Em sua opinião, os empretecos saem do curso preparados para perceber e criar novas oportunidades empreendedoras no negócio que já possuíam e/ou em novos negócios? Por quê?».....	192
Figura 35 – Árvore 23 – 3.4«Você acredita que houve alguma mudança no perfil dos participantes do EMPRETEC ao longo dos anos? Por quê?».....	192
Figura 36 - Árvore 24 – 3.5«Na sua opinião a formação EMPRETEC pode ser associada ao sucesso profissional dos formandos? Por quê?».....	193
Figura 37 – Árvore 25 – 3.6«Tem sugestões a dar de melhoria quanto às futuras formações? Você gostaria de sugerir?».....	194
Figura 38 – Árvore 26 – 1.3«Como você passou a ter cargo de gestor/a no EMPRETEC/SEBRAE? Como foi esse início como gestora?».....	195
Figura 39 – Árvore 27 – 1.4«Atualmente qual o seu tempo de dedicação ao programa EMPRETEC/SEBRAE? Realiza outras atividades? Quais? Atualmente, ou seja, hoje.».....	195
Figura 40 – Arvore 28 – 1.5 Na sua opinião qual a relação que esse trabalho como gestor/a no EMPRETEC/SEBRAE tem com a sua experiência profissional prévia e/ou atual?.....	196
Figura 41 – Árvore 29 – 1.6«Qual a relação desse trabalho como gestor/a do EMPRETEC/SEBRAE tem com sua formação acadêmica?».....	196
Figura 42 – Árvore 30 – 1.7«Para ser gestor/a no EMPRETEC/SEBRAE realizou/teve de realizar algum tipo de formação? Se sim, qual? Se considera que essa formação foi importante no início?».....	197
Figura 43 – Árvore 31 – 1.8«Considera que a experiência como gestor/a no EMPRETEC/SEBRAE contribuiu para o seu desenvolvimento profissional? Se sim, de que forma? Se não, por quê?».....	197
Figura 44 – Árvore 32 – 1.9 «Sente-se realizado como gestor/a do EMPRETEC/SEBRAE? Por quê?».....	198
Figura 45 – Árvore 33 – 1.10«Qual considera ser o seu maior desafio nesse trabalho como gestor/a do EMPRETEC/SEBRAE?».....	198
Figura 46 – Árvore 34 – 1.11Que pensa que poderia melhorar como gestor/a do EMPRETEC/SEBRAE?».....	199
Figura 47 – Árvore 35 – 1.12«Em sua opinião o que poderia melhorar para o bom desempenho da gestão do curso?».....	199

Figura 48 – Árvore 36 – 1.13«Em sua opinião quais são os critérios essenciais para seleção dos professores/formadores do programa?»	200
Figura 49 – Árvore 37 1.14 «Em sua opinião o que poderia melhorar no desempenho dos formadores, ou seja, dos facilitadores?»	200
Figura 50 – Árvore 38 – 2.1«Tem conhecimento sobre a forma como se realiza o processo durante o curso EMPRETEC/SEBRAE, ou seja, você tem conhecimento acerca das estratégias, dos métodos, dos recursos utilizados no curso?»	201
Figura 51 – Árvore 39 – 2.2«Você acredita que as instalações físicas onde ocorre o EMPRETEC no SEBRAE são próprias para o desenvolvimento dos trabalhos para que se propõe o curso, por quê?»	201
Figura 52 – Árvore 40 – 2.3«Sabe dizer-me se no decorrer das aulas do curso se tem em consideração os saberes, experiências prévias e a linguagem cotidiana dos formandos? Se sabe se acha que sim, pode dar-me algum exemplo ou exemplos de como isso ocorre? Se não, também poderia dar as razões por que não é feito?»	202
Figura 53 – Árvore 41 – 2.4«Sabe dizer-me se no decorrer das aulas do curso, se costuma partir dos problemas quotidianos e dos desafios e motivações dos formandos (ênfase em formandos)? Se acha que sim pode dar-me algum exemplo ou exemplos de como isso ocorre? Se sabe se acha que não, as razões que isso não ocorre?»	202
Figura 54 – Árvore 42 – 2.5«Sabe dizer-me se no processo educativo-formativo implementado no curso é dada autonomia e responsabilidades aos formandos pra que eles realizem suas aprendizagens? Se sabe que sim, pode dizer-me de que forma essa autonomia e responsabilidade é dada aos formandos? Se não, por que razões isso não é feito?»	203
Figura 55 – Árvore 43 – 2.6«Pode dizer-me se no processo educativo-formativo implementado no curso se proporciona a participação ativa dos formandos? Se sabe se acha que sim, pode dizer-me de que forma ou formas tal ocorre? Se sabe se isso não se faz, pode dizer-me por quê?»	203
Figura 56 – Árvore 44 - 2.7«Sabe dizer-me se no processo educativo-formativo implementado no curso se proporciona, promove a cooperação entre os formandos? Se sabe que acha que sim, pode dizer-me de que forma ou formas tal ocorre? Se acha que isso não ocorre pode dizer-me por quê?»	204
Figura 57 – Árvore 45 – 2.8 Sabe dizer-me se no processo educativo-formativo implementado no curso se baseia no diálogo, na reciprocidade e confiança mútua entre os formadores (ênfase) os facilitadores e formandos?	204
Figura 58 – Árvore 46 – 2.9«Existe evasão dos participantes? Se sim, indique quais as causas dessa evasão.»	205
Figura 59 – Árvore 47 – 2.10 Acredita que a carga horária oferecida pelo programa é satisfatória para o conhecimento e competências que se pretende desenvolver nos formandos?.....	205

Figura 60 – Árvore 48 – 3.1 Em sua opinião, qual ou quais os maiores contributos, contribuições do EMPRETEC/SEBRAE para a vida dos formandos?	206
Figura 61 – Árvore 49 – 3.2 Em sua opinião, o curso contribuiu para a melhoria da condição econômica e profissional dos formandos, hoje empretecos? Por quê?.....	206
Figura 62 - Árvore 50 - 3.3 Em sua opinião, os empretecos saem do curso preparados para perceber e criar novas oportunidades empreendedoras no negócio que já possuíam e/ou em novos negócios? Por quê?	207
Figura 63 - Árvore 51 – 3.4«Você acredita que houve alguma mudança no perfil (ênfase) dos participantes ao longo dos anos? Por quê?».....	207
Figura 64 – Árvore 53 – 3.5«Na sua opinião, a formação EMPRETEC pode ser associada ao sucesso profissional dos formandos? Por quê?»	208
Figura 65 - Árvore 53 – 3.6«Tem sugestões a dar de melhorias quanto a futuras formações do EMPRETEC?»	208
Figura 66 – Árvore 54 – 1.1 «Relate o seu percurso profissional quando começou a trabalhar até os dias atuais.»	209
Figura 67 – Árvore 55 – 2.1«Como se realizou o processo de formação durante o curso que frequentou, EMPRETEC/SEBRAE, ou seja, quais as estratégias, os métodos, os recursos utilizados no curso que frequentou? O que é que os formadores fizeram, usaram que artifícios, que materiais, que equipamentos para transmitir seus ensinamentos, você recorda?»	210
Figura 68 – Árvore 56 – 2.2«Você acredita que as instalações físicas onde ocorre o EMPRETEC no SEBRAE/RECIFE, elas são próprias para o desenvolvimento dos trabalhos para que se propõe o curso? Por quê?»	210
Figura 69 – Árvore 57 – 2.3«Em sua opinião, no decorrer das aulas os formadores tiveram em consideração os saberes, as experiências prévias e a linguagem quotidiana dos formandos? Se acha que sim, pode dar-me algum exemplo ou exemplos de como isso ocorreu? Se acha que não, por que razão ou razões acha que isso não foi feito?»	211
Figura 70 - Árvore 58 – 2.4 «No decorrer das aulas do curso, era costume os formadores partirem dos problemas quotidianos e dos desafios e motivações dos formandos? Se sim, pode dar-me algum exemplo ou exemplos de como isso ocorreu? Se não era costume, por que razão ou razões acha que isso não foi feito?»	212
Figura 71 – Árvore 59 – 2.5 «No processo educativo/formativo implementado no curso, foi dada autonomia e responsabilidade aos formandos para realizarem as suas aprendizagens? Se sim, pode dizer-me de que forma essa autonomia e responsabilidade foi dada aos formandos? Se isso não se fez, por que razão ou razões acha que isso não foi feito?»	212
Figura 72 – Árvore 60 – 2.6 «No processo educativo/formativo implementado no curso proporcionou-se a participação ativa dos formandos? Se sim, pode dizer-me de que forma ou formas tal ocorreu? Se acha que isso não se fez, pode dizer-me por que acha que não se fez?»	213

Figura 73 – Árvore–61 2.7 «O processo educativo/formativo implementado no curso proporcionou, promoveu a cooperação entre os formandos? Se acha que sim, pode dizer-me de que forma ou formas isto ocorreu? Se acha que isso não se fez, pode dizer-me por que isso não se fez?»	213
Figura 74 – Árvore 62 – 2.8 «O processo educativo/formativo implementado no curso baseou-se no diálogo, na reciprocidade e confiança mútua entre formadores e formandos? Se acha que sim, pode dizer-me de que forma ou formas isto ocorreu? Se acha que isso não se fez, pode dizer-me por que acha que isso não se fez?»	214
Figura 75 – Árvore 63 – 2.9«Durante a sua frequência do curso notou que existia evasão dos empretecos? Ou seja, alguém desistiu no início do curso?»	215
Figura 76 – Árvore 64 – 2.10 «Acredita que a carga horária oferecida pelo programa é satisfatória para o conhecimento e competências que se pretende desenvolver nos formandos? Por quê?»	215
Figura 77 – Árvore 65 – 3.1 «Em sua opinião, qual ou quais os maiores contributos do EMPRETEC/SEBRAE para a sua vida?»	216
Figura 78 – Árvore 66 – 3.2 «Em sua opinião, o curso contribuiu para a melhoria da sua condição econômica e profissional? Por quê?»	216
Figura 79 – Árvore 67 – 3.3«Em sua opinião, o curso o preparou para perceber e criar novas oportunidades empreendedoras no negócio que já possuía? E/ou para criar novas oportunidades empreendedoras de novos negócios? Por quê?».....	217
Figura 80 – Árvore 68 – 3.4«Considera-se uma pessoa de sucesso profissional? Se sim, a formação EMPRETEC pode ser associada ao seu sucesso profissional?»	217
Figura 81 – Árvore 69 – 3.5«Tem sugestões a dar de melhoria quanto a futuras formações do EMPRETEC?	218

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Taxas de empreendedorismo segundo estágio dos empreendimentos – Brasil e regiões – Comparativo 2012-2013.....	32
Tabela 2 – Taxa de empreendedores iniciais (TEA) segundo a motivação – Brasil e regiões – Comparativo 2012-2013.....	35
Tabela 3 – Caracterização sociográfica da amostra do estudo, no EMPRETEC – SEBRAE (2012-2013), Recife – Pernambuco, Brasil	75
Tabela 4 – Cruzamento da situação profissional antes e depois do EMPRETEC – SEBRAE (2012-2013), Recife, Pernambuco, Brasil	76
Tabela 5 – Opiniões sobre o EMPRETEC – SEBRAE (2012-2013), Recife, Pernambuco, Brasil	77
Tabela 6 – Caracterização do negócio (inquiridos com negócio), após realizarem o EMPRETEC – SEBRAE (2012-2013), Recife, Pernambuco, Brasil.....	79
Tabela 7 – Faturamento da empresa com o EMPRETEC (inquiridos com negócio), EMPRETEC – SEBRAE (2012-2013), Recife, Pernambuco, Brasil.....	80
Tabela 8 – Análise de Regressão Logística no EMPRETEC – SEBRAE (2012-2013), Recife, Pernambuco, Brasil.....	89

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Algumas definições do termo empreendedorismo	23
Quadro 2 – Definições do termo empreendedor.....	28
Quadro 3 – Habilidades necessárias dos empreendedores	29
Quadro 4 – Características do empreendedorismo empresarial Responsabilidade social e empreendedorismo social.....	39
Quadro 5 – Comparação das características de empreendedores de negócio e empreendedores sociais.....	41
Quadro 6 – Grupos de competências empreendedoras e respectivas características, segundo chance de sucesso.....	45
Quadro 7 – Princípios da aprendizagem de adultos e sua aplicabilidade no empreendedorismo.....	46
Quadro 8 – Relação entre as múltiplas inteligências e o desenvolvimento de características dos empreendedores	49
Quadro 9 – Relação dos países que realizam o Programa EMPRETEC.....	51
Quadro 10 – Construtos utilizados pelo EMPRETEC para identificar características empreendedoras.....	54
Quadro 11 – Número de seminários e participantes por Unidade da Federação Brasileira, 1993-2015.	59
Quadro 12 – Caracterização dos EMPRETECOs formados no SEBRAE em 2012 – Recife/PE, Brasil.....	64
Quadro 13 – Caracterização dos EMPRETECOs formados no SEBRAE em 2013 – Recife/PE, Brasil.....	65
Quadro 14 – Análise de fiabilidade das dimensões.....	71
Quadro 15 – Comparativo entre os resultados das entrevistas entre os gestores, formadores e empretecos conforme resultado da análise de conteúdo e da análise quantitativa.	94

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABC	Agência Brasileira de Cooperação
ACP	Análise de componentes principais
BADESC	Banco de Desenvolvimento de Santa Catarina
BADESUL	Banco de Desenvolvimento do Rio Grande do Sul
CCE	Características do Comportamento Empreendedor
CEBRAE	Centro Brasileiro de Assistência Gerencial às Pequenas e Médias Empresas
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EMPRETEC	Programa de Formação de Empreendedores
GEM	Global Entrepreneurship Monitor
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MSI	<i>Management Systems International</i>
NUD.IST	<i>Non-numerical Unstructured Data by Indexing, Searching and Theorising</i>
ONU	Organização das Nações Unidas
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TEA	Taxa de empreendedores iniciais ou em estágio inicial
TEE	Taxa de empreendedores estabelecidos
UNCTAD	Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
USAID	Agência para o Desenvolvimento Internacional dos Estados Unidos

INTRODUÇÃO

O mundo empresarial vem sofrendo algumas transformações que indicam um novo cenário de complexidade, exigindo das organizações um nível avançado de competitividade e inovação. Com isso, a figura do empreendedor surge com uma importância maior, configurando-se, nesse contexto, como um dos importantes protagonistas destas transformações (Dornelas, 2007).

Dolabela e Fillion (2000) afirmam que ser e agir como um empreendedor consiste em saber constatar oportunidades de negócio, pelo simples facto de que o empreendedor sempre está atento ao que acontece no mercado. Ele tende a detectar o que possui potencial e descobrir nichos promissores de negócios.

O *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) reuniu pesquisadores da Fundação Kauffman, do *Babson College* (EUA) e da *London Business School*, que analisaram por dois anos a complexa correlação do empreendedorismo com o progresso econômico em dez países, entre eles os que compunham o grupo denominado G7 – Estados Unidos da América, Canadá, Alemanha, França, Itália, Reino Unido e Japão, além de Finlândia, Israel e Dinamarca. Ao final da pesquisa, chegaram à conclusão que o empreendedorismo é primordial para o desenvolvimento econômico de qualquer país (Kelley, Singer, & Herrington, 2015).

Liñán e Fernandez-Serrano (2014) realizaram pesquisa em diversos países da União Europeia com o objetivo de identificar parâmetros culturais específicos que pudessem interferir sobre o nível de desenvolvimento econômico e reforçar o efeito do empreendedorismo no nível de renda da população. Utilizando dados do *Schwartz Value Survey*, que avalia sete orientações culturais agrupadas em três conjuntos (enraizamento versus autonomia; hierarquia versus igualitarismo e domínio versus harmonia), bem como os dados sobre atividade empreendedora, disponíveis no *Global Entrepreneurship Monitor*, os autores puderam classificar os países segundo seu nível de desenvolvimento. Por meio de análise de regressão linear, variáveis culturais e empreendedoras explicaram mais de 60% da variação do produto interno bruto per capita. Concluíram então que a cultura empreendedora se caracteriza por dinâmicas diferentes que podem ser plausivelmente explicadas pela cultura local e pela renda em que o empreendedorismo se desenvolve.

Outro fator que interfere na educação empreendedora foi identificado em pesquisa envolvendo 4192 profissionais de informática, por Lee, Wang, Foo e Leung (2011). Ao pesquisarem os motivos pelos quais esses profissionais optaram por abandonar seus empregos e iniciar novos negócios caracterizando a intenção empreendedora, comprovaram que o baixo nível de satisfação com o desempenho profissional, bem como um clima restritivo de inovação organizacional na empresa foram fatores com grande impacto na decisão empreendedora.

As pesquisas de Liñán e Serrano (2014), bem como de Lee *et al.* (2011) contribuíram para a compreensão dos fatores motivadores da decisão de pessoas por uma educação empreendedora, dentre os quais estão a percepção de auto eficácia, baixa satisfação com as atividades profissionais mormente quando as instituições em que trabalham não valorizam a inovação e não incentivam um clima inovador para prevenir a evasão de cérebros¹.

Teixeira (2007) descreve que a maneira mais adequada de se incentivar o espírito empreendedor, bem como as competências pertinentes ao empreendedorismo, é por intermédio da aprendizagem. Essa aprendizagem se correlaciona positivamente com o desenvolvimento e a empregabilidade, uma vez que ajuda o indivíduo na construção e reconstrução da sua competência.

A partir de 1988, a Organização das Nações Unidas (ONU) começou a estimular os países a desenvolverem uma metodologia pedagógica para formação de empreendedores, que objetivava à tomada de decisões estratégicas baseadas em finanças empresariais, marketing, venda e elaboração de produtos (Costa, 2015).

Em face da correlação do empreendedorismo com o progresso econômico, órgãos de fomento ao desenvolvimento, universidades e institutos, dentre outros, se consolidam na formação empreendedora, global ou local. Isto possibilita o crescimento e o desenvolvimento econômico, baseado na inovação, como principal característica do empreendedorismo.

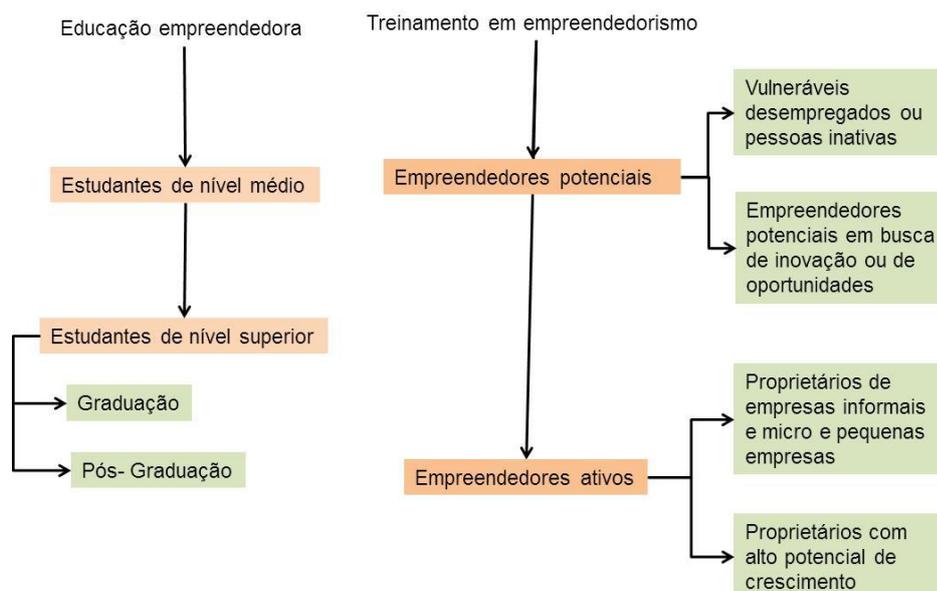
Com isso, estão sendo desenvolvidos Programas de Educação Empreendedora em instituições de ensino médio e superior, públicas e privadas, em diversos países. Segundo

1 Tradução nossa para “brain drain” – uma referência à evasão de profissionais com alta especialização e desempenho importante para a instituição, devido à insatisfação com as oportunidades de inovação na instituição.

Valerio, Parton e Robb (2014), esses programas são classificados em educação ou treinamento em empreendedorismo. A educação destina-se a estudantes de nível médio ou superior e tem por objetivo informá-los sobre empreendedorismo e despertar o interesse pela criação e inovação de processos produtivos. O treinamento visa formar profissionais empreendedores, seja por meio de inovação de processos produtivos que realizam ou ainda pela criação de novos negócios (Figura 1).

Valerio, Parton e Robb (2014) analisaram os programas de empreendedorismo instalados nos países Estados Unidos da América, Tunísia, Uganda, Suécia, Nigéria, Noruega, China, Finlândia e França. Identificaram características dos participantes, dos contextos dos cursos, dos programas e dos resultados expostos na Figura 2.

Figura 1 – Classificação dos programas de empreendedorismo



Fonte: Adaptado de Valerio, Parton e Robb (2014)

Figura 2 – Características de participantes, contextos, programas e resultados de educação e treinamento em empreendedorismo



Fonte: Adaptado de Valerio, Parton e Robb (2014, pp. 37, 41, 43, 47)

Os autores concluíram que a educação e o treinamento em empreendedorismo podem ser úteis a um grande número de imperativos globais e económicos, variando desde a criação de empregos à redução da pobreza e à inovação. Em decorrência da disseminação de benefícios do empreendedorismo, concluíram também haver necessidade de conceituar o melhor modelo de formação de empreendedores, bem como de analisar a contribuição de tais programas na formação de renda e de inovação, para que se possa adequadamente avaliar a complexidade e a heterogeneidade essencial dos conteúdos programáticos (Valerio, Parton, & Robb, 2014).

A Comissão Europeia de Educação Empreendedora nas Escolas (Eurydice, 2016) publicou um relatório sobre as atividades de programa de educação e treinamento de empreendedorismo nas escolas primárias, secundárias e de formação de empreendedores em todos os países europeus exceto Alemanha, Irlanda e Liechtenstein. As conclusões foram resumidas em 10 itens, que se assemelham aos resultados de outros estudos: a) não há um conceito uniforme entre os países sobre empreendedorismo, mas todos admitem que deva estar relacionado à qualidade de vida dos indivíduos; b) os programas atuais não

atendem às expectativas da clientela mais jovem e precisam ser reformulados, mas têm contribuído para o desenvolvimento de habilidades para resolução de problemas; c) houve aumento de atividades inovadoras entre 2012 e 2016 nos locais em que o programa de empreendedorismo foi oferecido, marcadamente na Suécia, Finlândia e Dinamarca; d) os programas têm objetivado também a empregabilidade, em resposta à crise econômica presente na Europa; e) definição de resultados esperados para a aprendizagem em empreendedorismo não tem sido priorizada, exceto em Dinamarca, Estônia, Áustria, Polônia, Reino Unido, Bosnia e Hertzegonivia, Montenegro e República Iugoslava da Macedônia, por considerarem que essa é uma estratégia do processo ensino-aprendizagem para consolidar a educação empreendedora nas escolas; f) ainda não há monitoramento do impacto e do progresso de ações empreendedoras nos países europeus; g) na maior parte dos países no orçamento ainda não há verba destinada especificamente à educação empreendedora, mas essa ação tem sido admitida como necessária para firmar essa educação no sistema educacional; h) ainda que o empreendedorismo seja aceito como um componente curricular transversal, seus efeitos têm sido mais bem aceitos na educação secundária que na primária, já que os adolescentes habitualmente têm mais liberdade de decisão que as crianças; i) ainda há uma falha na educação empreendedora atribuída à falta de formação de professores e de atividades práticas compulsórias durante as aulas; j) os cursos de educação continuada para professores estão mais bem organizados do que aqueles voltados para a formação inicial, do que decorre qualidade inferior nas aulas ministradas para estudantes da escola primária quando comparados aos da escola secundária.

As conclusões de tais estudos possibilitam afirmar que os conhecimentos se constituem em referenciais relevantes para a educação empreendedora, bem como para a compreensão das várias oportunidades no entorno. Dessa feita, o indivíduo é impulsionado a considerar a opção da carreira de empreendedor. Neste sentido e quando programados e executados adequadamente às necessidades dos formandos, tais Programas podem ser enquadrados dentro da formação profissional contínua como também na educação básica para mudança de comportamento visando impulsionar o desenvolvimento do espírito empreendedor nos seus participantes (Loureiro, 2010).

No Brasil, a Organização das Nações Unidas cedeu ao Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), desde 1993, o Programa EMPRETEC (Anexo A). Nesse Programa é empregada a metodologia que se vale dos elementos considerados

essenciais como o desenvolvimento da imaginação, criatividade ou a habilidade de canalizar energia para os objetivos que o empreendedor quer atingir (Costa, 2015).

Os perfis dos participantes do EMPRETEC são de pessoas adultas, que já trazem suas experiências que devem ser levadas em consideração. São pessoas heterogêneas, tanto do ponto de vista educacional, como da capacidade de assimilar e de se expor, com vontade de adquirir novos ensinamentos e trazem conhecimentos e crenças que fazem parte da sua forma de agir (Forner *et al.*, 2009).

O SEBRAE, em 2016, apresentou a pesquisa de satisfação e impacto - EMPRETEC, com o objetivo de levantar junto aos 3.482 clientes atendidos em 2015 a satisfação e os principais impactos gerados pelo curso de que haviam participado. Quanto ao perfil dos participantes, ao início do curso, 59% eram empresários que haviam feito inscrição por indicação de amigos. Em relação ao impacto, 27% desses respondentes não colocaram em prática os conhecimentos adquiridos no EMPRETEC, ainda que três a cada quatro participantes tenham atribuído nota nove ou 10 para sua satisfação com o curso. Questionados quanto aos temas para os quais teriam maior interesse que fossem abordados em novos treinamentos do SEBRAE, mais de 60% dos respondentes consideraram planejamento, definição dos negócios, novas oportunidades e redução nos riscos. No entanto os temas para os quais identificaram carência em seu desempenho como empresários foram as áreas de inovação, gestão financeira, planejamento estratégico, marketing e negociação (Nunes & Souza, 2016).

Pesquisa da Endeavor Brasil (2013) apontou que o empreendedor também deve buscar treinamento, pois apenas 46% dos proprietários de negócios formais já tiveram algum tipo de relacionamento com o SEBRAE (a maior taxa apresentada), e o mesmo percentual fica em 31% entre informais.

Diante do exposto, esse estudo busca levantar o atual estado da arte na avaliação do impacto que o EMPRETEC traz para a formação do empreendedor, o que tem agregado de valor ao desenvolvimento de seus negócios e quanto tem contribuído para a melhoria do êxito das empresas e das pessoas envolvidas, bem como para o avanço da qualidade de oferta de serviços à sociedade.

A relevância do tema está na necessidade de caracterizar os pontos fortes e fracos do curso de empreendedorismo oferecido pelo SEBRAE, buscando contribuir com a construção de modelos mais adequados às necessidades e interesses dos participantes e pode, portanto, agregar informações importantes na contextualização de programas mais

abrangentes e homogêneos, em consonância com as recomendações apontadas nos estudos da Comissão Europeia de Educação Empreendedora nas Escolas (Eurydice, 2016) e de Valerio, Parton e Robb (2014), uma vez que a realidade brasileira difere em muito da de outros países.

Ainda para além dos achados anteriormente discutidos, faz-se necessário revisitar a educação para adultos (sobretudo para nos ajudar a localizar o Programa neste campo tão diverso) e o desenvolvimento de metodologia pedagógica para formação de empreendedores.

Do ponto de vista empírico, a pesquisa avaliou os efeitos do treinamento de profissionais empreendedores no Programa de Formação de Empreendedores – EMPRETEC, no SEBRAE – Recife, na perspectiva de tais profissionais.

Este estudo encontra-se dividido em duas partes distintas, a primeira refere-se à construção do arcabouço teórico, que servirá de base para os estudos realizados, com destaque da pesquisa bibliográfica, que, segundo Fonseca (2002), corresponde ao ponto de início de qualquer trabalho científico e é realizada com base no levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas nos meios físicos e/ou eletrônicos, como livros, artigos científicos e páginas de web sites. Para construção do enquadramento teórico e legal desta tese, procedeu-se a uma pesquisa bibliográfica, produzida a partir de material já publicado, composto preferencialmente por livros, artigos científicos publicados em periódicos, dissertações, dentre outros, objetivando a introdução do pesquisador em um contato direto com o tema central da sua pesquisa (Prodanov & Freitas, 2013).

A pesquisa é também documental, pois realizou-se com base em materiais que ainda não receberam tratamento analítico ou que podem ser reformulados de acordo com as necessidades da pesquisa (Prodanov & Freitas, 2013).

Para referendar esta pesquisa, utilizaram-se como respaldos teóricos: Dolabela (2008a); Fillion (1999; 2003), Forner, Burtet, Santos e Morales (2009); Freire (2001; 2002); Leite (2006; 2009), dentre outros autores que colaboram para que se possa compreender com mais intensidade o referido tema. Estes autores nos convidam a refletir sobre como tem sido conceituada a formação empreendedora, dentre outras questões que justificam a necessidade deste estudo, a principal delas – a formação empreendedora pelo EMPRETEC – foco desta pesquisa. Foram utilizados também os relatórios do GEM (2010-2015) e da Endeavor Brasil (2013).

Já a segunda parte corresponde à pesquisa de campo que, segundo Marconi e Lakatos (2010), foi realizada após o estudo bibliográfico, sendo ela a etapa responsável pela definição dos objetivos da pesquisa, das hipóteses, dos meios a serem utilizados para a coleta dos dados, do tamanho da amostra e da maneira como os dados serão tabulados e analisados.

1. Definição do Problema

O problema desta pesquisa tem como questão de partida:

Qual a importância da formação empreendedora através do Programa EMPRETEC, para a vida profissional dos empreendedores visando aprimorar ou gerar novas oportunidades de negócios?

Por meio dessa questão, buscou-se identificar os impactos do Programa de formação de empreendedores na vida empresarial profissional dos EMPRETECos formados pelo SEBRAE-Recife-PE – Brasil.

2. Justificativa

O Brasil na mudança do século anterior para o atual traz na sua conjuntura de relação de trabalho, emprego e capital, profundas e rápidas transformações. Nesse novo contexto, a concorrência nos negócios e a capacidade para se tornar competitivo e atuante no mercado têm exigido o desenvolvimento de novas competências e habilidades e cobrado teorias e metodologias educacionais que subsidiem a aprendizagem de novas gerações de pessoas que adquiram o conhecimento da nova lógica do ser empreendedor, e não mais passem apenas pela via da empregabilidade. Por isso é importante a busca da inovação no fazer crítico e reflexivo da educação para adultos empreendedores (Lima, Lopes, Nassif, & Silva, 2015).

Lima *et al.* (2015), em pesquisa realizada com 25.751 estudantes brasileiros de 37 universidades ou colégios nos quais foram ministradas aulas de educação ou formação empreendedora, identificaram que um direcionamento à formação empreendedora mantém relação com os desafios atuais de nossa sociedade e encontra um aspecto positivo no maior

interesse dos participantes brasileiros quanto aos programas de empreendedorismo, quando comparados aos de estudos internacionais.

Todavia ainda são escassos os estudos de análise do Programa de Formação de Empreendedores - EMPRETEC das Nações Unidas, conduzido no Brasil pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE, o que se reveste de importância. Os grandes centros formadores de empreendedores, tal como o SEBRAE, podem oferecer contribuição valiosa para os setores educacionais nos níveis médio e superior, tornando os Programas mais adequados às necessidades e expectativas dos alunos, ou seja, favorecendo a formação mais ampla e diversificada não restrita ao planejamento de novos negócios. A análise de dados de centros formadores de empreendedores pode ajudar na construção de uma formação dos profissionais empreendedores não corporativa, voltada para o desenvolvimento de competências empreendedoras (Lima *et al.*, 2015).

Identificar que o SEBRAE é o maior centro que oferece o Programa EMPRETEC em Recife, PE, Brasil, suscitou admitir como tema da presente pesquisa a análise do valor que os micro e pequenos empresários dão às ferramentas gerenciais da formação empreendedora, especificamente ao plano de negócios para a abertura e gestão de uma empresa. Reputa-se que os conhecimentos relacionados a essas ferramentas gerenciais estão ligados à formação profissional contínua e empreendedora do empresário.

Entende-se, dessa forma que este estudo contribui cientificamente para a análise do empreendedorismo, bem como a sua importância e a sua real eficácia no melhoramento da vida de quem frequentou a formação empreendedora através do Programa EMPRETEC.

CAPÍTULO I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO E LEGAL

Para que se possa abordar a formação de empreendedores e todo o processo ensino-aprendizagem que media o empreendedorismo, é necessário apresentar aspectos históricos da evolução do ensino no Brasil, desde a formação de adultos até a constituição do que Dolabela (2003) considerou a formação empreendedora e a pedagogia empreendedora, assim ensinando:

A Pedagogia Empreendedora é um dos instrumentos de que a comunidade pode dispor para aprender a formular o “sonho coletivo”, estabelecer uma proposta de futuro feita pela própria comunidade. Empreender é essencialmente um processo de aprendizagem proativa, em que o indivíduo constrói e reconstrói ciclicamente a sua representação do mundo, modificando-se a si mesmo e ao seu sonho de autor realização em processo permanente de autoavaliação e autocriação (Dolabela, 2003, p. 32).

A relevância dessa temática é possibilitar a inserção da educação e da formação empreendedora no contexto educacional brasileiro, permitindo uma análise crítica do processo de formação de competências e habilidades de seres humanos que estejam inseridos adequadamente na atual sociedade capitalista, competitiva e globalizada que exige o desenvolvimento das potencialidades humanas (Kollmann & Stockmanns, 2014).

1.1 Educação e Formação de Adultos

A educação é tão antiga quanto à própria civilização. Na Grécia, o conceito de Paideia já indicava uma preocupação com a formação do homem, mais especificamente do homem cidadão (Jaeger, 1995). Gross (2005, p. 26) afirma, ao se referir ao conceito inicial de Paideia:

(...) naquele tempo então, ela corresponderia aos métodos utilizados para assegurar a transmissão às sucessivas gerações daqueles valores considerados essenciais – morais e religiosos principalmente – que servem de fundamento à sociedade. No grego,

o vocábulo Paideia se caracteriza por um duplo modo de emprego: como substantivo de ação e como característica final (produto, resultado) de um processo verbal. No primeiro caso pode-se encará-la como processo educacional em evolução (ação), e no segundo, como educação.

As concepções gregas de Arete e Paideia, nobreza e formação, respectivamente, encontradas na *Ilíada* e na *Odisseia* de Homero, embasaram o mundo ocidental; tendo influenciado a religião, a poesia, a língua, os costumes e os ideais do Ocidente (Gross, 2005).

É importante destacar o papel das obras homéricas na educação dos adultos gregos. Para Gross (2005, p. 3):

As narrativas tecidas em torno dessas duas personagens (...), enchem de encanto, de admiração e de desejo de imitação heróica e mítica, tanto as crianças quanto os adultos da mais remota antiguidade grega. Na infância, na juventude e na maturidade, Homero estava sempre presente. Era dele o primeiro e quase sempre único livro de literatura que acompanhava o leitor por toda a vida. Dele se extraía Literatura, História, Geografia, Poesia, Teologia, Física, Moral.

Na Obra *Utopia*, de Thomas Morus, encontra-se outro exemplo de educação de adultos. Gross (2005), ao se referir à educação e à doutrina moral dos utopianos, afirma que sua educação e doutrina moral estavam em harmonia perfeita com as suas instruções e costumes, de tal forma que todas as crianças eram iniciadas nas belas letras, enquanto uma boa parte dos adultos participava numa espécie de formação contínua.

No Brasil, a educação de adultos não é nova, já que os religiosos desempenhavam um papel educativo, sobretudo com índios e negros. Além da preocupação evangelizadora, eles ensinavam as normas de conduta e as práticas exigidas para a manutenção da economia da colônia. Após a expulsão dos Jesuítas do Brasil (1759), só se tem notícia da educação de adultos no Império, voltada exclusivamente para a formação de pessoas no desempenho de ofícios (Haddad & Di Pierro, 2000).

Em consonância com o que afirmam Ouane *et al.* (2005), a educação formal de adultos só foi ressaltada após a Segunda Guerra Mundial, cuja repercussão gerou diversas ações educativas, as quais ele descreve como um conjunto de quatro polos:

alfabetização, formação profissional, desenvolvimento local e animação sociocultural, em resposta às novas necessidades e à busca de novos objetivos pela sociedade, dentre os quais a paz.

A Segunda Grande Guerra foi um marco histórico da maior importância em todas as áreas do conhecimento humano em decorrência das transformações sociais que desencadeou, incluindo a educação. Sua dinamicidade faz com que acompanhasse a evolução da humanidade, adaptando-se às suas necessidades e às do seu público. Conforme afirma Freire (1979, p. 45):

É preciso que a educação esteja - em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos - adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história (...) uma educação que liberte, que não adapte, domestique ou subjugue.

Para Pereira (2004), Paulo Freire inspirou os principais programas de alfabetização e educação popular brasileira, com seu pensamento pedagógico e com sua proposta de alfabetização de adultos. Reconhecia e enfatizava que a educação é um dos elementos centrais na transformação social, assim como admitia que cada movimento que ocorre no âmbito educacional gera resultados e, por isso, a maneira de planejar, executar e consumir é importante para o ensino e a aprendizagem (Luckesi, 2008). Freire (2002, p. 68), ao admitir que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”, mais que propor modernização do processo ensino-aprendizagem, ofereceu as bases para uma educação que Santos (1993) aponta como um novo tipo de conhecimento “prudente para uma vida decente” (p. 37), na medida em que permite que o indivíduo construa e reconstrua seu conhecimento para servir a seus interesses e a suas expectativas de qualidade de vida, no contexto em que está inserido. Tal como proposto por Freire (2002), o conhecimento deve ser construído pela associação entre o conhecimento científico e o conhecimento que o indivíduo construiu a partir da realidade de seu entorno, de forma a possibilitar a recuperação das epistemologias pessoais, do que pode resultar um conhecimento prático, transferível, transdisciplinar, aplicável e com mais sentido às exigências do indivíduo. Adicionalmente, Freire (2001) admitia que um conhecimento assim construído favorecia a formação de uma cidadania, contribuindo para as trocas de saberes, ou seja,

o indivíduo detém um conhecimento que pode ser igualmente utilizado por outros indivíduos, partilhado, o que contribui para o desenvolvimento social e facilita o desenvolvimento económico em virtude maior intercâmbio.

Esse nexos entre educação e desenvolvimento local faz com que se estabeleça uma relação de interdependência entre esses processos, de tal sorte que a educação de adultos é um fator essencial para o desenvolvimento local, assim como o crescimento de uma determinada região torna-se um espaço favorável de alfabetização, educação básica, educação de adultos e formação profissional (Loureiro & Cristóvão, 2010).

Para Loureiro e Cristóvão (2010), é possível compreender o crescimento de uma região como um processo educativo de adultos quando parte da realidade local dos seus participantes, como problemas, carências e oportunidades de desenvolvimento – ocasião na qual será questionada sua realidade situacional, a partir das experiências e conhecimentos por eles adquiridos. Ainda de acordo com esses autores, este processo educativo de conscientização causa um empoderamento social posto que, uma vez questionados coletivamente acerca dos problemas e quando levantadas as necessidades locais, o grupo torna-se partícipe do seu próprio desenvolvimento.

Esse legado de Paulo Freire, mostrando que a conscientização de adultos pode ocorrer a partir da educação, deu origem à ciência e à arte de apoiar seres humanos adultos no que diz respeito ao aprendizado, denominada andragogia, expressão originária do grego andrós – adulto – e ágo – conduzir, guiar. Seu primeiro registro foi em 1831, na Alemanha, em um trabalho que apresentava os métodos empregados com uma clientela adulta em escolas noturnas e os resultados de aprendizagem em grupos de crianças em escolas diurnas (Forner *et al.*, 2009).

Os adultos contam com uma larga experiência de vida, seja ela quantitativa como qualitativa, diferente das crianças e dos jovens, o que demonstra diferenças relevantes na educação e formação de adultos. Os grupos de adultos são mais heterogêneos, apresentando mais diferenças individuais devido a suas experiências passadas, formas de aprendizagem, interesses, necessidades, objetivos, motivações, dentre outros aspectos. Percebe-se assim a necessidade da individualização do ensino e do modelo de aprendizagem (Pires, 2002).

Essas diferenças individuais, o reconhecimento da experiência vivida e do contexto já eram consideradas importantes por Freire (1979, p. 17) no processo de alfabetização de adultos e na educação como um todo:

Para ser válida, toda educação, toda ação educativa deve necessariamente estar precedida de uma reflexão sobre o homem e de uma análise do meio de vida concreto do homem concreto a quem queremos educar (ou melhor dito: a quem queremos ajudar a educar-se).

Admitindo essa premissa de Freire (1979), a educação de adultos é mais que uma oportunidade para que esses cidadãos possam se alfabetizar e se tornarem letrados. Não deve ser considerada exclusivamente como uma educação compensatória (Segrillo & Silva, 2011), mas integrada a um conjunto de ofertas educativas de âmbito escolar de segunda oportunidade proporcionada a jovens e adultos (Loureiro, 2008). Ainda que não esteja completamente voltada para a formação ou para a capacitação profissional, porque seu currículo situa-se além dos limites do sistema escolástico e, conseqüentemente, da formação profissional, ela abrange o conjunto dos momentos de formação de carácter formal e informal, presentes no trabalho e na vida cotidiana (Federighi & Melo, 1999).

A EJA, ao longo dos anos, tem contribuído de forma elementar para a construção da identidade dos educandos, como também tem inovado no ensino mais diferenciado e, assim, essa modalidade de educação vem também contribuindo para muitos educandos se inserirem no mercado de trabalho com menos dificuldade (Silva & Arruda, 2012).

Rogers (1997, p. 5) admite que a “arte de ensinar adultos é uma arte flexível e bastante diferenciada cujos princípios podem ser aplicados e adaptados a uma extensa variedade de situações de ensino”.

Loureiro (2008) elenca em sua tese diversas classificações concernentes aos tipos de educação de adultos. A expressão “formação profissional contínua” aparece diversas vezes, seja como literalmente (Romans & Viladot, 1998) ou com palavras do mesmo campo semântico, como “educação para o trabalho” (Figueras & Marzo, 1990).

Ainda para Loureiro (2008, p. 223), a formação profissional apresenta vários entendimentos:

(...) formação profissional contínua quando se refere às atividades dirigidas a trabalhadores. Há quem use a mesma designação englobando todos os indivíduos que se encontram em idade ativa, quer estejam empregados ou não. Há também, para dar apenas mais um exemplo, quem distinga a formação profissional contínua, destinada a trabalhadores, da formação ocupacional, destinada a desempregados.

Independente do conceito que se admita para a educação e a formação de adultos, há consenso entre diversos estudiosos que essa modalidade possibilita o ingresso do indivíduo ao mundo letrado, portanto há uma nova dimensão social, bem como pode ser utilizada para a formação profissional de indivíduos letrados, do que advém a necessidade de apresentar as políticas públicas nesse campo do processo ensino-aprendizagem. O caso do EMPRETEC enquadra-se dentro da formação profissional de adultos, pois tal programa foi construído e destina-se a adultos que já estão ou pretendem entrar no mercado de trabalho (Kollmann & Stockmann, 2014; Lima *et al.*, 2015).

1.1.1 As Políticas Públicas no campo da Educação e Formação de Adultos

A Educação de Adultos começou a ganhar significado e alguns contornos atuais no decorrer do século XIX a partir de dois grandes processos: o desenvolvimento de movimentos sociais de massa (movimento operário), que se encontravam na base da vitalidade da educação popular, e a formação de sistemas escolares nacionais, que acompanhavam a necessidade de modalidades de ensino de segunda oportunidade para adultos (Silva, 1990).

No entanto, só a partir da Segunda Guerra Mundial, foi constatado um aumento no interesse internacional sobre a educação de adultos, em decorrência de questionamentos sobre uma falha na educação ter contribuído para tanta atrocidade, pelo desrespeito aos direitos dos cidadãos, admitindo que a educação contribui positivamente para o agir social respeitador de regras de vida compartilhadas e responsáveis, baseadas na consciência (Santos, Bispo, & Omena, 2005). Tal percepção de incapacidade de a educação básica dar conta da formação de adultos responsáveis para com a sociedade como um todo motivou a Organização das Nações Unidas para a Cooperação na Educação e Ciência – UNESCO organizar conferências internacionais sobre educação. Seis Conferências foram especialmente importantes, aquela realizada em Elsenaur, em 1949, Montreal, em 1960, Tóquio, em 1972, Paris, em 1985, Hamburgo, em 1997 (Loureiro, 2006), e mais recentemente Belém, em 2009 (Di Pierro, 2010).

Segundo Gomes (2012), a organização dessas Conferências Internacionais foi uma das ações mais importantes realizadas pela UNESCO no campo da educação e formação de adultos. Nelas se reúnem membros de governos, acadêmicos, especialistas e organizações não governamentais de todo o mundo, para definir políticas e intervenções nesse setor.

Embora todas essas reuniões internacionais tenham sido importantes, a de maior relevância e de caráter mais decisivo para as orientações atuais no campo de educação de adultos foi a realizada em Hamburgo, na Alemanha (Gomes, 2012). A pauta da discussão dessa conferência representou um marco importante na medida em que se estabeleceu a vinculação da educação de adultos ao desenvolvimento sustentável e à igualdade da humanidade, surgindo também com ela um novo conceito para a educação de adultos:

A educação e formação de adultos são consideradas como o “conjunto de processos de aprendizagem, formal e não formal, graças ao qual as pessoas consideradas adultas pela sociedade a que pertencem desenvolvem as suas capacidades, enriquecem os seus conhecimentos e melhoram as suas qualificações técnicas ou profissionais ou orientam de modo a satisfazerem as suas próprias necessidades e as da sociedade (UNESCO, 1998, pp. 15-16).

Para Freire (2002), discutir sobre a Educação de Jovens e Adultos é tentar aprofundar sua história, tentar compreender sua origem para assim entender melhor sua atual situação. É uma pesquisa simultânea do professor e do aluno na elaboração de palavras e temas mais relevantes na vida do aluno, buscando se familiarizar com o seu vocabulário cotidiano.

Na EJA, é importante focar na temática da criação do processo de ensino-aprendizagem, considerando a formação do aluno em cidadão, procurando transformá-lo em um ser crítico e atuante. O processo educativo deve buscar colaborar para o desenvolvimento integral do ser humano, educando-o e incentivando-o para uma prática que estimule a participação tanto individualmente como coletivamente na sociedade (MEC, 2002).

De acordo com o Ministério da Educação e Cultura – MEC – brasileiro (2002), a EJA deve executar três funções: a reparadora, equalizadora e a qualificadora. A função reparadora é um modelo educacional com situações pedagógicas que satisfazem e

atendem às necessidades dos alunos, não é classificada como suprimento. A função equalizadora equivale à igualdade de oportunidades que introduzem o indivíduo na sociedade, no mercado de trabalho, nas participações sociais, ou seja, proporciona aos alunos novas formas de trabalho e cultura. Já a função qualificadora corresponde à educação permanente, caracterizando-se como a essência da Educação de Jovens e Adultos.

No Brasil, a Educação de Adultos conquistou nos últimos anos uma maior expressividade em decorrência de uma série de reformas que ocorreram no âmbito das políticas públicas para a educação. O aumento no interesse por estas questões, antes mais restrito a pequenos grupos e organismos públicos e privados, foi resultado, principalmente, da pressão internacional em torno do assunto, tendo em vista que os indicadores da educação brasileira há um longo tempo, evidenciavam uma marginalização do ensino, em diferentes modalidades e níveis, divergindo com os indicadores econômicos, que costumam apresentar uma melhora constante (Neves, 2010).

A partir da década de 1930, a EJA começou a ocupar lugar na configuração da educação brasileira, quando teve início a estabilização de um sistema público de educação elementar no país. Neste período, o Brasil estava passando por significativas transformações relativas ao processo de industrialização e centralização populacional nos centros urbanos (Pereira, 2004). A oficialização da Educação de Adultos surgiu com a aprovação do Decreto nº 19.513, de 25 de agosto de 1945, o que resultou no aparecimento de alguns programas direcionados à alfabetização de jovens e adultos.

Pereira (2007) afirma que, na década de 1950, começaram a ser instaurados no Brasil os primeiros movimentos associados à alfabetização de adultos com base no progresso social, o que tornava fundamental a criação de uma política de educação básica para a adaptação da população à modernização social. No entanto, em meio ao golpe militar, em 1964, as forças de direita tiveram o propósito de cessar o crescimento das mobilizações populares, pois temiam que as ideias debatidas nos grupos de jovens e adultos ameaçassem o período de soberania.

No novo sistema democrático brasileiro, a Constituição Federal de 1988 traz, em um de seus Artigos, garantias de acesso para alunos que não conseguiram terminar seus estudos na idade própria, considerando-as dever do Estado:

O dever do Estado com a educação será efetivado mediante garantia de: I – ensino fundamental, obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria (Constituição Federal de 1988, Artigo 208).

Alterações do Artigo 208:

Art. 1º Os incisos I e VII do Art. 208 da Constituição Federal passam a vigorar com as seguintes alterações:

Art. 208

I – educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria (Emenda Constitucional nº 59, de 11 de novembro de 2009).

Mesmo com a Constituição dando garantia, esse direito à educação ainda era alvo de grande negligência para com jovens e adultos, já que o Estado não disponibilizava vagas em número suficiente para essa clientela, bem como não destinava recursos financeiros suficientes e adequados para que essa educação pudesse ter qualidade, numa demonstração de descumprimento de responsabilidades, até 1996 (Silva, Abreu, & Vasconcelos, 2012).

Apesar de todos os acontecimentos já mencionados direcionados para a educação de adultos, o assunto só começou a ganhar força a partir de 1996 com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 – que estabeleceu, dentro de várias normatizações para o sistema educacional brasileiro, a regulamentação na educação básica e da modalidade educação de jovens e adultos (Neves, 2010).

Um ponto importante sobre a criação da LDB 9394/96 é que veio reafirmar a obrigatoriedade e a gratuidade da oferta da educação para aqueles que não tiveram acesso na idade própria, como também motivou a publicação de Resoluções e Diretrizes educacionais definindo princípios a serem seguidos e dimensões dos métodos pedagógicos, o que conferiu maior importância à EJA (Brasil, 1996).

É relevante considerar que não apenas a educação de jovens e adultos, mas o sistema educacional brasileiro como um todo, teve uma importante renovação a partir da promulgação da LDB 9394/96, pois no texto há os critérios que passaram a ser adotados

no processo educacional. Dessa forma, com a EJA não foi diferente, já que no Artigo 37 está descrito que:

Art. 37º. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1º. Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º. O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si (Brasil, 1996).

Ainda segundo o texto da LDB 9394/96, artigo 4º, inciso VII, é bastante contundente em reafirmar uma preocupação com as premissas da política pública que o Estado deve garantir aos educandos (Brasil, 1996):

Art. 4º. O dever do Estado com a educação escolar pública será efetivado mediante a.

VII- oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola (LDB 9394/96, artigo 4º, inciso VII).

Esse dispositivo constituiu-se no amparo legal que o educando da EJA passou a ter. Associado a isso, passou a haver a segurança de que o alunado procurando a EJA teria suas características respeitadas, não só por um estímulo genérico pelo poder público, dada a possibilidade de construir, mas acredita-se que ele seja envolvido com ações que o mantenham na escola, além de aferir o conhecimento e habilidades informais, pela retomada dos estudos, mantendo suas atividades no mercado de trabalho (Lopes & Souza, 2010).

A nova postura do governo quando se trata de educação de adultos é uma reação direta das circunstâncias sociais e econômicas do mundo contemporâneo (Neves, 2010). Mesmo considerando a educação de adultos mais que um direito, constituindo-se

em uma chave para o século XXI, da qual resultariam cidadãos ativos, com possibilidade de participação plena na sociedade e impulsionar o desenvolvimento ecologicamente sustentável, a democracia, a justiça, a igualdade entre homens e mulheres e o desenvolvimento científico, social e econômico, como também formar um mundo sem conflitos, mas com diálogos e com uma cultura de paz baseada na justiça, é preciso reconhecer suas falhas (UNESCO, 1998). Toda a história da EJA foi bastante complexa e incontáveis elementos contribuíram para sua contenção e, por consequência, prejudicaram o seu crescimento, o que reflete na sua qualidade até os dias atuais, além de ferir os pressupostos do próprio Ministério da Educação (Silva, Abreu, & Vasconcelos, 2012).

Deitos e Lara (2016, p. 169), ao analisarem os aspectos socioeconômicos e ideológicos da política educacional nacional para a educação profissional no Brasil, apresentam uma crítica muito bem fundamentada sobre o descumprimento das funções da EJA, assim se expressando:

Uma visão hegemônica de liderança socioeconômica e política de setores empresariais, configurada como representação da classe proprietária dos meios de produção e, desse modo, promotora de determinada visão social e ideológica sobre educação e formação profissional, supostamente necessária aos mecanismos de funcionamento da sociedade, produz políticas formativas capazes de atender aos seus interesses imediatos e, contraditoriamente, negar o atendimento coletivo das necessidades educativas e culturais para o conjunto da população.

A expressão de Deitos e Lara (2016) teve por base o relatório do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), publicado em 2012, no qual após um diagnóstico da qualidade do sistema educacional nacional, os técnicos identificam insuficiência de habilidades dos jovens para atender às exigências do mercado de trabalho.

O Brasil tem ampliado a cobertura dos serviços de educação e criado sistemas de avaliação que constituem ferramentas eficazes de apoio para a gestão escolar. Não obstante, o país enfrenta problemas no setor, entre os quais se destacam os seguintes: (i) qualidade insuficiente da educação secundária; (ii) cobertura incompleta da educação na primeira infância (creches e pré-escolares – centros de educação infantil) e no ensino médio; e (iii) falta de habilidades cognitivas e não cognitivas e de capacitação dos jovens para o mercado de trabalho (BID, 2012, p. 6-7, tradução nossa).

A ineficiência educacional e a inadequada capacitação dos jovens para o mercado de trabalho passou a respaldar as diretrizes do Plano Nacional de Educação 2011-2020. Contando com o apoio do BID, essas diretrizes previam qualificação de professores e reforma das instituições de ensino para aprimorar a formação profissional de jovens e adultos, aumentando suas chances de ingresso no mercado de trabalho em condição de atuar positivamente no crescimento econômico do país (BID, 2012).

As diretrizes da política educacional brasileira foram traduzidas pelo setor privado educacional como uma oportunidade, já que configuraram a necessidade de implantação e oferta de outros cursos de capacitação e de formação profissional, buscando cobrir outras áreas do saber não contempladas pelo sistema formal de ensino-aprendizagem. Foi nessa oportunização que se iniciou a oferta de cursos de empreendedorismo no Brasil, para atender à mesma faixa etária da EJA, porém com objetivos distintos e mais abrangentes no que concerne ao mercado de trabalho (Mendes, 2007). A educação para o empreendedorismo agrega a educação e formação de adultos, no sentido em que a segunda pode abranger a primeira quando esta se direciona a educandos adultos (Lima *et al.*, 2015).

Além de possuir aspectos próprios, a educação para o empreendedorismo, como qualquer outra área para educação e formação de adultos, deve possibilitar a obtenção de competências transversais, passíveis de serem utilizadas em outras condições, nomeadamente cultura, autonomia e, em última circunstância, empowerment (delegação de poder), a partir da criação de capacidades para benefício próprio e também da comunidade (Bogard, 1997; Kollmann & Stockmann, 2014).

1.2 Empreendedorismo

A palavra empreendedorismo vem do francês “*entreprendre*”, que significa tentar/empreender. O primeiro registro do termo é do século XVI e estava associado aos oficiais que chefiavam operações militares. Posteriormente, na França, o termo é utilizado para se referir aos donos de latifúndios e assalariados (Miranda, 2012).

A partir do século XVIII, a palavra empreendedor (“*entrepreneur*”) tomou o sentido daquele que assume riscos, em distinção ao termo capitalista. Na década de 1950, a expressão foi utilizada por Schumpeter com o sentido de agente de mudanças,

relacionado ao crescimento econômico por meio das chances de negócios e inovação (Muniz, 2008).

1.2.1 Conceitualização de Empreendedorismo

As constantes transformações que ocorrem no cenário econômico do mundo exigem das sociedades políticas de desenvolvimento econômico regional a elaboração de novas estratégias para enfrentar o desemprego e a inclusão dos jovens no mercado de trabalho. A criação de novas oportunidades de negócios, através do enriquecimento da diversidade da matriz econômica e da formação de novos empreendimentos autogeradores de trabalho e riqueza, são necessidades que fazem com que a estratégia de promover o incentivo ao empreendedorismo seja uma iniciativa relevante para o desenvolvimento econômico (Aiub, 2002).

Reconhecendo este facto, em 1993, a Organização das Nações Unidas (ONU), na Assembleia Geral, aprovou por unanimidade uma Resolução reconhecendo a relevância do empreendedorismo como força social e econômica. O documento ainda afirma que o empreendedorismo é o principal elemento para a melhoria do padrão de vida da sociedade em todo o mundo e incentiva os países membros a elaborarem programas e a implementarem políticas para fomentar o empreendedorismo (Slaughter, 1996).

O empreendedorismo é uma tendência mundial, resultado das relações no mundo do trabalho. Segundo Leite (2006, p. 228), “O empreendedorismo será a alternativa profissional para muitos indivíduos no século XXI”. Qualquer estudo acerca do empreendedorismo, no Brasil ou no mundo, alega a importância desse fenômeno para as economias nacionais e sociedades de forma geral (Endeavor Brasil, 2013).

Para explicar a relevância do empreendedorismo para o setor educação de jovens e adultos, admitindo um contexto mais abrangente que aquele proposto pela EJA, é necessário inicialmente conceituar o que se pode entender por empreendedorismo.

No Quadro 1, adaptado de Miranda (2012), é possível verificar os diversos conceitos do que se considera empreendedorismo, ao longo dos anos, nos quais esse tema vem sendo estudado.

Quadro 1 – Algumas definições do termo empreendedorismo

Autor(es)	Definição
Drucker (1974, p. 25)	O trabalho específico do empreendedorismo numa empresa de negócios é fazer os negócios de hoje serem capazes de fazer o futuro, transformando-se em um negócio diferente. [...] Empreendedorismo não é nem ciência, nem arte. É uma prática.
Dutta e Crossan (2005)	O empreendedorismo deve ser visto a partir das visões de Schumpeter e de Kirzner; o primeiro enfatiza as características comportamentais e o segundo, associa o conhecimento como fator importante para os empreendedores.
Trigo (2005)	Empreendedorismo é a atividade democrática, que pode ser exercida por pessoas de qualquer idade, com ou sem experiência de emprego anterior.
Costa, Cericato e Melo (2007)	Empreendedorismo é a geração de valor por pessoas e/ou organizações que trabalham para implementar uma ideia derivada da criatividade, da capacidade para a mudança e do desejo de assumir o risco.
Fialho, Montibeller e Mitidieri (2007)	Empreendedorismo é o ato de criação de valor, que parte da intenção de uma organização que se materializa na utilização de competências, cuja finalidade é a descoberta e o controle de recursos que serão aplicados de forma a darem resultados positivos.
Hisrich, Peters e Shepherd (2009)	Empreendedorismo é o processo de criar algo novo com valor, dedicando o tempo e o esforço necessário, assumindo riscos (...) correspondentes e consequentes recompensas da satisfação e da independência.
GEM (2013, p. 116)	Empreendedorismo é qualquer tentativa de criação de um novo negócio ou novo empreendimento, como, por exemplo, uma atividade autônoma, uma nova empresa ou a expansão de um empreendimento existente. Em qualquer das situações, a iniciativa pode ser de um indivíduo, grupos de indivíduos ou de empresas já estabelecidas
UC Innovation Entrepreneurship Strategy (2013, p. 12)	Empreendedorismo é a capacidade e vontade de assumir a criação, organização e administração de uma iniciativa ou aventura com todos os riscos correspondentes, para obter ganhos sociais, econômicos e políticos
Burton, Sorensen e Dobrev (2016)	Empreendedorismo é um evento marcante não apenas na carreira daqueles que o assumem, mas também para aqueles que identificam uma ocupação em novas possibilidades

Fonte: adaptado de Miranda (2012)

Segundo Liberato (2004, p. 1), empreendedorismo igualmente pode ser definido como:

(...) o tipo de comportamento que favorece a interferência criativa e realizadora no meio, em busca de um crescimento pessoal e coletivo, através do desenvolvimento da capacidade intelectual para investigar e solucionar problemas, tomar decisões, ter iniciativa e orientação inovadora, competências essas, cada vez mais exigidas na formação profissional e valorizadas no mundo do trabalho.

A prática do empreendedorismo é cada vez mais comum no Brasil como opção de carreira, diante das dificuldades socioeconômicas que assolam o país e limitam as oportunidades para os cidadãos que querem ingressar no mercado de trabalho. De acordo com a pesquisa GEM (2015), 34% dos brasileiros afirmam que seu sonho é possuir o próprio negócio, em vez de ter um emprego formal. Atualmente, se comparados os dados entre 2012 a 2014 com 2015, houve uma redução de 70% para 56,5% do total de empreendedores motivados por oportunidade e não de necessidade, em relação aos empreendedores iniciais.

Segundo a Endeavor Brasil (2013), uma organização internacional sem fins lucrativos que visa impulsionar o empreendedorismo de alto crescimento em países em desenvolvimento, os empreendedores representam 28% da população entre 16 e 64 anos no Brasil. Projetando essa taxa de empreendedorismo sobre a população urbana recenseada em 2010, conclui-se que atualmente existem cerca de 30 milhões de brasileiros que decidiram gerir o próprio negócio. Para fins de comparação é praticamente o mesmo que toda a população adulta do Estado de São Paulo.

Costa, Cericato e Melo (2007) afirmam que o empreendedorismo é a formação de valor por pessoas e/ou organizações que investem na implementação de uma ideia gerada a partir da criatividade, da capacidade para a mudança e da intenção de enfrentar o risco. O empreendedorismo pode ser considerado como um estímulo para o indivíduo utilizar todas as suas potencialidades racionais e intuitivas, buscar o autoconhecimento em processo constante de aprendizado, sempre receptivo à novas experiências e paradigmas. Deste modo, qualquer pessoa pode se motivar a empreender.

O incentivo na educação empreendedora estimula a transformação e o desenvolvimento socioeconômico especialmente quando os empreendedores são jovens,

porque tendem a corresponder mais rapidamente e de forma eficaz aos desafios do desenvolvimento e estão mais instruídos para encontrar oportunidades e expor soluções (Santos & Consolação, 2010).

Pelo facto de ser necessária uma articulação entre a prática e o conhecimento do empreendedor, a disseminação do empreendedorismo é um processo que compõe atitudes e características, mais do que compõe conhecimentos, e deve dominar maneiras de incluir ao processo de aprendizagem, componentes como emoção, o conceito de si, a criatividade, o não conformismo e a persistência (Dolabela & Fillion, 2000; Fernandes, Tavares, & Malvestiti, 2013).

É importante destacar que empreendedorismo, embora seja muitas vezes associado à criação e à gestão de uma empresa/negócio, refere-se especialmente à realização de um indivíduo, fruto da sua audácia, assertividade e inquietude (Liberato, 2004).

Para analisar o nível da atividade empreendedora brasileira, é utilizado o relatório do GEM desde o ano de 1999, um estudo que atualmente envolve 69 países. O GEM é uma pesquisa internacional conduzida pela London Business School e pelo Babson College, com a finalidade de avaliar o empreendedorismo em vários países, em diferentes estágios de desenvolvimento econômico e social, por meio de indicadores que possibilitam a constatação de fatores críticos atuando como facilitadores ou dificultadores da atividade empreendedora. É a pesquisa com maior abrangência na área. Seus relatórios, sumários e estudos colaboram com a consolidação de uma nova linguagem do empreendedorismo (Campelli *et al.*, 2011).

O Livro Verde da Comissão Europeia (2003) mostra algumas razões para justificar a importância do empreendedorismo, são elas: a contribuição para a criação de empregos e para o crescimento econômico, o aumento da competitividade, a libertação do potencial pessoal e a exploração dos interesses da sociedade, como ressalta Coan (2011).

A disseminação do empreendedorismo é um processo que compõe atitudes e características, mais do que conhecimentos, e deve dominar maneiras de incluir ao processo de aprendizagem, componentes como emoção, o conceito de si, a criatividade, o não conformismo e a persistência (Dolabela & Fillion, 2000).

A maior parte dos “*policymakers*” e acadêmicos afirmam que o empreendedorismo é essencial para o desenvolvimento e o bem-estar da sociedade,

tendo em vista que empreendedores geram empregos. Eles dirigem e modelam a inovação, intensificando mudanças estruturais na economia. Ao gerar novas competições, os empreendedores contribuem indiretamente para a produtividade, sendo assim, o empreendedorismo se caracteriza como um catalisador para crescimento econômico e competitividade nacional (GEM, 2010).

Dolabela (2008a) destaca, contudo, que o empreendedorismo requer a disseminação de uma cultura própria, em decorrência do impacto social e econômico de tal processo. Os elementos dessa cultura empreendedora são:

- a) **Autorrealização** - o empreendedorismo possibilita ao empreendedor elevado grau de satisfação, pois é a manifestação do que se passa no seu interior, de tal forma que o processo se auto alimenta, na medida em que a realização do empreendimento atua como fator motivacional;
- b) **Estímulo ao desenvolvimento** – A cultura empreendedora tem grande impacto pela possibilidade de viabilizar nascimento de microempresas e pequenas empresas, as quais são as maiores responsáveis pelo crescimento econômico do país;
- c) **Possibilidade de obtenção de apoio à empresa** – com o desemprego, a cultura empreendedora ganha importância pela possibilidade de oportunizar empreendimentos. Nesse contexto, as instituições de ensino tornam-se agentes de viabilização de crescimento econômico pela disseminação de uma formação não corporativa voltada para o desenvolvimento de competências empreendedoras para profissionais empreendedores;
- d) **Resposta ao desemprego** – na medida em que microempresas e pequenas empresas se tornam mais numerosas que médias e grandes empresas, do que decorre impacto econômico relevante pela grande movimentação financeira, também esse grupo se torna e é apresentado à sociedade como as principais responsáveis pela geração de novos postos de trabalho, especialmente no mundo “online”.

Entre os jovens e adultos que conseguiram alcançar ofertas direcionadas à disseminação da cultura empreendedora, podem-se encontrar empreendedores já consolidados com seus próprios negócios funcionando, como também os que possuem

potencial para se constituírem em proprietários de empreendimentos, aptos e ávidos que se encontram para integrar o mundo do trabalho, para que possam vencer os desafios atuais da sociedade (Leal, 2009). Daí resulta a importância de conceituar o que se deve entender por empreendedor, para que a compreensão do empreendedorismo como processo seja possível.

1.2.2 O conceito de empreendedor

O termo “empreendedor” foi primeiramente citado no início do século XVIII, pelo banqueiro Richard Cantillon. Já a palavra *entrepreneurship*, que significa espírito empreendedor, é originária da palavra *entreprendre*, que vem de *entrepreneur*, que foi definida no século XVII, na França, para identificar um indivíduo que enfrentava o risco de criar um novo empreendimento (Leite, 2009).

Schumpeter, considerado o responsável pela projeção do empreendedorismo, agrega o empreendedor ao conceito de inovação e o define como elemento que impulsiona e justifica o desenvolvimento econômico (Dolabela, 2008a).

Dolabela (2008b, p. 24) descreve a figura do empreendedor como sendo:

Um insatisfeito que transforma seu inconformismo em descobertas e propostas positivas para si mesmo e para os outros. É alguém que prefere seguir caminhos não percorridos, que define a partir do indefinido, acredita que seus atos podem gerar consequências. Em suma, alguém que acredita que pode alterar o mundo. É protagonista e autor de si mesmo e, principalmente, da comunidade em que vive.

Tal como se verifica quanto aos conceitos de empreendedorismo, ao longo da evolução do tema, também o conceito de empreendedor foi alvo de diversas redações, cujo resumo se observa no Quadro 2.

Quadro 2 – Definições do termo empreendedor

<i>Autor-data</i>	Conceito
Schumpeter (1982)	Enfatiza que todo empreendedor deve ser aquele que realiza coisas novas e não, necessariamente, aquele que inventa.
Sandroni (1994)	O termo empreendedor significa aquele que assume riscos e começa algo novo. Começar algo novo, e que esse atinja seus objetivos.
Filion (citado por Dolabela 2008b)	Empreendedor é uma pessoa que imagina, desenvolve e realiza visões.
Fortin (citado por Dolabela, 2008b)	Empreendedor é uma pessoa capaz de transformar um sonho, um problema ou uma oportunidade em um negócio viável.
Timmons (citado por Dolabela, 2008b)	Empreendedor é alguém capaz de identificar, agarrar e aproveitar uma oportunidade, buscando e gerenciando recursos para transformar a oportunidade em negócio de sucesso.
Baggio e Baggio (2015)	Empreendedor é o indivíduo que detecta uma oportunidade e cria um negócio para capitalizar sobre ela, assumindo riscos calculados.

Fonte: Elaborado pelo autor

Além de ser figura principal do empreendedorismo e de possuir outras concepções, o empreendedor é identificado pelas suas atitudes, ou seja, por ter características comportamentais diferenciadas e por ser estimulado para a realização (McClelland, 1961). Adicionalmente, devem apresentar habilidades técnicas, administrativas e pessoais que os diferenciam de gerentes ou inventores, como ensinam Hisrich e Peter (2004, p. 39) (Quadro 3).

Quadro 3 – Habilidades necessárias dos empreendedores

Habilidades técnicas	Habilidades Administrativas	Habilidades Empreendedoras Pessoais
Redação	Planejamento e estabelecimento de metas	Controle interno e de disciplina
Expressão oral	Capacidade de tomar decisões	Capacidade de correr riscos
Monitoramento do ambiente	Relações humanas	Inovação
Administração comercial técnica	Marketing	Orientação para mudanças
Tecnologia	Finanças	Persistência
Interpessoal	Contabilidade	Liderança visionária
Capacidade de ouvir	Administração	Habilidade para administrar mudanças
Capacidade de organizar	Controle	
Construção de rede de relacionamento	Negociação	
Estilo administrativo	Lançamento de empreendimentos	
Capacidade de ouvir	Administração do crescimento	
Treinamento		
Capacidade de trabalho em equipe		

Fonte: Hisrich e Peter (2004, p. 39).

No entanto o surgimento de forma natural de novos empreendedores qualificados não supre a necessidade imposta pela sociedade, do que decorre ser fundamental impulsionar este comportamento em uma quantidade maior de pessoas por meio do processo educacional, por ser uma das principais formas de alcançar esse objetivo (Aiub, 2002).

Nesse sentido, importante considerar o ensinamento de Filion (1999, p. 15) quando afirma que “o empreendedorismo se aprende”, do que decorre a assertiva de que empreendedores podem ser formados. Assim sendo, existe a possibilidade de se criarem programas e cursos planejados, de forma a adotar sistemas de ensino-aprendizagem adequados à lógica desse campo do saber, ministrados a partir de uma metodologia que leve o aluno a determinar e estruturar contextos e a compreender as etapas da sua evolução.

Uma sociedade em que os jovens são os responsáveis pelas mudanças sociais tende a corresponder mais rapidamente e de forma mais eficaz aos desafios do desenvolvimento e estar mais instruída para encontrar oportunidades e expor soluções (Santos & Consolação, 2010).

A tríade educação, empreendedorismo e trabalho é vista como uma alternativa de inclusão produtiva para milhões de jovens e adultos. É possível afirmar que incluir a discussão e a prática do empreendedorismo nos currículos oficiais escolares pode aproximar o mundo do trabalho das portas da escola. O conceito de competências empreendedoras passa pelo pensar, analisar a realidade, compreender processos, identificar problemas e propor soluções. É necessária uma articulação entre a prática e o conhecimento do empreendedor, do que resultam diversos tipos de empreendedores, segundo o critério que se emprega para classificação (Fernandes, Tavares, & Malvestiti, 2013).

Para serem empreendedores, as pessoas não precisam ter um dom especial, como se pensava no passado. Pelo contrário, qualquer pessoa pode aprender o que é ser um empreendedor de sucesso. Essa capacitação empreendedora deve ser feita de forma prática, trazendo para a sala de aula a experiência de outros empreendedores, enriquecendo a discussão e o aprendizado, complementando o que já existe em termos de educação em negócios (Dornelas, 2007, p. 20).

Nesse contexto, a classificação dos empreendedores não tem como base a capacidade do indivíduo, mas as condições em que sua atuação está a ocorrer. O relatório do GEM de 2015 mostra com detalhes o atual retrato social e econômico do Brasil. A taxa de empreendedorismo de 34,4%, em 2014, subiu para 39,3%, em 2015, ou seja, significa que cerca de 52 milhões de brasileiros da população adulta entre 18 e 64 anos são empreendedores iniciais ou já estão estabelecidos no mercado.

Acompanhando a tendência de previsões positivas sobre o empreendedorismo, não é de surpreender a vontade do brasileiro em querer empreender e que a perspectiva do empreendedorismo como opção de carreira está conseguindo ganhar mais espaço no Brasil. Cerca de três em cada quatro pessoas preferem possuir o próprio negócio ao invés de ser empregado ou funcionário de alguém, esta taxa está entre as maiores do mundo, ficando atrás apenas da Turquia (European Commission, 2012).

Segundo o GEM (2013, p. 39), os empreendedores são classificados como iniciais (novos ou nascentes) ou estabelecidos.

Os empreendedores nascentes estão envolvidos na estruturação de um negócio do qual serão proprietários, mas que ainda não pagou salários, pró-labores ou qualquer outra forma de remuneração aos proprietários de até três meses [sic]. Já os empreendedores novos administram um novo negócio do qual são proprietários, negócio este que pagou salários, pró-labores ou qualquer outra forma de remuneração aos proprietários por mais de três e menos de 42 meses (3,5 anos). Esses dois tipos de empreendedores são considerados empreendedores iniciais ou em estágio inicial.

Em relação à taxa de empreendedores iniciais ou em estágio inicial (TEA), o Brasil aparece com 17,3% ficando em oitavo lugar na relação de 28 países de economias impulsionadas pela eficiência. Já quando se trata da taxa de empreendedores estabelecidos (TEE), o Brasil salta para a quarta posição dos países impulsionados pela eficiência, com 15,4%, logo após Tailândia, Indonésia e Equador, com 28%, 21,2% e 18% respectivamente (GEM, 2013).

O relatório GEM, publicado em 2013, indica que no Brasil a taxa de empreendedores aumentou de 30,2% da população com idade entre 18 e 64 anos, em 2012, para 32,3%, na mesma faixa etária, porém essa variação deveu-se mais ao crescimento identificado nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste, nas quais também houve diferenças. Na Região Centro-Oeste, houve decréscimo de empreendedores nascentes, de 3,8%, em 2012, para 2,5%, em 2013, ao passo que na Região Sudeste esse percentual aumentou de 4,6% para 6,1%, no mesmo período, como se constata na Tabela 1.

Tabela 1 - Taxas de empreendedorismo segundo estágio dos empreendimentos – Brasil e regiões – Comparativo 2012-2013

Estágio do empreendimento	Regiões brasileiras											
	Brasil		Norte		Nordeste		Centro-Oeste		Sudeste		Sul	
	% da população de 18 a 64 anos											
	2012	2013	2012	2013	2012	2013	2012	2013	2012	2013	2012	2013
Empreendedores iniciais	15,4	17,3	17,6	17,3	18,8	14,9	16,3	16,5	14,2	20,2	15,3	13,6
Empreendedores nascentes	4,5	5,1	5,3	7,1	4,8	4,8	3,8	2,5	4,6	6,1	3,5	3,2
Empreendedores novos	11,3	12,6	12,5	10,8	12,4	10,5	12,9	14,3	10,0	14,7	12,0	10,5
Empreendedores estabelecidos	15,2	15,4	16,9	12,1	13,9	14,4	15,1	19,8	15,5	16,0	16,6	15,1
Taxa total de empreendedores	30,2	32,3	34,2	28,9	30,4	28,7	30,8	36,3	29,1	35,7	31,3	28,6

Fonte: GEM (2013)

Acompanhando a tendência de previsões positivas para o empreendedorismo, não é de surpreender a vontade do brasileiro em querer empreender, assim como a perspectiva do empreendedorismo como opção de carreira estar conseguindo ganhar mais espaço no Brasil. Cerca de três em cada quatro pessoas preferem possuir o próprio negócio ao invés de ser empregado ou funcionário de alguém (European Commission, 2012).

Dornelas (2007) classifica oito tipos diferentes de empreendedores, considerando que não há um único tipo de empreendedor que possa englobar todos.

O primeiro tipo de empreendedor é chamado por ele de empreendedor nato (ou mitológico). São aqueles que costumam estar em evidência nas mídias, tem uma história de superação e sucesso, pois costumam começar do zero e conseguem criar grandes empresas; são bons vendedores e começam a trabalhar cedo; tendem a ser de uma família de imigrantes, quando estabelecidos no ocidente; extremamente dedicados, conservam valores como família e religião. Alguns exemplos são: Silvio Santos, Bill Gates e Barão de Mauá.

O segundo tipo é chamado de empreendedor inesperado (que aprende), esse tem se tornado mais comum e é conhecido por dar uma guinada na carreira frente alguma oportunidade de negócio, abandonando o trabalho anterior. O ponto de mudança está na possibilidade de participar de uma sociedade que lhe ofereça oportunidade de ter o próprio negócio.

O terceiro tipo, empreendedor serial (cria novos negócios), está sempre em busca de começar um novo negócio, pois gosta da sensação causada pelo desafio e adrenalina do novo; é bastante comunicativo e atento aos acontecimentos em sua volta; é um ótimo treinador de equipes e sabe como pôr a empresa em funcionamento. Não costuma desistir das oportunidades e não se satisfaz com a realização de um objetivo: está num movimento contínuo de criação, desafio, fracasso, superação e recomeço.

O quarto tipo, empreendedor corporativo, inclui, em geral, executivos competentes, que conhecem bem ferramentas gerenciais e administrativas; visam o crescimento na carreira; são habilidosos comunicativamente e persuasivos. Possuem “*networking*”² dentro e fora da empresa e gostam de desafios com boas recompensas.

O quinto tipo, chamado de empreendedor social, acredita que seu papel é criar um mundo melhor para a sociedade; costuma se comprometer com causas humanitárias e anseia mudar o mundo. Sua moeda de troca é ver seus projetos gerando impacto na vida das pessoas em detrimento de seu próprio enriquecimento. Este tipo de empreendedor tem influenciado positivamente no desenvolvimento do país suprindo necessidades não sanadas pelo poder público.

O empreendedor por necessidade é o sexto tipo: neste caso, o negócio é criado pelo empreendedor por falta de outras opções. Por estar envolvido em negócios informais, não obtém grande retorno financeiro, mesmo trabalhando muito para sustentar-se a si mesmo e a família. Com poucos recursos em termos educacionais, por falta de acesso, se torna um problema por não gerar impacto econômico para o país.

O sétimo tipo, o empreendedor herdeiro, engloba aqueles que estão inseridos desde muito cedo nos negócios da família. Tem o desafio de ampliar os recursos recebidos; aprende a empreender com os familiares e tendem a seguir os seus passos,

² “Networkink” funciona como uma rede contatos, ou seja um sistema de suporte onde há a partilha de serviços e informação entre indivíduos ou grupos que têm um interesse em comum.

sendo às vezes inovadores ou conservadores. Ultimamente, tem havido a contratação de executivos para a gestão e criação de uma governança corporativa na empresa. Atualmente, tem procurado por cursos e capacitações para aprimorar o conhecimento.

O oitavo tipo chamado de empreendedor planejado (normal) segue uma receita de sucesso que se chama planejamento: considerando que isso aumenta significativamente as chances do negócio dar certo; consegue ter uma clareza em relação às metas e ao futuro; este é o tipo considerado ideal, mas ainda não são a maioria.

Outro critério de classificação de empreendedores é a motivação, que os subdivide em empreendedores por necessidade ou empreendedores por oportunidade. Os que empreendem a partir de uma necessidade são aqueles que começam um empreendimento de maneira autônoma com o objetivo de gerar renda para si e sua família. Já os empreendedores por oportunidade são aqueles que reconheceram uma chance de negócio e, a partir disto, decidiram empreender, apesar de já possuírem opções de emprego e renda (GEM, 2013).

O critério classificatório de motivação do empreendedor brasileiro vem se modificando de forma significativa. No Brasil, a taxa de empreendedores por oportunidade vem superando a taxa de empreendedores por necessidade, exceção feita à Região Centro-Oeste em que a razão oportunidade/necessidade reduziu-se de 5,5%, em 2012, para 1,9%, em 2013, conforme se pode constatar na Tabela 2 (GEM, 2015).

Tabela 2 – Taxa de empreendedores iniciais (TEA) segundo a motivação – Brasil e regiões – Comparativo 2012-2013

Motivação do empreendimento	Regiões brasileiras											
	Brasil		Norte		Nordeste		Centro-Oeste		Sudeste		Sul	
	% da população de 18 a 64 anos											
	2012	2013	2012	2013	2012	2013	2012	2013	2012	2013	2012	2013
Taxa de oportunidade (%)	10,7	12,3	10,1	10,9	10,3	9,3	13,9	10,9	10,4	15,2	11,2	10,6
Taxa de necessidade (%)	4,7	5,0	7,7	6,4	6,6	5,5	2,5	5,6	3,6	4,9	3,8	3,0
Razão oportunidade/necessidade	2,3	2,5	1,3	1,7	1,6	1,7	5,5	1,9	2,9	3,1	3,0	3,6
Oportunidade como percentual da TEA	69,2	71,3	56,0	62,9	60,4	62,7	84,0	66,0	73,9	75,6	74,1	78,2

Fonte: GEM (2015)

O SEBRAE, além de disseminar o empreendedorismo, acompanha o seu crescimento e trabalha para estimular o desenvolvimento e o fortalecimento das micro e pequenas empresas, já que elas são os motores da economia, e chegam a representar 99% das empresas nacionais, criam 52% dos empregos e pagam 40% dos salários dos brasileiros (GEM, 2012).

A preocupação em formar empreendedores deve sempre existir, visto que o empreendedorismo é compreendido como uma saída para amenizar as questões econômicas e sociais que atingem o mundo, como o desequilíbrio econômico, recessões, geração e distribuição de renda, desenvolvimento humano, sustentabilidade, qualidade de vida, dentre outras. Para as questões sociais uma derivação do empreendedorismo ganhou grande visibilidade e destaque em função da contribuição para o desenvolvimento social. É o chamado empreendedorismo social (Neves, Guedes, & Santos, 2010).

O empreendedorismo é um tema que, nas últimas décadas, tem sido objeto de inúmeros estudos e pesquisas, presente nas discussões sociais, políticas e econômicas,

e isso se deve a grande relevância que esse assunto apresenta e que é justificada pela sua colaboração para o desenvolvimento político, econômico e social (Dolabela, 2008b).

De acordo com Noletto e Werthein (2004), a necessidade de desenvolvimento deriva da constatação da exclusão social. Ela não é apenas resultado da insuficiência de renda, ainda que, sem a geração e distribuição de renda de forma mais equilibrada, para acesso de todos os cidadãos a bens privados e serviços públicos fundamentais, é difícil pensar em solucionar a questão da pobreza e conseqüentemente no desenvolvimento social e humano. As ações de combate à pobreza, apenas centradas em aspectos econômicos, e não no desenvolvimento social e humano, não podem acarretar em resultados gratificantes.

Além da busca para solucionar a exclusão social e a pobreza, constantemente a humanidade procura soluções para outros problemas que a atingem, como a fome, a má distribuição de renda, os altos índices de mortalidade infantil nos países em desenvolvimento, a concentração de riqueza, o esgotamento dos recursos. Com isso, no início dos anos 1980, o empreendedorismo, até então associado apenas a atividades empresariais, sofreu algumas mudanças, adquirindo contornos sociais (Brito, 2014), do que derivou, na década de 1990, em empreendedorismo social, que possui uma proposta de amenizar os problemas sociais e econômicos que afligem a sociedade. Dada sua relevância maior, quando comparada à dos demais tipos de empreendedores, este foi detalhado.

Vários esforços filantrópicos e governamentais não superaram as expectativas dos problemas sociais, além de importantes instituições do setor social, que frequentemente são consideradas indiferentes, ineficazes e ineficientes. Diante disto, é fundamental a presença do empreendedorismo social para o desenvolvimento de novos modelos (Dees, 1998).

O empreendedorismo social busca a solução dos problemas sociais, sendo o responsável pelas mudanças dos “valores” da sociedade. As ações realizadas pelas empresas sociais geram outros significados, não apenas utilitaristas, mas sociais, a partir da inovação, da utilidade dos recursos financeiros buscando o desenvolvimento em todos os sentidos: comunitário, social e econômico (Góes & Brugni, 2012).

Para Melo Neto e Froes (2002), abordar empreendedorismo social é buscar um novo paradigma, no qual o objetivo é o negócio social, e não mais o negócio do negócio. Seu principal foco de atuação é a sociedade civil e a sua estratégia-base é a parceria que

engloba comunidade, governo e setor privado. Sendo assim, a busca contínua do lucro não é mais considerada o seu principal desafio, mas, sim, o repensar o negócio no âmbito social.

Já Oliveira (2004, p. 15), define o empreendedorismo social como sendo: “uma ação inovadora voltada para o campo social cujo processo se inicia com a observação de determinada situação problema local, para a qual se procura, em seguida, elaborar uma alternativa de enfrentamento”.

É possível afirmar que o empreendedorismo social se configura como um conceito em desenvolvimento, porém com características teóricas, metodológicas e estratégicas próprias. Este tema é considerado novo na sua composição atual, mas a sua essência já existe há algum tempo (Oliveira, 2004).

Oliveira (2003), afirma que o empreendedorismo social vem alcançando um novo sentido e significado, resultantes de quatro fatores conjunturais:

1. Desenvolvimento econômico globalizado, em conjunto com o aumento dos problemas sociais;
2. Aumento das organizações sem fins lucrativos nas décadas de 1960 e 1970;
3. Falta de eficiência do governo, das organizações e da filantropia na busca pela solução dos problemas sociais;
4. Crescimento do Terceiro Setor, ou setor sem fins lucrativos, a partir da década de 1990 e como resultado a diminuição de fontes e recursos de financiamento, o que leva à procura de uma nova lógica de gestão para autossustentabilidade dessas organizações e de suas missões.

Para Bosma, Schott, Terjesen e Kew (2016, p. 29), o empreendedor social é um “indivíduo que está iniciando ou já participa de qualquer tipo de atividade, organização ou iniciativa que tem um objetivo particular social, ambiental ou comunitário”³. Ele adota o papel do agente transformador, que assume uma postura visionária e inovadora,

³ “individuals who are starting or currently leading any kind of activity, organisation or initiative that has a particularly social, environmental or community objective” (Bosma, Schott, Terjesen, & Kew, 2016) (Tradução nossa)

pretendendo idealizar e desenvolver recursos que buscam o bem-estar social e a exclusão de pessoas das condições de risco social. Ele foca no coletivo e faz do inconformismo um mecanismo para elaborar estratégias para o desenvolvimento humano (Neves, Guedes, & Santos, 2010).

Assim, o empreendedor social é considerado na sociedade como o agente de mudanças, que trabalha em favor da mesma, pois suas características pessoais o estimulam a desenvolver ações que buscam reduzir as diferenças existentes entre os cidadãos (Mancini & Yonemoto, 2014; Bosma *et al.*, 2016).

Segundo Dees (1998), os empreendedores sociais exercem o papel de agentes da mudança no setor social quando: adotam uma missão para elaborar e manter valor social (não apenas valor privado); identificam e buscam implacavelmente novas oportunidades para servir essa missão; se engajam em um processo de inovação, adaptação e aprendizado contínuo; agem arrojadamente sem se limitar pelos recursos disponíveis; exibem com transparência os resultados obtidos para seus parceiros e o disponibilizam para o público.

Ainda conforme o mesmo autor, os empreendedores sociais possuem uma missão social explícita e central, o que, conseqüentemente influencia a forma como eles constatarem e avaliam as oportunidades. O critério central não é a criação de riqueza, mas sim o impacto relacionado com a missão. A riqueza é apenas um meio de atingir o planejado (Dees, 1998).

Oliveira (2004, p. 14) assim detalha o perfil de um empreendedor social, em relação ao conhecimento, afirmando que ele deve:

Saber aproveitar as oportunidades, ter competência gerencial, ser pragmático e responsável, e saber trabalhar de modo empresarial para resolver problemas sociais, como no que se diz respeito às habilidades, quando ele precisa ter visão clara e ter iniciativa, ser equilibrado e participativo, saber trabalhar em equipe e saber negociar, saber pensar e agir estrategicamente, ser perceptivo e atento aos detalhes, ser ágil, ser criativo, ser crítico, ser flexível, ser focado, ser habilidoso, ser inovador, ser inteligente e ser objetivo.

O empreendedor social dispõe de um perfil diferenciado, aproxima-se em algumas características com o empreendedor empresarial, porém,

(...) não é qualquer um que pode ser um empreendedor social. O empreendedorismo social é um misto de ciência e arte, racionalidade e intuição, ideia e visão, sensibilidade social e pragmatismo responsável, utopia e realidade, força inovadora e praticidade (Melo Neto & Fróes, 2002, p. 34).

Pode-se dizer que o empreendedorismo social assemelha-se com o empreendedorismo empresarial, assim como também com a responsabilidade social. No entanto as diferenças existem, apesar de pequenas, pois o empreendedorismo empresarial tem como foco o trabalho individual visando o lucro, ficando a responsabilidade social restrita a causas específicas e focadas, é, portanto, individual ainda que busque obter algumas parcerias (Oliveira, 2004). Outras diferenças são mostradas no Quadro 4 a seguir.

Quadro 4: Características do empreendedorismo empresarial Responsabilidade social e empreendedorismo social

EMPREENDEDORISMO EMPRESARIAL	RESPONSABILIDADE SOCIAL	EMPREENDEDORISMO SOCIAL
Individual	Individuais passíveis de parcerias	Coletivo e Integrado
Produz bens e serviços para o mercado	Produz bens e serviços para si e para a comunidade	Produz bens e serviços para a comunidade, local e global.
Foco no mercado	Foco no mercado atendendo à comunidade conforme sua missão	Foco na busca de soluções para os problemas sociais e necessidades da comunidade
Sua medida de desempenho é o lucro	Sua medida de desempenho é o retorno aos envolvidos no processo <i>stakeholders</i> .	Sua medida de desempenho são o impacto e a transformação social
Propõe satisfazer necessidades dos clientes e a aumentar as potencialidades do negócio	Propõe agregar valor estratégico ao negócio e a atender expectativas do mercado e da percepção da sociedade/consumidores	Propõe resgatar pessoas da situação de risco social e promovê-las, e gerar capital social, inclusão e emancipação social

Fonte: Melo Neto e Froes (2002) (adaptado pelo autor).

O empreendedorismo social ganha maior relevância a partir de publicações europeias encabeçadas por Fieldhouse (1961) que enfatizam a formação predominantemente economicista. Terrasêca, Caramelo e Medina (2011, p. 48) apresentam a realidade europeia na formação de adultos como uma mudança de paradigma que reforça a tecnocracia e a economia de mercado, portanto, despindo a educação de seu objetivo de formação de cidadãos:

As preocupações com a formação integral do ser humano, nas suas múltiplas dimensões, com a promoção social, cultural e cívica, tão presentes nos discursos da Educação Permanente, foram dando lugar a preocupações de natureza tecnocrática e economicista, associadas ao aumento da produtividade e da empregabilidade, bem como à adaptabilidade dos trabalhadores à mobilidade, à flexibilidade e à falta de direitos, traduzindo, não uma mera mudança de designação, mas sim uma clara mudança de paradigma. Tornam-se dominantes as teses sobre o capital humano, em que cada um se deve tornar num empreendedor, capaz de negociar o seu próprio capital, e (...) passando cada um a ser responsável por atualizar e certificar regularmente a sua carteira de competências, por gerir os seus “portfólios”, enfim pela sua própria empregabilidade. (...) Assim, a política de construção europeia subordina cada vez mais a educação e a formação a uma lógica economicista, ao serviço de uma política económica particular, diluindo-se cada vez mais os objetivos emancipatórios da formação e conduzindo a uma perspectiva empobrecedora dos fenómenos educativos.

Essa lógica passou a ser questionada contrapondo empreendedores sociais e empreendedores de negócios, voltados predominantemente para as questões económicas. Oliveira (2003, p.196) refere que, os empreendedores sociais e de negócios se assemelham uma vez que “ambos estão criando demanda, obtendo recursos e convertendo ideias em produtos e serviços (...) são orientados à ação e focados na realidade”. No entanto as diferenças entre eles têm repercussões sociais de monta.

No Quadro 5, apresenta-se o comparativo das características de empreendedores sociais e de negócio, ressaltando a ênfase do empreendedor social no coletivo, nas construções de longo prazo, na organização, contando com a credibilidade pública a partir da divulgação dos benefícios sociais auferidos a partir da destinação dos lucros para novos investimentos.

Quadro 5 – Comparação das características de empreendedores de negócio e empreendedores sociais

Empreendedores de negócio	Empreendedores sociais
Força é experiência pessoal, conhecimento e energia	Força é sabedoria coletiva e experiência de organizações, é a chave de financiadores
Foco em pequenos termos financeiros	Foco na construção de longos termos da capacitação organizacional
Sem limites no tipo ou liberdade de ideias	Ideias baseadas na organização então na missão e no centro de competência
Lucro é um fim	Lucro é um significado
Lucro embolsado e/ou distribuído para acionistas	Lucro retorna à organização na ordem para servir mais pessoas e/ou encontrar grandes resultados
Riscos pessoas e/ou financiador em ativos	Riscos ativos organizacionais, imagem e crença pública

Fonte: Oliveira (2003, p.196) (adaptado pelo autor)

Assim, pode-se dizer que o empreendedorismo social é guiado por duas fortes correntes: a primeira, o desejo social natural que altera de forma frequente os benefícios de uma inovação, de uma organização empreendedora e de uma organização fundamentada na solução. A segunda, a sustentabilidade da organização e a diversificação dos seus serviços necessitam de capital, preferencialmente inserindo a criação de lucro ou uma sociedade com organizações lucrativas (Schmitt Junior, Beiler, & Walkowski, 2011).

Além disso, quando os empreendedores sociais empregam estratégias de negócios privados como utilidade, racionalidade, produtividade, objetivos prescritos, redução dos desperdícios, em conjunto com as ferramentas sociais, através de ações empreendedoras, visam buscar uma sociedade que amenize diferenças econômicas e sociais (Góes & Brugni, 2012).

Em 2016, a partir da análise detalhada dos dados do GEM (2015) quanto às atividades desenvolvidas em 58 países por empreendedores sociais, Bosma *et al.* (2016) consideraram que as principais características desse tipo de empreendedor são: direcionar seus esforços para a criação de valores sociais, mais do que obter vantagens

desses esforços, zelando para que a organização ou a instituição priorize atender às necessidades de mercado, mais do que interesses não baseados no mercado.

O desenvolvimento econômico é pretendido por todos os países. Muitos deles têm a preocupação adicional e constante de incentivar ações que estimulem também o desenvolvimento sustentável, o qual pode ser definido como todos os elementos fundamentais que possibilitam a qualidade de vida da população. Diante desta configuração, o empreendedorismo social passa a ser conceituado como aliado na conjunção de maneiras para melhorar e elaborar novas oportunidades que propiciam condições mais igualitárias (Mancini & Yonemoto, 2014).

No Brasil não é diferente, prova disto é que ações empreendedoras sociais foram fundamentais para as atuais e sensíveis melhoras nos indicadores de desenvolvimento humano nos últimos anos. Estas iniciativas, em grande maioria, populares e com impactos locais, agem muitas vezes, associadas com o Estado e com organizações públicas privadas (Neves, Guedes, & Santos, 2010).

Diante do exposto, pode-se afirmar que o empreendedorismo social engloba ferramentas empresariais, o comprometimento e o engajamento social para obter resultados significativos no desenvolvimento social, econômico e humano e conseqüentemente melhorar a vida das pessoas.

1.3 Formação e educação empreendedora

A pesquisa da *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM, 2015) identificou que 34% dos brasileiros afirmam que seu sonho é possuir o próprio negócio, ao invés de ter um emprego formal. Se comparados os dados do período de 2012 a 2014 com aqueles do ano de 2015, houve uma redução de 70% para 56,5% do total de empreendedores motivados por oportunidade e não de necessidade, em relação aos empreendedores iniciais, reforçando o argumento da necessidade de um processo ensino-aprendizagem para formação de empreendedores, já que a essência do empreendedorismo é a busca de oportunidades inovadoras, o que requer domínio técnico para reconhecer tais ocasiões.

Nesse contexto, a educação empreendedora tem um papel relevante. Através da educação, é possível ampliar as possibilidades de êxito das pessoas que sonham em ter

seus negócios e necessitam de apoio para planejar e definir processos operacionais adequados.

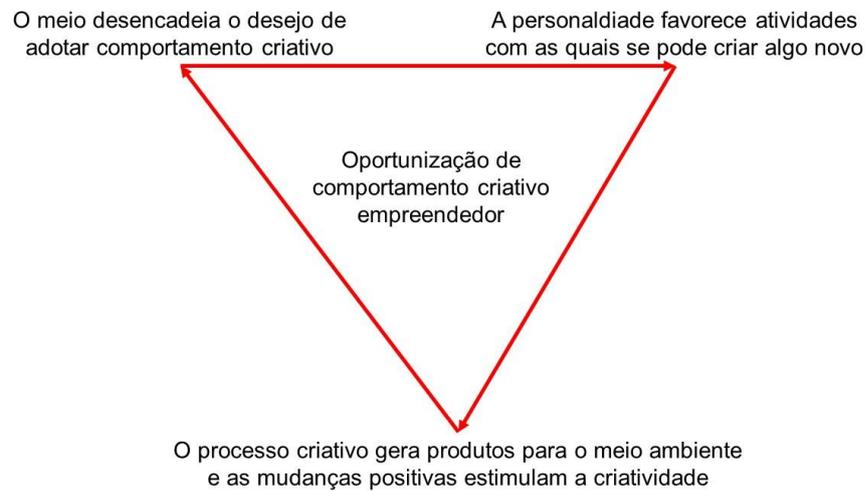
A educação empreendedora é a conquista mais atual do empreendedorismo, apesar do termo ser de origem econômica. Além de ser conceituada como uma saída para o desenvolvimento social, econômico e comunitário, a educação empreendedora pretende estimular valores empreendedores em crianças, jovens e adultos como maneira de impulsionar o desenvolvimento e diminuir a exclusão social. Um dos mais importantes êxitos desse campo está vinculado à preparação para colaborar de forma presente na construção do desenvolvimento social e econômico (Santos & Consolação, 2010; Kakouris, 2015; Harkema & Popescu, 2015).

Na economia mundial estão sempre ocorrendo mudanças significativas. Com isso as instituições de ensino superior não devem mais educar seus alunos para ocuparem um emprego tradicional, pois a educação voltada para o empreendedorismo está cada vez mais se tornando importante e necessária para a configuração do mercado atual, além do que os universitários desejam ter seu próprio negócio, independente da sua área de atuação (Lima *et al.*, 2015).

Nas salas de aula de universidades em todo o mundo cada vez mais o tema empreendedorismo tem conquistado o seu espaço, inovando gradualmente a educação e, por consequência, a economia da região em que foi estabelecida. Deve-se levar em consideração que nas universidades o processo empreendedor deve ser iniciado com um trabalho de adequação do comportamento dos professores e dos alunos. O empreendedorismo necessita de modificações nos procedimentos e de condutas proativas por quem tem a preocupação de querer mudar o mundo e tem a convicção de que é possível fazê-lo através da sua potencialidade (Leite & Lima, 2004).

Puhakka (2012) considera o desenvolvimento da criatividade dos alunos o ponto forte da educação empreendedora, como forma de lhes facilitar a identificação de oportunidades de negócios sociais e econômicos. Dessa feita, o autor admite que a ação conjunta de três fatores contribui para a educação empreendedora: o meio ambiente que desencadeia o desejo de utilização da criatividade; uma personalidade favorecedora do desenvolvimento de atividades criativas e a oportunidade do desenvolvimento de um comportamento criativo. O ciclo que esses elementos integram estimula um constante processo criativo, alimentado pelas modificações positivas originadas. A Figura 3 ilustra o raciocínio de Puhakka (2012, p. 35).

Figura 3 – Oportunização de criação de negócios segundo modelo de criatividade



Fonte: Adaptado de Puhakka (2012, p. 35)

Na medida em que o comportamento criativo empreendedor é desenvolvido, por meio da educação, podem ser construídas competências que facilitam a formação de um empreendedor comum ou de sucesso, segundo ensinam Matias (2010) e Harkema e Popescu (2015). No Quadro 6 apresentam-se grupos de competências e respectivas características da educação empreendedora, explicitando sua importância para a sucesso do empreendedor.

Quadro 6 – Grupos de competências empreendedoras e respectivas características, segundo chance de sucesso

Grupos de competências	Características de empreendedor de sucesso	Características de empreendedor comum
Proatividade	Decisão pessoal de tomar a iniciativa independente do meio	Busca por aprendizagem de novos conhecimentos e informações
	Aceite do confronto direto com os problemas orientando soluções	Uso de estratégias de influência na busca de atingir objetivos próprios
Orientação para realização	Identificação e aproveitamento de oportunidades	Persistência em buscar objetivos pessoais apesar de dificuldades
	Preocupação para manter a qualidade de seu objeto de criação	Emprego da competência adquirida, na busca de qualidade
	Planejamento sistemático para avaliar problemas desmembrados e soluções	
	Monitoramento e avaliação do produto para assegurar qualidade	
Compromisso com as atividades	Desprendimento de esforços, ainda que excessivos, para honrar compromissos	Autoconfiança para assumir compromissos enfrentando desafios
	Preocupação em construir relacionamentos interpessoais harmoniosos de longo prazo	

Fonte: Adaptado de Matias (2010)

A construção de tais competências, no entender de Collins (2004) e Harkema e Popescu (2015), é possível devido a características próprias de adultos, ainda que sejam jovens, com ação positiva no processo ensino-aprendizagem. No Quadro 7, estão apresentados os princípios da aprendizagem de adultos, baseados nas características construídas pela vivência, e sua aplicabilidade no dia a dia, que atua como fator favorecedor da criatividade, portanto da educação empreendedora.

Quadro 7 – Princípios da aprendizagem de adultos e sua aplicabilidade no empreendedorismo

Princípios	Aplicabilidade no empreendedorismo
O adulto tem acumulado um conjunto de vivências e informações	Possibilidade de estabelecer conexões entre a experiência de vida e as novas informações que recebe pela educação
O adulto é autônomo e exerce comando das suas decisões	Serve como facilitador para a aquisição de novos conhecimentos por seus colegas e apenas como reserva de factos
O adulto se orienta por objetivos	Orienta a criação de programas educacionais com objetivos claros e bem organizados
O adulto é prático e orientado por relevância de assuntos	Auxilia instrutores e professores no planejamento de atividades educacionais com aplicabilidade e definição clara de valor
O adulto exige respeito	Facilita desenvolvimento de atividades educacionais com livre manifestação de opiniões para partilhar com colegas
A motivação do adulto é tanto intrínseca quanto extrínseca	Favorece a criação de um ambiente favorável de aprendizagem, desde que estejam explícitos os benefícios da aprendizagem
O adulto aprende melhor quando tem participação ativa no processo	Indica a necessidade de redução de aulas expositivas e aumento das oportunidades de discussão, troca de ideias, questionamentos para praticar o conhecimento que já detém
Cada adulto tem uma forma própria de aprendizagem	Indica a necessidade de emprego de diversos métodos para atender a uma gama maior de necessidades dos alunos, por meio de técnicas visuais, auditivas e cinestésicas
O adulto aprende melhor quando se lhe dá tempo para retroalimentação e reforço da aprendizagem	Necessidade de oportunizar reforço por meio de debates com colegas, instrutores e questionamentos pessoais
O adulto aprende melhor em um meio informal e pessoal	Indica a necessidade de promover e incentivar interações grupais

Fonte: Adaptado de Collins (2004, p. 1485)

Esses princípios de aprendizagem possibilitaram, ao longo de mais de uma década, a construção de programas de treinamento para educação empreendedora, que

exigiam mais do que conhecimentos de Pedagogia e de Andragogia, por parte dos instrutores. As pesquisas foram demonstrando que os adultos, ao participarem de programas de treinamento, buscavam mais que a simples aquisição de habilidades ou conhecimentos. Seu objetivo, muito mais abrangente, inclui o desenvolvimento mais holístico da capacidade de exercitar a independência para questionar, argumentar e criticar valores, para construir novos conhecimentos, opiniões e valores. Para atingir tais objetivos, foi desenvolvida a heutagogia, ou seja, o estudo da aprendizagem autodeterminada que traz consigo tanto a vivência do aluno, quanto a do professor, gerando debates profícuos e construtivos (Hase & Kenyon, 2012; Bhaska, 2015; Blaschke, 2012; Harkema & Popescu, 2015).

A heutagogia admite que não há mais espaço para a inflexibilidade no mundo atual e toda construção de conhecimento por adultos requer associação com aplicabilidade, praticidade e criatividade, favorecendo a habilidade de usar competências em movimentos novos de relacionamentos pessoais, sejam eles profissionais ou não (Hase & Kenyon, 2012; Bhaska, 2015; Blaschke, 2012).

Admitir a heutagogia como base da educação empreendedora facilitou compreender que essa educação requeria modificação, iniciou-se um movimento em torno do empreendedorismo, ocasionado pela crise dos empregos que o país enfrentava na época. Os pesquisadores brasileiros começaram a compreender a importância em formar um profissional capaz de gerir seu próprio trabalho. Era preciso converter o conhecimento introduzido na universidade em serviço ou produto (Eckert *et al.*, 2013).

O relatório GEM, desde sua primeira edição brasileira, tem indicado que a capacidade empreendedora do país poderia ser ampliada significativamente caso o nível da educação geral do brasileiro fosse incrementado e caso o sistema educacional do Brasil privilegiasse o ensino do empreendedorismo em seus currículos básicos (Corbellini & Angonese, 2013).

Vale salientar que a LDB 9394/96 em seu artigo 1º é bem clara quanto a isto: “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” e principalmente que, “a educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e prática social” (Brasil, 1996).

Apesar de se ter uma ideia generalizada da aplicação de um curso de empreendedorismo, há pouca homogeneidade em relação aos objetivos, conteúdos e metodologias. Os adultos se dispõem em situações que envolvem aprendizagem por diversas finalidades: prazer pessoal, assegurar a empregabilidade, melhorar as suas aptidões e competências no local de trabalho, criar novas relações. A literatura mostra que a educação para o empreendedorismo induz os indivíduos a adotarem uma atitude associada, de forma positiva, à elaboração de um negócio (Lee & Wong, 2005).

Dessa forma, pode-se afirmar que a educação empreendedora é o processo que tem como objetivo o desenvolvimento do ser humano no contexto da identificação e aproveitamento de oportunidades para, em seguida, convertê-las em realidade, resultando em uma colaboração para a criação de valores financeiros, sociais e culturais para a sociedade na qual o ser humano está introduzido (Andrade & Torkomian, 2001; Bhaska, 2015; Blaschke, 2012).

Por meio da educação empreendedora, em diversas perspectivas, tem-se pretendido propagar conceitos básicos associados às competências empreendedoras, desenvolvimento, implantação e consolidação de empreendimentos em quase todas as áreas da economia (Rodrigues, 2009).

Essa educação tornou-se essencial por conta dos novos desafios determinados pela sociedade de modo geral e particularmente pelo mercado de trabalho, o que não significa transformar as salas de aula em espaços de propagação de uma cultura que impõe uma formação de um sujeito “empregável”. A formação de empreendedores tem como embasamento o incentivar o aluno a buscar e experimentar a inovação, desenvolver coisas novas, permitir a mente fluir, formular ideias até se configurarem em oportunidades futuras (Bastos & Ribeiro, 2011; Harkema & Popescu, 2015).

Abordar sobre educação e empreendedorismo implica em conduzir o conhecimento para uma melhor realização do potencial de cada um. O empreendedorismo e suas práticas podem ser adquiridos em qualquer idade, entretanto, o ensino do empreendedorismo requer uma engenharia heurística específica. O empreendedorismo frequentemente é aprendido pela difusão de valores e por vários contatos com um empreendedor, ou seja, troca de saberes com aqueles que o praticam (Filion, 2003).

Na educação empreendedora são significativas a observação e a reflexão para que o aprendizado seja alcançado com base no incentivo ao desenvolvimento das

múltiplas inteligências, segundo preconiza o psicólogo Howard Gardner, ao propor uma inovação na forma de compreender o conceito de inteligência, conforme mostrado no Quadro 8 (Andrade & Torkomian, 2001). Merece menção especial a identificação de que a educação empreendedora requer as inteligências: linguística, espacial, cinestésica, musical, intrapessoal, interpessoal e lógica, que são vivenciadas por adultos e exploradas pela heurística.

Esse contexto facilita compreender o porquê a educação empreendedora não possui fórmulas definidas ou técnicas específicas, mas apresenta propostas conjuntas que têm como foco o autoconhecimento, o conhecimento do outro e do mundo e a formação de um sujeito mais completo e crítico, capaz de identificar oportunidades (Bastos & Ribeiro, 2011).

Quadro 8 – Relação entre as múltiplas inteligências e o desenvolvimento de características dos empreendedores

Inteligências	Características dos empreendedores
Linguística	oratória, expressão, comunicação
Espacial	raciocínio sistêmico, planejamento, oportunidade
Cinestésica corporal	resistência, energia
Musical	sensibilidade, percepção
Intrapessoal	autoconhecimento (forças e fraquezas), confiança, determinação, tolerância
Interpessoal	redes de relacionamento, liderança
Lógica matemática	planejamento, estratégia, raciocínio sistêmico, gerenciamento, oportunidades

Fonte: Adaptado de Andrade e Torkomian (2001)

Os cursos de empreendedorismo são capazes de influenciar as intenções e atitudes dos estudantes, numa demonstração de que é viável formar empreendedores desenvolvendo e moldando seus perfis, contrariando o facto de que o empreendedorismo é algo inato (Moreira & Silva, 2008). Sendo assim, Programas de Educação Empreendedora, como o EMPRETEC, podem ser compreendidos como elaboradores de

várias atividades que objetivam impulsionar o desenvolvimento do espírito empreendedor nos seus participantes (Andrade & Torkomian, 2001).

A metodologia do Programa EMPRETEC originou-se nos Estados Unidos na década de 1960, baseada na teoria da motivação para realização do psicólogo David McClelland (1961) observou nos empresários de sucesso um componente psicológico significativo, definido como “motivação da realização” ou “impulso para melhorar”. Diante disso, ele começou a criar um treinamento da motivação com o intuito de aperfeiçoar essa característica e assim deixá-la adequada para o ambiente empresarial (Campelli *et al.*, 2011).

Até o final dos anos 1970, o método utilizado não sofreu qualquer transformação. Apenas na primeira metade da década de 1980 foi iniciado um projeto com o objetivo de melhorar e alterar a configuração da metodologia (Fonseca & Muylder, 2010).

Em 1982, a empresa de consultoria de McClelland, a McBeer e Company, a Agência para o Desenvolvimento Internacional dos Estados Unidos (USAID) e a *Management Systems International* (MSI) começaram um projeto para estudos mais amplos do comportamento, em 34 países, com a finalidade de desenvolver métodos mais eficientes para selecionar e desenvolver empreendedores. O estudo resultou na identificação das dez características do comportamento empreendedor (CCE), que são comuns em empresários de sucesso em diferentes culturas (Campelli *et al.*, 2011). A apresentação oficial do Programa EMPRETEC só aconteceu em 1988, no Centro de Corporações Transacionais das Nações Unidas.

Na atualidade, o Programa é gerido pela Divisão de Governo, Administração Pública e Finanças do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), em parceria com a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) (Forner *et al.*, 2009), tendo como objetivo, a partir das teorias propostas por McClelland, a familiarização das dez características comportamentais relativas aos empreendedores. Essas características são: a busca de oportunidades e iniciativa, correr riscos calculados, a exigência de qualidade e eficiência, a persistência, o comprometimento, o estabelecimento de metas, o planejamento e o monitoramento sistemáticos, a busca de informações, a persuasão, a formação de rede de contatos, a independência e a autoconfiança (Campelli *et al.*, 2011). O programa é realizado em 34 países, distribuídos nos quatro continentes, conforme apresentado no Quadro 9.

Quadro 9 – Relação dos países que realizam o Programa EMPRETEC

1-África do Sul	2-Angola	3-Argentina
4-Benin	5-Brasil	6-Botsuana
7-Chile	8-Colômbia	9-El Salvador
10-Ecuador	11-Etiópia	12-Gana
13-Guatemala	14-Guiana	15-Índia
16-Jordânia	17-Marrocos	18-Maurícia
19-Moçambique	20-Nigéria	21-Panamá
22-Paraguai	23-Peru	24-República Dominicana
25-Romênia	26-Rússia	27-Senegal
28-Tanzânia	29-Uganda	30-Uruguai
31-Venezuela	32-Vietnã	33-Zâmbia
34-Zimabábue		

Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados fornecidos pelo SEBRAE (2014).

Kakouris (2015), entretanto, alerta que apesar da crescente literatura sobre a aventura nos negócios, ainda não se dispõe de uma teoria sobre empreendedorismo. Por esse motivo, afirma que a educação em empreendedorismo expande a interdisciplinaridade baseando-se muito mais na aprendizagem experimental, assemelhando-se ao aprendizado diário pela prática do empreendedorismo. Os aspectos teóricos são tratados por aproximações contingenciais a partir de outros campos científicos (administração, psicologia, economia, sociologia, e outros) e o processo de ensino-aprendizagem adota uma dinâmica metacognitiva associada à transferência de estereótipos, dificultando o desenvolvimento de um pensamento crítico, do que resulta a necessidade de estudos sobre essa educação.

1.3.1 Programa EMPRETEC no Brasil

No Brasil, o programa EMPRETEC só foi inserido no ano de 1990, dispondo como entidades executoras o Banco de Desenvolvimento de Santa Catarina (BADESC) e o Banco de Desenvolvimento do Rio Grande do Sul (BADESUL) (Forner *et al.*, 2009).

A partir de 1993, o Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE, em conjunto com o PNUD e a Agência Brasileira de Cooperação – ABC, tornou-se a entidade executora no Brasil. Através desta união, o SEBRAE incorporou o projeto de maior sucesso na área de apoio ao setor privado (Fonseca & Muylder, 2010).

O SEBRAE se caracteriza como um serviço social autônomo, instituído por escritura pública sob a forma de entidade associativa de direito privado sem fins lucrativos, regulada pelo Estatuto Social, em consonância com a Lei nº 8029/90 e alterações posteriores, regulamentada pelo Decreto nº 99570/90, que informa sobre a desvinculação da entidade da administração pública federal (Wickert, 2011).

O SEBRAE originou-se com a finalidade de apoiar os segmentos de empresas de pequeno porte, em detrimento da sua grande capacidade de geração de emprego e renda, elementos fundamentais para um processo harmonioso de desenvolvimento de uma nação. Criado em 1972, o Centro Brasileiro de Assistência Gerencial às Pequenas e Médias Empresas – CEBRAE, como órgão governamental, teve grande atuação em todos os estados brasileiros, realizando programas que atendiam o empresariado na área tecnológica, de crédito, mercado e de treinamento (Wickert, 2011).

O SEBRAE é financiado com recursos públicos e tem como missão promover a competitividade e o desenvolvimento sustentável das micro e pequenas empresas, fomentando o empreendedorismo. Sua existência é justificada, uma vez que os indicadores de mortalidade das empresas têm se apresentado em queda, com conseqüente elevação das taxas de sobrevivência, resultando em um comportamento favorável aos negócios (Leal, 2009).

O SEBRAE, além de disseminar o empreendedorismo, acompanha o seu crescimento e trabalha para estimular o desenvolvimento e o fortalecimento das micro e pequenas empresas, já que elas são os motores da economia e chegam a representar 99% das empresas nacionais; criam 52% dos empregos e pagam 40% dos salários dos brasileiros (GEM, 2012).

Como instituição voltada para empreendedores que geram renda e empregos para além das suas funções econômicas e sociais e de prestação de serviços, o SEBRAE tem uma importante função educadora, pois possui o compromisso coletivo e permanente de formação dos indivíduos, para que despertem e desenvolvam seu potencial empreendedor, de forma a melhorar sua qualidade de vida e a da sua comunidade (Wickert, 2011; Barretto, 2013).

Por intermédio do Programa EMPRETEC, o SEBRAE (2002) reconhece os participantes como pessoas capazes de desenvolver o espírito empreendedor. O EMPRETEC é um seminário intensivo para empreendedores, com o intuito de aumentar o potencial dos participantes para identificarem seu potencial empreendedor, as oportunidades e os recursos, conduzirem melhor seus empreendimentos ou iniciarem um negócio bem-sucedido. A finalidade deste treinamento é ampliar os lucros da empresa, incentivar novos negócios, produzindo outros benefícios e novas oportunidades de emprego (SEBRAE, 2009).

O seminário é realizado em seis dias, com 60 h de duração, aplicando a mesma metodologia nas 27 unidades da Federação, totalizando mais de 185 mil pessoas capacitadas em mais de oito mil turmas já realizadas, pretendendo chegar, em 2017, a aproximadamente 300 mil, fazendo o Brasil um líder mundial de capacitação de EMPRETECos (aqueles que foram capacitados no EMPRETEC) frente a outros 33 países (Custódio & Neves, 2011).

O formato atual do EMPRETEC engloba 20 módulos, fundamentalmente focados no ensino das dez competências empreendedoras, as quais foram agrupadas em três bases motivacionais: (1) realização (busca de oportunidade e iniciativa; persistência; correr riscos calculados; comprometimento; exigência de qualidade e eficiência); (2) planejamento (planejamento e monitoramento sistemático, busca de informações e estabelecimento de metas); e (3) poder (persuasão e rede de contatos, independência e autoconfiança) (Custódio & Neves, 2011).

Algumas descrições dos construtos desse conjunto de competências podem ser vistas no Quadro 10, conforme proposto por Ayres (2003) e Vidal e Santos Filho (2003).

Quadro 10 – Constructos utilizados pelo EMPRETEC para identificar as dez características do comportamento empreendedor (CCE)

Constructos apresentados por Ayres	Constructos apresentados por Vidal e Santos Filho
<p>Busca de oportunidades e iniciativa – Capacidade de se antecipar aos factos e criar novas oportunidades de negócios, desenvolver novos produtos e serviços, propor soluções inovadoras.</p>	<p>Iniciativa e busca de oportunidades – Age para expandir o negócio a novas áreas, produtos ou serviços. A experiência anterior propiciou ao empreendedor uma visão ampla das oportunidades pertinentes ao mercado varejista.</p>
<p>Persistência – Enfrentar os obstáculos decididamente, buscando o sucesso a todo custo, mantendo ou mudando as estratégias, de acordo com as situações.</p>	<p>Persistência – Atua diante de um obstáculo relevante. Enfrentando um desafio ou superando um obstáculo, age repetidamente ou muda de estratégia. Pode até fazer um sacrifício pessoal ou desenvolve um esforço para finalizar uma tarefa.</p>
<p>Correr riscos calculados – Disposição de assumir desafios ou riscos moderados e responder pessoalmente por eles.</p>	<p>Correr riscos calculados – Avalia alternativas e calcula riscos deliberadamente.</p>
<p>Exigência de qualidade e eficiência – Decisão de fazer sempre mais e melhor, buscando satisfazer ou superar as expectativas de prazos e padrões de qualidade.</p>	<p>Exigência de qualidade e eficiência – Descobre maneiras de realizar as coisas de forma melhor, mais rápidas ou mais baratas, faz as coisas para satisfazer ou exceder os padrões de excelência. Cria e utiliza procedimentos para assegurar que o trabalho seja concluído a tempo, ou que atenda os padrões de qualidade.</p>
<p>Comprometimento – Faz sacrifício pessoal ou despense esforço extraordinário para completar uma tarefa; colabora com os subordinados e até mesmo assume o lugar deles para terminar um trabalho; esmera-se para manter os clientes satisfeitos e coloca a boa vontade a longo prazo acima do lucro a curto prazo.</p>	<p>Comprometimento – Assume responsabilidade pessoal pelo desempenho necessário ao atingimento de metas e objetivos.</p>

Constructos apresentados por Ayres	Constructos apresentados por Vidal e Santos Filho
<p>Busca de informações – Busca pessoalmente obter informações sobre clientes, fornecedores ou concorrentes; investiga pessoalmente como fabricar um produto ou prestar um serviço; consulta especialistas para obter assessoria técnica ou comercial.</p>	<p>Busca de informações – Dedicar-se pessoalmente a obter informações de clientes, fornecedores e concorrentes.</p>
<p>Estabelecimento de metas – Assume metas e objetivos que representam desafios e tenham significado pessoal; define com clareza e objetividade as metas de longo prazo; estabelece metas de curto prazo mensuráveis.</p>	<p>Estabelecimento de metas – Desenvolve metas e objetivos a longo prazo, claras e específicas, desafiantes e que possuem significado pessoal. Os objetivos são possíveis de serem mensurados e de curto prazo.</p>
<p>Planejamento e monitoramento sistêmicos – Planeja dividindo tarefas de grande porte em subtarefas com prazos definidos; revisa constantemente seus planos, considerando resultados objetivos e mudanças circunstanciais; mantém registros financeiros e os utiliza para tomar decisões.</p>	<p>Planejamento e monitoramento sistêmicos – O planejamento divide as tarefas de grande porte em subtarefas com prazos definidos. Os planos são revisados constantemente, levando em consideração os resultados obtidos e mudanças circunstanciais. Os registros financeiros são mantidos e utilizados para a tomada de decisões.</p>
<p>Persuasão e rede de contatos – Utiliza estratégias para influenciar ou persuadir os outros; utiliza-se pessoas-chave como agentes para atingir seus objetivos; atua para desenvolver e manter relações comerciais.</p>	<p>Persuasão e rede de contatos – Utiliza-se de pessoas-chave como agentes para atingir seus próprios objetivos.</p>
<p>Independência e autoconfiança – Busca autonomia em relação a normas e procedimentos; mantém seus pontos de vista mesmo diante da oposição ou de resultados desanimadores; expressa confiança na sua própria capacidade de complementar tarefa difícil ou de enfrentar desafios.</p>	<p>Independência e autoconfiança – Expressa confiança na própria capacidade de complementar uma tarefa difícil ou de enfrentar um desafio. A vivência de comércio ajudou o empreendedor a fortalecer sua autoestima.</p>

Fontes: Ayres (2003); Vidal e Santos Filho (2003).

A fim de participar, o candidato preenche um questionário com seus dados pessoais e proposta empresarial e, depois, submete-se à entrevista individual. O objetivo maior da entrevista é traçar o perfil empreendedor do candidato com base nessas dez competências empreendedoras, resultando na classificação para a participação no programa. Os participantes recebem o seu perfil desde o primeiro dia do treinamento, obtendo, assim, um repertório de entrada em relação a seu perfil empreendedor (Alvim & Loiola, 2010).

O Quadro 11 aponta que, desde 1993 até o ano de 2015, já foram realizados 9.867 (nove mil, oitocentos e sessenta e sete) seminários do programa, nos 26 Estados e no Distrito Federal. Destes seminários participaram um total de 231.407 (duzentos e trinta e um mil, quatrocentos e sete) pessoas, totalizando uma média aproximada de 23 alunos por turma.

Quadro 11 – Número de seminários e participantes por Unidade da Federação Brasileira, 1993-2015

UF	SEMINÁRIOS	PARTICIPANTES
AC	67	1.444
AL	142	3.328
AM	252	6.223
AP	70	1.528
BA	405	9.280
CE	253	5.896
DF	323	7.619
ES	526	12.650
GO	265	5.659
MA	207	5.117
MG	857	22.152
MS	204	4.376
MT	274	6.121
PA	280	6.373
PB	166	3.897
PE	283	6.739
PI	140	2.973
PR	501	11.177
RJ	680	16.717
RN	232	5.943
RO	198	4.850
RR	85	1.623
RS	915	21.519
SC	707	16.140
SE	108	2.526
SP	1.575	36.117
TO	152	3.420
TOTAL	9.867	231.407

Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados do SEBRAE (2016).

De acordo com Reis (2013a), foram realizadas pesquisas pelo SEBRAE, no ano de 2002, e pelo Instituto VER, em 2010, que mostram os resultados mais significativos para os participantes do programa que concluíram o seminário. Elas afirmam que os EMPRETECOs:

Melhoram seu desempenho empresarial;

Ficam mais seguros sobre suas decisões;

Planejam mais e melhor;

Reduzem a chance de fracassar;

Produzem mais riquezas e pagam mais impostos, colaborando com o desenvolvimento do país;

Empregam mais e conseqüentemente pagam melhor, colaborando com a comunidade;

Quebram menos suas empresas do que os outros, colaborando com a constância da economia;

Empreendem mais por oportunidade do que por necessidade;

Possuem empresas com a taxa de mortalidade menor do que os outros;

Possuem empresas mais eficientes e produtivas que o os outros.

Atualmente, o trabalho do Programa EMPRETEC é responsável por uma parte significativa no crescimento do empreendedorismo nacional (PNUD, 2013), colocando o Brasil na terceira posição dentre os países com o maior número de empreendedores, ficando atrás somente da China e dos Estados Unidos (PNUD, 2013).

A eficácia do EMPRETEC pode ser percebida por alguns indicadores de impacto, a saber (PNUD, 2006):

- A mortalidade das empresas, no primeiro ano de operação, caiu de 46% (média brasileira medida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE) para 7%;
- Entre os empreendedores que fazem o EMPRETEC, 83% empreendem por detectar uma oportunidade de mercado, em oposição a 17% que o fazem por necessidade. De acordo com a média brasileira, 43% empreendem por

perceber uma oportunidade e 57% o fazem por necessidade;

- A geração de postos de trabalho aumenta, em média, 31% em 71% das empresas;
- O crescimento médio entre os empresários que participam do EMPRETEC foi de 63% em 75% dos pesquisados;
- Entre as empresas pesquisadas cujos empreendedores fizeram o EMPRETEC, houve um aumento de 51% no lucro líquido;
- Antes de fazer o EMPRETEC, somente 7% dos empreendedores tinham plano de negócios. Após o seminário esta média subiu para 31%.

Esse tipo de capacitação do EMPRETEC, com o propósito de consolidar a prática de comportamentos empreendedores, pode expressar uma estratégia significativa na profissionalização da gestão de pequenas empresas, direcionando para uma maior sustentabilidade e para melhores práticas de gerenciamento, permitindo alcançarem resultados organizacionais melhores quando comparadas a empresas não participantes do programa (Reis, 2013b).

Assim, o Programa EMPRETEC se apresenta como um dos maiores programas nacionais para disseminação do empreendedorismo, sempre colaborando com o crescimento do conhecimento do empreendedor.

No Brasil, as instituições de ensino estão vivenciando o que ficou denominado como “segunda revolução”. A primeira revolução aconteceu quando a pesquisa de extensão começou a ser incluída na missão da universidade. O empreendedorismo é uma nova função no renovado ambiente das faculdades. As empresas estão nascendo nas universidades para o ambiente externo. As incubadoras são um exemplo disto, pois, estão cada vez mais comuns e atendem um grande número de empreendedores. Também estão surgindo os “*spin-off* acadêmicos”: novas empresas que foram desenvolvidas através de resultados de pesquisas elaboradas em Universidades (Braga *et al.*, 2007).

CAPÍTULO II. CAMINHO METODOLÓGICO

Neste capítulo, estão descritos os objetivos da pesquisa, os parâmetros definidos desde o planejamento amostral até a análise dos dados, com detalhamento da coleta e do tratamento dos dados quantitativos (obtidos a partir de um questionário semiestruturado) e qualitativos (obtidos por meio de uma entrevista semiestruturada).

2.1 Tipo de pesquisa

Procedeu-se à pesquisa primária, quanto à originalidade; observacional, quanto à interferência do pesquisador no estudo; transversal, quanto ao recorte temporal dos fenômenos analisados; prospectivo com relação à direcionalidade do estudo, e descritivo, quanto ao perfil avaliatório.

Essa classificação detalhada do tipo de pesquisa pautou-se nos ensinamentos trazidos por Richardson (2009) e por Gil (2010), ao discorrerem sobre a escolha do método a ser utilizado em uma pesquisa de forma a possibilitar o delineamento dos procedimentos a serem executados na descrição e explicação dos fenômenos estudados.

A tipologia, do presente estudo justifica-se pelo tema em foco ser pouco estudado, do que decorre admitir-se que os dados são primários e o caráter da pesquisa é prospectivo e descritivo. Tais características são essenciais para que se possa formar uma massa crítica que, no futuro, poderá se constituir em evidência a fundamentar os resultados obtidos com o EMPRETEC e ensejar estudos analíticos.

A pesquisa quantitativa contém generalizações formais que, com produtos específicos apresentam aspectos importantes e colaborativos (Yazan, 2015). Para Heale e Twycross (2015) estudo quantitativo é adequado para investigações de pesquisa empírica visando o delineamento ou análise das características de factos ou fenômenos de avaliação de programas, ou a identificação das principais variáveis intervenientes em um fenômeno.

Estudos transversais se caracterizam por seguirem uma linha sistematizada e predefinida, com um tempo pré-determinado e prazos estabelecidos referentes à frequência e o momento da coleta de dados (Polit & Beck, 2011).

Os estudos descritivos têm como objetivo observar, descrever e documentar aspectos de uma situação, mas também podem ser elaborados com a finalidade de levantar opiniões e determinar a natureza de certas relações referentes ao tema e acabam servindo como uma nova visão do problema (Gil, 2010).

Para Marconi e Lakatos (2010, p 139) “os estudos quantitativo-descritivos possuem como função primordial, a exata descrição de certas características quantitativas de populações como todo, organizações ou outra coletividade específica, utilizando técnicas de amostragem para que apresentem caráter representativo”.

Pesquisas do tipo qualitativo abordam processos sociais associados a grupos delimitados e pouco estudados. O objetivo desse tipo de pesquisa é elaborar o desenvolvimento ou a reavaliação de abordagens, modos de pensar e mundos relacionados ao objeto estudado (Marconi & Lakatos, 2010).

O recorte temporal transversal tem sua importância dado que o curso EMPRETEC não visa resultados imediatos, senão busca desencadear em cada participante um intuito empreendedor, que requer reflexão, até que o indivíduo se perceba motivado o suficiente para buscar inovações ou adequações (Santos, Minuzzi, Lezana, & Grzybovski, 2009).

2.2 Objetivos

Para dar conta do tema de estudo, foi determinado como objetivo geral avaliar o impacto do Programa de Formação de Empreendedores – EMPRETEC – na vida profissional dos EMPRETECos formados no SEBRAE – Recife.

Os objetivos específicos foram assim admitidos:

Analisar a proposta da formação empreendedora obtida através do EMPRETEC;

Descrever o efeito do Programa de formação EMPRETEC na orientação empreendedora daqueles que o frequentaram, no que diz respeito à sua vida profissional;

Verificar a importância da formação empreendedora do EMPRETEC na capacidade de aprimorar as atuais e/ou gerar novas oportunidades de negócio.

De salientar que estes objetivos são do nosso estudo e não do programa EMPRETEC.

2.3 População do Estudo

Para possibilitar avaliação da população de estudo, procedeu-se a um levantamento dos totais de capacitações promovidas pelo SEBRAE no Programa EMPRETEC.

Em Recife, o EMPRETEC surgiu em 1994, um ano após o início do programa no Brasil. No Quadro 11, pode-se verificar que, em 2012, foram capacitados 282 empreendedores. Cento e dezoito participantes (41,84%) eram do gênero feminino, das quais 44 (37,29%) já possuíam algum tipo de empreendimento. Quanto ao grau de instrução, a maior incidência ocorreu no terceiro grau completo com 87 (73,73%) participantes e o intervalo de idade com maior demanda foi de 25 a 34 anos, totalizando 48 (40,68%) EMPRETECos.

Em relação ao gênero masculino, verificou-se o total de 164 (58,16%), dos quais 77 (46,95%) já possuíam algum tipo de empreendimento, e assim como as mulheres, o grau de instrução mais presente foi o terceiro grau completo, referido por 68 (41,46%) participantes. O intervalo de idade com maior quantitativo teve como limite inferior 25 anos e, superior, 34 anos, incluindo 57 (34,76%) homens (Quadro 12).

Em relação a 2013, vale ressaltar que os meses de novembro e dezembro não foram computados, uma vez que os dados não foram localizados, e conseqüentemente não foram fornecidos pelo SEBRAE – PE. Sendo assim, o total de empreendedores foi de 266, dos quais 109 (40,98%) correspondiam às mulheres, incluindo 41 (37,61%) já empresárias e 72 (66,06%) participantes com grau de instrução foi o terceiro grau completo. No quesito pertinente à idade, houve um empate entre os intervalos de 25 a 34 e 35 a 50 anos, ambos com um total de 43 (39,45%) mulheres (Quadro 13).

Eram do gênero masculino 157 (59,02%) EMPRETECos, dos quais 67 (42,68%) correspondiam àqueles que já possuíam algum tipo de empreendimento. O terceiro grau completo mais uma vez foi o grau de instrução mais presente com 85 (54,14%) dos

participantes e o intervalo de idade com maior demanda foi o de 25 a 34 anos (Quadro 13).

Os Quadros 14 e 15 mostram o levantamento dos EMPRETECos formados pelo SEBRAE – Recife, Pernambuco, Brasil nos anos de 2012 e 2013, separando-os por gênero, idade, grau de instrução e se possui empresa ou não.

Na presente investigação, a população esteve constituída por todos os participantes do Programa EMPRETEC, ministrado pelo SEBRAE – Recife, PE, bem como por agentes que atuaram como formadores no treinamento dos EMPRETECos, obedecendo em ambos os casos a critérios de inclusão discriminados a seguir.

Os sujeitos da pesquisa integravam três categorias, conforme sua participação no Programa. Dessa forma foram incluídos participantes que, submetidos a treinamento, ao final do Programa passaram a ser designados EMPRETECos; agentes formadores, cuja atuação consistiu em dar orientações durante o treinamento, bem como gestores do Programa.

Para seleção dos EMPRETECos, admitiu-se que deveriam ter participado do Programa no período de 2012 ou 2013; aceitado voluntariamente o convite de participação desta pesquisa por meio eletrônico ou telefônico, e se disposto a responder um questionário semiestruturado nos meses de outubro, novembro e dezembro de 2014, e a uma entrevista nos meses de fevereiro e março de 2015.

Quadro 12 – Caracterização dos EMPRETECOs formados no SEBRAE em 2012 – Recife/PE, Brasil.

2012	Variáveis	Janeiro	Janeiro II	Fevereiro	Março	Abril	Maió	Junho	Julho	Julho II	Setembro	Novembro	Dezembro	TOTAL	%
FEMININO	Empresárias	4	4	0	4	6	7	3	4	1	5	2	4	44	37,29%
	1º Grau Completo	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,00%
	2º Grau Completo	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	2	1,69%
	Curso Técnico Completo	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,00%
	3º Grau Incompleto	2	3	0	1	3	1	2	1	1	0	1	1	16	13,56%
	3º Grau Completo	10	4	6	8	5	10	6	8	4	8	9	9	87	73,73%
	Pós-Graduado	0	1	0	1	0	0	3	0	0	0	0	0	5	4,24%
	Não Informado	1	0	0	1	1	0	0	2	2	1	0	0	8	6,78%
	< 18 Anos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,00%
	18 a 24 Anos	3	0	0	1	0	0	2	2	1	0	1	2	12	10,17%
	25 a 34 anos	4	5	5	4	3	6	7	3	2	2	5	2	48	40,68%
	35 a 50 anos	5	2	0	3	6	3	0	4	2	5	4	4	38	32,20%
	51 a 64 anos	0	1	1	1	0	1	2	0	0	2	0	3	11	9,32%
	Não Informado	1	0	0	2	0	1	0	2	2	0	1	0	9	7,63%
	TOTAL	13	8	6	11	9	11	11	11	11	7	9	11	11	118
(%)	52,00%	36,36%	31,58%	45,83%	47,37%	45,83%	39,29%	50,00%	29,17%	39,13%	40,74%	44,00%	41,84%	-	
MASCULINO	Empresários	7	8	4	5	5	5	10	7	7	8	6	5	77	46,95%
	1º Grau Completo	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	2	1,22%
	2º Grau Completo	1	0	2	0	0	0	1	0	0	0	1	1	6	3,66%
	Curso Técnico Completo	1	0	0	0	0	1	10	0	0	1	1	0	14	8,54%
	3º Grau Incompleto	2	4	5	2	3	5	3	2	7	2	7	4	46	28,05%
	3º Grau Completo	5	8	4	7	6	6	0	8	6	6	6	6	68	41,46%
	Pós-Graduado	0	2	1	0	1	1	2	0	2	1	1	1	12	7,32%
	Não Informado	3	0	1	4	0	0	1	1	1	4	0	1	16	9,76%
	< 18 Anos	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0,61%
	18 a 24 Anos	1	2	2	4	3	1	3	2	6	3	4	1	32	19,51%
	25 a 34 anos	4	6	5	3	4	7	6	4	3	4	7	4	57	34,76%
	35 a 50 anos	5	6	3	3	1	4	7	2	6	2	4	8	51	31,10%
	51 a 64 anos	0	0	3	0	2	1	0	1	0	0	1	1	9	5,49%
	Não Informado	2	0	0	3	0	0	1	2	1	5	0	0	14	8,54%
	TOTAL	12	14	13	13	10	13	17	11	17	14	16	14	164	100,00%
(%)	48,00%	63,64%	68,42%	54,17%	52,63%	54,17%	60,71%	50,00%	70,83%	60,87%	59,26%	56,00%	58,16%	-	
EMPRETECOS	TOTAL	25	22	19	24	19	24	28	22	24	23	27	25	282	-

Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados SEBRAE, 2014.

Quadro 13 – Caracterização dos EMPRETECOs formados no SEBRAE em 2013 – Recife/PE, Brasil.

2013	Variáveis	Janeiro	Março	Abril	Maió	Junho	Julho	Julho II	Agosto	Setembro	Outubro	Outubro II	EMPRETECOs	%	
FEMININO	Empresárias	2	1	4	2	3	7	4	5	10	3	0	41	37,61%	
	1º Grau Completo	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0,92%	
	2º Grau Completo	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	0	3	2,75%	
	Curso Técnico Completo	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	2	1,83%	
	3º Grau Incompleto	5	1	2	2	1	0	1	1	1	1	0	15	13,76%	
	3º Grau Completo	12	1	9	7	11	6	6	7	8	3	2	72	66,06%	
	Pós-Graduado	1	0	1	4	1	1	0	1	2	2	2	15	13,76%	
	Não Informado	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0,92%	
	< 18 Anos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,00%
	18 a 24 Anos	1	1	2	1	3	0	2	1	1	0	0	12	11,01%	
	25 a 34 anos	7	1	5	8	6	1	2	4	5	3	1	43	39,45%	
	35 a 50 anos	9	0	6	4	3	5	4	5	4	2	1	43	39,45%	
	51 a 64 anos	1	0	1	1	1	1	1	0	1	2	1	10	9,17%	
	> 64 anos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,00%	
	Não Informado	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0,92%	
TOTAL	18	2	14	14	13	7	9	10	11	7	4	109	100,00%		
(%)	58,06%	11,76%	50,00%	48,28%	59,09%	50,00%	40,91%	38,46%	39,29%	43,75%	12,12%	40,98%	-		
MASCULINO	Empresários	5	7	6	6	5	5	9	7	5	5	7	67	42,68%	
	1º Grau Completo	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,00%	
	2º Grau Completo	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	2	1,27%	
	Curso Técnico Completo	0	0	1	0	0	0	0	1	1	0	0	3	1,91%	
	3º Grau Incompleto	4	7	4	4	2	3	6	3	6	4	5	48	30,57%	
	3º Grau Completo	8	5	6	9	6	3	7	9	8	4	20	85	54,14%	
	Pós-Graduado	1	2	2	1	1	1	0	1	0	1	4	14	8,92%	
	Não Informado	0	1	1	1	0	0	0	2	0	0	0	5	3,18%	
	< 18 Anos	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,64%	
	18 a 24 anos	3	5	0	1	2	3	6	3	3	3	6	35	22,29%	
	25 a 34 anos	8	6	5	8	2	1	5	3	4	3	20	65	41,40%	
	35 a 50 anos	1	2	5	6	4	3	0	7	6	3	2	39	24,84%	
	51 a 64 anos	1	1	2	0	1	0	1	2	3	0	0	11	7,01%	
	> 64 anos	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,64%	
	Não Informado	0	0	1	0	0	0	1	1	1	0	1	5	3,18%	
TOTAL	13	15	14	15	9	7	13	16	17	9	29	157	100,00%		
(%)	41,94%	88,24%	50,00%	51,72%	40,91%	50,00%	59,09%	61,54%	60,71%	56,25%	87,88%	59,02%	-		
EMPRETECOs	TOTAL	31	17	28	29	22	14	22	26	28	16	33	266	-	

Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados SEBRAE, 2014.

Para inclusão dos formadores e dos gestores, admitiu-se como critério aceitarem conceder ao pesquisador uma entrevista semiestruturada, previamente agendada, com duração aproximada de uma hora, nos meses de outubro e novembro de 2014, em local reservado e de forma individualizada, após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A).

2.4 Amostra do Estudo

Dentre os 548 participantes elegíveis do Programa EMPRETEC ministrado pelo SEBRAE Recife-PE, Brasil, nos anos de 2012 e 2013, 66 sujeitos atenderam ao convite para integrar a presente pesquisa e responderam ao questionário de sondagem (Apêndice B), correspondendo a 12,2% do universo de EMPRETECos do período. Desses EMPRETECos, 20 (29,8%) também concordaram em conceder entrevista ao pesquisador, cujas informações compuseram o componente qualitativo.

Quanto aos Formadores, a amostra tornou-se mais abrangente, já que 10 (90,9%) dos 11 agentes atuantes no período de 2012 a 2013 aceitaram participar de forma voluntária. Para os gestores, não é adequado empregar o termo amostra, uma vez que os três profissionais que desempenhavam essa função no Programa consentiram em participar.

2.5 Instrumentos de recolha dos dados

Quatro instrumentos de coleta de dados foram utilizados, todos construídos para esta pesquisa contando com a contribuição do pesquisador e dos orientadores. O primeiro foi um questionário composto por 28 questões fechadas e de múltipla escolha, construído a partir de questionários empregados no SEBRAE, órgão responsável pela difusão e desenvolvimento do Programa EMPRETEC no Brasil (Apêndice B).

O segundo, o terceiro e o quarto instrumentos de recolha foram roteiros de entrevistas semiestruturadas, aplicadas a EMPRETECos (18 questões e 4 domínios), Formadores (29 questões e 4 domínios) e Gestores (32 questões e 4 domínios), com o intuito de detalhar aspectos qualitativos do Programa, os quais complementaram os

dados quantitativos, obtidos a partir dos guiões de entrevista (Apêndices C, D e E, respectivamente).

Optou-se por associar instrumentos qualitativos ao instrumento quantitativo para propiciar melhor compreensão da concepção, do *modus operandi* de cada agente na formação dos EMPRETECos, já que se constitui um Programa que obedece a um único padrão internacional (Quintas, 2013).

2.6 Variáveis

Admitindo a premissa de que um estudo com um componente qualitativo e outro quantitativo poderia dar maior robustez informativa sobre as várias nuances dos processos educacionais formadores que integram o Programa EMPRETEC, optou-se por uma análise também mista dos dados.

A partir do componente quantitativo, obtido por meio das respostas dos EMPRETECos ao questionário, foram definidas três categorias de variáveis. Um grupo teve por objetivo, exclusivamente, descrever os participantes da pesquisa, com base em suas características sociodemográficas e laborais. Essas variáveis incluíram sexo, idade, grau de instrução formal máximo e situação laboral antes e após o treinamento.

O segundo grupo de variáveis refere-se aos critérios avaliatórios do EMPRETEC, relacionados à carga horária, modificação de renda e de ramo de negócios atribuíveis direta ou indiretamente à participação no EMPRETEC.

O terceiro grupo esteve afeito à avaliação da fiabilidade do Programa por meio do detalhamento das dimensões dos perfis motivacional, psicológico, cognitivo, de negócios e comportamental.

A análise dos dados qualitativos, constituídos pelas falas dos participantes EMPRETECos, instrutores e gestores, obedeceu à análise do conteúdo, segundo as premissas do método de Bardin (1977). Para tanto foram elaboradas duas categorias temáticas. Na primeira categoria, referente às principais ações do EMPRETEC no processo educativo/formativo de seus formandos do SEBRAE – Recife – PE/Brasil, foram identificadas três subcategorias voltadas à caracterização do processo ensino-aprendizagem Programa do EMPRETEC, como descrito a seguir:

- *Subcategoria 1.1: Os profissionais formadores devem levar em consideração os saberes prévios e a linguagem cotidiana dos seus formandos.*
- *Subcategoria 1.2: O Programa do EMPRETEC dá ênfase à problematização de situações cotidianas, desafios e motivações dos seus formandos.*
- *Subcategoria 1.3: O EMPRETEC enfatiza, durante o processo educativo/formativo, autonomia e responsabilidade aos formandos nas atividades de aprendizagem.*

A segunda categoria esteve voltada para a avaliação do Impacto do EMPRETEC na vida (profissional) dos EMPRETECos formados no SEBRAE – Recife – PE/Brasil, a partir de quatro subcategorias, quais sejam:

- *Subcategoria 2.1: Contributos do Programa EMPRETEC - SEBRAE na vida do formando.*
- *Subcategoria 2.2: Contribuições do curso na melhoria econômico-profissional dos formandos.*
- *Subcategoria 2.3: Preparo na percepção e criação de novas oportunidades empreendedoras.*
- *Subcategoria 2.4: A associação do Programa EMPRETEC com o sucesso profissional dos formandos.*

É relevante enfatizar que a análise qualitativa contemplou as informações prestadas por todos os participantes do programa EMPRETEC, quais sejam: EMPRETECos, formadores e gestores. Esse procedimento foi adotado para que se pudesse mais adequadamente contrapor as percepções dos EMPRETECos, à dos formadores e gestores.

O intuito de assim proceder foi enriquecer as informações para melhor aquilatar a possibilidade da formação empreendedora promover modificações na vida profissional dos indivíduos.

2.7 Recolha dos dados

Findada a fase de planejamento e de construção, dos instrumentos de recolha de dados, buscou-se, no SEBRAE – Recife/PE, consultar a listagem de EMPRETECOs que completaram sua participação no Programa nos anos de 2012 ou 2013. Para todos esses sujeitos, foi enviada uma mensagem em correio eletrônico, convidando-os a participar da pesquisa (Anexo B). Para os que aceitaram o convite, foi enviado o questionário para que fosse respondido *online*, por meio do Google Drive, facilitando assim a participação de um maior número de EMPRETECOs.

Após receber resposta de 66 sujeitos, manteve-se contato em restrito (individualmente), novamente por correio eletrônico, para convidá-los a participar de uma entrevista, em data e hora previamente agendadas, na presença do pesquisador. Dessa entrevista participaram 20 EMPRETECOs. Os indivíduos assinaram o TCLE.

Para os Formadores e Gestores, o convite foi feito também por meio eletrônico, procedendo-se ao agendamento da entrevista, que foi realizada nas instalações do SEBRAE – Recife/PE, Brasil, locais de trabalho e por meio de videoconferência. Os mesmos assinaram o TCLE, autorizando a divulgação dos resultados.

O fluxograma da recolha dos dados e da sequência dos procedimentos para análise dos dados está esquematizado na Figura 4.

Figura 4 – Fluxograma da recolha e dos procedimentos de Análise de Dados



O estudo se caracterizou como misto por ser qualitativo e quantitativo. Ressalte-se que a abordagem qualitativa mantém o caráter descritivo e interpretativo, por meio de

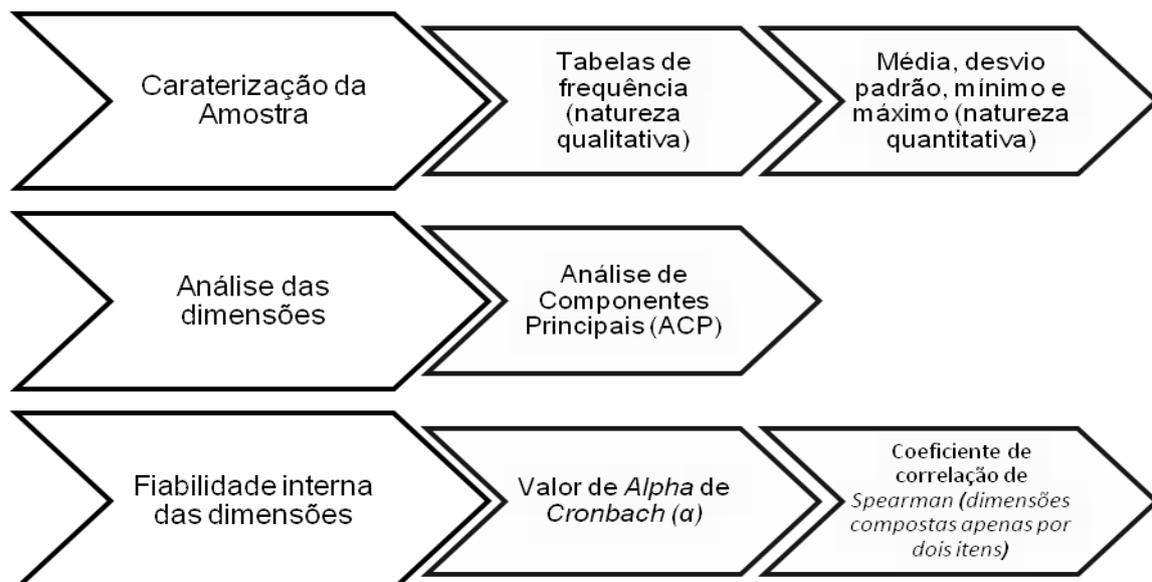
entrevistas, de forma a interrogar diretamente as pessoas cujo comportamento se pretende conhecer (Prodanov & Freitas, 2013). Já a abordagem quantitativa, se baseou na avaliação numérica e na análise estatística, para identificar padrões que pudessem elucidar questionamentos (Gil, 2010; Prodanov & Freitas, 2013).

2.8 Tratamento dos dados

Procedeu-se à caracterização da amostra por meio da análise de tabelas de frequência (no caso das variáveis de natureza qualitativa) e da análise da média, desvio padrão, mínimo e máximo (no caso das variáveis de natureza quantitativa).

Para facilitar a análise das dimensões, procedeu-se à Análise de Componentes Principais (ACP), que permitiu redução, eliminação de sobreposições e a escolha das formas mais representativas de dados a partir de combinações lineares das variáveis originais. Posteriormente a essa análise, examinou-se a fiabilidade interna das dimensões, através da análise do valor de *Alpha* de *Cronbach* (α), no sentido de avaliar se os conjuntos de itens mediam o mesmo constructo. Nos casos em que as dimensões eram compostas apenas por dois itens, analisou-se a significância estatística do coeficiente de correlação de *Spearman* (Figura 5).

Figura 5 – Técnicas estatísticas utilizadas



Apresentam-se no Quadro 14, os resultados de análise de fiabilidades dos itens retidos pelas diferentes soluções fatoriais.

Quadro 14 – Análise de fiabilidade das dimensões

Dimensões	Análise de Fiabilidade
Participação no processo educativo/formativo	Alpha de Cronbach 0,779
Potencialização de experiências, saberes e aprendizagem.	Alpha de Cronbach 0,772
Aplicabilidade na realidade quotidiana	Alpha de Cronbach 0,752
Conhecimentos e identificação de oportunidades	Alpha de Cronbach 0,613
Experiência e relações sociais	Alpha de Cronbach 0,675
Espirito empreendedor	Correlação estatisticamente significativa ($p < 0,05$)
Autoconfiança e iniciativa	Alpha de Cronbach 0,852
Perseverança	Alpha de Cronbach 0,797
Autonomia e independência	Correlação estatisticamente significativa ($p < 0,01$)
Gosto por desafios	Alpha de Cronbach 0,717
Autoregulação	Alpha de Cronbach 0,468
Otimismo	Alpha de Cronbach 0,796
Foco no desempenho	Correlação estatisticamente significativa ($p < 0,01$)
Influência do estado afetivo	Apenas um item
Competência administrativa/inovadora	Alpha de Cronbach 0,816
Gerenciamento humano e cooperativo	Correlação estatisticamente significativa ($p < 0,05$)
Gerenciamento e avaliação do desempenho	Alpha de Cronbach 0,697

Fonte: Elaborado pelo autor

De salientar que a dimensão com um alfa de cronbach abaixo de 0,6 não foi tida em consideração para o tratamento estatístico posterior.

Para averiguar o que influenciou para a percepção da melhoria da renda com a frequência no EMPRETEC realizaram-se modelos de regressão logística binária⁴, utilizando o método *Enter*.

Para análise da investigação qualitativa, empregou-se o método misto, indutivo, dedutivo, segundo a melhor adequação para a interpretação dos dados, no sentido de enriquecer a compreensão sobre o Programa EMPRETEC. Para tanto, se utilizaram os temas que emergiram da escuta e da leitura das transcrições das entrevistas, empregando o instrumento informático para análise de dados aplicados às Ciências Sociais, denominado NUD. IST, na versão 10, acrônimo de *Non-numerical Unstructured Data by Indexing, Searching and Theorising* (Richardson, 2009), comercializado pela empresa NVIVO, no qual se emprega a tecnologia para avaliação e classificação de dados a partir de segmentos de texto que foram obtidos a partir das entrevistas, escritas ou gravadas.

Concernente a isso, usou-se a análise do conteúdo a partir do que Bardin (1977) denominou leitura flutuante porque é feita diversas vezes, buscando-se a cada releitura identificar nuances enriquecedoras da compreensão do tema avaliado, procedeu-se à contextualização e recontextualização dos trechos, separando-os conforme seus significados, em categorias. Nos estudos de Bardin (1977, p. 42) “a análise de conteúdo abarca as iniciativas de explicitação, sistematização e expressão do conteúdo de mensagens, com o intuito de realizar deduções lógicas e justificadas a respeito da origem das mensagens”. A proposta constitui-se de algumas etapas para a consecução da análise de conteúdo, organizadas em três fases: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

No programa NVIVO, cada categoria que se elenca, constitui um nó, no qual os textos foram agrupados para, posteriormente, por releitura ainda flutuante, serem identificadas subcategorias, denominadas entre-nós no programa informático. O processo foi repetido para cada entrevista e em cada categoria até que a categoria adquirisse sentido para ser interpretada (Aires, 2011; Jones, 2007; Silveira & Córdova, 2009).

4 Técnica que permite encontrar um modelo adequado e parcimonioso que possibilita descrever a relação entre uma variável aleatória binária (i.e., dicotômica) Y e um conjunto de variáveis não-aleatórias preditoras (Hosmer & Lemeshow, 2000)

Encerrada a categorização das entrevistas, procedeu-se à construção dos gráficos de categorias e subcategorias, de forma a conferir à pesquisa qualitativa um caráter semi-quantitativo, baseado na frequência de ocorrência dos termos selecionados para identificar categorias e subcategorias, os quais são apresentados no Apêndice F.

Todas as informações obtidas a partir de entrevistas foram resumidas em quadro demonstrativo para enriquecimento da análise por meio de categorias construídas com o programa NVIVO.

Em obediência à ética em pesquisa, EMPRETECos, formadores e gestores foram identificados por uma numeração sequencial, para que se pudesse citar a transcrição das suas falas.

CAPÍTULO III. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Para formar a base das respostas aos objetivos desta tese, são apresentados os resultados das análises quantitativa e qualitativa dos dados. Na análise quantitativa, buscou-se descrever a proposta de formação de empreendedores. Foram detalhadas suas características sociográficas, enfatizando a situação profissional antes e após o EMPRETEC e as opiniões dos indivíduos quanto às modificações empresariais atribuíveis à participação da formação em empreendedorismo.

Foram analisadas também as dimensões dos perfis motivacional, psicológico, cognitivo, de negócios e comportamental, componentes da avaliação da fiabilidade do Programa, para aquilatar a importância atribuída pelos entrevistados à formação empreendedora, seja para aprimoramento das capacidades gerenciais, ou ainda para auxiliar na geração de novas oportunidades de negócios. As opiniões e percepções dos EMPRETECos foram contrapostas àquelas de formadores e gestores, para enriquecer a análise e reduzir o viés de uma avaliação positiva atribuível à participação ativa do pesquisador no Programa.

3.1 Análise quantitativa dos dados da pesquisa

Apresenta-se, na Tabela 3, a descrição sociográfica da amostra dos 66 inquiridos. A amostra apresentou-se masculinizada e com alto grau de escolarização, já que 54,5% dos inquiridos eram do gênero masculino e 77,3% tinham nível de instrução superior ou de maior complexidade. Verificou-se também que maioria da amostra (81,6%) tinha entre 25 a 50 anos de idade (Tabela 3).

Tabela 3 – Caracterização sociográfica da amostra do estudo, no EMPRETEC – SEBRAE (2012-2013), Recife – Pernambuco, Brasil

Variáveis	Frequências absolutas	Frequências relativas
	(n)	(%)
Ano do EMPRETEC		
2012	24	36,4
2013	42	63,6
Gênero		
Masculino	36	54,5
Feminino	30	45,5
Idade*		
18 a 24 anos	6	9,2
25 a 34 anos	25	38,5
35 a 50 anos	28	43,1
51 a 64 anos	5	7,7
65 ou mais anos	1	1,5
Grau de instrução mais elevado		
Primeiro grau completo	2	3,0
Segundo grau completo	4	6,1
Curso técnico completo	2	3,0
Terceiro grau incompleto	7	10,6
Terceiro grau completo	25	37,9
Pós-graduado	26	39,4
Situação antes do EMPRETEC*		
Desempregado	12	18,5
Empregado de terceiros com registro em	12	18,5
Empregado de terceiros sem registro em	5	7,7
Profissional liberal	13	20,0
Dono do próprio negócio	19	29,2
Outra situação	2	3,1
Estudante	2	3,1
Situação depois do EMPRETEC*		
Desempregado	4	6,2
Empregado de terceiros com registro em	15	23,1
Empregado de terceiros sem registro em	4	6,2
Profissional liberal	6	9,2
Dono do próprio negócio	35	53,8
Aposentado	1	1,5

Nota: * - categorias com total de 65 EMPRETECOs, devido à omissão das respostas de um dos participantes. Em tais categorias, o percentual foi calculado sobre um total de 65 participantes.

No que toca à situação profissional apresentada na Tabela 4. O EMPRETEC fez com que decrescesse o número de desempregados, empregados de terceiros sem registro em carteira e profissionais liberais, e que aumentasse o contingente de donos do próprio negócio e empregados de terceiros com registro em carteira. Mais de metade dos inquiridos (53,8%) era dono do próprio negócio à coleta dos dados (Tabela 4).

Tabela 4 – Cruzamento da situação profissional antes e depois do EMPRETEC – SEBRAE (2012-2013), Recife, Pernambuco, Brasil

Quando participou do EMPRETEC, você era	Na coleta de dados, sua situação profissional é:												Total
	Desempregado		Empregado de terceiros. com registro em carteira		Empregado de terceiros. sem registro em carteira		Profissional liberal		Dono do próprio negócio		Aposentado		
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	
Desempregado	0	0,0	4	33,3	0	0,0	1	8,3	6	50,0	1	8,3	12
Empregado de terceiros. com registro em carteira	1	8,3	8	66,7	1	8,3	0	0,0	2	16,7	0	0,0	12
Empregado de terceiros. sem registro em carteira	2	40,0	0	0,0	1	20,0	0	0,0	2	40,0	0	0,0	5
Profissional liberal	1	7,7	2	15,4	1	7,7	5	38,5	4	30,8	0	0,0	13
Dono do próprio negócio	0	0,0	1	5,3	0	0,0	0	0,0	18	94,7	0	0,0	19
Aposentado	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	100,0	0	0,0	2
Estudante	0	0,0	0	0,0	1	50,0	0	0,0	1	50,0	0	0,0	2
Total	4	6,2	15	23,1	4	6,2	6	9,2	35	53,8	1	1,5	65

Nota: Categorias e subcategorias com total de 65 EMPRETECOs, devido à omissão das respostas de um dos participantes. Em tais categorias, o percentual foi calculado sobre um total de 65 participantes

Em se analisando as opiniões dos inquiridos, a participação no EMPRETEC foi considerada importante para melhorar a renda individual. Na maior parte dos casos (57,8%), houve informação de um aumento da renda individual. Todos os inquiridos responderam afirmativamente sobre a importância do EMPRETEC, fosse para aumento da empregabilidade, seja para melhoria nos negócios. Trinta e nove EMPRETECOs

consideraram que o programa contribuiu para melhorar sua empregabilidade. Adicionalmente, todos os que possuíam negócio à coleta de dados consideraram que sua participação contribuiu para criar ou inovar seu empreendimento (Tabela 5).

No que se refere ao programa EMPRETEC, identificou-se que 73,0% dos inquiridos julgaram que a carga horária não deveria ser aumentada, bem como 96,8% indicariam a realização do EMPRETEC a seus amigos, parceiros ou fornecedores (Tabela 5).

Tabela 5 – Opiniões sobre o EMPRETEC – SEBRAE (2012-2013), Recife, Pernambuco, Brasil

Opiniões dos EMPRETECos	Frequência absoluta (n)	Frequência relativa (%)
«Na sua opinião, ter participado do EMPRETEC foi importante para melhorar a sua renda individual?»		
Sim	46	71,9
Não	18	28,1
«Sua renda individual hoje é menor, igual ou maior do que era quando participou do EMPRETEC?»		
Menor	6	9,4
Igual	21	32,8
Maior	37	57,8
«Na sua opinião, ter participado do EMPRETEC foi importante para melhorar a sua empregabilidade?»		
Sim	39	100
«Na sua opinião, ter participado do EMPRETEC foi importante para criar e/ou melhorar o seu negócio?»		
Sim	48	76,2
Nunca possui negócio	15	23,8
«Na sua opinião, a carga horária do EMPRETEC deveria ser aumentada?»		
Sim	17	27,0
Não	46	73,0
«Você indicaria a realização do EMPRETEC para seus amigos, parceiros ou fornecedores?»		
Sim	61	96,8
Não	2	3,2

Nota: Categorias e subcategorias com total de EMPRETECos que ofereceram resposta a cada um dos quesitos. O total de resposta serviu de base para o cálculo de frequências percentuais em cada quesito.

Dentre os participantes da pesquisa que se declararam donos de negócio, 57,1% já haviam registrado sua empresa no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica

(CNPJ). Relevante ressaltar que 39,5% dos inquiridos declararam ter outra fonte de renda para além do seu negócio à época do início da sua participação no programa EMPRETEC, percentual que aumentou para 45,2% à época da coleta dos dados. Além do aumento da renda, identificou-se aumento do número médio de empregados, já que a média de funcionários passou de 6,03 (desvio padrão de 13,13) para 9,12 funcionários (desvio padrão de 18,35), à época da coleta de dados (Tabela 6).

Expandindo o questionamento para a caracterização dos negócios a todos os participantes do EMPRETEC, constatou-se que quase todos os inquiridos (96,8%) mudaram o seu negócio após a realização do EMPRETEC, caracterizado como aumento dos negócios no ramo dos serviços e da indústria em detrimento do comércio (Tabela 6).

Tabela 6 – Caracterização do negócio (inquiridos com negócio), após realizarem o EMPRETEC – SEBRAE (2012-2013), Recife, Pernambuco, Brasil

VARIÁVEIS	Frequência absoluta (n)	Frequência relativa (%)
«A sua empresa possui Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ)?»		
Sim	24	57,1
Não	18	42,9
«Quando você participou do EMPRETEC, você tinha outra fonte de renda além do seu negócio?»		
Sim	17	39,5
Não	26	60,5
«Você atualmente tem outra fonte de renda além do seu negócio?»		
Sim	19	45,2
Não	23	54,8
«Quantos empregados o seu negócio antes do EMPRETEC?» Média: 6,03 (Desvio Padrão 13,13)		
«Quantos empregados o seu negócio tem hoje?» Média: 9,12 (Desvio Padrão 18,35)		
«Seu negócio atual é o mesmo que você tinha antes de fazer o EMPRETEC?»		
Sim	2	3,2
Não	61	96,8
Ramo em que atuava a empresa antes do EMPRETEC (total da amostra)		
Serviços	23	54,8
Comércio	13	31,0
Indústria	1	2,4
Não possui empresa	5	11,9
Ramo em que atua a empresa depois do EMPRETEC (total da amostra)		
Serviços	26	60,5
Comércio	12	27,9
Indústria	3	7,0
Não possui empresa	2	4,7

Nota: Categorias e subcategorias com total de EMPRETECos que ofereceram resposta a cada um dos quesitos. O total de resposta serviu de base para o cálculo de frequências percentuais em cada quesito.

Para identificar o impacto do EMPRETEC no faturamento das empresas dos participantes, foram inquiridos aqueles que declararam ter empresa à época da coleta de dados. Verificou-se então que 61,0% das empresas faturavam anualmente menos de 360

mil reais, 29,3% apresentam um faturamento anual entre 360 mil reais e 3,6 milhões de reais e 9,8% faturavam mais de 3,6 milhões de reais por ano (Tabela 7).

Metade dos donos de negócios julgou que o EMPRETEC contribuiu muito para aumentar seu faturamento bem como a margem de lucro (Tabela 7).

Tabela 7 – Faturamento da empresa com o EMPRETEC (inquiridos com negócio), EMPRETEC – SEBRAE (2012-2013), Recife, Pernambuco, Brasil

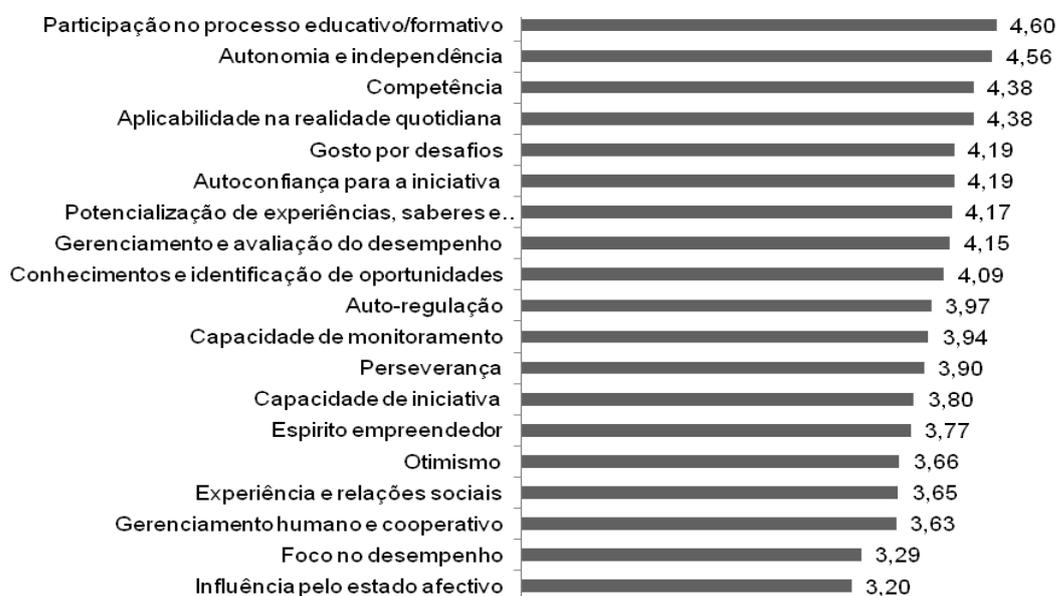
VARIÁVEIS	Frequência absoluta (n)	Frequência relativa (%)
«O fato de você ter feito o EMPRETEC contribuiu muito, pouco ou nada para aumentar o faturamento do seu negócio?»		
Muito	20	50,0
Pouco	14	35,0
Nada	6	15,0
«Hoje, o seu percentual de lucro sobre o faturamento do negócio é menor, igual ou maior do que era quando você fez o EMPRETEC?»		
Menor	3	9,1
Igual	12	36,4
Maior	18	54,5
«O fato de você ter feito o EMPRETEC contribuiu muito, pouco ou nada para aumentar o seu percentual de lucro sobre o faturamento do negócio?»		
Muito	15	42,9
Pouco	14	40,0
Nada	6	17,1
«Anualmente, a sua empresa fatura»		
Menos de R\$ 360 mil por ano	25	61,0
Entre R\$ 360 mil e R\$ 3,6 milhões por ano	12	29,3
Acima de R\$ 3,6 milhões por ano	4	9,8

Nota: Categorias e subcategorias com total de EMPRETECOs que ofereceram resposta a cada um dos quesitos. O total de resposta serviu de base para o cálculo de frequências percentuais em cada quesito.

Na Figura 5, foi analisada a pontuação média atribuída pelos participantes às dimensões referentes aos contributos de competência administrativa/inovadora, gerenciamento humano e cooperativo e gerenciamento e avaliação do desempenho do EMPRETEC para o negócio⁵:

Considerando que se adotou uma escala variando de 1 a 5, a dimensão com maior *score* médio foi à participação no processo educativo/formativo', indicando que os participantes entenderam que o programa potencializou e muito a participação dos inquiridos no processo educativo/formativo. Também atribuíram *score* médio elevado à dimensão autonomia e independência, relativa ao nível psicológico. Adicionalmente, verificou-se um grande contributo do EMPRETEC para a competência dos inquiridos, já que foi avaliado pela presença de muita concordância no que diz respeito à sua aplicabilidade na vida quotidiana (Figura 5).

Figura 6 – Scores médios em todas as dimensões, no EMPRETEC – SEBRAE (2012-2013), Recife, Pernambuco, Brasil



⁵ A participação no EMPRETEC proporcionou ao seu negócio muita contribuição, média contribuição, pouca contribuição ou nenhuma? (escala de 1-Nenhuma a 4-Muita)

No polo oposto (e com scores médios menores), estiveram baixos níveis na dimensão respeitante ao traço cognitivo, avaliado pelo foco no desempenho (que envolve questões relacionadas com cumprimento de prazos e manutenção do emprego), como também à dimensão de Influência do estado afetivo (Figura 5).

As informações gráficas constantes das Figuras 6 a 11 ilustram a contribuição de cada um dos itens para os valores médios das suas respectivas dimensões.

A dimensão para avaliação do EMPRETEC com maior score médio foi à participação ativa e a cooperação dos formandos no processo educativo/formativo, o que corresponde dizer que a participação dos EMPRETECos no curso não foi unilateral. No entanto os participantes consideraram que seus saberes e suas experiências prévias não foram alvo de atenção no EMPRETEC e não foram utilizadas ou exploradas, do que resultou terem atribuído o menor score médio a essa dimensão (Figura 6).

Ainda assim, os EMPRETECos atribuíram score médio alto à aplicabilidade quotidiana dos conhecimentos que puderam construir ou reconstruir durante o programa, a partir da tentativa de resolução de problemas (Figura 6).

Figura 7 – Médias nos itens das dimensões para avaliação do EMPRETEC – SEBRAE (2012-2013), Recife, Pernambuco, Brasil



Ao considerar as dimensões para as motivações do EMPRETEC que poderiam induzir o surgimento de uma ideia de negócio, constatou-se que o maior *score* médio foi atribuído à identificação de novas oportunidades de negócio/serviços, o que correspondeu dizer que, após a realização do EMPRETEC, os participantes puderam perceber melhor novas oportunidades de negócios (Figura 7).

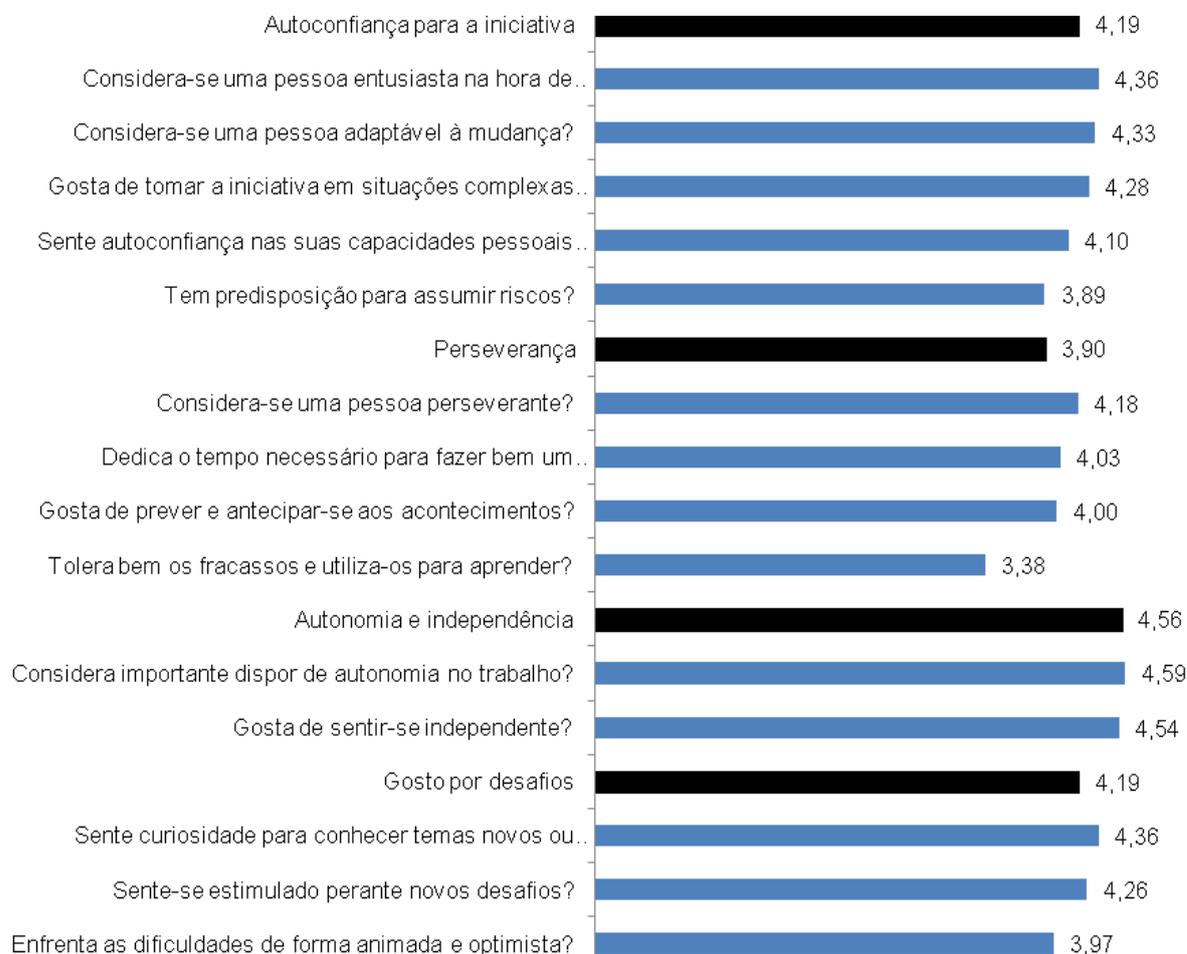
As motivações que receberam menores *scores* médios foram experiência e relações sociais e espírito empreendedor. Os EMPRETECOs avaliaram que a motivação para surgimento de novos negócios manteve relação baixa com sua experiência de mercado, bem como com as características de seus clientes e fornecedores. Quanto ao espírito empreendedor, os participantes ofereceram pontuações baixas para o desenvolvimento de uma ideia original ou a solução de um problema que pudesse motivar surgimento de um novo negócio (Figura 7).

Figura 8 – Médias nos itens das dimensões para as motivações que podem induzir o surgimento de uma ideia de negócio, no EMPRETEC-SEBRAE (2012-2013), Recife, Pernambuco, Brasil



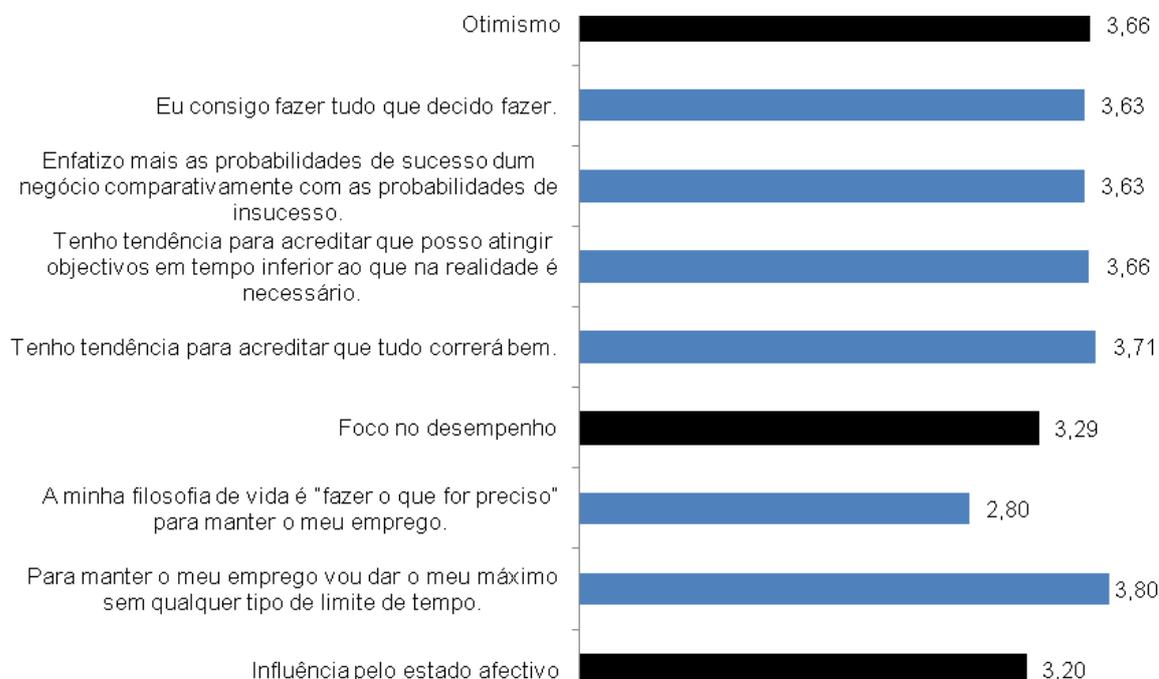
Na Figura 8, estão detalhadas as subcategorias componentes da dimensão psicológica do programa EMPRETEC. Os itens que apresentaram maior score médio foram dar importância à autonomia no trabalho seja pelo gosto de sentir-se independente, bem como por ter autonomia e independência, denotando que o perfil psicológico mais influente nos EMPRETECOs foi a independência. Os participantes colocaram em segundo lugar em suas avaliações a percepção de autonomia e independência e o gosto por desafios. Com menor score em contrapartida esteve a perseverança, especialmente devido à menor tolerância de fracassos e sua utilização para aprender, o que se associou a menor pontuação também para o enfrentamento de dificuldades de forma animada e otimista. Significa dizer que nem todos os EMPRETECOs toleravam bem o fracasso para aprendizagem (Figura 8).

Figura 9 – Médias nos itens das dimensões para o perfil psicológico, no EMPRETEC – SEBRAE (2012-2013), Recife, Pernambuco, Brasil



Na Figura 9, o perfil cognitivo foi a dimensão com menor *score* médio, já que a todos os componentes relativos a otimismo, foco no desempenho e influência pelo estado afetivo, os EMPRETECOs atribuíram média menor que quatro. Mereceu destaque o menor *score* médio referente a uma filosofia de vida com adaptações necessárias à manutenção do emprego, indicativa de que os formandos não se apegavam muito ao emprego, possivelmente em decorrência de um espírito empreendedor que foi reforçado constantemente durante o programa (Figura 9).

Figura 10 – Médias nos itens das dimensões para o perfil cognitivo, no EMPRETEC – SEBRAE (2012-2013), Recife, Pernambuco, Brasil



Na avaliação da competência administrativa e inovadora, bem como do gerenciamento humano e corporativo e de desempenho, considerados contributos do EMPRETEC para o negócio, os participantes atribuíram *scores* médios maiores para o gerenciamento e a avaliação de desempenho. Consideraram igualmente importantes a avaliação e o acompanhamento de resultados, a visão de mercado, assim como o preparo e a atualização de metas, planos e projetos.

No entanto se perceberam com menor competência administrativa ou inovadora, especialmente decorrente de baixa identificação de fontes de recursos financeiros e controles contábeis e/ou financeiros. Adicionalmente, consideraram fraco o gerenciamento humano e cooperativo, principalmente no tocante ao gerenciamento e capacitação de recursos humanos. O resultado dessa dimensão se assemelhou aos resultados da motivação, ou seja, favoreceu a identificação pelos formandos de seus pontos fracos, comprometedores de uma visão inovadora (Figura 10).

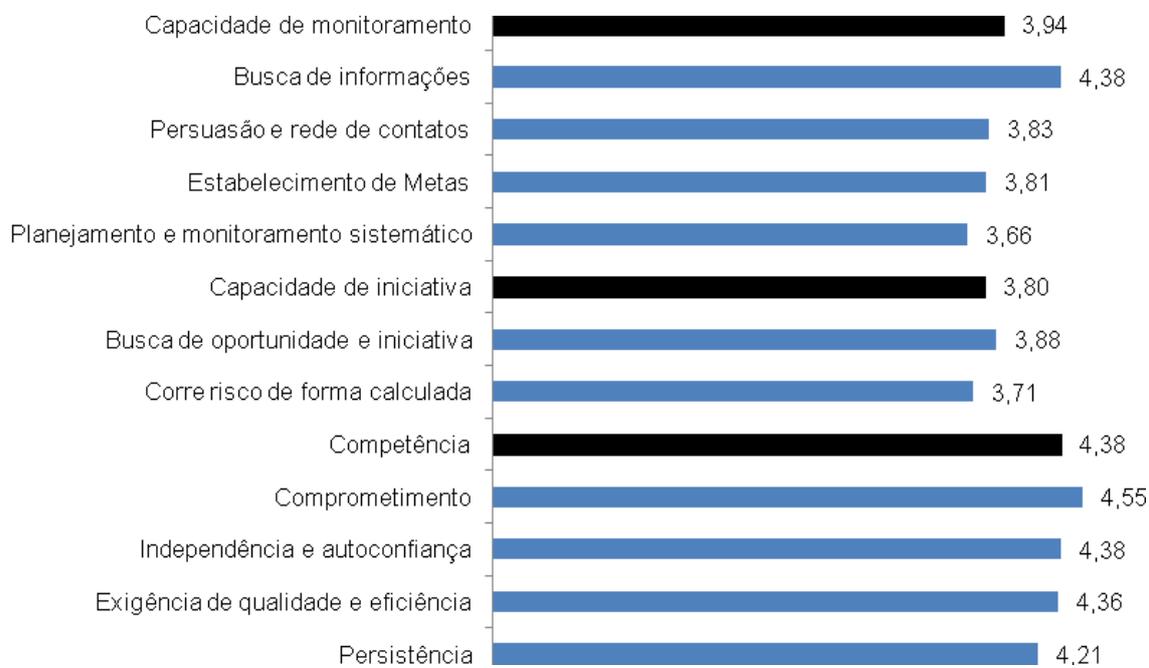
Figura 11 – Médias nos itens das dimensões para os contributos do EMPRETEC – SEBRAE (2012-2013), para o negócio, Recife, Pernambuco, Brasil



Na dimensão de comportamento, os participantes consideraram que o EMPRETEC lhes possibilitou melhoria na categoria competência e em todos os seus itens componentes, quais sejam persistência, comprometimento e exigência da qualidade e eficiência, já que os scores médios alcançaram valores maiores que quatro. Todavia o mesmo não se verificou nos itens relativos à capacidade de monitoramento e à capacidade de iniciativa, pois os scores médios atribuídos foram menores que quatro, exceção feita à busca por informações (Figura 11).

É relevante ressaltar scores médios baixos atribuídos aos itens persuasão e rede de contatos, estabelecimento de metas e planejamento e monitoramento sistemático, no domínio capacidade de monitoramento, assim como as baixas pontuações da busca de oportunidade e iniciativa e de correr riscos de forma calculada, contradizentes de um comportamento empreendedor (Figura 11).

Figura 12 – Médias nos itens da dimensão de comportamento para os contributos do EMPRETEC – SEBRAE (2012-2013), Recife, Pernambuco, Brasil



Na Tabela 8, estão apresentados os resultados da análise de regressão logística das dimensões componentes do programa EMPRETEC, para que se possam identificar aquelas com maior contribuição para a percepção de uma melhoria de renda por parte dos inquiridos.

Observou-se o contributo estatisticamente significativo do EMPRETEC para o incremento da competência administrativa/inovadora e para o comportamento competente (em todos os seus itens relativos à persistência, exigência de qualidade e eficiência, comprometimento e independência) para a percepção da melhoria de renda. Dimensões muito próximas de terem contribuição estatisticamente significativa para a melhoria de renda foram à promoção, qualidade e peculiaridades (linguagem cotidiana, exemplos práticos, confiança e reciprocidade) do processo educativo/formativo do EMPRETEC, assim como a dimensão psicológica referente ao otimismo (relacionado com a crença de executar tarefas e objetivos com sucesso e enfatizar o sucesso do negócio) (Tabela 8).

Tabela 8 – Análise de Regressão Logística no EMPRETEC – SEBRAE (2012-2013), Recife, Pernambuco, Brasil

Dimensões	Componentes	Coefficiente	Erro Padrão	Wald	p-value
Avaliação do EMPRETEC	Participação no processo educativo/formativo	1,681	0,914	3,385	<u>0,066</u>
	Potencialização de experiências, saberes e aprendizagem	0,597	0,634	0,887	0,346
	Aplicabilidade na realidade cotidiana	0,083	0,634	0,017	0,896
Notas: Constante -9,662; 75,9% corretamente classificados; Modelo adapta-se aos dados; R2 de Nagelkerke 0,212.					
Fatores motivacionais	Conhecimentos e identificação de oportunidades	0,835	0,819	1,041	0,308
	Experiência e relações sociais	-0,411	0,753	0,298	0,585
	Espírito empreendedor	0,227	0,471	0,231	0,631
Notas: Constante -1,799; 71,8% corretamente classificados; Modelo adapta-se aos dados; R2 de Nagelkerke 0,056					
Fatores psicológicos	Autoconfiança para a iniciativa	-0,112	1,195	0,009	0,925
	Perseverança	-0,274	0,805	0,116	0,733
	Autonomia e independência	0,837	0,822	1,037	0,309
	Gosto por desafios	1,228	0,989	1,544	0,214
	Autoregulação	-0,435	1,035	0,177	0,674
Notas: Constante -4,749; 73,5% corretamente classificados; Modelo adapta-se aos dados; R2 de Nagelkerke 0,178					
Fatores cognitivos	Otimismo	1,278	0,675	3,591	0,058
	Foco no desempenho	-0,080	0,415	0,037	0,847
	Influência pelo estado afetivo	0,215	0,459	0,219	0,640
Notas: Constante -4,063; 71,8% corretamente classificados; Modelo adapta-se aos dados; R2 de Nagelkerke 0,172					
Contributos do EMPRETEC	Competência administrativa/inovadora	2,015	1,009	3,984	<0,05

Dimensões	Componentes	Coeficiente	Erro Padrão	Wald	p-value
para o negócio	Gerenciamento humano e cooperativo	1,065	0,691	2,376	0,123
	Gerenciamento e avaliação do desempenho	0,610	1,061	0,33	0,565
Notas: Constante -9,420; 80% corretamente classificados; Modelo adapta-se aos dados; R2 de Nagelkerke 0,485					
Contributos do EMPRETEC para o comportamento	Competência	1,967	0,929	4,482	<0,05
	Capacidade de monitoramento	0,596	0,570	1,094	0,296
	Capacidade de iniciativa	0,066	0,673	0,010	0,922
Notas: Constante -9,788; 70% corretamente classificados, Modelo adapta-se aos dados; R2 de Nagelkerke 0,367					

Tais dados confirmaram outra pesquisa realizada pelo SEBRAE na qual mais de 90% dos entrevistados de uma amostra de 1.871 empresas afirmaram que, após o seminário, obtiveram um aumento significativo nos lucros e tiveram o retorno do investimento em educação empreendedora (Ferreira Júnior & Ramos, 2013).

Resultados semelhantes foram relatados por Lima *et al.* (2015), ao identificarem que após seminário empregando a metodologia adotada no EMPRETEC, 16,4% dos participantes eram empregados e manifestaram a intenção de abrir um novo negócio, percentual que aumentou para 40,05%, decorridos cinco anos. Esses autores atribuíram o aumento percentual ao preparo técnico que o Programa propiciou, atuando positivamente na determinação de metas, no planejamento e na definição da oportunidade.

A concordância quanto à importância do EMPRETEC pode ser atribuída, ainda que parcialmente, à uniformidade da metodologia adotada no Programa, a qual tem sido submetida constantemente a avaliação, para melhor adequação às necessidades de mercado. Ressalte-se a constância dos benefícios do EMPRETEC para a sociedade em geral, já que o relatório do PNUD publicado em 2006 já reconhecia a eficácia do Programa, a partir da avaliação dos fatores de impacto social, econômico e político (PNUD, 2006), assim como o fazem pesquisadores como Harkema e Popescu (2015).

Outro dado que denota impacto positivo do EMPRETEC na vida profissional dos formados é a constatação de que a maioria deles havia alcançado o nível superior de escolaridade, portanto considerava o programa como uma atualização ou um aprimoramento cultural importante para o exercício da sua atividade profissional. A pertinência dessa afirmação esteve no facto da maioria dos entrevistados considerarem que indicariam o curso para amigos, familiares ou outros profissionais.

A constatação da presente pesquisa tem importância ainda maior ao se identificar que o Brasil é considerado a terceira maior potência internacional na formação de empreendedores, segundo relatório do GEM (2015).

Da análise conjunta das pontuações atribuídas às dimensões se pode afirmar que o Programa contemplou os participantes com conhecimentos construídos pelo grupo, facilitando-lhes a autonomia e a independência associada à aplicabilidade dos constructos do EMPRETEC na vida quotidiana. Essa percepção foi resultado da metodologia empregada, valorizando a participação no processo educativo/formativo. Essa constatação derivou do próprio processo educativo/formativo que marca o EMPRETEC, afirmação para a qual não se podem oferecer evidências, já que o principal documento a embasá-la é o manual do Programa, o qual deve ser mantido em sigilo, para não perturbar as expectativas e o elemento surpresa do curso (Begali, 2005).

As pontuações baixas para motivação no que se referiu à experiência de mercado, às características dos clientes e fornecedores e ao desenvolvimento de uma ideia original ou a solução de um problema que pudesse motivar surgimento de um novo negócio pareceram indicar a dificuldade de criatividade a que Begali (2005) se refere. O Relatório da Comissão Europeia para o desenvolvimento de criatividade e potencial inovador em jovens, publicado em 2012, aponta que o desenvolvimento dessas habilidades é difícil, requer paciência do formando e a quebra de um paradigma social de que criar é uma tarefa árdua (European Commission, 2012).

A identificação de menor competência administrativa ou inovadora, especialmente decorrente de baixa identificação de fontes de recursos financeiros e controles contábeis e/ou financeiros chega em sintonia com Silva e Arruda (2012) ao afirmarem que a educação de jovens e adultos vem também contribuindo para muitos educandos se inserirem no mercado de trabalho com menor dificuldade.

Coelho (2011) verificou uma melhoria do resultado médio depois do EMPRETEC de 62,5% dos participantes e destacou duas características comportamentais

estabelecimento de metas e monitoramento sistemático que no presente estudo apresentaram scores médios baixos. Bartel (2010) identificou que as características comportamentais mais desenvolvidas foram comprometimento, busca de informações e independência e autoconfiança, resultados corroborados em nosso estudo.

Segundo a UNESCO (1998), a educação e formação de adultos podem ser consideradas como o conjunto de vários processos de aprendizagem (formais e não formais) pelo fato de as pessoas serem adultas e por desenvolverem suas capacidades enriquecendo seus conhecimentos de forma a melhorar e satisfazer suas necessidades e as da sociedade. A avaliação dos EMPRETECos confirma a teoria descrita pela UNESCO, já que eles entenderam que o desenvolvimento da visão do mercado e a possibilidade de investir em novos negócios, fazer melhores avaliações, planejamentos e metas e acompanhar os resultados, a busca de novas tecnologias se deram a partir da formação no curso do EMPRETEC.

Para verificar a importância da formação empreendedora do EMPRETEC na capacidade de aprimorar as atuais e/ou gerar novas oportunidades de negócio, buscou-se analisar o conteúdo das entrevistas com gestores, formadores e EMPRETECos.

3.2 Análise comparativa entre formadores, gestores e EMPRETECos

No Quadro 15, apresentam-se os resultados das entrevistas com gestores, formadores e EMPRETECos, cujos gráficos constam do Apêndice F. Para comparação, as questões de 1.1 a 1.11 entre gestores e formadores, possui tempo envolvido/trabalhado diferentes com gestores com média em torno de 5 anos e os formadores com média em torno de 10 anos, também divergem sobre a sua formação acadêmica, os gestores consideram muito forte a relação com a mesma, enquanto os formadores não são unânimes nesta resposta.

O maior desafio no EMPRETEC para o gestor é compatibilizar a gestão do Programa com outras atividades e para o formador é a diversidade, imparcialidade, dedicação, tempo e tolerância. Quanto ao que pode melhorar em suas atividades, para o gestor é o trabalho integrado e a integração com outros Estados e os formadores é

atualização constante, capacidade de compreensão, imparcialidade, a metodologia, humildade e maturidade.

Nas questões 2.1 a 2.10 podem-se comparar os três grupos e apenas em relação à carga horária houve uma pequena diferença que para os EMPRETECos é considerada mais ou menos satisfatória enquanto para os gestores e formadores é satisfatória.

Nas questões 3.1 a 3.6, houve divergência na questão 3.6 em relação às sugestões a dar quanto a futuras formações do EMPRETEC, os gestores sugerem uma formação também virada para gestão e mais um segundo curso EMPRETEC para os formadores, com observações quanto à metodologia, novos conceitos, novas formas de aprendizagem, como *e-learning* e para os EMPRETECos aumentar a carga horária e outros horários, mais formação complementar com reciclagem constante e acompanhamento pós-curso, conforme está escrito no Quadro 15.

Comparando os resultados da análise qualitativa e quantitativa, dez itens das entrevistas foram identificados como semelhantes para fins de comparação: 2.1; 2.3; 2.4; 2.5; 2.6; 2.7; 2.8; 3.2; 3.3; 3.4, desses três itens (3.2; 3.3; 3.4), ou seja, em relação à melhoria da condição econômica, criação de novas oportunidades e mudança de perfil apresentaram scores médios em torno de 3,0 (algumas vezes) indo à contrapartida da maior frequência dos resultados da análise qualitativa. Os outros sete itens corroboram com os resultados da análise qualitativa com scores médios maiores que quatro (muito), confirmado nesse cruzamento a associação coerente entre os dois instrumentos utilizados.

Quadro 15 - Comparativo entre os resultados das entrevistas entre os gestores, formadores e empretecos conforme resultado da análise de conteúdo e da análise quantitativa

Questões	Quali			Quanti
	Gestor	Formador	EMPRETECo	EMPRETECo
1.1. Há quantos anos trabalha na referida atividade	5 anos (2-8)	10 anos (1-23)	-	
1.2. Há quanto tempo está envolvido no EMPRETEC – SEBRAE nesta atividade	5,33 anos (4-8)	10,6 anos (1 a 21)	-	
1.3. Como foi que passou a ocupar este cargo/atividade	Convite	Convite		
1.4. Atualmente, qual seu tempo de dedicação ao Programa EMPRETEC – SEBRAE? Realiza outras atividades? Quais?	25% tempo EMPRETEC, 75% SEBRAE	Empresário	-	
1.5 Na sua opinião, qual a relação que esse trabalho no EMPRETEC – SEBRAE tem com sua experiência profissional.	Área comercial, bagagem profissional	Aprendizagem, experiência profissional	-	

Questões	Quali			Quanti
	Gestor	Formador	EMPRETECo	EMPRETECo
1.6 E com a sua formação acadêmica? Qual a relação da sua atividade no EMPRETEC – SEBRAE tem com a sua formação acadêmica?	Muito forte	Não há unanimidade	-	
1.7 Para atuar em sua atividade no EMPRETEC-SEBRAE, realizou/teve que realizar algum tipo de formação? Se sim, qual? Se sim, considera que essa formação foi importante?	EMPRETEC, Exigência, importante, necessária	EMPRETEC, Formação básica, atualização, complementar	-	
1.8 Considera que a experiência na sua atividade no EMPRETEC-SEBRAE contribuiu para o seu desenvolvimento profissional? Se sim, de que forma? Se não, por que?	Crescimento pessoal e profissional	Consolidar, Metodologia, crescimento profissional	--	
1.9 Sente-se realizado/a em sua	Reconhecimento	Desenvolvimento, gratificação	-	

Questões	Quali			Quanti
	Gestor	Formador	EMPRETECo	EMPRETECo
atividade no EMPRETEC-SEBRAE ? Por quê?				
1.10 Qual considerar o seu maior desafio no seu trabalho no EMPRETEC-SEBRAE	Compatibilizar a gestão do programa com outras atividades	Diversidade, educação, imparcialidade, dedicação, tempo e tolerância	-	
1.11 O que pensa que poderia melhorar em sua atividade.	Trabalho integrado e Integração com outros Estados	Atualização constante e a capacidade de compreensão, escuta, imparcialidade, metodologia, humildade e maturidade	-	
1.12 Em sua opinião o que poderia melhorar para o bom desempenho da gestão do curso?	Recursos Humanos	-	-	
1.13 Em sua opinião quais são os critérios essenciais para seleção dos professores/formadores do programa?	Perfil	-	-	
1.14 Em sua opinião o que poderia melhorar no	Reciclagem	-	-	

Questões	Quali			Quanti
	Gestor	Formador	EMPRETECo	EMPRETECo
desempenho dos formadores, ou seja, dos facilitadores?				
2.1 Durante o curso EMPRETEC – SEBRAE como se desenvolve a formação no curso EMPRETEC-SEBRAE? Ou seja, quais as estratégias, os métodos, os recursos que se utiliza para formação?	Peculiaridades da região, avaliações sistemáticas e feedbacks	Módulos, vivências, metodologia, manual	Aprendizagem, Dinâmica, Disciplinas, apresentações	O EMPRETEC teve em consideração, para realizar o processo educativo/formativo, a linguagem cotidiana - Score Médio 4,21
2.2 Você acredita que as instalações onde ocorre o EMPRETEC no SEBRAE – Recife são próprias para o desenvolvimento dos trabalhos para que se propõe o curso? Por quê?	Sim	Sim, amplas, modernas	Sim, Conforto, climatização, Salas, local	

Questões	Quali			Quanti
	Gestor	Formador	EMPRETECo	EMPRETECo
2.3 Em sua opinião no decorrer das aulas os formadores tiveram em consideração os saberes /experiências prévias e a linguagem cotidiana dos formandos? Se acha que sim, pode dar-me algum exemplo ou exemplos de como ocorreu? Se acha que isso não se fez , por que razão ou razões acha que isso não foi feito?	Sim, Construção conjunta, contexto e experiência	Sim, prática, troca experiências	Sim, Casos quotidianos, Relatos, acessibilidade	Aplicabilidade na realidade quotidiana - Score Médio 4,38 O EMPRETEC e os seus conteúdos de aprendizagem eram aplicáveis à realidade quotidiana dos formandos - Score Médio 4,49
2.4 Sabe dizer-me se no decorrer das aulas do curso, se costuma partir dos problemas quotidianos e dos desafios e motivações dos formandos (ênfase em formandos)? Se acha que sim pode dar-me algum exemplo ou exemplos de como isso ocorre? Se sabe	Sim, partilha de experiências	Sim, vivência, partilha	Sim, compartilhar experiências	O EMPRETEC desenrolou-se a partir de temas e problemas do quotidiano do formando - Score Médio 4,21

Questões	Quali			Quanti
	Gestor	Formador	EMPRETECo	EMPRETECo
se acha que não, as razões que isso não ocorre?				
2.5 No processo educativo/formativo implementado no curso, foi dada autonomia e responsabilidade aos formandos para realizarem as suas aprendizagens? Se sim, pode dizer-me de que forma essa autonomia e responsabilidade foi dada aos formandos? Se isso não se fez, por que razão ou razões acha que isso não foi feito?	Sim, Responsabilidade e, Autonomia	Sim, liberdade, responsabilidade	Sim, autonomia, responsabilidade	Autonomia e Independência Score Médio 4,56 Gosta de sentir independente? Score Médio 4,54
2.6 No processo educativo/formativo implementado no curso proporcionou-se a participação ativa dos formandos? Se sim, pode dizer-	Sim, Avaliação, estímulo, exposição, exigências	Sim, crítica, experimentação, dinâmicas	Sim, Atividades, Esclarecimento dúvidas, perguntas	No EMPRETEC o processo educativo/formativo promoveu a participação

Questões	Quali			Quanti
	Gestor	Formador	EMPRETECo	EMPRETECo
me de que forma ou formas tal ocorreu? Se acha que isso não se fez, pode dizer-me por que acha que não se fez?				ativa dos formandos Score Médio 4,73
2.7 O processo educativo/formativo implementado no curso proporcionou, promoveu a cooperação entre os formandos? Se acha que sim, pode dizer-me de que forma ou formas isto ocorreu? Se acha que isso não se fez, pode dizer-me por que isso não se fez?	Sim, Cooperação e participação ativa	Sim, atividades em grupo, colaboração	Sim, trabalho em equipe	Cooperação Score Médio 4,71
2.8 O processo educativo/formativo implementado no curso baseou-se no diálogo, na reciprocidade e confiança mútua entre formadores e formandos? Se acha que sim, pode dizer-me de que forma ou formas isto ocorreu? Se acha que isso	Sim, ambiente propício, diálogo, reciprocidade, confiança	Sim, comunicação, diálogo, reciprocidade, confiança	Sim, diálogo, reciprocidade, confiança	Diálogo e comunicação entre formadores - Score Médio 4,59 Reciprocidad e e mútua confiança - Score Médio 4,49

Questões	Quali			Quanti
	Gestor	Formador	EMPRETECo	EMPRETECo
não se fez, pode dizer-me por que acha que isso não se fez?				
2.9 Durante a sua frequência do curso notou que existia evasão dos empretecos? Ou seja, alguém desistiu no início do curso?	Sim, baixa	Sim, baixíssima	Sim, baixa	
2.10 Acredita que a carga horária oferecida pelo programa é satisfatória para o conhecimento e competências que se pretende desenvolver nos formandos? Por quê?	Satisfatória	Satisfatória	mais ou menos Satisfatória	
3.1 Em sua opinião, qual ou quais os maiores contributos do EMPRETEC/SEBRA E para a sua vida?	Melhoria na Gestão e comportamento	Capacitação, Planeamento, Autoconfiança	Aprendizagem, Sucesso, Planeamento, Autoconfiança	

Questões	Quali			Quanti
	Gestor	Formador	EMPRETECo	EMPRETECo
3.2 Em sua opinião, o curso contribuiu para a melhoria da sua condição econômica e profissional? Por quê?	Sim, condição econômica e profissional, faturamento	Sim, condição econômica e profissional, Faturamento, novos clientes, contratação	Sim, condição econômica e profissional, contratação, maior receita e disciplina financeira	Identificação de fontes de recursos financeiros - Score Médio 2,56 Controles contábeis e financeiros - Score Médio 2,66
3.3 Em sua opinião, o curso prepara para perceber e criar novas oportunidades empreendedoras no negócio que já possuía? E/ou para criar novas oportunidades empreendedoras de novos negócios? Por quê?	Sim, noção mais clara dos Riscos, necessidade de mudança de comportamento e estratégias	Sim, envolvimento, oportunidade, necessidades, conceitos, inovação, problemas e viabilidade	Sim, visão, coragem, oportunidades, inovação	Identificação de novas oportunidades - Score Médio 3,34 3.3 Visão de Mercado - Score Médio 3,32
3.4 Você acredita que houve alguma mudança no perfil dos participantes do EMPRETEC ao longo dos anos? Por quê?	Sim, mais competitividade, mais mulheres e mais estudantes	Sim, competências empreendedoras, confiança, maturidade e empoderamento	-	Competência administrativa inovadora - Score Médio 2,94 Inovação de produtos - Score Médio 3,10

Questões	Quali			Quanti
	Gestor	Formador	EMPRETECo	EMPRETECo
3.5 Em sua opinião a formação EMPRETEC pode ser associada ao sucesso profissional dos formandos? Por quê?	Sim, tendências, consciência e ferramentas	Sim, escolhas, metas, avaliar riscos, assimilação da formação	Sim, -	
3.6 Tem sugestões a dar de melhoria quanto a futuras formações do EMPRETEC?	Formação para Gestão e mais um segundo momento EMPRETEC , EMPRETEC 2	Metodologia, Novos conceitos, novas formas de aprendizagem, ex: e-learning	Aumentar carga horária e, outros horários, mais formação complementar com reciclagem constante e acompanhamento pós-curso	

3.3 Análise Qualitativa – Categorias temáticas

A partir dos dados do Quadro 15, na análise qualitativa, foram analisadas as três categorias temáticas para que se pudessem descrever adequadamente pontos fortes e fracos do processo educativo/formativo do EMPRETEC a que os participantes da pesquisa haviam sido submetidos, a partir de entrevistas com formadores e gestores.

Na primeira categoria, composta por três subcategorias, objetivou-se identificar as ações do EMPRETEC no processo educativo/formativo dos formandos do SEBRAE.

Na subcategoria 1.1, EMPRETECos, formadores e gestores foram inquiridos sobre a utilização e valorização dos saberes prévios e da linguagem cotidiana dos formandos durante o processo educativo/formativo.

Segundo os três gestores, saberes, experiências prévias e a linguagem cotidiana dos formandos foram valorizadas no decorrer das aulas, com especial enfoque

na partilha para a construção conjunta e compilada das experiências empresariais dos formandos. O trecho exemplifica a opinião deles:

“... então as experiências que ele tem, sobretudo as experiências empresariais que é o foco do programa são muito importantes” (Gestor 3).

Todos os formadores afirmaram terem zelado por investigar e estimular os formandos a apresentarem seus saberes, suas experiências e sua linguagem nas aulas, apresentando sempre exemplos e casos práticos e promovendo um contato individualizado. A resposta de um formador exemplifica essa opinião:

Isso aí é uma chave da experiência de ministrar o seminário. Se você consegue que os exemplos dos comportamentos empreendedores, os conhecimentos vindo os exemplos dos participantes, o seminário vai ficando mais rico. Então é um desafio. Se você for construir um módulo, discutir um módulo de busca de oportunidades, se você conseguir trabalhar aquele módulo 100% dos exemplos dos participantes valida muito mais, pra quem deu o exemplo e pros outros participantes (Formador 1).

Todos os formandos responderam afirmativamente a esta questão, explicando como os facilitadores/formadores usaram uma linguagem acessível, exemplificaram empregando casos quotidianos, tiveram em conta a identidade pessoal e profissional dos formandos e atribuíram importância dos seus relatos. A afirmação transcrita a seguir exemplifica a opinião do EMPRETECo 8.

Sim. E o exemplo que dou é sobre os facilitadores sempre perguntarem da vida profissional dos participantes. Se eles conseguiram visualizar ou então conseguiram fazer alguma analogia entre a sua vida profissional, algum acontecimento da sua vida profissional e o que tava sendo relatado no curso (EMPRETECo 8).

Na segunda subcategoria, referida como 1.2, buscou-se identificar junto a gestores, formadores e EMPRETECos a forma e a intensidade com que o Programa do EMPRETEC enfatizou a problematização de situações quotidianas, desafios e motivações dos seus formandos.

Durante o processo de entrevista, e analisando-se as falas obtidas, após leitura flutuante, observou-se que todos os gestores concordaram que, no decorrer das aulas, se

tinham em conta os problemas quotidianos e desafios dos formandos, dando-se especial atenção à partilha de experiências empresariais, como afirmado pelo Gestor 1:

... todo esse material de cada experiência de cada empresário é utilizado dentro do contexto do curso (Gestor 1).

Já, segundo os formadores, as aulas tinham em conta os problemas diários, desafios e motivações dos formandos. Foi dado destaque à necessidade de compreender as diferentes realidades e vivências e de escutar as experiências. Nessa etapa de construção dos saberes, pelos formadores, são dados como exemplos alguns exercícios e sessões de trocas de experiências. Observe-se a afirmação do Formador 9:

Sim! E isso faz parte da própria metodologia né. Inclusive no primeiro momento nós trabalhamos as expectativas dos participantes, quando eles chegam no seminário EMPRETEC, né? E aí o seminário todinho ele é desenvolvido em cima daquelas expectativas pra que elas sejam alcançadas. E a gente sempre deixa claro que o alcance das daquelas expectativas é de responsabilidade pura e inteiramente de cada um dos participantes (Formador 9).

Já os EMPRETECOs concordaram que, no decorrer das aulas, partiram dos seus problemas quotidianos e dos seus desafios e motivações. Foram feitas várias menções à constante apresentação de exemplos, relatos, e compartilhamento de experiências. No entanto também se registrou uma resposta negativa a esta questão, salientando que o curso pecava por enaltecer somente os casos de sucesso.

Eu acho que sim, eu acho até que ele é um curso onde a pessoa no final descobre se é empreendedor ou não, de verdade. Então eu acho que foi trabalhada a capacidade de cada um. Acho que eles foram sensível à carência de cada um. E, e acho que cada um deve ter conseguido o objetivo que queria (EMPRETECo 3).

Não, não ele, eu. No meu ponto de vista eles abordam mais os casos de sucesso (EMPRETECo 12).

Ainda buscando identificar a forma pela qual as premissas do empreendedorismo foram obedecidas no Programa EMPRETEC investigado, na terceira subcategoria, denominada 1.3, inquiriram-se gestores, formadores e EMPRETECos quanto ao processo educativo/formativo estimular o desenvolvimento de autonomia e responsabilidade aos formandos nas atividades de aprendizagem.

Todos os gestores responderam afirmativamente. Segundo os gestores, os formandos, ao usufruírem de autonomia e liberdade, são também chamados à responsabilidade, tal como se exemplifica com a fala transcrita do Gestor 2.

...então o curso trabalha muito, muito mesmo assim... o seu eu empreendedor chama você à responsabilidade (Gestor 2).

De acordo com os formadores, foi sempre valorizada a autonomia, dando-se sempre liberdade aos alunos para fazerem as suas escolhas ressaltando a sua responsabilidade e o princípio da andragogia e da heutagogia, tal como afirmou o Formador 10:

O adulto ele só aprende o que quer, adulto só faz o que quer e quanto maior a competência que ele tem pra relacionar o novo com o que ele já conhece, melhor o aprendizado. Então é esse o princípio da andragogia. É sempre respeitado e muito respeitado durante o ambiente seminário. E tem total autonomia: o que ele quer participar ele participa; o que ele não quer participar ele não participa (Formador 10).

Os formandos afirmaram que se sentiram autônomos, livres e responsáveis quando da realização das atividades promovidas durante o curso, em decorrência de a metodologia do Programa estimular a participação e valorizar suas experiências.

Todo o andamento do curso né, ele tava diretamente ligado à participação do formando. Era sempre... Eram sempre questões abordadas em cima das nossas experiências e do que a gente já tinha de conhecimento prévio (EMPRETECo 8).

Da associação entre os dados quantitativos e qualitativos, resultou identificar modificação da situação laboral dos formandos após o curso. Solicitados a relatar seu

percurso profissional desde o primeiro emprego até o período da entrevista, de uma forma geral, pode-se dizer ter sido heterogêneo. Muitos deles foram influenciados por um negócio de família e por estágios, além da vivência laboral. O desfecho desse percurso resultou, em grande parte dos casos, em uma iniciativa empreendedora, de tal forma que predominaram EMPRETECos se classificando como empresários, bem como afirmando assumir cargo de gestão ou direção.

Identificada a contribuição da metodologia empregada no Programa EMPRETEC para a formação de autonomia, modificação comportamental e desenvolvimento de empreendedorismo, na segunda categoria buscou-se determinar, com base nas opiniões de gestores, formadores e EMPRETECos, o impacto do EMPRETEC na vida pessoal e profissional dos EMPRETECos formados no SEBRAE – Recife – PE/Brasil (2012-2013).

Assim, na subcategoria 2.1, relativa aos contributos do Programa EMPRETEC – SEBRAE na vida do formando, de um modo geral, os gestores entrevistados acharam que o EMPRETEC/SEBRAE trouxe melhorias no comportamento e na gestão do negócio, opinião exemplificada pela fala transcrita do Gestor 3.

A gente tem várias pesquisas durante esses 20 anos aí de curso... que os próprios empretecos falam... eu diminui o desperdício da minha empresa, eu contratei mais funcionários, eu aumentei a minha lucratividade (Gestor 3).

A capacitação para a tomada de decisões, de planejamento e de traçar rumos foi, na ótica dos formadores, a contribuição mais frequente do EMPRETEC/SEBRAE para a vida dos formandos. Existem também menções ao conhecimento, autoconfiança, autoestima, independência, reflexão como outras contribuições importantes.

... ele sai do seminário EMPRETEC sabendo o que é uma meta, como definir meta... as pessoas não conseguem os seus objetivos empresariais porque não sabem nem quais são. Então ele tem que sair com isso muito bem definido. Então, só o fato de definir o que é meta e saber como se comportar de uma forma empreendedora pra alcançá-la (Formador 10).

Quando chamados a dizer quais os maiores contributos do EMPRETEC/SEBRAE para a sua vida, os formandos deram enfoque não só no sucesso, mas também na importância do conhecimento e aprendizagem adquirida.

... acho que assim, o conhecimento do que onde você pode chegar, de onde, o reconhecimento disso, de onde você pode chegar, o que você pode, onde você pode capacitar sua empresa (EMPRETECo 12).

Na subcategoria 2.2, visando a constatar as contribuições do curso na melhoria econômico-profissional dos formandos, os gestores entenderam ter havido tal contribuição, materializada pelo aumento de renda e pela redução de demissão de funcionários, como se observa na fala transcrita do Gestor 1.

Com certeza! Com certeza! Por que o EMPRETECo ele aumenta o faturamento dele depois do curso, Porque ele demite menos, por que ele tem mais consciência do que é a sua empresa e como deve conduzir o seu negócio (Gestor 1).

Na opinião dos formadores, o curso melhorou a condição econômica e profissional dos formandos, com perspectivas de crescimento com mais negócios, mais faturamento, mais contratação e novos clientes. Também se fizeram referências a melhorias na vida financeira, profissional e no alcance do sucesso.

Ah... sim! E muitos casos, comigo mesmo inclusive, falando como participante, falando com vários colegas que fizeram o seminário EMPRETEC, ai aumentou o faturamento, aumentou a lucratividade, ah... conseguiu arrumar mais parcerias, conseguiu vender mais, organizar a empresa, conseguiu lidar melhor com funcionários, com fornecedores, com sócios e por aí vai. Então tudo isso é saudável pro negócio, né? Então queira ou não queira você acaba gerando mais empregos, gera mais renda, movimenta a economia (Formador 8).

Na opinião dos formandos, o curso contribuiu para a melhoria da sua condição econômica e profissional, visto que estes obtiveram assim uma abordagem mais profissional ao seu negócio, e conseguiram resultados melhores consubstanciados em maior receita, disciplina financeira mais rigorosa e mais contratações.

Sim, por quê? Porque depois do curso eu mudei muito as estratégias que eu estava fazendo, muitas eram erradas, e, e com

isso o meu, o meu negócio aumentou e aumentando eu tive que obter mais funcionários e minha receita também aumentou (EMPRETECo 18).

Na terceira subcategoria, denominada 2.3, buscou-se identificar a contribuição do Programa para a construção ou reconstrução da percepção e da criação de novas oportunidades empreendedoras.

Segundo a opinião dos gestores, os EMPRETECos saíram do curso preparados para perceberem e criarem nova oportunidade empreendedora no negócio, na medida em que passam a ter uma noção mais clara do risco e da necessidade de mudança de comportamentos e estratégias.

Sim! Eles saem preparados e. é quando não estão exatamente preparados, saem preparados para buscar alternativas que possam ajudá-los não é, a desenvolver esses negócios (Gestor 2).

Segundo os formadores, os EMPRETECos saem do curso com maior propensão a criar novas oportunidades de negócio, tendo maior envolvimento e noção da oportunidade, quando se trata de avaliar necessidades, conceitos, inovação, problemas e viabilidade.

Sim. Focado muito dentro de um dos objetivos que é trabalhar claramente, no seminário EMPRETEC mais especificamente na manhã do segundo dia, que é busca de oportunidades, onde se trabalha muito esse conceito. De focar em problemas, necessidades, oportunidades (Formador 3).

... principalmente por que hoje se trabalha muito a questão da inovação, que foi uma das atualizações de metodologia. Então se explora muito a necessidade de inovar e buscar novas oportunidades no mercado atual né, que é bastante competitivo (Formador 4).

Na ótica dos formandos, o curso preparou para a percepção de novas oportunidades empreendedoras no negócio. Contribuiu conferindo coragem e abrindo a mente para uma nova visão com novas perspectivas de estruturar o negócio. Apenas os formandos que não tinham negócio responderam negativamente à questão.

Porque me deu uma visão mais profissional, mais organizada né, de como implantar as coisas dentro da empresa (EMPRETECo 3).

Não, porque eu não possuía negócio nenhum. O que o EMPRETEC fez por mim foi apontar as deficiências que eu tinha pra poder desenvolver. Mas eu não tinha negócio. Eu era funcionária (EMPRETECo 2).

Investigados os aspectos conceituais, buscou-se na subcategoria 2.4 identificar a associação do Programa EMPRETEC ao sucesso profissional dos formandos.

Segundo os gestores, a formação EMPRETEC pode ser associada ao sucesso profissional dos formandos. Os formandos ficam com uma noção mais clara da qualidade, das ferramentas e do pensamento que impulsiona o sucesso.

Sim! Eu entendo que eles têm a oportunidade, eles têm oportunidade de pensar, de refletir, sobre o seu perfil empreendedor e o que é necessário para a partir de então dar um salto de qualidade e é de melhorias para o seu negócio para quem já tem e pra quem não tem (Gestor 2).

Quase todos os formadores responderam afirmativamente a esta questão, declarando que o EMPRETEC potencializou a capacidade de fazer escolhas, de estabelecer metas e de avaliar riscos. No entanto alguns formadores manifestaram que essa associação com o sucesso profissional depende da assimilação da formação.

... pode e deve ser associada ao sucesso! Primeiro que eles começam a se conhecer, mais do seu perfil empreendedor. Depois eles começam a estabelecer metas e objetivos. Depois eles começam a se comportar como os empreendedores de sucesso, como se comportam pra atingir suas metas e seus objetivos. E isso é o caminho do sucesso, dependendo do que cada um entende como sucesso (Formador 10).

Metade dos formandos consideram-se pessoas de sucesso profissional. A formação EMPRETEC foi considerada como uma alavanca para o sucesso. A outra metade dos entrevistados não se considera bem sucedida profissionalmente, mas estão buscando o sucesso, admitindo que a formação EMPRETEC possa abrir essa caminhada.

Ele pode sim tá associado porque é o que eu lhe disse, né? Ele me

ajudou a me descobrir como empresária. O meu potencial, o meu dom, se eu gosto se eu não gosto de fazer (EMPRETECo 3).

Ainda não, mas estou caminhado pra sim (EMPRETECo 12).

Em síntese, os resultados indicam que o curso EMPRETEC cumpriu os seus objetivos de despertar um comportamento empreendedor e estimular os formandos para contribuírem para com o crescimento econômico do país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal desta pesquisa foi avaliar o impacto do Programa de Formação de Empreendedores – EMPRETEC – na vida profissional dos EMPRETECos formados no SEBRAE – Recife/PE. A motivação para a pesquisa surgiu do interesse e afinidade do pesquisador com a educação e formação empreendedora, iniciada a partir da sua participação no Programa (Anexo C).

O impacto do Programa Empretec na vida profissional dos EMPRETECos se desdobra em vários aspectos, tais como: constituir empresa, mudar de ramo de atuação e expandir a empresa que já possui. Este impacto foi avaliado através dos questionários e das entrevistas realizadas com esses profissionais.

Caracterização dos formandos

A análise dos questionários apontou para um grupo de formandos (EMPRETECos) com características predominantemente do sexo masculino e que estão na faixa etária, com idade entre 25 a 50 anos e com grau de instrução mais elevado com terceiro grau completo e pós-graduação. Observam-se também nos seminários a presença de participantes que já possuem seu próprio empreendimento e vão em busca de maior qualificação no sentido de expandir seus negócios, ou até mesmo, de mudar o seu ramo de atividade, confirmando o conceito de empreendedorismo utilizado pelo GEM (2013).

A formação acadêmica de terceiro grau dentre os EMPRETECos pode ter atuado como fator favorecedor à busca pelo Programa, uma vez que a mudança de proposta profissional é mais bem percebida com o aumento da cultura geral. A construção do conhecimento é facilitada a esse contingente até mesmo pelo acesso mais frequente a outras fontes de informação.

Essa realidade descrita reitera as considerações de Wickert (2011) e Barretto (2013), de que o SEBRAE é uma instituição voltada para empreendedores com o curso do EMPRETEC como uma das suas funções educadoras para formação de indivíduos, o

que ajuda a despertar e desenvolver os potenciais empreendedores entre seus formandos.

Avaliações da proposta do curso na formação empreendedora

A partir dos dados quantitativos e qualitativos desta tese pode-se afirmar que o Programa de Formação de Empreendedores – EMPRETEC exerceu impacto na vida profissional dos formados no SEBRAE – Recife, corroborando pesquisas nacionais e internacionais. Essa assertiva foi comprovada ao se constatar um aumento do número de donos do próprio negócio, a declaração de aumento de renda, de margem de lucro e de empregabilidade.

Ao comprovar o impacto do EMPRETEC na vida dos formandos, é propício analisar as avaliações da sua proposta de formação empreendedora segundo a opinião de gestores, formadores e participantes do Programa. Essa análise vem ao encontro da sugestão enunciada por Chepureenko (2015), ao afirmar que o empreendedorismo carece de pesquisas principalmente em países com economia em transição e mercados emergentes, aspectos pelos quais o Brasil tem sido caracterizado. Admite-se que as pesquisas em empreendedorismo ainda são desafiadoras. Há um grande número de aspectos a serem detalhados para que, no futuro, o empreendedorismo venha a ser considerado uma nova área do saber, com características próprias (Chepureenko, 2015).

A proposta de formação aplicada no EMPRETEC do SEBRAE – Recife foi considerada adequada quanto à carga horária pelos participantes. Todavia devem-se analisar dois aspectos atinentes ao dimensionamento da duração do curso. Em primeiro lugar, ela deve atender às necessidades técnicas de construir com os formandos um cabedal de conhecimentos básicos indispensáveis para o desenvolvimento do empreendedorismo. Em segundo lugar, deve estar de acordo com a disponibilidade de tempo dos participantes. No entanto Alvim e Loiola (2010), em estudo sobre a avaliação do impacto do EMPRETEC na vida pessoal e profissional dos formandos, alertam que se deve associar a esses dois aspectos a treinabilidade das competências, o que convida a considerar que a avaliação da carga horária realizada pelos formandos deve ser interpretada com ressalva.

A formação para o empreendedorismo, segundo Kakouris (2015) e Harkema e Popescu (2015), necessariamente deve possibilitar a inclusão ou a exclusão de tópicos, para conferir dinâmica ao treinamento no atendimento das evidências mais recentes. Dessa forma, uma carga horária considerada adequada em um dado contexto, pode se comportar como inadequada, quando novas exigências de mercado precisam ser obedecidas no treinamento de empreendedorismo (Chepureno, 2015).

Um exemplo dessa afirmação é a introdução do *design thinking* como técnica de planejamento e concepção de novos negócios, no empreendedorismo, o que exige raciocínio abdutivo (Balem *et al.*, 2011, Gonzalez & Haselager, 2012).

Optou-se por considerar o efeito do Programa de formação EMPRETEC na orientação empreendedora profissional daqueles que o frequentaram a partir das pontuações atribuídas pelos formandos às dimensões de competência administrativa/inovadora, gerenciamento humano e cooperativo e gerenciamento e avaliação do desempenho do EMPRETEC para o negócio.

Metodologia do curso

Da comparação dos achados sobre a utilização e valorização dos saberes prévios e da linguagem cotidiana dos formandos durante o processo educativo/formativo com outros estudos, que corroboram com o pensamento proposto, identifica-se, tal como Fonseca e Muylder (2010), que a metodologia do EMPRETEC é baseada em situações vivenciais práticas e explora cada um dos comportamentos.

Senna (2010, p. 26) afirma que:

[...] o processo educacional necessita ser conjugado ao empreendedorismo. É imperioso que se crie uma educação empreendedora para todas as áreas da atividade humana e que seja expandida pela figura do educador – empreendedor ou do empreendedor – educador. O empreendedor é alguém capaz de fazer algo por esforço próprio e de promover mudanças, por isso, nunca o empreendedorismo precisou tanto da educação e nunca a educação precisou tanto do empreendedorismo. O desafio é oferecer uma educação empreendedora que sirva a todos os alunos, para que sejam competentes em empreender suas próprias vidas e constituir uma nova sociedade empreendedora. É através da educação que o empreendedorismo brasileiro pode sair ganhando. É através do empreendedorismo na escola que a educação brasileira pode sair ganhando enormemente.

Na análise do pensamento crítico de Coelho (2011, p. 67), existem alguns fatores que podem levar a modificações no cerne dos indivíduos, e isso é facilitado quando é estimulada a motivação.

O desenvolvimento de competências depende dos motivos humanos que traduzem o significado do novo conteúdo, de forma a estimular novos comportamentos, e que fatores como conhecimento, habilidades e atitudes combinados com as motivações contribuem para a transição de um modelo comportamental para outro.

Da investigação da forma e da intensidade com que o Programa do EMPRETEC enfatizou a problematização de situações quotidianas, desafios e motivações dos seus formandos, corroborou-se que a capacidade de gerar conhecimento e transformá-lo em riqueza e desenvolvimento social – metas impostergáveis para a própria sobrevivência dos países – depende da ação de agentes institucionais responsáveis por gerar e aplicar conhecimento (Paletta, 2008). Reiterando esse pensamento, de atitudes e práticas docentes, Carvalho (2015), em seus estudos, afirma que:

O educador pode e deve aprimorar sua prática apropriando-se de instrumentos de mediação com vistas à promoção do desenvolvimento do educando. A atividade de ensino do professor, conectada à atividade de aprendizagem do aluno, deve propiciar a aquisição do pensamento teórico-científico e, por consequência, a ampliação do desenvolvimento mental dos alunos. Isso implica reconhecer que a mediação docente começa muito antes da aula propriamente dita. Seu início ocorre já na organização da atividade de ensino, quando se planejam situações de comunicação prática e verbal entre professor e alunos, entre alunos e alunos em torno das intervenções com o objetivo da aprendizagem.

Estímulo ao desenvolvimento de características empreendedoras

As afirmações de gestores, formadores e EMPRETECos sobre o estímulo ao desenvolvimento de autonomia e responsabilidade aos formandos nas atividades de aprendizagem indicaram que o Programa obedecia aos princípios de aprendizagem de adultos uma vez que para a educação/formação empreendedora exigiram dos instrutores mais do que um simples repasse de conhecimentos. Houve consonância no trabalho dos formadores, valendo-se do facto de adultos, ao participarem de programas de

treinamento, buscarem mais que a simples aquisição de habilidades ou conhecimentos. Formadores e gestores buscaram estimular o desenvolvimento holístico da capacidade de exercitar a independência para questionar, argumentar e criticar valores, para construir novos conhecimentos, opiniões e valores, portanto valendo-se dos princípios da heutagogia. Parece adequado afirmar que o Programa buscou ofertar uma aprendizagem autodeterminada estimulando o debate entre professor e aluno a partir da vivência do aluno (Hase & Kenyon, 2012; Bhaska, 2015; Blaschke, 2012; Harkema & Popescu, 2015).

Essa afirmação está patente na fala do Formador 10, quando entende que “O adulto ele só aprende o que quer, adulto só faz o que quer e quanto maior a competência que ele tem pra relacionar o novo com o que ele já conhece, melhor o aprendizado”.

A obediência aos princípios da heutagogia ficou patente também na afirmação do gestor e do EMPRETECo, apontando para a construção de um conhecimento associado à aplicabilidade, praticidade e criatividade, para desenvolvimento da habilidade de usar competências (Hase & Kenyon, 2012; Bhaska, 2015; Blaschke, 2012; Eckert *et al.*, 2013).

Os dados relativos às entrevistas com gestores, formadores e EMPRETECos apontaram para um aspecto positivo, dentre os critérios avaliatórios do EMPRETEC admitidos neste estudo, que se constituiu na facilitação do desenvolvimento de um comportamento empreendedor, tal como relata Leite (2011, p. 46), nos resultados da sua pesquisa:

O empreendedor tem um modelo, uma pessoa que o influencia. Tem iniciativa, autonomia, autoconfiança, otimismo, necessidade de realização. Trabalha de forma independente. É um trabalhador incansável. Aceita o dinheiro como uma das medidas do seu desempenho. Sabe fixar metas e alcançá-las. É orientado por resultados, para o futuro, para o longo prazo. Cultiva a imaginação e aprende a definir visões. Assume riscos calculados. É um líder. Traduz pensamentos em ações. Cria um método próprio de aprendizagem.

Os dados permitem afirmar que o EMPRETEC, tal como defendeu Reis (2013b), consolida-se como um importante instrumento de disseminação das características do comportamento empreendedor, contribuindo para aumentar o nível de conhecimento do empreendedor brasileiro. Apesar dos destaques em número de empreendedores, o Brasil ainda não atingiu o nível de educação de nações mais desenvolvidas.

A metodologia de ensino e aprendizagem do EMPRETEC é voltada a oferecer formação para o empreendedorismo, promovendo condições para o desenvolvimento das características do comportamento empreendedor. Dessa forma, objetiva-se incentivar a criação de novas empresas, empregos e investimentos (Coelho, 2011).

Em se tratando de melhorias adquiridas após a realização de um curso de aperfeiçoamento ou de empreendedorismo, é nítido se perceber que na vida dos formando isso se torna um *upgrade* em sua carreira profissional, pois desperta nos formandos outro senso de buscar por novos horizontes profissionais. Isso fica claro no estudo de Dias, Quixabeira e Scheuer (2015, p.6):

A experiência do cotidiano atrelada aos conhecimentos adquiridos durante a formação leva os formandos a estudarem continuamente para que possam desenvolver novas metodologias e criar soluções cada vez mais inovadoras aplicáveis nas mais diversas situações, essa necessidade de busca constante pelo conhecimento desenvolve no estudante características como: criatividade, iniciativa, determinação, proatividade, liderança, profissionalismo e capacidade de tomada de decisões.

Contribuições do curso para melhoria econômica-profissional dos EMPRETECos

No referente às contribuições do curso na melhoria econômico-profissional dos formandos, o Programa aqui analisado corroborou o contido na literatura que afirma ser a educação para o empreendedorismo indutora de atitude positiva associada à elaboração de um negócio (Lee & Wong, 2005).

Reconheceram gestores, formadores e EMPRETECos que o curso favoreceu o desenvolvimento dos formandos para identificação e aproveitamento de oportunidades, convertendo-as em realidade materializada pela criação de valores financeiros, sociais e culturais para a sociedade (Andrade & Torkomian, 2001; Bhaska, 2015; Blaschke, 2012).

Adicionalmente, ao se admitir como Freire (2002) que os indivíduos se educam a si e aos outros por meio da partilha de conhecimentos e vivências, é interessante ressaltar que a educação empreendedora pode contribuir para a propagação das competências empreendedoras por parte dos EMPRETECos, facilitando a consolidação de empreendimentos além dos seus (Rodrigues, 2009).

Ao analisar a contribuição do Programa para a construção ou reconstrução da percepção e da criação de novas oportunidades empreendedoras, pode-se afirmar que a educação empreendedora foi determinante. Motivou os participantes a adquirirem uma atitude de busca, de senso crítico e de interesse por tudo aquilo que os cerca, levando-os a identificar oportunidades, avaliá-las e serem condutores do seu próprio destino. Ao receber o estímulo empreendedor e contagiar-se pelo “germe” do “querer fazer” e do “ser capaz de fazer”, o próprio aluno terá condição de se mobilizar e de reconstruir permanentemente o seu perfil empreendedor, adaptando-se ao perfil exigido pelo mercado em constante transformação ou a agregar novas competências e habilidades (Senna, 2010, p. 23).

Sucesso profissional

Quanto à associação do Programa EMPRETEC ao sucesso profissional dos formandos, identificou-se a necessidade do desenvolvimento das características comportamentais, reconhecidamente praticadas por empreendedores de sucesso, no seu processo de criação de negócios. Analogamente, esse comportamento deve estar presente na prática de gestão da sua empresa, contribuindo assim para sua evolução e sustentabilidade, de forma a fazer frente à necessidade de uma gestão cada vez mais profissionalizada da pequena empresa. Considerando o que se observa sobre sua importância no contexto econômico de uma nação, tal comportamento influencia no crescimento da pequena empresa, considerando-o como uma orientação empreendedora (Reis, 2013a).

Observa-se significativa mudança de atitudes no aluno que conhece o conjunto de comportamentos empreendedores e entende que eles são praticados por todas as pessoas vitoriosas profissionalmente. Ele quer ir além, quer instruir-se, para aproveitar essas informações, de forma a conectá-las com as suas necessidades de intervenção no mundo. O aluno de hoje quer a provocação, a interação, a reflexão, a motivação para a sua ação de “aprender” (Senna, 2010, p. 21).

No que se refere ao sucesso profissional, Oliveira (2010, p. 46) afirma que:

[...] no campo empresarial, o sucesso pode estar relacionado com vencer o concorrente e conquistar os clientes potenciais, para assim

o empreendimento se desenvolver e prosperar, sendo algo real, que acontece de forma subjetiva na vida das pessoas.

No cenário econômico dispõe-se de habilidades/competências empreendedoras que constituem uma vantagem significativa para adquirir uma posição de destaque no mercado. Nesse contexto, é inerente saber explorar as mais diversas áreas de produção de capital. A economia criativa surge como uma nova e dinâmica forma de empreender, propondo um relacionamento entre economia e cultura que resulte em propostas lucrativas a partir da essência cultural. É nessa fusão que a educação empreendedora surge como importante (Mendonça, Silva & Rabelo, 2014 p. 1).

Limitações do estudo

Este estudo apresentou limitações, sobre as quais se passou a discorrer. Quanto à definição da amostra, a indisponibilidade de dados dos períodos de novembro e dezembro de 2013 por parte do SEBRAE limitou o tamanho amostral e pode ter se constituído em perda de oportunidade de um diagnóstico mais rigoroso do Programa.

Um segundo aspecto refere-se ao fator tempo disponível para recolha de dados por parte dos participantes gestores, formadores e EMPRETECOs. O questionário não contou com a participação de todos os componentes do Programa. Atribuímos o facto à falta de hábito de pessoas em geral participarem de pesquisas, dado não compreenderem a importância e a abrangência das informações de que dispõem.

A partir da consulta ao artigo de Alain e Liñán (2014), foram identificadas duas outras limitações relacionadas à influência do contexto econômico e dos fatores motivacionais na intenção de empreender dos formandos. Não foram pesquisados os fatores motivacionais dos formandos para criação de novos negócios, após sua participação no Programa EMPRETEC, do que decorreu também não se ter avaliado o impacto do curso no contexto econômico e na vida financeira dos formandos. Essa lacuna, todavia, motiva sugerir ao SEBRAE que investigue, em longo prazo, junto aos formandos esses dois aspectos, para melhor adequação do curso e aumento dos benefícios sociais.

Essas limitações identificadas em nossa pesquisa foram alvo de artigo mais recente de Liñán e Alain (2015), demonstrando haver diversos aspectos ainda não

investigados, variando desde aspectos metodológicos, até a avaliação das intenções, da cultura local, do contexto socioeconômico dos formandos, na decisão de empreender. Ainda que se considerem tais limitações, os dados aqui disponibilizados são relevantes para que se identifiquem contribuições para a Academia e para a formação de EMPRETECos, bem como sirvam de base para sugestões.

Sugestões

As contribuições deste estudo foram poder afirmar que a metodologia do curso viabilizou aos formandos o nascimento de um comportamento empreendedor, o que aponta para sugerir que tal metodologia deva ser adaptada, para emprego no ensino médio e nos cursos de graduação, favorecendo a formação de um número maior de pessoas com conhecimento de empreendedorismo, portanto com maior probabilidade de contribuir para o crescimento da economia. Essa sugestão encontra respaldo na experiência europeia de implantação de noções de empreendedorismo nas escolas, cujos resultados têm sido promissores (European Commission, 2016).

No entanto, com relação ao curso de empreendedorismo analisado nesta tese, há que se considerar que a formação restrita a um único período é limitada uma vez que não permite aos formandos a atualização sistemática quanto ao empreendedorismo, como também não permite aos gestores aquilatar a contribuição efetiva do curso sobre as atividades empreendedoras dos formandos. Saliente-se que a universidade não está envolvida no programa EMPRETEC.

O Programa deveria possibilitar aos interessados um segundo turno de formação, após seis meses do término da primeira etapa, para que pudessem avaliar em conjunto os benefícios auferidos a partir do curso e adquirir novos conhecimentos. Dentre esses conhecimentos é possível citar o desenvolvimento do *design thinking*, de forma a acompanhar a evolução da literatura pertinente, reduzindo os riscos de morte de empresas.

O termo *design thinking*, segundo Lockwood (2009, p. 11) pode ser definido como:

[...] essencialmente um, processo de inovação centrado no ser humano que enfatiza observação, colaboração, rápido aprendizado, visualização de ideias, rápido protótipo de conceitos e análise de negócio concorrente, o qual influencia inovação e estratégia de negócio.

Em decorrência da maior possibilidade de integração de saberes, o *design*, empregado inicialmente na criação de novos produtos para consumidores, passou a ser utilizado para geração de empreendimentos, envolvendo também os consumidores por meio de troca de informações. Balem *et al.* (2011, p. 5) explicam que o *design thinking*:

[...] produz, então uma troca de informações entre a equipe de desenvolvimento de produtos que atendessem mais adequadamente as necessidades dos consumidores finais, formando uma empatia, permitindo assim soluções coerentes e imediatas, minimizando resistências, diminuindo os riscos de fracasso e ainda, eliminando custos desnecessários de implementação.

O diferencial do emprego do *design thinking* na educação empreendedora é o uso do raciocínio abduativo, que se contrapõe ao raciocínio indutivo ou dedutivo, por:

[...] se constituir em um tipo de heurística. [...] constitui um guia para o processo de expansão de crenças. Este se inicia com a percepção de anomalias ou de problemas aparentemente insolúveis. Surpresas e dúvidas iniciam o processo abduativo de busca e geração daquelas hipóteses que, se consideradas verdadeiras, poderiam resolver os problemas em questão (Gonzalez & Haselager, 2012, p. 22).

Essa formação, denominada de segundo turno, deveria ser extensiva a gestores e formadores, uma vez que desempenham um papel de suma importância na formação de empreendedores. O emprego do *design thinking* na formação de empreendedores pode lhes informar mais adequadamente para que empreguem métodos, valores e conceitos, potencializando a solução de problemas gerenciais que podem auxiliar na formação de empresas com maior chance de sucesso.

Outro aspecto que poderia compor a segunda etapa do EMPRETEC, conforme sugerido nessa tese, seria a prática do *Business Model Canvas*, conhecido como *Canvas*, por ser uma ferramenta de planejamento estratégico, utilizando mapas visuais, possibilitando melhor avaliação do negócio. Ressalte-se que, em 2013, o SEBRAE, lançou a publicação *Cartilha - o quadro de modelo de negócios: um caminho para criar, recriar e inovar no modelo de negócios*. Todavia o conteúdo do Canvas não é ainda

ministrado no EMPRETEC, do que deriva a sugestão de, em uma segunda etapa, treinar os formandos, pra facilitar-lhes o planejamento de seus negócios (SEBRAE, 2013).

Considerando, como conceitua Liberato (2004), que a realização de um indivíduo é fruto da sua audácia, assertividade e inquietude, as quais são também características de empreendedorismo, é possível concluir que a presente pesquisa contribuiu para melhor caracterização dos formandos, possibilitando modificações na metodologia do curso de forma a aprimorar a formação em empreendedorismo.

Em síntese, os resultados desta pesquisa possibilitaram identificar que a formação empreendedora oferecida pelo SEBRAE ensejou condições para que os formandos possam desempenhar suas atividades empregando a administração empreendedora, tal como a definiu Drucker (1985). Uma administração, em que os resultados são diretos, está presente a construção de valores e sua confirmação, posto que as pessoas estejam formadas para construção de um novo futuro, empregando um processo disciplinado para a tomada de decisões eficazes com características específicas.

REFERÊNCIAS

Aires, L. (2011). *Paradigma Qualitativo e Práticas de investigação educacional*. Lisboa: Universidade Aberta.

Aiub, G. W. (2002). *Inteligência Empreendedora: uma proposta para a capacitação de multiplicadores da Cultura Empreendedora*. [Dissertação de Mestrado], Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Brasil.

Alain, F. & Liñán, F. (2014). The future of research on entrepreneurial intentions. *Journal of Business Research*, 67, 663-666.

Alvim, S. & Loiola, E. (2010). Construção e validação de escala de impacto em profundidade: o caso do EMPRETEC. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 10(1), 37-51.

Andrade, R. F. & Torkomian, A. L. V. (2001). Fatores de Influência na Estruturação de Programas de Educação Empreendedora em Instituições de Ensino Superior. *Anais do II EGEPE*, Londrina/PR. 299-311. Disponível em <http://www.egepe.com.br/geral/arquivos/edicoesAnteriores/IIIEGEPE2001/EMP2001-39.pdf>.

Ayres, K. V. (2003). Incidência de estresse e características de empreendedorismo: contribuições e ameaças ao desempenho dos empreendedores de empresas incubadas. *Anais XXVII Encontro Nacional da ANPAD*. Atibaia, São Paulo, Brasil.

Baggio, A. F. & Baggio, D. K. (2015). Empreendedorismo: conceitos e definições. *Revista de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia*, 1(1), 25-38.

Balem, F. R., Fialho, F., Cardoso, H. & Souza, R. P. L. (2011). Design thinking: conceitos e competências de um processo de estratégias direcionadas à inovação. *1º Congresso Nacional de Design*.

Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 80.

- Barretto, L. (2013). O desafio da educação empreendedora no Brasil. In.: Santos, C. A. (Coord.). *Pequenos negócios: desafios e perspectivas: educação empreendedora* (pp. 11-14). Brasília: SEBRAE.
- Bartel, G. (2010). *Análise da evolução das características comportamentais empreendedoras dos acadêmicos do curso de administração de uma IES catarinense*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Regional de Blumenau. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Programa de Pós-Graduação em Administração. Blumenau, Santa Catarina.
- Bastos, M. F. & Ribeiro, R. (2011). Educação e Empreendedorismo Social: uma metodologia de ensino para (trans)formar cidadãos. RETTA. *Revista de Educação Técnica e Tecnológica em Ciências Agrícolas*, 11(33), 573-594.
- Begali, V. J. (2005). A formação do empreendedor por escolas de Administração do ABC. [Dissertação de Mestrado], Universidade Municipal de São Caetano.
- Bhaska, P. G. (2015). Lifelong learning – learning to learn. *The Business and Management Review*, 5(4), 265-268.
- BID – Banco Interamericano de Desarrollo (2012) *Brasil*. Estrategia del BID con Brasil 2012-2014. Washington, DC: BID.
- Blaschke, L. M. (2012). Heutagogy and lifelong learning: a review of heutagogical practice and self-determined learning. *The International Review of research in open and distance learning*, 4, 56-71.
- Bogard, G. (1997). Para uma educação socializadora dos adultos (postos-chave para uma reflexão). In.: Samartino, L. e Torres, M. (Orgs.). *Educação de adultos* (3ª. ed.). Lisboa: Ministério da Educação - Departamento da Educação Básica - Núcleo de Educação Recorrente e Extra-Escolar. pp. 93-101.
- Bosma, N.S., Schott, T., Terjesen, S. A. & Kew, P. (2016). *Global Entrepreneurship Monitor 2015 to 2016: Special Report on Social Entrepreneurship*. London: Global Entrepreneurship Research Association, Acesso em 20 de julho de 2016. Disponível em www.gemconsortium.org

Braga, G. B., Teixeira, H. A., Angrazani, L. & Almeida, J. D. P. (2007). *A importância do estudo do empreendedorismo nas instituições de ensino superior*. [Trabalho apresentado à disciplina de Recursos Humanos], Universidade Presidente Antônio Carlos, Faculdade Regional de Visconde do Rio Branco, Visconde do Rio Branco.

Brasil (1988). *Constituição República Federativa do Brasil*. Disponível em: Brasília. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm.

Brasil (1996). Presidência da República. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm.

Brasil. Ministério da Educação (2000). *Lei 9.394 de 1996, Resolução CNE/CEB nº 1 de 2000 e Parecer CNE/CEB nº 11 de 2000*. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf.

Brasil. Ministério da Educação e Cultura - MEC (2002). *Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos*. Brasília:MEC, v. 1.

Brito, V. (2014). Do Empreendedorismo Empresarial ao Social. *ASN - Agência SEBRAE de Notícias*. Acesso em 10 de Fevereiro, 2014. Disponível em <http://www.agenciasebrae.com.br/noticia.kmf?noticia=2829770ecanal=40>.

Burton, M. D., Sorensen, J. B., & Dobrev, S. D. (2016). A careers perspective on entrepreneurship [Electronic version]. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 40(2), 237-247

Campelli, M. G. R., Casarotto Filho, N., Barbejat, M. , & Moritz, G. O. (2011). Empreendedorismo no Brasil: situação e tendências. *Revista de Ciências da Administração*, 13(29), 133-151.

Carvalho, G. B. (2015). A pedagogia histórico-crítica e o empreendedorismo como perspectiva de ensino na educação profissional. Bento Gonçalves: *XV Convenção de Contabilidade do Rio Grande do Sul*. Disponível em: http://www.crcrs.org.br/convencao/arquivos/trabalhos/cientificos/pedagogia_historico_critica_e_o_empreendedorismo_831.pdf.

- Chepurensky, A. (2015). Entrepreneurship Theory: new challenges and future prospects. *ForesightRussia*, 9(2), 44-57.
- Coan, M. (2011). *Educação para o empreendedorismo* [Tese de Doutorado], Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/94847/298002.pdf?sequence=1>.
- Coelho, D. (2011). *Desenvolvimento da competência planejar: um estudo com os participantes do EMPRETEC em Santa Catarina*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio-Econômico. Programa de Pós-Graduação em Administração. Florianópolis, SC.
- Collins, J. (2004). Education Techniques and lifelong learning. Principles of adult learning. *Radiographic*, 24(3), 1483-1489.
- Comissão Europeia (2003). *Livro Verde: Espírito Empresarial na Europa*. Bruxelas: Comissão das Comunidades Europeias.
- Corbellini, M. & Angonese, R. M. (2013). Adolescência administrando o futuro: uma experiência pioneira de empreendedorismo juvenil no Brasil. In.: Santos, C. A. (Coord.). *Pequenos negócios: desafios e perspectivas: educação empreendedora*. (pp. 129-150). Brasília: SEBRAE.
- Costa, A. M., Cericato, D. & Melo P. A. (2007). Empreendedorismo corporativo: uma nova estratégia para a inovação em organizações contemporâneas. *Revista de Negócios*, 12(4), 32- 43.
- Costa, R. A. T. (2015). A importância do treinamento empresarial para a formação de empreendedores : um estudo com base no EMPRETEC-AMAPÁ. *Macapá*, 5(1), 69–83.
- Custódio, F.G. & Neves, J.T.R. (2011). Presença de características empreendedoras nos discentes no início e no fim do programa de um curso de graduação em administração de empresas de uma instituição de ensino superior (IES) do setor privado. *Pensar Gestão e Administração*, 1(2), 41-51. Disponível em: http://revistapensar.com.br/administracao/pasta_upload/artigos/a41.pdf

- Dees, J. G. (1998). *O significado de empreendedorismo social*. Escola de Graduação em Administração – Universidade de Stanford.
- Deitos, R. A., & Lara, A. M. B. (2016). Educação profissional no Brasil: motivos socioeconômicos e ideológicos da política educacional. *Revista Brasileira de Educação* 21(64), 165-188.
- Di Pierro, M. C. (2010). A educação de jovens e adultos no Plano Nacional de Educação: avaliação, desafios e perspectivas. *Educação e Sociologia, Campinas*, 31(112), 939-59.
- Dias, N. S., Quixabeira, E., & Scheuer, L. (2015). Análise do comportamento empreendedor dos empresários juniores do estado do Paraná. *Congresso Internacional de Administração*. Ponta Grossa, Paraná. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:Gs-oeymUH74J:www.admpg.com.br/2015/down.php%3Fid%3D1948%26q%3D1+ecd=1ehl=pt-BRect=clnkegl=breclient=firefox-b>.
- Dolabela, F. & Fillion, L. J. (2000). *Boa ideia! E agora? Plano de Negócio, o caminho mais seguro para criar e gerenciar sua empresa*. São Paulo: Cultura Editores Associados.
- Dolabela, F. (2008a). *Oficina do empreendedor*. Rio de Janeiro: Sextante.
- Dolabela, F. (2008b). *O Segredo de Luísa: uma ideia, uma paixão e um plano de negócios: como nasce o empreendedor e se cria uma empresa*. Rio de Janeiro: Sextante.
- Dolabela, F. (2003.) *Pedagogia Empreendedora*. São Paulo: Editora de Cultura.
- Dornelas, J. C. A. (2007). *Empreendedorismo na prática: mitos e verdades do empreendedor de sucesso* Rio de Janeiro: Elsevier. Disponível em: http://www.josedornelas.com.br/wp-content/uploads/2008/02/empreendedorismo_na_pratica_capitulo_2.pdf.
- Drucker, P. F. (1985). *Innovation and Entrepreneurship*. New York: Harper e Row.
- Drucker, P. F. (1974). *O Gerente Eficaz*. São Paulo: Editora Zahar.
- Dutta, D. K. & Crossan, M. M. (2005). The nature of entrepreneurial opportunities:

understanding the process using the 4I organizational learning framework. *Entrepreneurship Theory and Practice*.

Eckert, A., Olea, P. M., Dorion, E. C. E., Mecca, M. S. & Eckert, M. G. (2013). O perfil empreendedor na graduação: um estudo comparativo entre ingressantes e concluintes. *RPCA*, 7(2), 61-76.

Endeavor Brasil (2013). *Empreendedores brasileiros: perfis e percepções*. Acesso em 20 maio de 2014. Disponível em <http://promo.endeavor.org.br/pesquisa-empreendedores-relatorio-completo>

European Commission (2012). Special Eurobarometer 393: discrimination in the EU in 2012. Acesso em 24 de outubro de 2016. Disponível em http://ec.europa.eu/public_opinion/archives/ebs/ebs_393_en.pdf

European Commission / EACEA/ Eurydice (2016). *Entrepreneurship education at school in Europe. Eurydice Report*. Luxembourg: Publications Office of the European Union.

Federighi, P. & Melo, A. (1999). *Glossário de Educação de adultos na Europa*. Lisboa: EAEA.

Fernandes, F. A., Tavares, M. S., & Malvestiti, M. (2013). Educação, trabalho, empreendedorismo: nasce o Pronatec Empreendedor In: Santos, C. A. (Coord.). *Pequenos negócios: desafios e perspectivas: educação empreendedora*. (pp. 219-226). Brasília: SEBRAE.

Ferreira Júnior, H. & Ramos, M. (2013). EMPRETEC completa 20 anos de atuação no Brasil. *ASN – Agência SEBRAE de Notícias*. Acesso em 01 de novembro, 2013. Disponível em <http://www.agenciasebrae.com.br/noticia/20617368/ultimas-noticias/empretec-completa-20-anos-de-atuacao-no-brasil/>

Fialho, F., Montibeller G. F., & Mitidieri, T. C. (2007). *Empreendedorismo na era do conhecimento*. Florianópolis: Visual Books.

Fieldhouse, D. K. (1961). Imperialism: an historiographical revision. *The Economic History Review*, 14, 187–209.

- Figueiras, J. M. & Marzo, A. (1990). *Educación de adultos – situación actual y perspectivas*. Barcelona: Editorial Horsori.
- Filion, L. (1999). Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. *Revista de Administração de Empresas*, 34(2), 5-28.
- Filion, L. (2003). *Um roteiro para desenvolver o empreendedorismo*. Acesso em 01 de novembro, 2013. Disponível em http://www.oei.es/etp/roteiro_desenvolver_empreendedorismo_filion.pdf
- Fonseca, G. & Muylder, C. F. (2010). Auto-percepção do perfil McClelland: um estudo de caso EMPRETEC. *Revista Ciências Sociais em Perspectiva*, 9(16), 1-14.
- Fonseca, J. J. S. (2002). *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC
- Forner, C., Burtet, D., Santos, R., & Morales, S. (2009). *Manual do Instrutor do Programa EMPRETEC*. Brasília: SEBRAE Nacional.
- Freire, P. (1979). *Conscientização: teoria e prática da libertação* uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez e Moraes.
- Freire, P. (2001). *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. (41ª ed). São Paulo: Cortez.
- Freire, P. (2002). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Gil, A. C. (2010). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (8ª. ed.). São Paulo: Atlas.
- Global Entrepreneurship Monitor – GEM (2010). *Entrepreneurship's Role in the Global Economy*. Acesso em 15 de dezembro de 2015. Disponível em: <http://www.gemconsortium.org/docs/266/gem-2010-global-report>.
- Global Entrepreneurship Monitor – GEM (2012). *Empreendedorismo no Brasil*. Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade – IBQ. Acesso em 15 de dezembro de 2015. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Relato301rio%20Executivo%20GEM%20Brasil%202011.pdf>.

Global Entrepreneurship Monitor – GEM (2013). *Empreendedorismo no Brasil*. Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade – IBQ. Acesso em 15 de dezembro de 2015. Disponível em: <http://www.inovarse.org/filebrowser/download/8339>.

Global Entrepreneurship Monitor - GEM (2015). *Empreendedorismo no Brasil 2015 - Relatório Executivo*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Qualidade e Produtividade, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, Centro de Empreendedorismo e Novos Negócios da Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: [http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/c6de907fe0574c8ccb36328e24b2412e/\\$File/5904.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/c6de907fe0574c8ccb36328e24b2412e/$File/5904.pdf).

Góes, A. O. S. & Brugni, T. V. (2012). Empreendedorismo social: reflexões teóricas e práticas do outro lado do atlântico – Portugal. *IX Convibra Administração – Congresso Virtual Brasileiro de Administração*.

Gomes, M. C. (2012). *Qualificar adultos em Portugal: políticas públicas e dinâmicas sociais*. Tese de Doutorado, Instituto Universitário de Lisboa. Lisboa, Portugal.

Gonzalez, M. E. Q. & Haselager, W. P. F. G. (2012). Raciocínio abduutivo, criatividade e auto-organização. *Cognitivo*, 5(nov), 22-31.

Gross, R. (2005). *Paidéia: educação, sociedade e política na Grécia antiga*. Acesso em 16 de dezembro de 2015. Disponível em http://www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia/pdf/n1/PAIDEIA_-EDUCACAO,-SOCIEDADE-E-POLITICA-NA-GRECIA-ANTIGA.pdf

Haddad, S. & Di Piero, M. C. (2000). Escolarização de jovens e adultos. *Revista Brasileira de Educação*, 14, 108-194.

Harkema, S. & Popescu, F. (2015). Entrepreneurship education for adults: a case-study. *Procedia – Social and Behavioral Sciences*, 209, 213-220.

Hase, S. & Kenyon, C. (2012). From Andragogy to Heutagogy. Acesso em 12 de dezembro de 2015. Disponível em <http://ultibase.rmit.edu.au/Articles/dec00/hase2.htm>.

Heale, R. & Twycross, A. (2015). Validity and reliability in quantitative studies. *Evidence*

Based Nursing, 18(3), 66-67.

Hisrich, R. D. & Peter, M. P. (2004). *Empreendedorismo*. Porto Alegre: Bookman.

Hisrich, R. D., Peters, R.D., & Shepherd, D.A. (2009). *Empreendedorismo*. Porto Alegre: Bookman.

Hosmer, D. W. & Lemeshow, S. (2005). *Applied Logistic Regression*. 2nd ed. London: John Willy e Sons Inc.

Jaeger, W. (1995). *Paidéia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes.

Jones, M. L. (2007). Using software to analyse qualitative data. *Journal of Qualitative Research*, 1(1), 64–76.

Kakouris, A. (2015). Entrepreneurship pedagogies in lifelong learning: emergence of criticality? *Learning, culture and Social Interaction*, 6, 87-97.

Kelley, D., Singer, S., & Herrington, M. (2015). *Global Entrepreneurship Monitor 2015/16 Global Report*. London.

Kollmann, T. & Stockmann, C. (2014). Filling the Entrepreneurial Orientation–Performance Gap: The Mediating Effects of Exploratory and Exploitative Innovations. *Entrepreneurship Theory and Practice* 38(5), 1001-1026.

Leal, A. F. (2009). *Aprender a empreender: um pilar na educação de jovens e adultos (a experiência do SEBRAE)*. Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Brasil.

Lee, L. & Wong, P. (2005). Entrepreneurship Education – A compendium of related issues. Acesso em 01 de março de 2014. Disponível em http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=856227

Lee, L., Wong, P. K., Foo, M. D., & Leung, A. (2011). Entrepreneurship intentions: the influence of organizational and individual factors. *Journal of Business Venturing*, 26, 124-36.

- Leite, A. F. M. (2011). *Empreendedorismo feminino: uma análise a partir das perspectivas da educação e das relações de gênero*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Paraíba. Programa de Pós-graduação em Educação. Disponível em: <http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/4640/1/arquivototal.pdf>.
- Leite, E. F. & Lima, R. M. (2004). O processo de formação de empreendedores: a experiência da Faculdade Integrada do Recife-FIR. *Symposium*, 1, 92-101.
- Leite, E. F. (2006). *Empreendedorismo, inovação, incubação de empresas e a lei de inovação*. Recife: Bagaço.
- Leite, E. F. (2009). *Empreendedorismo no Brasil: uma visão crítica e integrada*. Recife. Acesso em 20 de junho de 2013. Disponível em www.abenge.org.br/CobengeAnteriores/2009/artigos/572.doc_
- Liberato, A. (2004). Empreendedorismo na escola pública: despertando competências, promovendo a esperança. Acesso em 11 de novembro de 2015. Disponível em: [http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/3CBF34B0D06A6941832572B1006F3722/\\$File/Empreendedorismo%20na%20escola%20p%C3%BAblica.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/3CBF34B0D06A6941832572B1006F3722/$File/Empreendedorismo%20na%20escola%20p%C3%BAblica.pdf).
- Lima, E., Lopes, R. M., Nassif, V., & Silva, D. (2015). Opportunities to Improve Entrepreneurship Education: Contributions Considering Brazilian Challenges. *Journal of Small Business Management*, 53(4), 1033-51.
- Liñán, F. & Alain F. (2015). A systematic literature review on Entrepreneurial Intentions: Citation, Thematic Analyses, and Research Agenda. *International Entrepreneurship and Management* 11(4), 907-933.
- Liñán, F. & Fernandez-Serrano, J. (2014). National culture, entrepreneurship and economic development: Different patterns across the European Union. *Journal of Small Business and Economics*, 42, 685-92.
- Lockwood, T. (2009). *Design thinking: integrating innovation, customer experience, and brand value*. New York: Allworth Press.
- Lopes, S. P. & Souza, L. S. (2010). EJA: uma educação possível ou mera utopia?. Rio de

Janeiro: CEREJA. Acesso em 22 de dezembro de 2015. Disponível em: http://www.cereja.org.br/pdf/revista_v/Revista_SelvaPLopes.pdf.

Loureiro, A. (2006). *O trabalho, o conhecimento, os saberes e as aprendizagens dos técnicos de educação de adultos numa ONGDL - contribuições etnográficas para uma renovação da Sociologia da Educação*. Tese de Doutorado, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real.

Loureiro, A. (2008). As organizações não-governamentais de desenvolvimento local e sua prática educativa de adultos: uma análise no norte de Portugal. *Revista Brasileira de Educação*, 13(38), 221-38.

Loureiro, A. (2010). O trabalho, os saberes e as aprendizagens em técnicos de educação de adultos. *Educação, Sociedade e Culturas*, 31, 105–122.

Loureiro, A. P. & Cristóvão, A. F. A. C. (2010). The official knowledge and adult education agents: an ethnographic study of the adult education team of a local development-oriented nongovernmental organization in the North of Portugal. *Adult Education Quarterly*, 60: 419-437,

Luckesi, C.C. (2008). Planejamento e Avaliação na Escola: articulação e necessária determinação ideológica. In Luckessi, C. C. *Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos e proposições*. 19ª ed. Cap. VI. São Paulo: Cortez.

Mancini, R. F. & Yonemoto, H. W. (2014). Considerações acerca do empreendedorismo social no desenvolvimento da sociedade sustentável. *ETIC Encontro de Iniciação Científica*, 6(6). Acesso em 10 de dezembro de 2015. Disponível em <http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/view/2543/2067>

Marconi, M. D. A. & Lakatos, E. M. (2010). *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. (3ª. ed). São Paulo: Atlas.

Matias, M.A. (2010). *Relação entre características empreendedoras e múltiplas inteligências: um estudo com contadores de Minas Gerais*. Tese de Doutorado, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade. Universidade de São Paulo.

- McClelland, D. C. (1961). *The Achieving Society*. New York: Free Press.
- Melo Neto, F. P. & Fróes, C. (2002). *Empreendedorismo Social: a transição para a sociedade sustentável*. Rio de Janeiro: Qualitymark.
- Mendes, A. R. (2007). Apontamentos sobre a educação para o empreendedorismo em Portugal. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 41(3), 285-298.
- Mendonça, S.P., Silva, L. C. S., & Rabelo, V. J. (2014). O comportamento empreendedor como ferramenta de dinamização cultural no bairro Madre Deus, São Luís/MA. XI *Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia*. Acesso em 06 de dezembro de 2014. Disponível em: <http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos14/44620531.pdf>.
- Miranda, Z. C. (2012). *Uma prática efetiva e estratégica para a educação empreendedora no ensino fundamental II*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro Vila Real. Disponível em: https://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/4966/1/msc_zcmiranda.pdf.
- Moreira, J. & Silva, M. J. A. M. (2008). Empreendedorismo tecnológico: métodos e técnicas de ensino. *Management Review*, 627-37.
- Muniz, C. (2008). *Atitude empreendedora e suas dimensões: Um estudo em micro e pequenas empresas*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasil. Disponível em: file:///C:/Users/Fernando%20Coelho/Downloads/Atitude_Empreendedora_e_Suas_Dimensoes_.pdf
- Neves, E. (2010). Educação e Trabalho: uma reflexão sobre a educação profissional de jovens e adultos no Brasil. *RETTA – Revista de Educação Técnica e Tecnológica em Ciências Agrícolas*. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. 1(2),11-29.
- Neves, E. O., Guedes, C. A. M. & Santos, K. C. (2010). Empreendedorismo social e sustentabilidade: um estudo de caso sobre o projeto “mulheres em ação jogando limpo com a natureza” do IFNMG. *Revista Eletrônica de Ciências Empresariais*. 1(6),1-17.
- New Zealand Government (2013). *UC Innovation and Entrepreneurship strategy 2013-2015*. New Zealand.

- Noletto, M. J. & Werthein, J. (2004). *Pobreza e desigualdade no Brasil: traçando caminhos para a inclusão social*. Brasília: UNESCO.
- Nunes, D. P. & Souza, A. C. (2016). Pesquisa de Satisfação e Impacto – EMPRETEC. Brasília: SEBRAE.
- Oliveira, E. M. (2003). *Empreendedorismo Social no Brasil: fundamentos e estratégias*. Tese de Doutorado, Faculdade de Direito, História e Serviço Social da UNESP, Franca, Brasil.
- Oliveira, E. M. (2004). Empreendedorismo Social no Brasil: atual configuração, perspectivas e desafios – notas introdutórias. *Revista FAE*, 7(2), 9-18.
- Oliveira, J. M. (2010). *Locus de controle e a efetividade empresarial em microempresários do estado do Rio Grande do Norte*. Natal. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Programa de Pós-Graduação em Administração. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/12171/1/JoaoMO DISSERT.pdf>.
- Ouane, A., Melo, A., Cunha, C., Shepard, D., Fávero, O., & Henriques, R. (2005). *Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos*. Brasília: UNESCO, MEC.
- Paletta, F. C. (2008). *Tecnologia da informação, inovação e empreendedorismo: fatores críticos de sucesso no uso de ferramentas de gestão em empresas incubadas de base tecnológica*. [Tese de Doutorado, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares. Universidade de São Paulo. Departamento de Tecnologia Nuclear.
- Pereira, A. K. (2004). *A Educação de Jovens e Adultos*. Monografia de Especialização, Universidade Candido Mendes. Rio de Janeiro, Brasil.
- Pereira, D. (2007). Educação de jovens e adultos e educação popular: um olhar histórico sobre as políticas públicas ou ausência delas. *Eccos Revista Científica*, 9(1), 53-74.
- Pires, A. L. O. (2002). *Educação e formação ao longo da vida: análise crítica dos sistemas e dispositivos de reconhecimento e validação de aprendizagens e de*

- competências*. Tese de Doutorado, Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, Portugal.
- Polit, D.F. & Beck, C.T. (2011). *Fundamentos de Pesquisa em Enfermagem. Avaliação de Evidências para a Prática da Enfermagem*. 7ª ed. Porto Alegre: Artmed.
- Prodanov, C. C. & Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico* (2ª. ed.). Novo Hamburgo: Universidade Feevale.
- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD (2006). *Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Projeto Picadeiro Empreendedor*.
- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD (2013). *EMPRETEC completa 20 anos de capacitação de empreendedores no Brasil*, 14/06/2013. Acesso em 18 de outubro de 2013. Disponível em <http://www.pnud.org.br/Noticia.aspx?id=3733>
- Puhakka, V. (2012). Inside the Entrepreneurial Event: Creating Schemata of Opportunity for New Business. In Burger-Helmchen, T. *Entrepreneurship – Creativity and Innovative Business Models*. Rijeka: InTech Europe.
- Quintas, J. P. (2013). *O Empreendedorismo feminino: estudo no mercado de Huambo - Angola*. Universidade Fernando Pessoa.
- Reis, D. (2013a). Bendita Incubadora. *Diário de Pernambuco*, Recife, 24 abr. Seção Tecnologia. Acesso em 20 de junho de 2013. Disponível em http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/tecnologia/2013/04/24/interna_tecnologia,435737/bendita-incubadora.shtml.
- Reis, I. S. (2013b). *Comportamentos empreendedores na gestão de pequenas empresas*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal. Disponível em: https://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/3375/1/msc_isreis.pdf.
- Richardson, R. J. (2009). *Pesquisa Social: métodos e técnicas* (3ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Rodrigues, M. T. (2009). *A formação empreendedora e o empreendedor reflexivo: uma análise do Programa EMPRETEC das Nações Unidas*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil.

- Rogers, J. (1997). O que sente o estudante adulto. In.: Samartino, L. e Torres, M. (Orgs.), *Educação de adultos*, (3ª ed.). Lisboa: Ministério da Educação - Departamento da Educação Básica - Núcleo de Educação Recorrente e Extra-Escolar. EMPRETEC. 50-7.
- Romans, M. & Viladot, G. (1998). *La educación de personas adultas: cómo optimizar la práctica diaria*. Barcelona: Paidós.
- Sandroni, P. (1994). *Novo Dicionário de Economia*. São Paulo: Editora Best Seller
- Santos, B. S. (1993). *Conhecimento prudente para uma vida decente - 'um discurso sobre as ciências' revisitado*. São Paulo: Cortez.
- Santos, M. O. P. & Consolação, M. (2010). Educação Empreendedora: desafios das práticas pedagógicas na educação básica. *1º Encontro sobre Mediação Escolar e Comunitária*, Serra Negra, São Paulo, Brasil.
- Santos, P. C. F., Minuzzi, J., Lezana, Á., & Grzybovski, D. (2009). Intenção empreendedora: um estudo com empretecos catarinenses. *Revista de Estudos de Administração*, 10 (19), 7–26.
- Santos, P. O., Bispo, J. S., & Omena, M. L. R. A. (2005) O ensino de Ciências Naturais e cidadania sob a ótica de professores inseridos no programa de aceleração de aprendizagem da EJA – Educação de Jovens e Adultos. *Ciência e Educação*, 11(3), 411-426.
- Schmitt Jr., A., Beiler, G., & Walkowski, M. (2011). Empreendedorismo Social e Responsabilidade Social: uma abordagem conceitual. *VIII Convibra Administração – Congresso Virtual Brasileiro de Administração*.
- Schumpeter, A J. (1982). *Teoria do desenvolvimento econômico*. São Paulo: Abril Cultural.
- Segrillo, P. & Silva, A. (2011). Alfabetização e Letramento na Educação de Jovens e Adultos. *Revista Eventos Pedagógicos*, 2(2),201-9.
- Senna, M. A. B. (2010). Projeto A Associação do Ensino Agrícola ao Desenvolvimento de Comportamentos Empreendedores no Instituto Federal do Espírito Santo – Campus de

Alegre. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola. Disponível em: <http://cursos.ufrrj.br/posgraduacao/ppgea/files/2015/07/Miguel-Angelo-Braga-Senna.pdf>.

Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa – SEBRAE (2002). *Avaliação do Programa EMPRETEC no Brasil*. Brasília: SEBRAE.

Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa – SEBRAE (2009). *Manual do Participante EMPRETEC*. Brasília: Distrito Federal.

Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa – SEBRAE (2013). *Cartilha – o quadro de modelo de negócios: um caminho para criar, recriar e inovar em modelos de negócios*. Brasília: SEBRAE.

Silva, A. S. (1990). Educação de adultos – educação para o desenvolvimento. *Forum I da Universidade do Minho*. Braga.

Silva, G. P. & Arruda, R. A. (2012). Evasão escolar de alunos na educação de jovens e adultos – EJA. *Revista Eventos Pedagógicos*, 3(3),113-20, Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/viewFile/977/661>.

Silva, I., Abreu, N., & Vasconcelos, L. (2012). Educação de jovens e adultos: um estudo sobre as especificidades que permeiam esse seguimento educacional. *IV Colóquio Internacional – Educação e Contemporaneidade*. São Cristóvão, Sergipe, Brasil.

Silveira, D. T. & Córdova, F. P. (2009). *A pesquisa científica. Métodos de pesquisa*. Em: Gerhardt, T. E. e Silveira, D. T. [Orgs] Métodos de pesquisa. Cap. II. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Slaughter, M. P. (1996). *Entrepreneurship: economic impact and public policy implications, an overview of the field*. Report prepared for the Library of Congress Congressional Research Service. Kauffman Center for Entrepreneurial Leadership. Acesso em 17 de fevereiro de 2014. Disponível em http://www.unm.edu/~asalazar/Kauffman/Entrep_research/e_policy.pdf

Teixeira, E. R. (2007). *Dificuldades de inserção no mercado de trabalho e o espírito*

empreendedor dos engenheiros civis recém-licenciados pela UTAD. Dissertação de Mestrado, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.

Terrasêca, M., Caramelo, J., & Medina, T. (2011). Análise de discursos europeus sobre educação e formação de adultos e aprendizagem ao longo da vida. *Journal of Educators, Teachers and Trainers*, 2, 46-57.

Trigo, V. (2005). Doze Meses de Empreendedorismo. Acesso em 25 de setembro de 2016. Disponível em <http://www.janelanaweb.com/digitais/vtrigo.html>.

UNESCO (1998). *V Conferência Internacional sobre Educação de Adultos*, Lisboa, Ministério da Educação.

Valerio, A., Parton, B., & Robb, A. (2014). *Entrepreneurship education and training program around the world: dimensions for success*. Washington: International Bank for Reconstruction and Development / The World Bank.

Vidal, F. A. B. & Santos Filho, J. L.. (2003). Comportamento empreendedor do gerente proprietário influenciando na vantagem competitiva de uma empresa varejista de médio porte. *Anais do Encontro Nacional da ANPAD*. Atibaia, São Paulo, Brasil.

Wickert, M. L. S. (2011). *Referências Educacionais do SEBRAE*. (Série documentos). Brasília: SEBRAE.

Yazan, B. (2015). Three approaches to case study methods in education: yin, merriam, and stake. *The Qualitative Report*, 20(2), 134-152.

APÊNDICES

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), de uma pesquisa que apresenta um olhar atual sobre a Educação de Adultos, o empreendedorismo e a formação empreendedora e, sob este prisma, analisa o Programa de Formação de Empreendedores-EMPRETEC.

Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias (uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável). Havendo recusa você não será penalizado(a) de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o pesquisador *Fernando José Moreira Coelho* pelo e-mail: coelhocc.fernando@globocom

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: **Avaliação do impacto do Programa de Formação de Empreendedores – EMPRETEC na Vida Profissional dos EMPRETECos no SEBRAE - Recife.**

Pesquisador Responsável: Fernando José Moreira Coelho (doutorando em Ciências da Educação na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro).

Orientadores: Professor doutor Armando Paulo Ferreira Loureiro e Professora Doutora Carla Susana da Encarnação Marques.

1. Envolvimento da pesquisa: ao participar deste estudo você contribuirá para o conhecimento das concepções sobre a Educação e Formação de Adultos, o

Empreendedorismo e a Formação Empreendedora através da análise do Programa de Formação de Empreendedores-EMPRETEC por meio de seus relatos e de outros profissionais da mesma área que tenham disponibilidade de participação. É da sua liberdade a recusa e a sua participação, sendo ainda possível continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo. Sempre que quiser poderá pedir maiores informações sobre a pesquisa através do e-mail do pesquisador deste projeto.

2. Benefícios: ao participar desta pesquisa o Sr. (Sra.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, espera-se que este estudo traga informações importantes sobre o assunto abordado, de forma que o conhecimento que será construído a partir da pesquisa possa trazer implicações benéficas a comunidade, universidade, corpo docente e discente, onde o pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos, sem qualquer exposição dos participantes.

3. Confidencialidade: todas as informações fornecidas durante este estudo são estritamente confidenciais. Somente o pesquisador e os orientadores terão conhecimento dos dados.

4. Pagamento: o Sr. (Sra.) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada pago por sua participação.

Fernando José Moreira Coelho

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Eu _____,
concordo participar do estudo sobre **Avaliação do impacto do Programa de Formação de Empreendedores – EMPRETEC na Vida Profissional dos EMPRETECos no SEBRAE - Recife**. Fui devidamente informado(a) e esclarecido (a) pelo pesquisador sobre o estudo, os procedimentos nele envolvidos, assim como os possíveis benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Foi-me garantido total confidencialidade, meu nome não será citado em nenhum momento da pesquisa.

Local e data

Assinatura do(a) participante

APÊNDICE B

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO



QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

Caro EMPRETECo, meu nome é Fernando José Moreira Coelho, Doutorando em Ciências da Educação da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Portugal) e necessito das suas informações, preenchendo as questões abaixo para realização de um estudo sobre a Avaliação do Impacto do Programa de Formação de Empreendedores – EMPRETEC na Vida Profissional dos EMPRETECos Formados no SEBRAE / Recife. Sua informação é muito importante e ela é totalmente confidencial, servindo apenas para fins da pesquisa. Obrigado pela contribuição.

Parte superior do formulário



DADOS DO EMPRETECO

Em que ano fez o EMPRETEC?

- 2012
- 2013

Nome:

Telefone:

Email:

Sexo

- 1- Masculino
- 2- Feminino

Idade:

- 1- 18 a 24 anos
- 2- 25 a 34 anos
- 3- 35 a 50 anos
- 4- 51 a 64 anos
- 5- 65 ou mais anos

Grau de Instrução mais elevado

- 1- Primeiro Grau Completo
- 2- Segundo Grau Completo
- 3- Curso Técnico Completo
- 4- Terceiro Grau Incompleto
- 5- Terceiro Grau Completo
- 6- Pós-graduado

QUESTIONÁRIO

1) *Quando participou do EMPRETEC, você era:*

- 1.1- Desempregado
- 1.2- Empregado de terceiros. Com registro em carteira
- 1.3- Empregado de terceiros. Sem registro em carteira
- 1.4- Profissional liberal
- 1.5- Dono do próprio negócio
- 1.6- Aposentado
- Outro:

2) *Neste momento sua situação profissional é:*

- 2.1- Desempregado
- 2.2- Empregado de terceiros. Com registro em carteira
- 2.3- Empregado de terceiros. Sem registro em carteira
- 2.4- Profissional liberal
- 2.5- Dono do próprio negócio
- 2.6- Aposentado

Outro:

3) *Sua renda individual hoje é menor, igual ou maior do que era quando participou do EMPRETEC?*

3.1- Menor

3.2- Igual

3.3- Maior

4) *Na sua opinião, ter participado do EMPRETEC foi importante para melhorar a sua renda individual?*

4.1- Sim

4.2- Não

5) *Na sua opinião, ter participado do EMPRETEC foi importante para melhorar a sua empregabilidade?*

5.1- Sim

5.2- Não

6) *Na sua opinião, ter participado do EMPRETEC foi importante para criar e/ou melhorar o seu negócio?*

6.1- Sim

6.2- Não

6.3- Nunca possuí negócio

7) *Na sua opinião, a carga horária do EMPRETEC deveria ser aumentada?*

7.1- Sim

7.2- Não

8) *Indique o seu nível de concordância com as seguintes afirmações numa escala entre 1 (nunca) e 5 (sempre).*

1 Nunca 2 Poucas 3 Algumas 4 Muitas 5 Sempre
 Vezes Vezes Vezes

dos EMPRETECOs foram usados no processo educativo/formativo realizado.

8.6) O EMPRETEC durante o processo educativo/formativo deu autonomia aos formandos para realizarem as suas aprendizagens.

8.7) O EMPRETEC durante o processo educativo/formativo atribuiu responsabilidade aos formandos para realizarem as suas aprendizagens.

8.8) No EMPRETEC o processo educativo/formativo baseou-se nos desafios e motivações dos formandos.

1 Nunca 2 Poucas 3 Algumas 4 Muitas 5 Sempre
 Vezes Vezes Vezes

quotidiana dos
 formandos.

8.13) No EMPRETEC o
 processo
 educativo/formativo
 promovia a cooperação
 entre os formandos.

9) Refira em que medida a realização do EMPRETEC foi importante para si nos seguintes aspectos, numa escala de 1 (nada importante) a 5 (extremamente importante)

1 Nada 2 Pouco 3 4 Muito 5
 Importante Importante Importante Importante Extremamente
 Importante

9.1) Desenvolver
 a minha
 autonomia.

9.2) Aumentar o
 meu sentido de
 responsabilidade.

9.3) Desenvolver
 os meus
 conhecimentos e
 competências
 para agir

1 Nada Importante 2 Pouco Importante 3 Importante 4 Muito Importante 5 Extremamente Importante

quotidianamente.

9.4) Desenvolver os meus conhecimentos e competências para resolver situações problemáticas e incertas.

9.5) Desenvolver a confiança em mim.

9.6) Desenvolver o meu espírito crítico.

9.7) Aumentar a minha realização profissional.

9.8) Elevar a minha autoestima

10) *Você indicaria a realização do EMPRETEC para seus amigos, parceiros ou fornecedores?*

10.1- Sim

10.2- Não

11) *Seu negócio atual é o mesmo que você tinha antes de fazer o EMPRETEC?*

11.1- Sim

11.2- Não

11.3- Atualmente, não possuo negócio

11.4- Nunca possui negócio

As questões 12 a 28 deverão ser respondidas somente se você possui negócio/empresa:

12) *A sua empresa possui Cadastro Nacional de Pessoa Juridica (CNPJ)?*

12.1- Sim

12.2- Não

13) *Em que cidade e bairro sua empresa se localiza?*

Cidade

Bairro

14) *Na sua perspectiva, quais as fontes que podem induzir ao surgimento de uma ideia de negócio ou de novos serviços na sua instituição/organização?*

	1	2	3	4	5
	Insignifican	Pouco	Significan	Bastante Significa	Muitissim
	te	te	te	nte	o
					Significan
					te

14.1- O desenvolvimento de uma ideia originalmente sua.

14.2- A sua experiência num determinado mercado.

14.3- A solução para um problema particular.

14.4- Conhecimento dum determinada tecnologia.

14.5- Amigos ou familiares.

14.6- Clientes

	1 Insignificante	2 Pouco Significante	3 Significante	4 Bastante Significante	5 Muitíssimo Significante
--	------------------	----------------------	----------------	-------------------------	---------------------------

existentes ou potenciais.

14.7- Fornecedores existentes ou distribuidores.

<input type="radio"/>				
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

14.8- Potenciais ou existentes investidores.

<input type="radio"/>				
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

14.9- Identificação de novas oportunidades de negócio/serviços.

<input type="radio"/>				
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

15) Indique o seu nível de concordância com as seguintes afirmações entre 1 (nunca) e 5 (sempre).

1 Nunca	2 Poucas Vezes	3 Algumas Vezes	4 Muitas Vezes	5 Sempre
---------	-------------------	--------------------	-------------------	----------

- 18.1- Serviços
- 18.2- Comércio
- 18.3- Indústria
- 18.4- Agronegócios
- 18.5- Não Possui Empresa

19) *Quantos empregados o seu negócio tinha quando você fez o EMPRETEC?*

20) *Quantos empregados o seu negócio tem hoje?*

21) *Quando você participou do EMPRETEC, você tinha outra fonte de renda além do seu negócio?*

- 21.1- Sim
- 21.2- Não

22) *Você atualmente tem outra fonte de renda além do seu negócio?*

- 22.1- Sim
- 22.2- Não

23) *O fato de você ter feito o EMPRETEC contribuiu muito, pouco ou nada para aumentar o faturamento do seu negócio?*

- 23.1- Muito
- 23.2- Pouco
- 23.3- Nada
- 23.4- Não possuía negócio antes do curso

24) Hoje, o seu percentual de lucro sobre o faturamento do negócio é menor, igual ou maior do que era quando você fez o EMPRETEC?

- 24.1- Menor
- 24.2- Igual
- 24.3- Maior
- 24.4- Não possuía negócio antes do curso

25) O fato de você ter feito o EMPRETEC contribuiu muito, pouco ou nada para aumentar o seu percentual de lucro sobre o faturamento do negócio?

- 25.1- Muito
- 25.2- Pouco
- 25.3- Nada
- 25.4- Não possuía negócio antes do curso

26) Anualmente a sua empresa fatura:

- 26.1- Menos de R\$ 360 mil por ano
- 26.2- Entre R\$ 360 mil e R\$ 3,6 milhões por ano
- 26.3- Acima de R\$ 3,6 milhões por ano

27) A participação no EMPRETEC proporcionou ao seu negócio muita contribuição, média contribuição, pouca contribuição ou nenhuma nos aspectos a seguir:

	1- Nenhuma	2- Pouca	3- Média	4- Muita
27.1- Preparo ou atualização de metas, planos e projetos:	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
27.2- Visão de mercado:	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

	1- Nenhuma	2- Pouca	3- Média	4- Muita
27.3- Avaliação e acompanhamento de resultados:	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
27.4- Gerenciamento e capacitação de recursos humanos:	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
27.5- Controles contábeis e/ou financeiros:	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
27.6- Identificação de fontes de recursos financeiros:	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
27.7- Relacionamento e busca da satisfação do cliente:	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
27.8- Identificação de novas oportunidades:	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
27.9- Aprimoramento da qualidade de produtos:	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
27.10- Desenvolvimento de parcerias:	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
27.11- Busca de novas tecnologias:	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
27.12- Inovação de produtos:	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

28) Após a realização do EMPRETEC, qual (is) dos comportamentos empreendedores abaixo, você passou a colocar em prática no dia a dia da gestão da sua empresa?

	1 - Nunca	2 - Poucas Vezes	3 - Algumas Vezes	4 - Muitas Vezes	5 - Sempre
28.1- Busca de oportunidade e iniciativa	<input type="radio"/>				
28.2- Corre risco de forma calculada	<input type="radio"/>				
28.3- Exigência de qualidade e eficiência	<input type="radio"/>				
28.4- Persistência	<input type="radio"/>				
28.5- Comprometimento	<input type="radio"/>				
28.6- Busca de informações	<input type="radio"/>				
28.7- Estabelecimento de Metas	<input type="radio"/>				
28.8- Planejamento e monitoramento sistemático	<input type="radio"/>				
28.9- Persuasão e rede de contatos	<input type="radio"/>				

	1 - Nunca	2 - Poucas Vezes	3 - Algumas Vezes	4 - Muitas Vezes	5 - Sempre
28.10- Independência e autoconfiança	<input type="radio"/>				

APÊNDICE C

GUIÃO DE ENTREVISTA AOS EMPRETECOS/ FORMANDOS

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO



Avaliação do Impacto do Programa de Formação de Empreendedores –
EMPRETEC na vida profissional dos EMPRETECos formados no SEBRAE -
Recife

GUIÃO DE ENTREVISTA AOS EMPRETECOS/ FORMANDOS

Pré-entrevista

Apresentar os objetivos da pesquisa; significado pessoal da investigação/experiência e termo de confidencialidade.

Esclarecer que o objetivo da entrevista é aprofundar algumas das perguntas que já constavam do questionário.

Nº da entrevista:

Local/data de realização da entrevista:

Dados de Identificação

Nome :

Idade:

Sexo:

Estado civil:

Nível de escolaridade mais elevado:

Curso:

Profissão:

Ano como EMPRETECo/Formando:

I – Experiência profissional

- 1.1. De forma breve relate o seu percurso profissional (quando começou a trabalhar...)

II – EMPRETEC: processo educativo/formativo

2.1. Pode dizer-nos como se realizou o processo de formação durante o curso que frequentou (EMPRETEC-SEBRAE)? Ou seja, quais as estratégias, os métodos, os recursos utilizados no curso que frequentou?

2.2. Você acredita que as instalações físicas onde ocorre o EMPRETEC no SEBRAE – Recife são próprias para o desenvolvimento dos trabalhos para que se propõe o curso? Por quê?

2.3. Em sua opinião no decorrer aulas do curso teve-se em consideração/os formadores tiveram em consideração os saberes/experiências prévias e a linguagem cotidiana dos formandos? Se acha que sim, pode dar-me algum exemplo ou exemplos de como isso ocorreu? Se acha que isso não se fez, por que razão ou razões acha que isso não foi feito?

2.4. No decorrer das aulas do curso era costume os formadores partirem dos problemas quotidianos e dos desafios e motivações dos formandos? Se sim pode dar-me algum exemplo ou exemplos de como isso ocorreu? Se não era costume, por que razão ou razões acha que isso não foi feito?

2.5. No processo educativo/formativo implementado no curso foi dada autonomia e responsabilidade aos formandos para realizarem as suas aprendizagens? Se sim pode dizer-me de que forma essa autonomia e responsabilidade foi dada aos formandos? Se isso não se fez, por que razão ou razões acha que isso não é feito?

2.6. No processo educativo/formativo implementado no curso proporcionou-se a participação ativa dos formandos? Se sim pode dizer-me de que forma ou formas tal ocorreu? Se acha que isso não se fez pode dizer-me por que acha que não se fez?

2.7. O processo educativo/formativo implementado no curso proporcionou/promoveu a cooperação entre os formandos? Se acha que sim pode dizer-me de que forma ou formas tal ocorreu? Se acha que isso não se fez pode dizer-me por que isso não se fez?

2.8. O processo educativo/formativo implementado no curso baseou-se no diálogo, na reciprocidade e confiança mutua entre formadores e formandos? Se acha que sim pode dizer-me de que forma ou formas tal ocorreu? Se acha que isso não se fez pode dizer-me por que acha que não se fez?

2.9. Durante a sua frequência do curso notou que existia evasão dos empretecos? Se sim, indique qual(is) a(s) suas causa(s) dessa evasão em sua opinião? Se sim, considera que essa evasão foi alta?

2.10. Acredita que a carga horária oferecida pelo programa é satisfatória para o conhecimento e competências que se pretende desenvolver nos formandos? Por quê?

III -EMPRETEC: Impacto do EMPRETEC na vida (Profissional) dos EMPRETECos

3.1. Em sua opinião qual ou quais os maiores contributos do empretec - SEBRAE para a sua vida?

3.2. Em sua opinião o curso contribuiu para a melhoria da sua condição econômica e profissional? Por quê? (Esta questão só deve ser feita e ou explorada se na questão de cima o entrevistado não fizer referência a este aspecto ou se referir a ele de forma ligeira).

3.3. Em sua opinião, o curso preparou-o para perceber e criar novas oportunidades empreendedoras no negócio que já possuía e/ou para criar novas oportunidades empreendedoras de novos negócios? Por quê?

3.4. Considera ser uma pessoa de sucesso profissional? Se sim, a formação EMPRETEC pode ser associada ao seu sucesso profissional? Por quê?

3.5. Tem sugestões a dar de melhoria quanto a futuras formações no EMPRETEC?

IV - Conclusão

4.1. Gostaria de acrescentar alguma informação que considere relevante?

4.2. Em caso de necessidade de esclarecimento relacionado a alguma questão da entrevista, poderei voltar a contatá-lo?

APÊNDICE D

GUIÃO DE ENTREVISTAS AOS FORMADORES

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO



Avaliação do Impacto do Programa de Formação de Empreendedores – EMPRETEC na vida profissional dos EMPRETECOs formados no SEBRAE - Recife

GUIÃO DE ENTREVISTA AOS FORMADORES

Pré-entrevista

Apresentar os objetivos da pesquisa; significado pessoal da investigação/experiência e termo de confidencialidade.

Nº da entrevista:

Local/data de realização da entrevista:

Dados de Identificação

Nome :

Idade:

Sexo:

Estado civil:

Nível de escolaridade mais elevado:

Curso:

Profissão:

Ano como formador (2012/2013):

Tempo como formador:

I – Experiência e realização profissional na Formação (EMPRETEC – SEBRAE)

1.1. Há quantos anos trabalha como formador/a?

1.2. Há quanto tempo está envolvido/a no EMPRETEC - SEBRAE?

1.3. Como você passou a ser formador (ra) do EMPRETEC - SEBRAE?

1.4. Atualmente, qual seu tempo de dedicação ao Programa EMPRETEC - SEBRAE?
Realiza outras atividades? Quais?

1.5. Na sua opinião, qual a relação que esse trabalho como formador (ra) no EMPRETEC - SEBRAE tem com a sua experiência profissional?

1.6. E com a sua formação acadêmica? qual a relação que esse trabalho como formador (ra) no EMPRETEC - SEBRAE tem com a sua formação acadêmica?

1.7. Para ser formador/facilitador no EMPRETEC – SEBRAE, realizou/teve de realizar algum tipo de formação? Se sim, considera que essa formação foi importante?

1.8. Considera que a experiência como formador (ra) no EMPRETEC - SEBRAE contribuiu para o seu desenvolvimento profissional? Se sim, de que forma? Se não, por quê?

1.9. Sente-se realizado/a como formador (ra) do EMPRETEC - SEBRAE? Por quê?

1.10. Qual considera ser o seu maior desafio neste trabalho?

1.11. O que pensa que pode melhorar como formador/a?

II – EMPRETEC: processo educativo/formativo

2.1. Durante o curso (EMPRETEC-SEBRAE) como se desenvolve a formação que você dá aos alunos? Ou seja, quais as estratégias, os métodos, os recursos que você utiliza para realizar a formação?

2.2. Você acredita que as instalações físicas onde ocorre o EMPRETEC no SEBRAE – Recife são próprias para o desenvolvimento dos trabalhos para que se propõe o curso? Por quê?

2.3. No decorrer das suas aulas/para dar a suas aulas teve em consideração os saberes/experiências prévias e a linguagem cotidiana dos seus formandos? Se sim pode dar-me algum exemplo ou exemplos de como o fez? Se não o fez, por que razão ou razões nunca o fez?

2.4. No decorrer das suas aulas/para dar a suas aulas costumava partir dos problemas quotidianos e dos desafios e motivações dos seus formandos? Se sim pode dar-me algum exemplo ou exemplos de como o fez? Se não o fez, por que razão ou razões nunca o fez?

2.5. Considera que no processo educativo/formativo que implementou nas suas aulas era dada autonomia e responsabilidade aos formandos para eles realizarem as suas aprendizagens? Se sim, pode dizer-me como, de que forma deu essa autonomia e resposanbilidade aos formandos? Se não, por quê não o fez?

2.6. Considera que o processo educativo/formativo que implementou nas suas aulas proporcionou a participação ativa dos formandos? Se sim, pode dizer-me de que forma ou formas tal ocorreu? Se não, pode dizer-me por quê?

2.7. Considera que o processo educativo/formativo que implementou nas suas aulas proporcionou a cooperação entre os formandos? Se sim, pode dizer-me de que forma ou formas tal ocorreu? Se não, pode dizer-me por quê?

2.8. Considera que o processo educativo/formativo que implementou nas suas aulas se

baseou no diálogo, na reciprocidade e confiança mútua entre si e os seus formandos? Se sim, pode dizer-me de que forma ou formas tal ocorreu? Se não, pode dizer-me por quê?

2.9. Existe evasão dos empretecos? Se sim, indique qual(is) a(s) sua(s) causa(s) dessa evasão? Se sim, considera que essa evasão é alta?

2.10. Acredita que a carga horária oferecida pelo programa é satisfatória para o conhecimento e competências que se pretende desenvolver nos formandos? Por quê?

III – EMPRETEC: Impacto do EMPRETEC na Vida (Profissional) dos EMPRETECos Formados no SEBRAE

3.1. Em sua opinião qual ou quais os maiores contributos do empretec - SEBRAE para a vida dos formandos?

3.2. Em sua opinião o curso contribuiu para a melhoria da condição econômica e profissional dos formandos? Por quê? (Esta questão só deve ser feita e ou explorada se na questão de cima o entrevistado não fizer referência a este aspecto ou se referir a ele de forma ligeira).

3.3. Em sua opinião, os empretecos saem do curso preparados para perceber e criar novas oportunidades empreendedoras no negócio que já possuíam e/ou em novos negócios? Por quê?

3.4. Você acredita que houve alguma mudança no perfil dos participantes do EMPRETEC ao longo dos anos? Por quê?

3.5. Na sua opinião a formação EMPRETEC pode ser associada ao sucesso profissional dos formandos? Por quê?

3.6. Tem sugestões a dar de melhoria quanto a futuras formações?

IV – Conclusão

4.1. Gostaria de acrescentar alguma informação que considere relevante?

4.2. Em caso de necessidade de esclarecimento relacionado a alguma questão da entrevista, poderei voltar a contatá-lo?

APÊNDICE E

GUIÃO DE ENTREVISTA AOS GESTORES

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO



Avaliação do Impacto do Programa de Formação de Empreendedores – EMPRETEC na vida profissional dos EMPRETECcos formados no SEBRAE - Recife

GUIÃO DE ENTREVISTA AOS GESTORES

Pré-entrevista

Apresentar os objetivos da pesquisa; significado pessoal da investigação/experiência e termo de confidencialidade.

Nº da entrevista:

Local/data de realização da entrevista:

Dados de Identificação

Nome

Idade

Sexo

Estado civil

Nível de escolaridade mais elevado

Curso

Profissão

Ano como Gestor do EMPRETEC (2012/2013):

I – Experiência e realização profissional na Gestão (EMPRETEC – SEBRAE)

1.1. Há quantos anos trabalha como gestor/a?

1.2. Há quanto tempo está envolvido/a no EMPRETEC – SEBRAE como gestor/a?

1.3. Como você passou a ter o cargo de gestor/a no EMPRETEC - SEBRAE?

1.4. Atualmente, qual seu tempo de dedicação ao Programa EMPRETEC - SEBRAE?
Realiza outras atividades? Quais?

1.5. Na sua opinião, qual a relação que esse trabalho como gestor (ra) no EMPRETEC - SEBRAE tem com a sua experiência profissional prévia e/ou atual?

1.6. E com a sua formação acadêmica? qual a relação que esse trabalho como gestor/a no EMPRETEC - SEBRAE tem com a sua formação acadêmica?

1.7. Para ser gestor/a no EMPRETEC – SEBRAE, realizou/teve de realizar algum tipo de formação? Se sim, qual? Se sim, considera que essa formação foi importante?

1.8. Considera que a experiência como gestor/a no EMPRETEC - SEBRAE contribuiu para o seu desenvolvimento profissional? Se sim, de que forma? Se não, por quê?

1.9. Sente-se realizado/a como gestor/ra do EMPRETEC - SEBRAE? Por quê?

1.10. Qual considera ser o seu maior desafio neste trabalho de gestor/a do EMPRETEC - SEBRAE?

1.11. O que pensa que poderia melhorar como gestor/a?

1.12. Em sua opinião o que poderia melhorar para o bom desempenho da gestão do curso?

1.13. Em sua opinião, quais são os critérios essenciais para a seleção dos professores/formadores do programa?

1.14. Em sua opinião o que poderia melhorar o desempenho dos formadores do programa?

II – EMPRETEC: processo educativo/formativo

2.1. Tem conhecimento sobre a forma como se realiza o processo durante o curso EMPRETEC/SEBRAE, ou seja, você tem conhecimento acerca das estratégias, dos métodos, dos recursos utilizados no curso?

2.2. Você acredita que as instalações físicas onde ocorre o EMPRETEC no SEBRAE são próprias para o desenvolvimento dos trabalhos para que se propõe o curso, por quê?

2.3. Sabe dizer-me se no decorrer das aulas do curso se tem em consideração os saberes, experiências prévias e a linguagem cotidiana dos formandos? Se sabe se acha que sim, pode dar-me algum exemplo ou exemplos de como isso ocorre? Se não, também poderia dar as razões por que não é feito?

2.4. Sabe dizer-me se no decorrer das aulas do curso, se costuma partir dos problemas quotidianos e dos desafios e motivações dos formandos (ênfase em formandos)? Se acha que sim pode dar-me algum exemplo ou exemplos de como isso ocorre? Se sabe se acha que não, as razões que isso não ocorre?

2.5. Sabe dizer-me se no processo educativo-formativo implementado no curso é dada autonomia e responsabilidades aos formandos pra que eles realizem suas aprendizagens. Se sabe que sim, pode dizer-me de que forma essa autonomia e responsabilidade é dada aos formandos? Se não, por que razões isso não é feito?

2.6. Pode dizer-me se no processo educativo-formativo implementado no curso se proporciona a participação ativa dos formandos. Se sabe se acha que sim, pode dizer-me de forma ou formas tal ocorre? Se sabe se isso não se faz, pode dizer-me por quê?

2.7. Sabe dizer-me se no processo educativo-formativo implementado no curso se proporciona, promove a cooperação entre os formandos? Se sabe que acha que sim, pode dizer-me de que forma ou formas tal ocorre? Se acha que isso não ocorre pode dizer-me por quê?

2.8. Sabe dizer-me se no processo educativo-formativo implementado no curso se baseia no diálogo, na reciprocidade e confiança mútua entre os formadores (ênfase) os facilitadores e formandos?

2.9. Existe evasão dos participantes? Se sim, indique quais as causas dessa evasão.

2.10. Acredita que a carga horária oferecida pelo programa é satisfatória para o conhecimento e competências que se pretende desenvolver nos formandos?

III - EMPRETEC: Impacto do EMPRETEC na Vida (Profissional) dos EMPRETECos

3.1. Em sua opinião qual ou quais os maiores contributos, contribuições do EMPRETEC/SEBRAE para a vida dos formandos?

3.2. Em sua opinião o curso contribuiu para a melhoria da condição econômica e profissional dos formandos, hoje EMPRETECos? Por quê?

3.3. Em sua opinião os EMPRETECos saem do curso preparados para perceber e criar novas oportunidades empreendedoras no negócio que já possuíam e/ou em novos negócios? Por quê?

3.4. Você acredita que houve alguma mudança no perfil (ênfase) dos participantes ao longo dos anos? Por quê?

3.5. Na sua opinião a formação EMPRETEC pode ser associada ao sucesso profissional dos formandos? Por quê?

3.6. Tem sugestões a dar de melhorias quanto a futuras formações do EMPRETEC?

IV - Conclusão

4.1. Gostaria de acrescentar alguma informação que considere relevante?

4.2. Em caso de necessidade de esclarecimento relacionado a alguma questão da entrevista, poderei voltar a contatá-lo?

APÊNDICE F

Gráficos de análise de conteúdo de entrevistas

i. Análise dos Conteúdos – Formadores

1.1. Há quantos anos trabalha na referida atividade

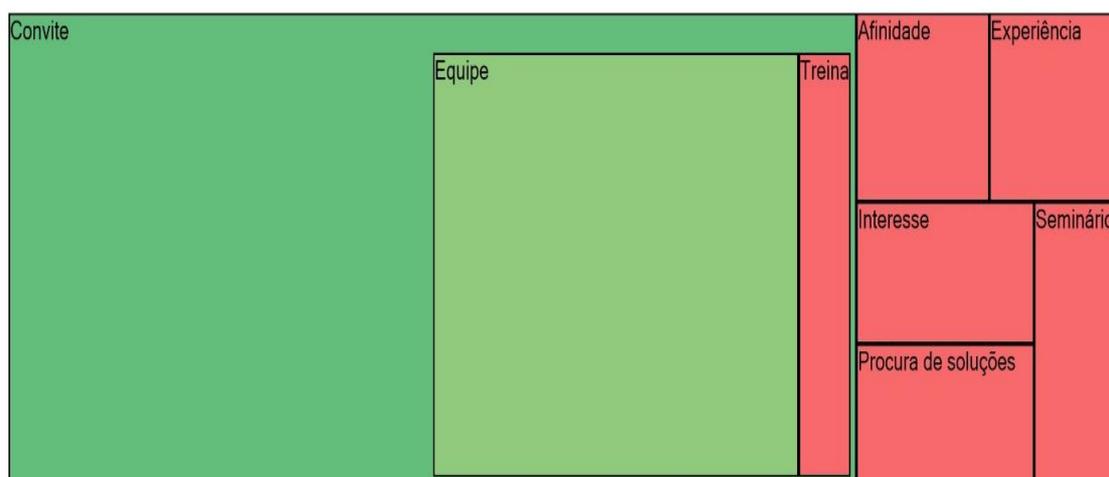
Foi de 1 a 23 anos, numa média em torno de 10 anos

1.2 Há quanto tempo está envolvido no EMPRETEC – SEBRAE nesta atividade

O tempo de envolvimento foi de 1 a 21 anos, numa média de 10,6 anos.

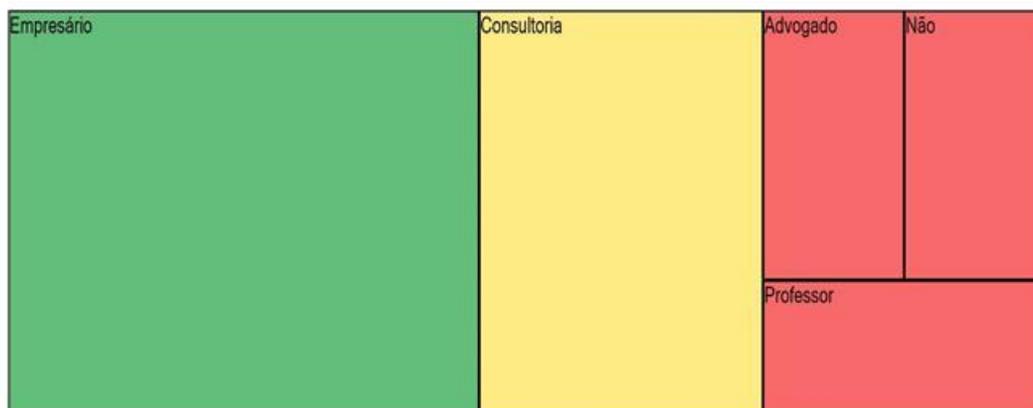
Foi essencialmente por convite (para integrar a equipe e o processo de treinamento) que os entrevistados passaram a ser formadores do EMPRETEC/Sebrae. A afinidade, o interesse e a experiência na área do empreendedorismo foram outros fatores que levaram os entrevistados a serem formadores (Figura 12).

Figura 13 - Árvore 1 -1.3 «Como passou a ser formador do EMPRETEC/Sebrae?»



A maior parte dos formadores exerce outras atividades, sendo que têm a sua própria empresa, fazem consultorias ou exercem uma outra profissão paralelamente (Figura 13).

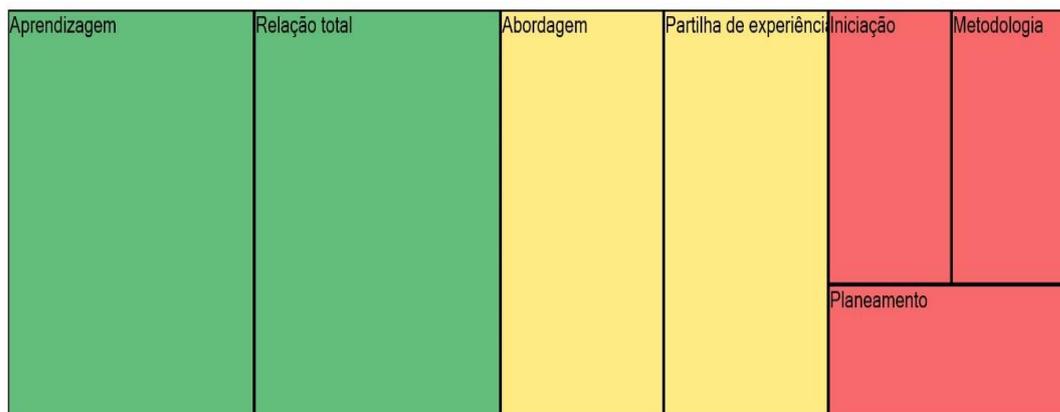
Figura 14 - Árvore 2-1.4 «Realiza outras atividades?Quais?»



Segundo os formadores entrevistados, existe relação entre o seu trabalho como formador no EMPRETEC/Sebrae e a sua experiência profissional, principalmente na componente da aprendizagem. Da sua experiência profissional ressalta a valorização da sua abordagem profissional, a partilha de saberes e metodologias (Figura 14).

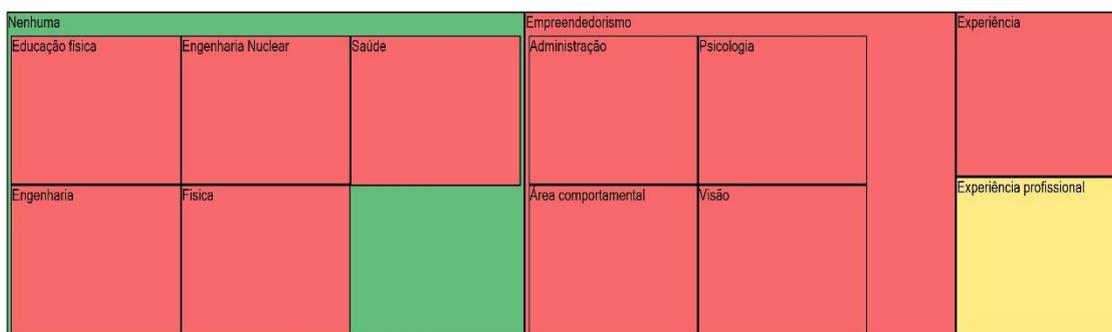
(...) o seminário ele me ajudou muito enquanto, enquanto profissional, enquanto empresária né. Ele me trouxe outras leituras, me trouxe outros caminhos (Formador 7).

Figura 15 – Árvore 3 – 1.5 «Na sua opinião qual a relação que esse trabalho como formador no EMPRETEC/Sebrae tem com a sua experiência profissional?»



Um padrão uniforme nas respostas a esta questão está longe de existir, uma vez que alguns formadores valorizaram a sua formação académica para potenciar a sua visão de mercado e análise da componente comportamental do empreendedor. Outros formadores afirmaram que não existe qualquer relação entre o seu trabalho e formação académica («minha formação académica não tem correlação com o EMPRETEC») (Formador 2). Em outros relatos é dado bem mais valor à experiência profissional em detrimento da formação académica («...mas tem muito a ver com meu trabalho e não a ver com a minha formação») (Formador 1) (Figura 15).

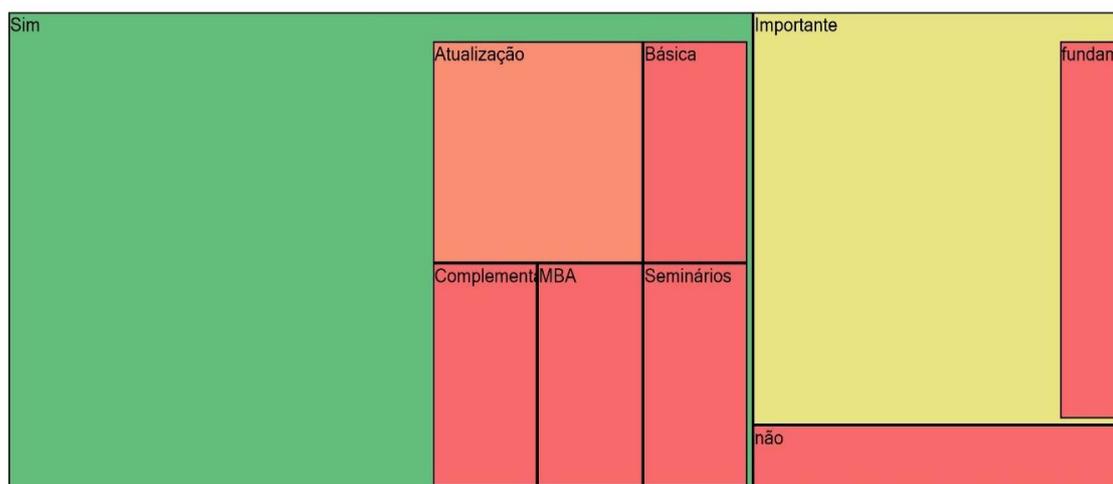
Figura 16 – Árvore 4- 1.6 Na sua opinião qual a relação que esse trabalho como formador no EMPRETEC/SEBRAE tem com sua formação académica?



A grande maioria dos entrevistados teve que realizar formação (básica, atualização, complementar, seminários do EMPRETEC como trainee e até mesmo MBA),

sendo que essa formação foi considerada de muita importância para ser formador/facilitador do EMPRETEC/SEBRAE (Figura 16).

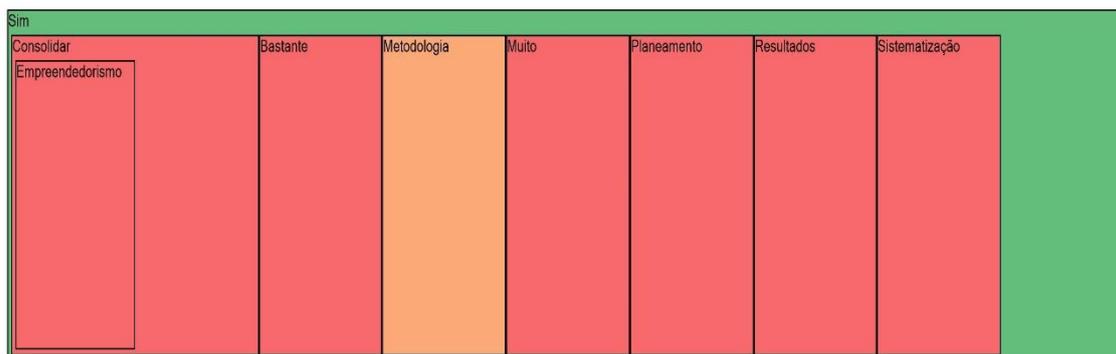
Figura 17 – Árvore 5 – 1.7 «Para Ser formador/facilitador do EMPRETEC/Sebrae realizou/teve de realizar algum tipo de formação? Se sim considera que essa formação foi importante?»



Todos os entrevistados responderam afirmativamente ao contributo da experiência como formador para o seu desenvolvimento profissional. Deu-se especial importância para a assimilação e desenvolvimento da metodologia («Porque ao fazer o EMPRETEC eu me identifiquei muito com a metodologia, me identifiquei enquanto educadora como uma perspectiva de contribuir melhor para que as pessoas pudessem né ter consciência disso») (Formador 7).

Foram também feitas menções ao fortalecimento de características empreendedoras («é eu acho que cada experiência que a gente tem com a turma do EMPRETEC é como se a gente fortalecesse é o trabalho das características empreendedoras») (Formador 5) (Figura 17).

Figura 18 – Arvore 6 – 1.8 Considera que a experiência como formador no EMPRETEC/SEBRAE contribuiu para o seu desenvolvimento profissional?



Todos os formadores entrevistados responderam afirmativamente à questão da realização como formador do EMPRETEC/SEBRAE.

(...) sinto, sinto-me realizado! Primeiro porque eu tenho oportunidade de rever o seminário. O seminário, via de regra, você só faz uma vez. O facilitador ele tem a oportunidade de ver várias vezes. E aí, fora isso, eu consigo, eu tenho certeza que eu consigo contribuir para a evolução dos empreendedores, tanto profissionalmente como pessoalmente. É um pouco do lado socialmente responsável que eu exerço (Formador 10).

Houve inclusive formadores que deram ênfase do seu contributo para o desenvolvimento do país e de pequenos negócios, outros deram ênfase no facto do seu trabalho ser gratificante (Figura 18).

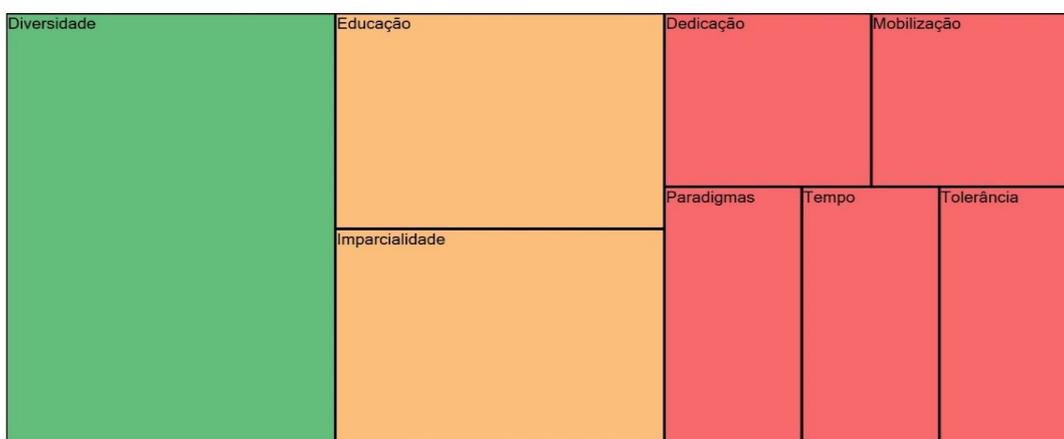
Figura 19 – Árvore 7 – 1.9 «Sente-se realizado como formador do EMPRETEC/Sebrae? Porquê?»



A diversidade de público, ideias e opiniões constituem o principal desafio dos formadores, visto que estes têm a tarefa de educar para o empreendedorismo que só é possível com imparcialidade, dedicação, tempo e tolerância (Figura 19).

(...) Meu maior desafio nesse trabalho é exercitar a questão da tolerância. São muitas experiências, muitas, muitas vivências e tem que ter uma grande aceitação, tem que respeitar os participantes e isso é um grande desafio, que tem que tá sempre evoluindo, respeitar a opinião dos outros, contribuir com cada um, estar aberto a feedbacks, e isso é muito importante (Formador 10).

Figura 20 – Árvore 8 – 1.10 «Qual considera ser o maior desafio neste trabalho?»



Quando questionados sobre o que podem melhorar enquanto formadores, os entrevistados mencionaram, sobretudo, a atualização constantes e a capacidade de compreensão. Foram ainda mencionados a escuta, imparcialidade, a metodologia, humildade e maturidade como aspetos que podem ser melhorados (Figura 20).

Figura 21 – Árvore 9 -1.11 «Que pensa que pode melhorar como formador?»

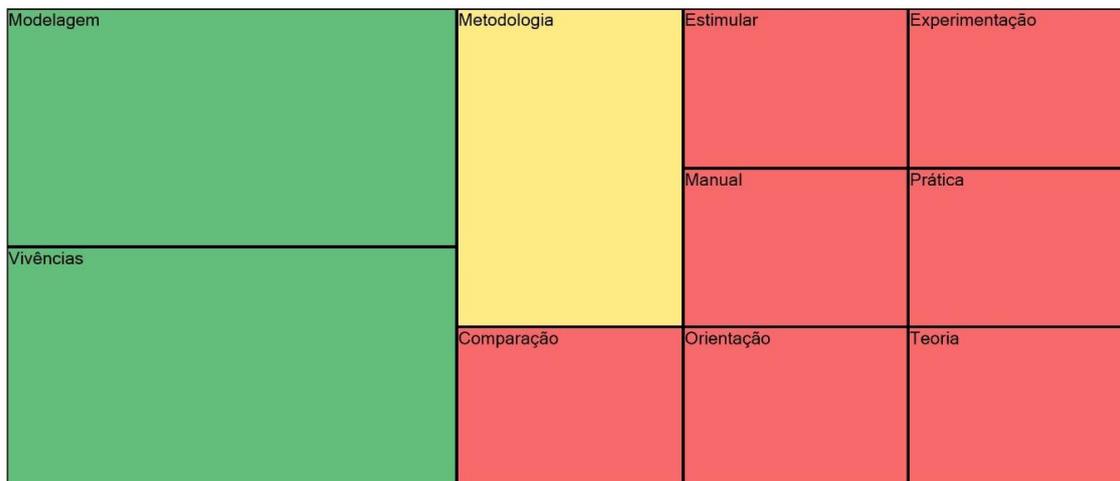
Atualização	Aceitação	Facilitação	Humildade
	Aprimorar	Imparcialidade	Metodologia
Compreensão	Escuta	Maturidade	Parcimônia

Os formadores recorrem essencialmente aos módulos e à metodologia já estabelecida e têm em conta as vivências dos empreendedores para realizar a formação (Figura 21).

Bom, na realidade o próprio seminário é muito estruturado, né? Cada módulo, o seminário é dividido em módulos e cada módulo tá dentro de um ciclo que é o Ciclo de Aprendizagem Vivencial - CAV (Formador 8)

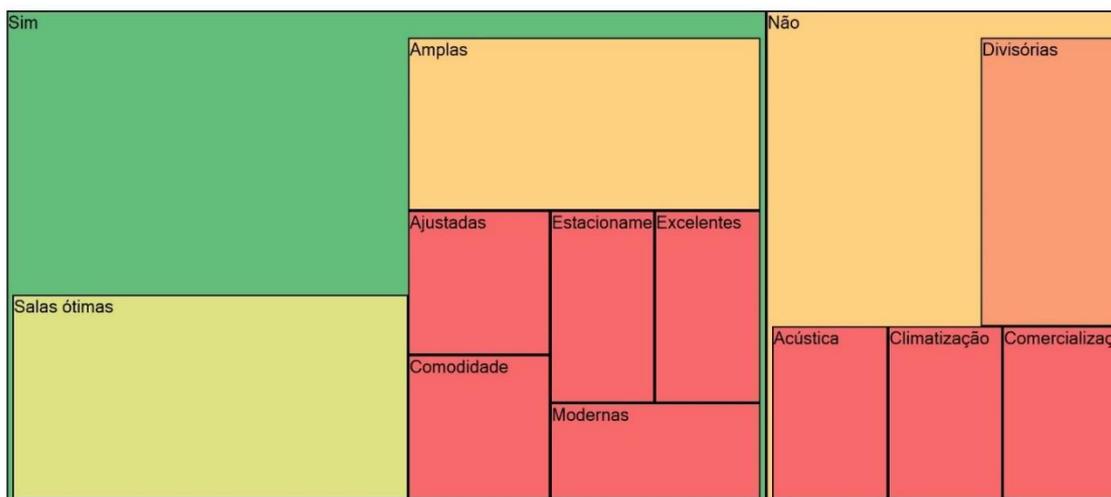
Agora, quando você coloca os participantes em umas vivências em que eles vão poder se ver e você consegue mostrar no painel de forma clara como é que eles se comportaram e como se comportam os empreendedores de sucesso (Formador 1).

Figura 22 – Árvore 10 – 2.1 «Durante o curso EMPRETEC/SEBRAE como se desenvolve a formação que você dá aos alunos? Ou seja, quais as estratégias, os métodos, os recursos que você utiliza para realizar a formação dos seus alunos?»



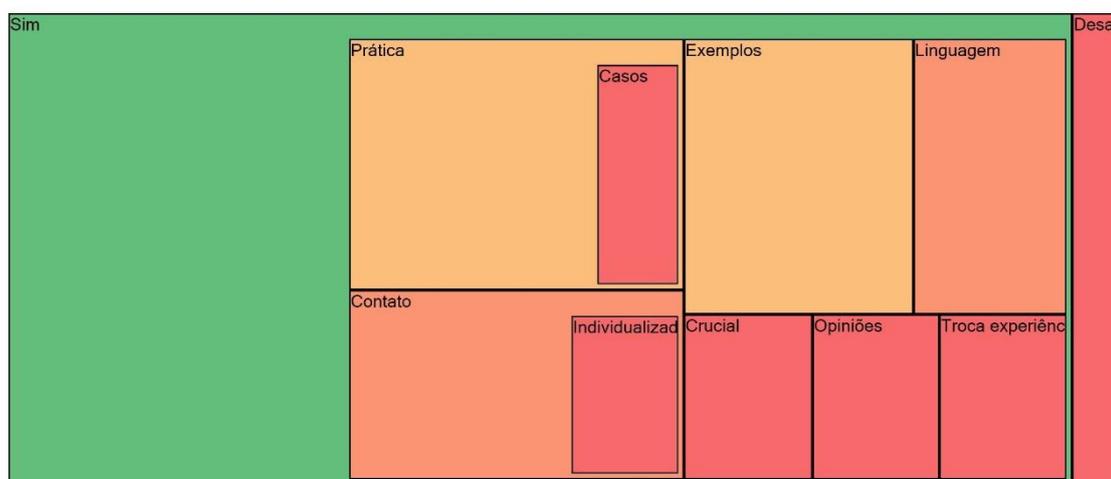
A maior parte dos formadores entrevistados expressaram-se de forma positiva em relação às instalações, achando que são próprias para o desenvolvimento dos trabalhos, com salas ótimas, amplas, ajustadas, cômodas e modernas. Os formadores que afirmaram que as instalações não eram adequadas, mencionaram algumas restrições relacionadas com a comercialização, as divisórias, a climatização e a acústica das salas (Figura 22).

Figura 23 – Árvore 11 – 2.2 «Você acredita que as instalações físicas onde ocorre o EMPRETEC no SEBRAE Recife, são próprias pra o desenvolvimento dos trabalhos para a que se propõe o curso? Por quê?»



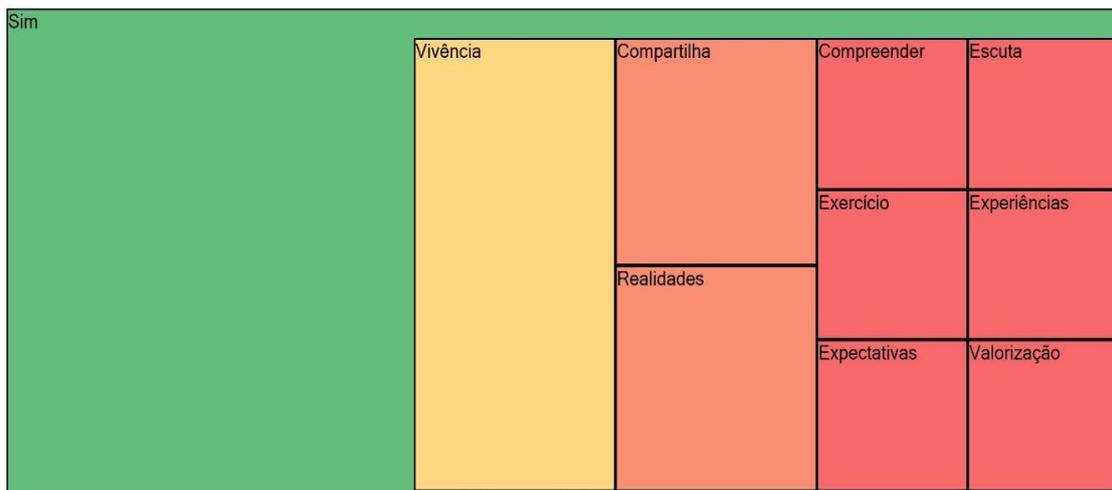
Todos os formadores afirmaram que têm em consideração os saberes, experiências e linguagem dos seus formandos nas aulas, apresentando sempre exemplos e casos práticos e promovendo um contato individualizado sempre tendo em conta as experiências dos formandos (Figura 23).

Figura 24 - Árvore 12 – 2.3«No decorrer das suas aulas, para dar as suas aulas teve em consideração os saberes, as experiências prévias e a linguagem quotidiana dos seus formandos? Se sim, pode dar-me algum exemplo, ou exemplos de como fez? Se não fez por que razão ou razões nunca o fez?»



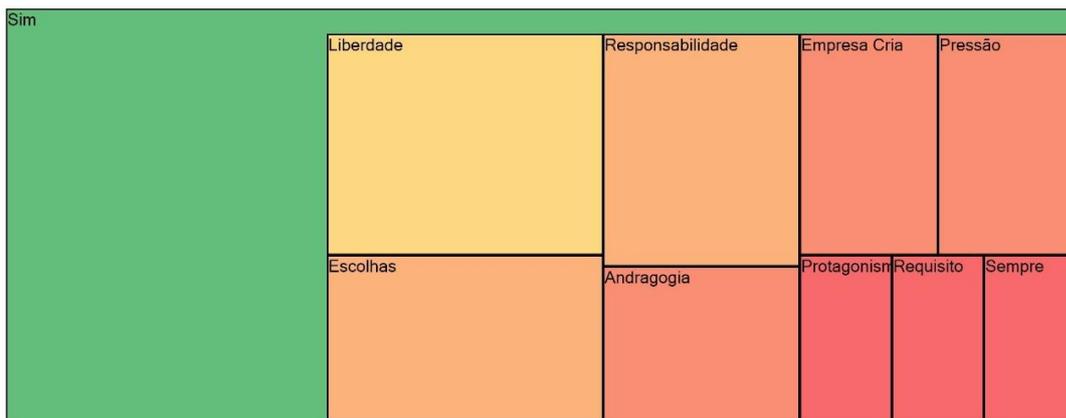
Segundo as respostas dos formadores, as aulas tinham em conta os problemas quotidianos, desafios e motivações dos formandos. Foi dado destaque à necessidade de compreender as diferentes realidades e vivências e de escutar as experiências. São dados como exemplos alguns exercícios e sessões de partilha de experiências (Figura 24).

Figura 25 – Árvore 13 – 2.4 «No decorrer das suas aulas, para dar as suas aulas, costumava partir dos problemas quotidianos e desafios e motivações dos seus formandos? Se sim, pode dar-me algum exemplo, ou exemplos de como fez? Se não fez por que razão ou razões nunca o fez?»



Foi dada sempre importância à questão da autonomia, dando-se sempre liberdade aos alunos para fazerem as suas escolhas ressaltando a sua responsabilidade e o princípio da andragogia (Figura 25).

Figura 26 – Árvore 14 – 2.5 «Considera que no processo educativo-formativo que implementou nas suas aulas era dada autonomia e responsabilidade aos formandos para que eles realizassem as suas aprendizagens. Se sim, pode dizer-me como, de que forma deu essa autonomia e responsabilidade aos formandos? Se não, por que não fez?»

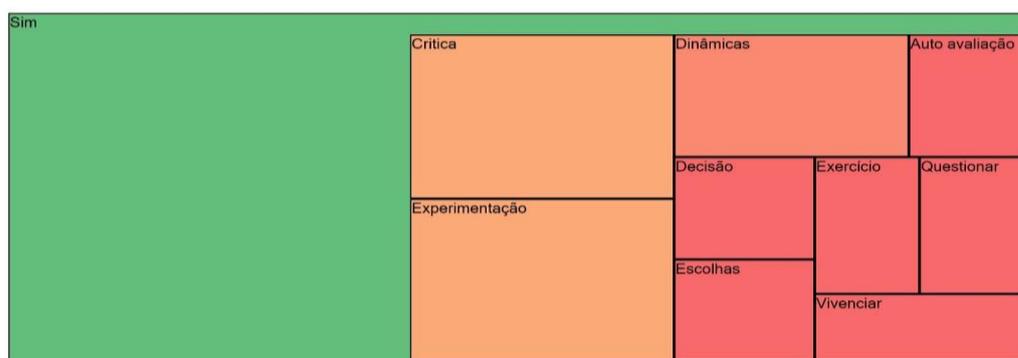


Todos os formadores consideram que o processo educativo-formativo implementado nas suas aulas proporcionou a participação ativa dos formandos, na

medida em que envolve a experimentação e a crítica da participação dos formandos, isto é, as suas decisões, escolhas e questionamentos (Figura 26).

Sim, pelo simples fato da forma como a metodologia ela é construída né. Então se ela é construída de forma a permitir aos participantes momentos de auto avaliação, momentos de experimentação e momentos de processamento, não tenho a menor dúvida que esse processo aconteceu

Figura 27 - Árvore 15 – 2.6«Considera que o processo educativo-formativo que implementou nas suas aulas proporcionou a participação ativa dos formandos? Se sim, pode dizer-me de que forma ou formas tal ocorreu? Se não, pode dizer-me por quê?»



Todos os formadores entrevistados acreditam que proporcionaram a cooperação entre os formandos através das atividades e dinâmicas de grupos, fomentando a interação, a colaboração e o espírito de parceria (Figura 27).

Figura 28 - Árvore 16 – 2.7 «Considera que o processo educativo-formativo que implementou nas suas aulas proporcionou a cooperação entre os formandos? Se sim, pode dizer-me de que forma ou formas tal ocorreu? Se não, pode dizer-me por quê?»



Quase todos os formadores acham que as suas aulas se basearam num diálogo na reciprocidade e confiança mútua entre si e seus formandos, como se exemplifica com a fala do formador 4 (Figura 28).

Sim! Isso é tão forte que a gente no início estabelece um contrato e nesse contrato firmado entre facilitadores e os formandos, os participantes é... fica muito clara essa confiança, é... respeito mútuo inclusive entres essas duas partes. Isso realmente ocorre ao longo do seminário todo, embora vá se adquirindo assim até uma certa intimidade ao longo do tempo, mas essa intimidade ela mantém essa, esses limites de relacionamento (Formador 4).

Figura 29 – Árvore 17 – 2.8«Considera que o processo educativo-formativo que implementou nas suas aulas se baseou num diálogo na reciprocidade e confiança mútua entre si e seus formandos? Se sim, pode dizer-me de que forma ou formas tal ocorreu? Se não, pode dizer-me por quê?»



Os formadores admitem que exista evasão dos EMPRETECOs, no entanto ressaltam que essa evasão é baixíssima, e que quando ocorre é devido a imprevistos, à carga e intensidade das sessões de formação, que impede de conciliar com outras atividades (Figura 29).

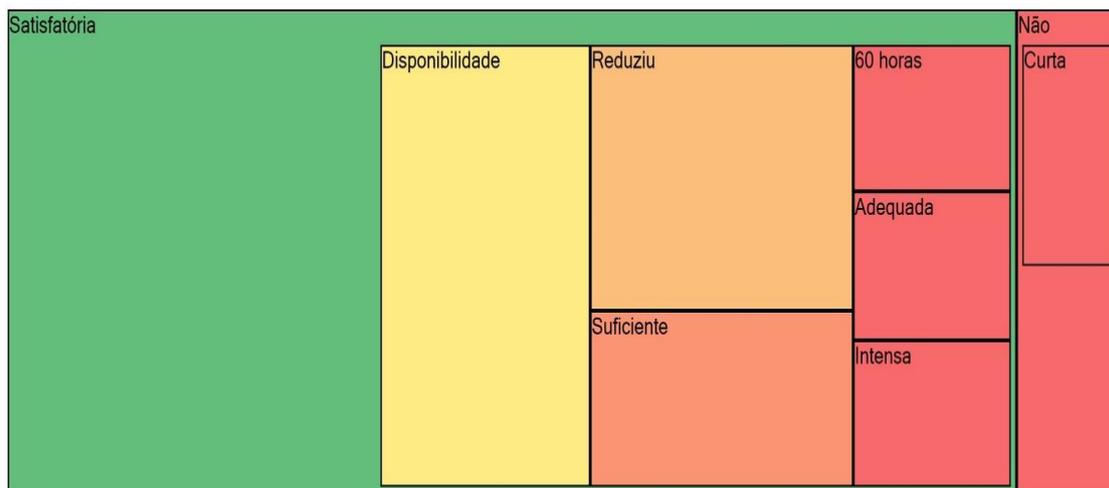
Figura 30 – Árvore 18 – 2.9«Existe evasão dos EMPRETECOS? Se sim, indique qual/quais as suas causas dessa evasão.»



A grande maioria dos formadores acredita que a carga horária é satisfatória, muito embora tenha havido redução da carga horária, para corresponder com a disponibilidade dos formandos (Figura 30).

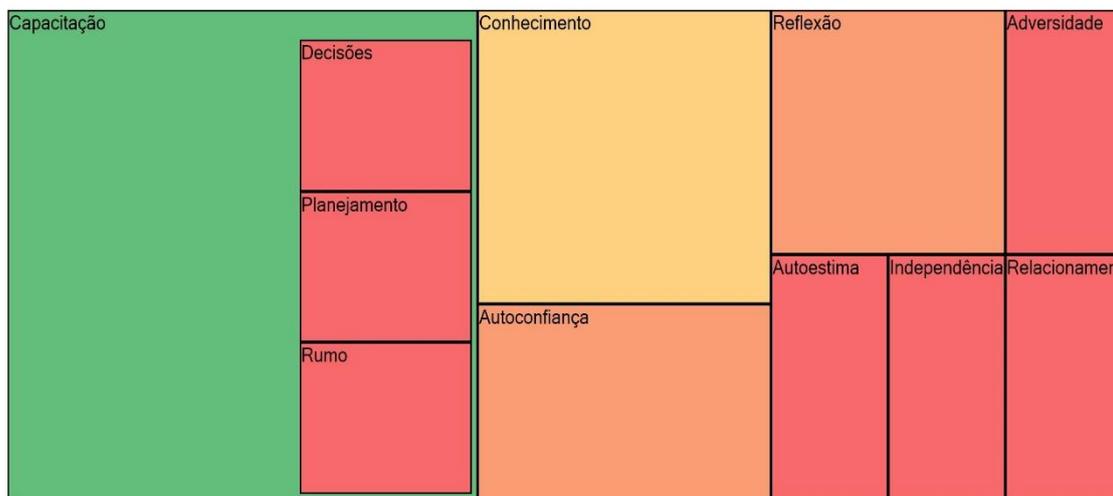
Na realidade, esse seminário começou com dez dias, foi reduzido para nove e veio parar em seis né. Se pensar em totalidade de carga horária, antigamente você tinha mais tempo de formação. A questão é que o dado de realidade diz que os empresários de forma geral não têm a disponibilidade de tempo necessária talvez para a formação (Formador 2).

Figura 31 - Árvore 19 – 2.10«Acredita que a carga horária oferecida pelo programa é satisfatória para o conhecimento e competências que se pretende desenvolver nos formandos, por quê?»



A capacitação para a tomada de decisões, de planejamento e de traçar rumos é, na ótica dos formadores, a contribuição mais frequente do EMPRETEC/Sebrae para a vida dos formandos, Existem também menções ao conhecimento, autoconfiança, autoestima, independência, reflexão como outras contribuições importantes (Figura 31).

Figura 32 – Árvore 20 – 3.1«Em sua opinião, qual ou quais os maiores contributos do EMPRETEC/Sebrae para a vida dos formandos?»



Na opinião dos formadores, o curso melhorou a condição econômica e profissional dos formandos, com perspectivas de crescimento com mais negócios, mais faturamento, mais contratação e novos clientes. Também se fizeram referências a melhorias na vida financeira, profissional e no alcance do sucesso (Figura 32).

Figura 33 – Árvore 21 – 3.2«Em sua opinião o curso contribuiu para a melhoria da condição econômica e profissional dos formandos? Por quê?»



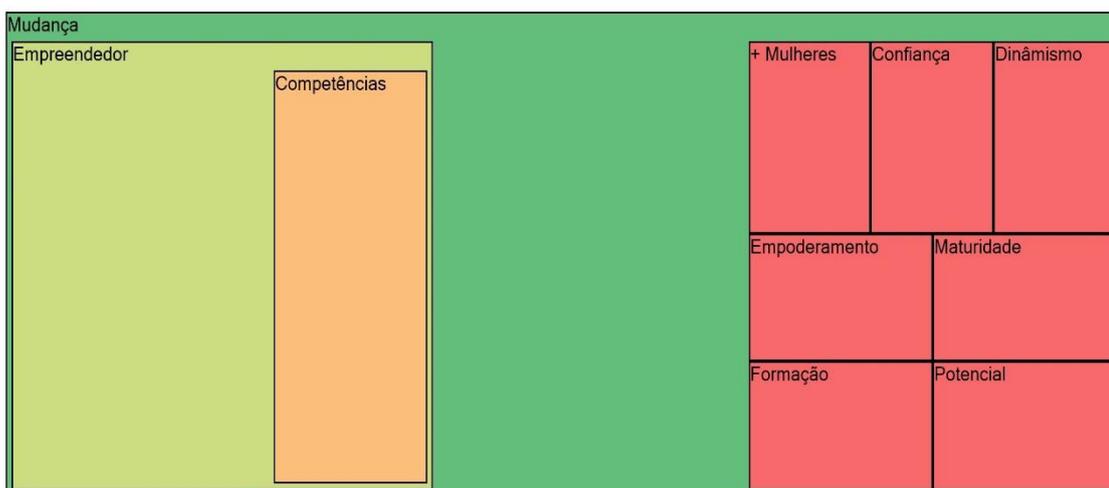
Segundo os formadores, os EMPRETECOs saem do curso com maior propensão a criar novas oportunidades de negócio, tendo maior envolvimento e noção da oportunidade, aquando se trata de avaliar necessidades, conceitos, inovação, problemas e viabilidade (Figura 33).

Figura 34 – Árvore 22 – 3.3«Em sua opinião, os empretecos saem do curso preparados para perceber e criar novas oportunidades empreendedoras no negócio que já possuíam e/ou em novos negócios? Por quê?»



Os formadores acreditam que houve mudança no perfil dos participantes do EMPRETEC ao longo dos anos, nomeadamente no fortalecimento de competências empreendedoras, na confiança, na maturidade e no empoderamento (Figura 34).

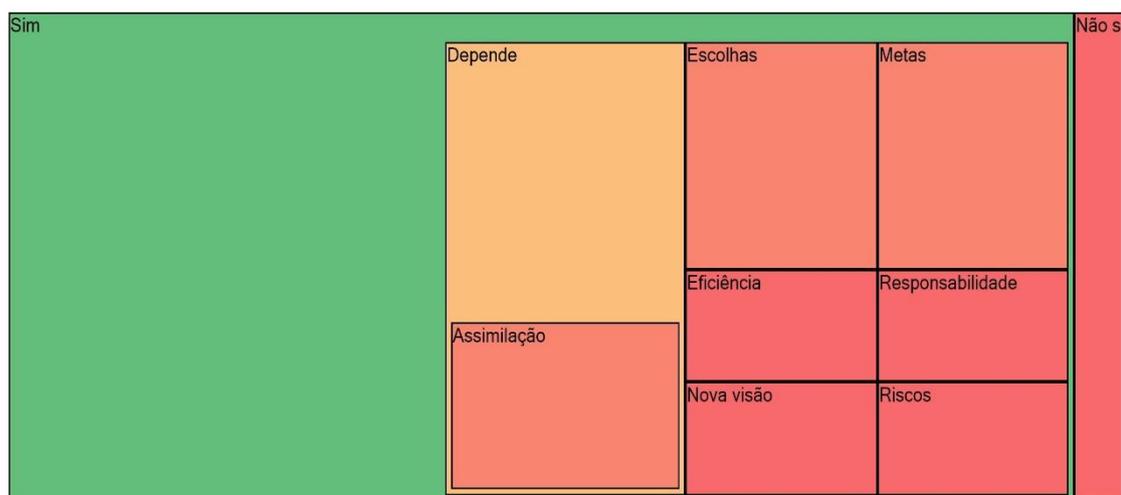
Figura 35 – Árvore 23 – 3.4«Você acredita que houve alguma mudança no perfil dos participantes do EMPRETEC ao longo dos anos? Por quê?»



Quase todos os formadores responderam afirmativamente a esta questão, declarando que o EMPRETEC potencializou a capacidade de fazer escolhas, de

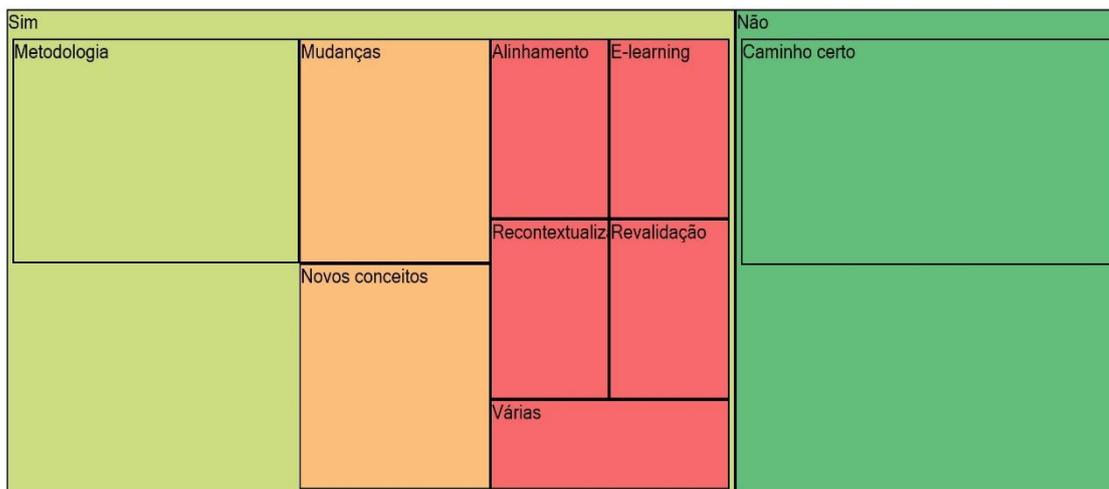
estabelecer metas e de avaliar riscos. No entanto alguns formadores manifestaram que essa associação com o sucesso profissional depende da assimilação da formação (Figura 35).

Figura 36 - Árvore 24 – 3.5«Na sua opinião a formação EMPRETEC pode ser associada ao sucesso profissional dos formandos? Por quê?»



Quando chamados a dar sugestões de melhoria, os formadores dividiram-se. Por um lado, uns não tinham sugestões a fazer (assumindo que o projeto estava no caminho certo). Por outro lado, outros formadores tinham observações a fazer no que diz respeito à metodologia e a novos conceitos e novas formas de aprendizagem (*e-learning*, por exemplo) (Figura 36).

Figura 37 – Árvore 25 – 3.6 «Tem sugestões a dar de melhoria quanto às futuras formações? Você gostaria de sugerir?»



ii. Análise do Conteúdo – Gestores

1.1 Há quantos anos trabalha na referida atividade

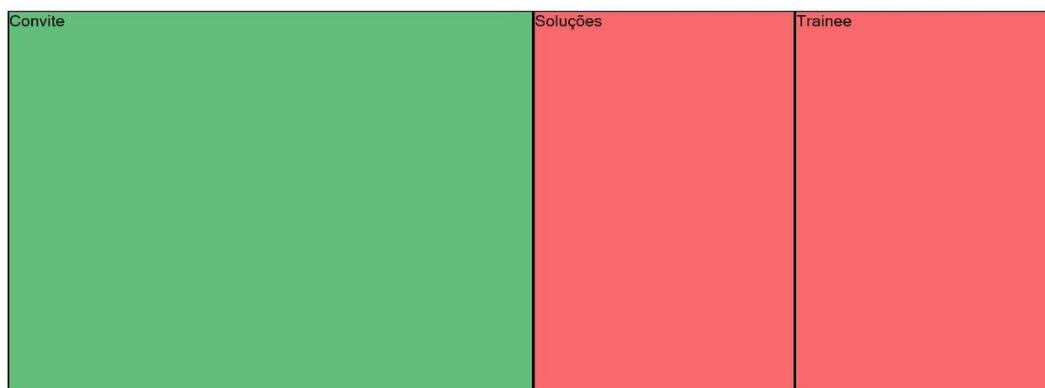
Foi de 2 a 8 anos , numa média em torno de 5 anos

1.2 Há quanto tempo está envolvido no EMPRETEC – SEBRAE nesta atividade

O tempo de envolvimento foi de 4 a 8 anos, numa média de 5,33 anos

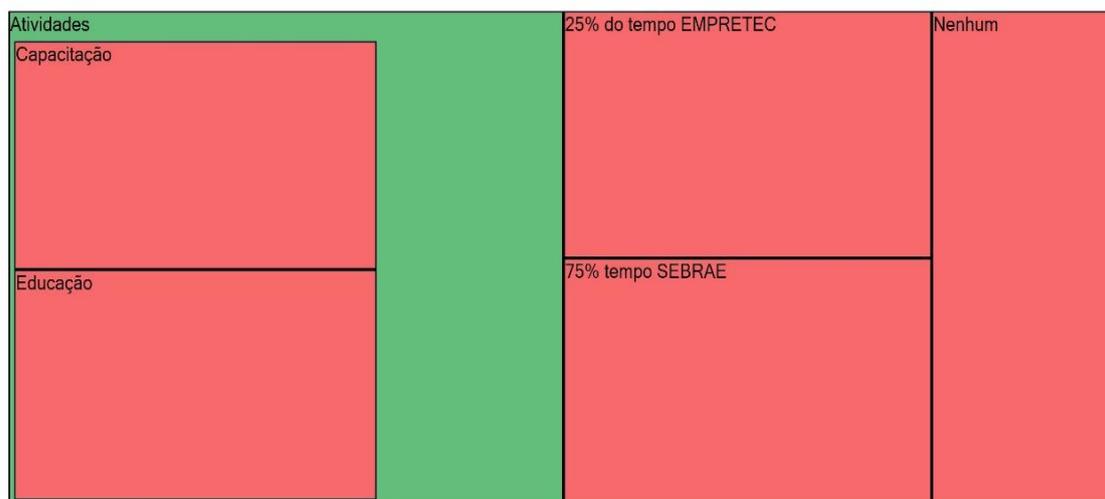
Foi essencialmente por convite que estes entrevistados passaram a ser gestores no EMPRETEC/SEBRAE (Figura 37).

Figura 38 – Árvore 26 – 1.3«Como você passou a ter cargo de gestor/a no EMPRETEC/SEBRAE? Como foi esse início como gestora?»



Existem gestores que dividem a sua dedicação entre o EMPRETEC e o SEBRAE, outros que já não se dedicam a estes programas e outros que colaboram em outros projetos de educação e capacitação empreendedora (Figura 38).

Figura 39 – Árvore 27 – 1.4«Atualmente qual o seu tempo de dedicação ao programa EMPRETEC/SEBRAE? Realiza outras atividades? Quais? Atualmente, ou seja, hoje.»



Segundo os gestores existe relação entre o seu trabalho como gestor no EMPRETEC/SEBRAE e a sua experiência profissional. São feitas referências à importância dos conhecimentos e bagagem profissional no seu desempenho profissional no programa (Figura 39).

Figura 40 – Arvore 28 – 1.5 Na sua opinião qual a relação que esse trabalho como gestor/a no EMPRETEC/SEBRAE tem com a sua experiência profissional prévia e/ou atual?



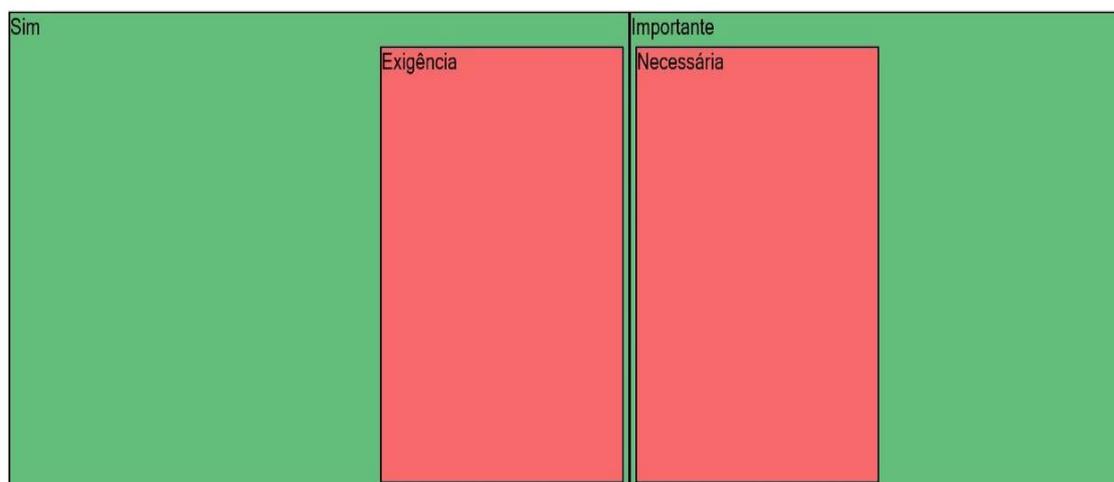
Segundo os gestores entrevistados, existe uma relação muito forte entre a formação acadêmica e o trabalho como gestor do EMPRETEC/SEBRAE, mas as explicações foram essencialmente focadas na experiência profissional (Figura 40).

Figura 41 – Árvore 29 – 1.6 «Qual a relação desse trabalho como gestor/a do EMPRETEC/SEBRAE tem com sua formação acadêmica?»



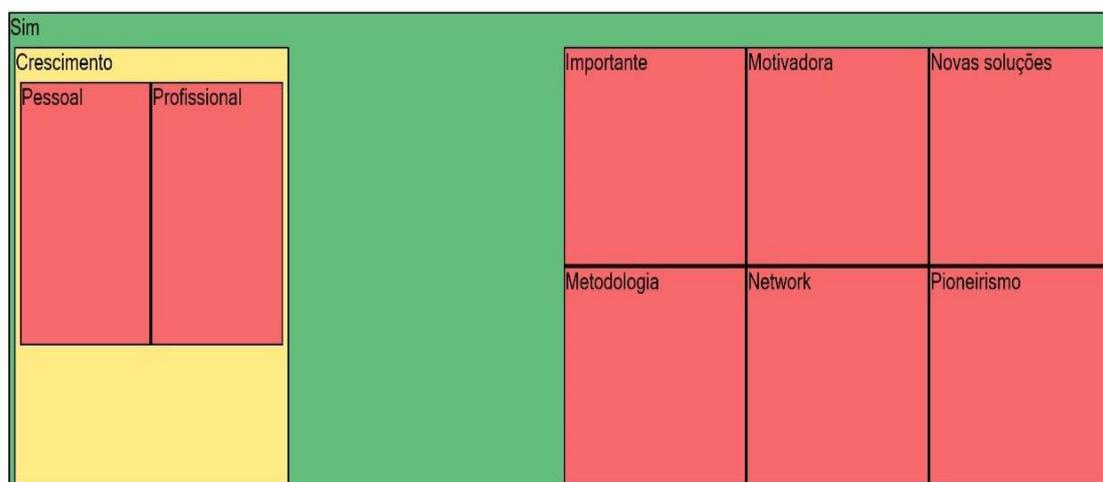
Para exercer funções como gestor todos os entrevistados tiveram que fazer o EMPRETEC, uma vez que esta formação é vista como um requisito para quem colabora no programa. (Figura 41).

Figura 42 – Árvore 30 – 1.7«Para ser gestor/a no EMPRETEC/SEBRAE realizou/teve de realizar algum tipo de formação? Se sim, qual? Se considera que essa formação foi importante no início?»



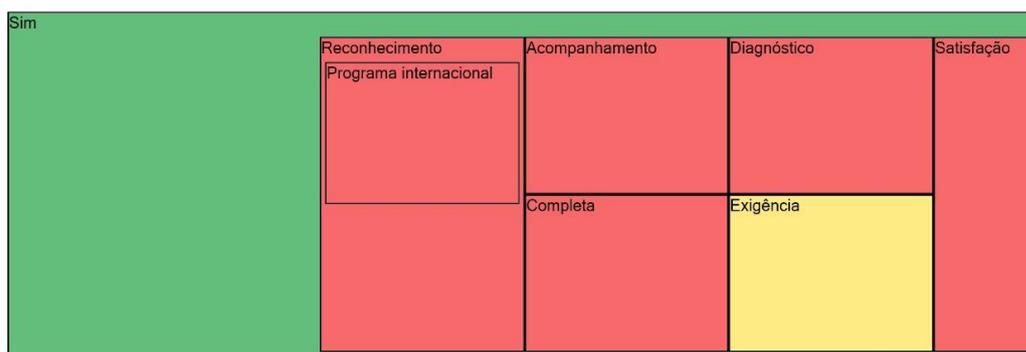
A experiência na gestão do EMPRETEC/SEBRAE é reconhecida como importante para o desenvolvimento profissional dos entrevistados ainda no presente. Proporcionou e proporciona crescimento pessoal e profissional através da sua metodologia, trabalho em rede e pioneirismo (Figura 42).

Figura 43 – Árvore 31 – 1.8«Considera que a experiência como gestor/a no EMPRETEC/SEBRAE contribuiu para o seu desenvolvimento profissional? Se sim, de que forma? Se não, por quê?»



Todos os entrevistados se sentem realizados como gestores do EMPRETEC/SEBRAE. Segundo estes o EMPRETEC/SEBRAE trata-se de um programa reconhecido internacionalmente com um grau de exigência enorme (Figura 43).

Figura 44 – Árvore 32 – 1.9 «Sente-se realizado como gestor/a do EMPRETEC/SEBRAE? Por quê?»



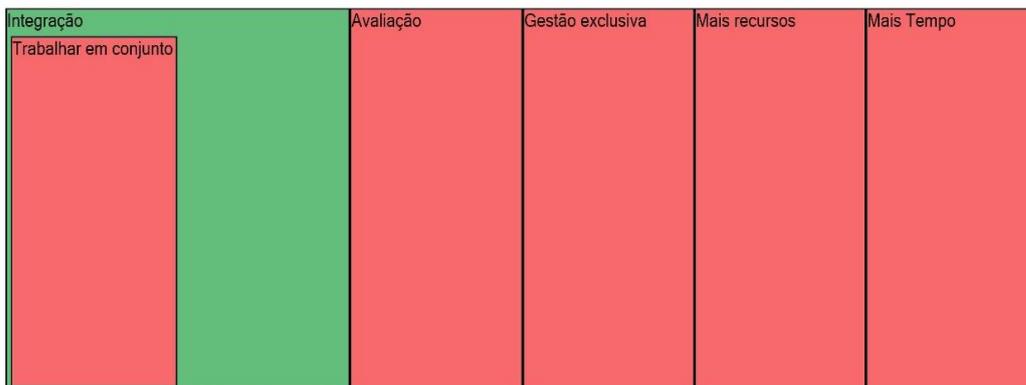
Persuadir os empresários para melhorarem as suas competências empreendedoras e compatibilizar a gestão do programa com outras funções são os maiores desafios apontados pelos gestores entrevistados (Figura 44).

Figura 45 – Árvore 33 – 1.10 «Qual considera ser o seu maior desafio nesse trabalho como gestor/a do EMPRETEC/SEBRAE?»



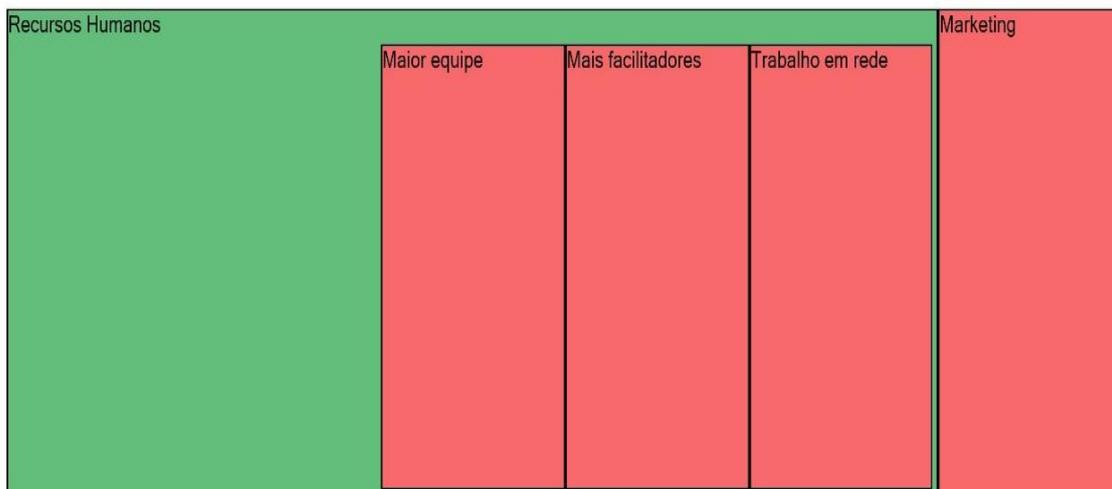
O trabalho integrado e em conjunto são os aspetos a melhorar mais mencionados pelos gestores (Figura 45).

Figura 46 – Árvore 34 – 1.11«Que pensa que poderia melhorar como gestor/a do EMPRETEC/SEBRAE?»



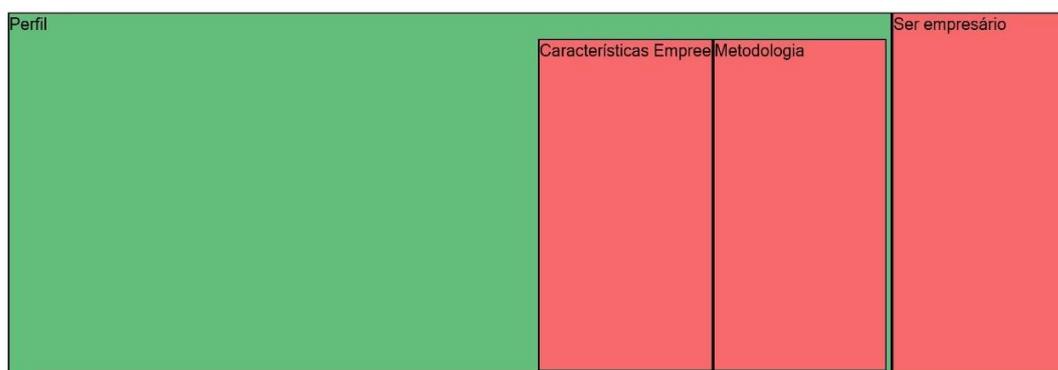
Os gestores foram claros no que poderia melhorar o seu desempenho: mais recursos humanos (Figura 46).

Figura 47 – Árvore 35 – 1.12«Em sua opinião o que poderia melhorar para o bom desempenho da gestão do curso?»



Para os gestores os formadores têm que ter um determinado perfil e experiência no mundo empresarial (Figura 47)

Figura 48 – Árvore 36 – 1.13«Em sua opinião quais são os critérios essenciais para seleção dos professores/formadores do programa?»



A atualização constante e a reciclagem são aspetos que, segundo os gestores, poderiam ser melhorados no desempenho dos formadores (Figura 48).

Figura 49 – Árvore 37 1.14 «Em sua opinião o que poderia melhorar no desempenho dos formadores, ou seja, dos facilitadores?»



Todos os gestores manifestaram estar cientes de todos os procedimentos durante o curso EMPRETEC/SEBRAE. Foram até feitas algumas ressalvas para as peculiaridades de todas componentes de acordo com a região (Figura 49)..

Figura 50 – Árvore 38 – 2.1«Tem conhecimento sobre a forma como se realiza o processo durante o curso EMPRETEC/SEBRAE, ou seja, você tem conhecimento acerca das estratégias, dos métodos, dos recursos utilizados no curso?»



Todos os gestores concordaram que as instalações físicas são adequadas para o desenvolvimento dos trabalhos para que se propõe o curso. No entanto nem todos os requisitos e exigências são respeitados quando se fazem deslocamentos (Figura 50)).

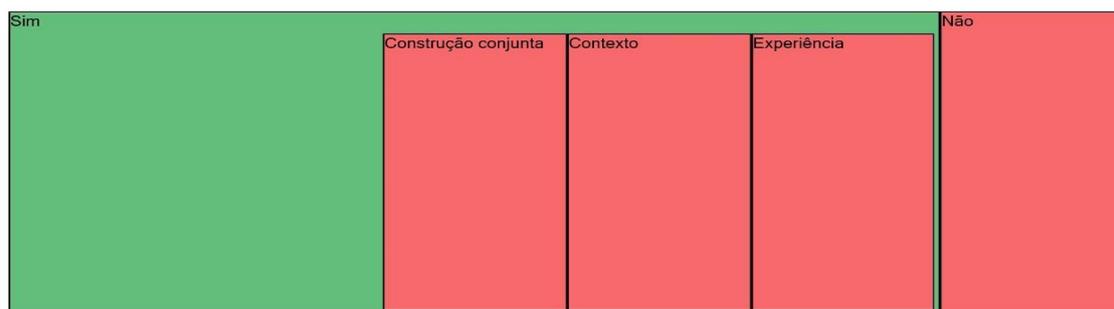
Figura 51 – Árvore 39 – 2.2«Você acredita que as instalações físicas onde ocorre o EMPRETEC no SEBRAE são próprias para o desenvolvimento dos trabalhos para que se propõe o curso, por quê?»



Segundo a maior parte dos gestores, tiveram-se (no decorrer das aulas) em consideração os saberes, experiências prévias e a linguagem cotidiana dos formandos

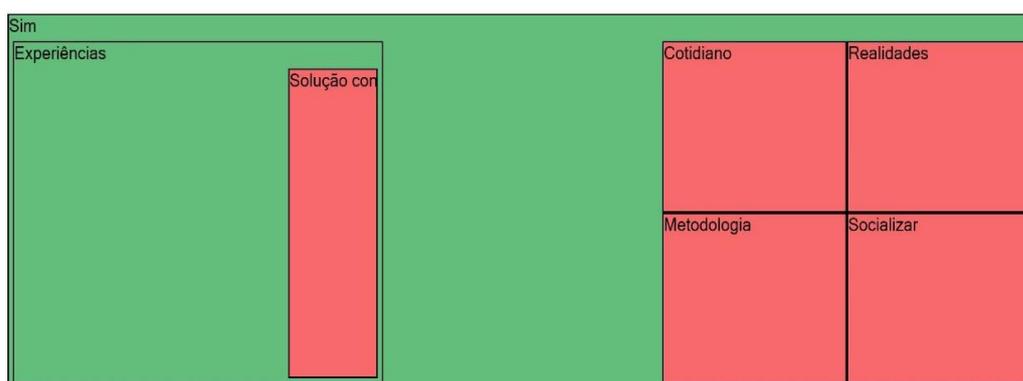
com especial enfoque na partilha na construção conjunta e compilada das experiências empresariais dos formandos. (Figura 51).

Figura 52 – Árvore 40 – 2.3«Sabe dizer-me se no decorrer das aulas do curso se tem em consideração os saberes, experiências prévias e a linguagem quotidiana dos formandos? Se sabe se acha que sim, pode dar-me algum exemplo ou exemplos de como isso ocorre? Se não, também poderia dar as razões por que não é feito?»



Todos os gestores concordaram que, no decorrer das aulas, se tinha em conta os problemas quotidianos e desafios dos formandos, dando-se especial atenção à partilha de experiências empresariais (Figura 52).

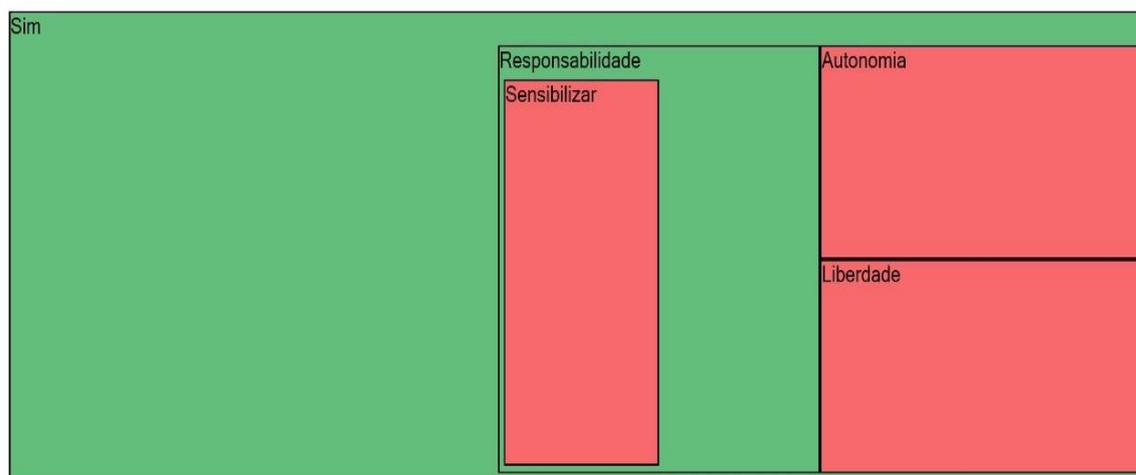
Figura 53 – Árvore 41 – 2.4«Sabe dizer-me se no decorrer das aulas do curso, se costuma partir dos problemas quotidianos e dos desafios e motivações dos formandos (ênfase em formandos)? Se acha que sim pode dar-me algum exemplo ou exemplos de como isso ocorre? Se sabe se acha que não, as razões que isso não ocorre?»



E quando questionados se é dada autonomia e responsabilidade aos formandos no processo educativo-formativo implementado no curso, todos os gestores responderam

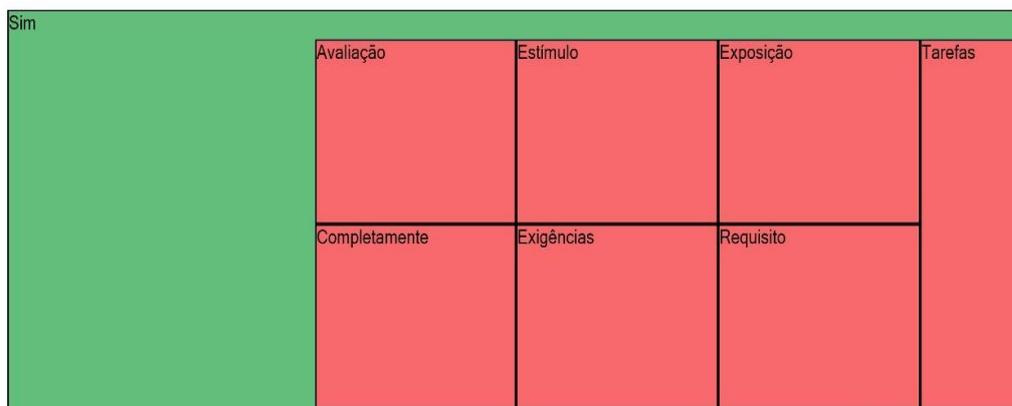
afirmativamente. Segundo os gestores, os formandos, ao usufruírem de autonomia e liberdade, são também chamados à responsabilidade (Figura 53).

Figura 54 – Árvore 42 – 2.5«Sabe dizer-me se no processo educativo-formativo implementado no curso é dada autonomia e responsabilidades aos formandos pra que eles realizem suas aprendizagens? Se sabe que sim, pode dizer-me de que forma essa autonomia e responsabilidade é dada aos formandos? Se não, por que razões isso não é feito?»



Segundo os gestores, o curso proporciona a participação ativa dos formandos, sendo essa participação encarada como um requisito e uma exigência ao funcionamento do curso. (Figura 54)

Figura 55 – Árvore 43 – 2.6«Pode dizer-me se no processo educativo-formativo implementado no curso se proporciona a participação ativa dos formandos? Se sabe se acha que sim, pode dizer-me de que forma ou formas tal ocorre? Se sabe se isso não se faz, pode dizer-me por quê?»



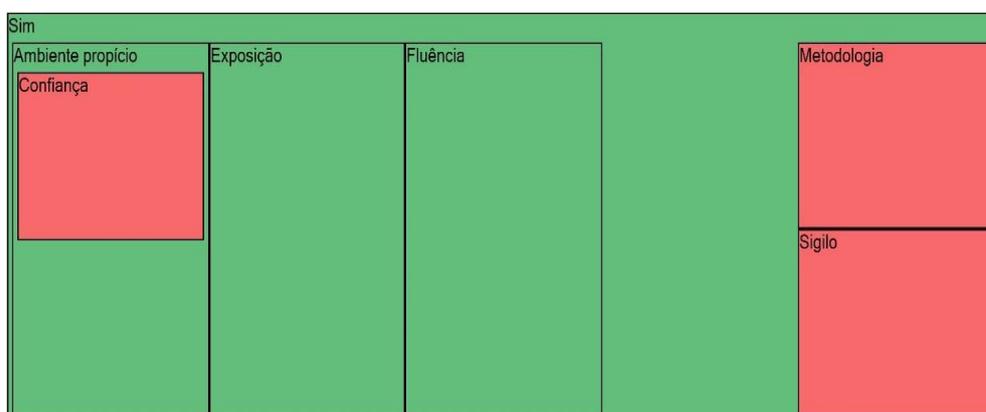
Segundo os gestores o processo educativo-formativo implementado no curso no curso promove a cooperação entre os formandos. As atividades coletivas e participação ativa estimulam a cooperação. Também são feitas referências à própria natureza do ambiente de negócios competitivo para promover a cooperação (Figura 55).

Figura 56 – Árvore 44 - 2.7 «Sabe dizer-me se no processo educativo-formativo implementado no curso se proporciona, promove a cooperação entre os formandos? Se sabe que acha que sim, pode dizer-me de que forma ou formas tal ocorre? Se acha que isso não ocorre pode dizer-me por quê?»



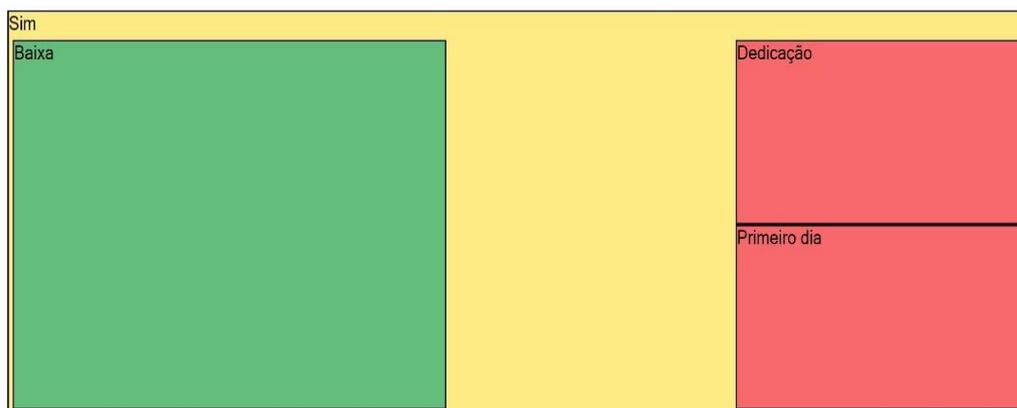
Segundo os gestores, o curso tem um ambiente próprio que estimula o diálogo, reciprocidade e confiança mútua entre formandos e formadores. Eles explicam que tem de haver confiança, e que essa confiança é importante para o curso fluir (Figura 56).

Figura 57 – Árvore 45 – 2.8 Sabe dizer-me se no processo educativo-formativo implementado no curso se baseia no diálogo, na reciprocidade e confiança mútua entre os formadores (ênfase) os facilitadores e formandos?



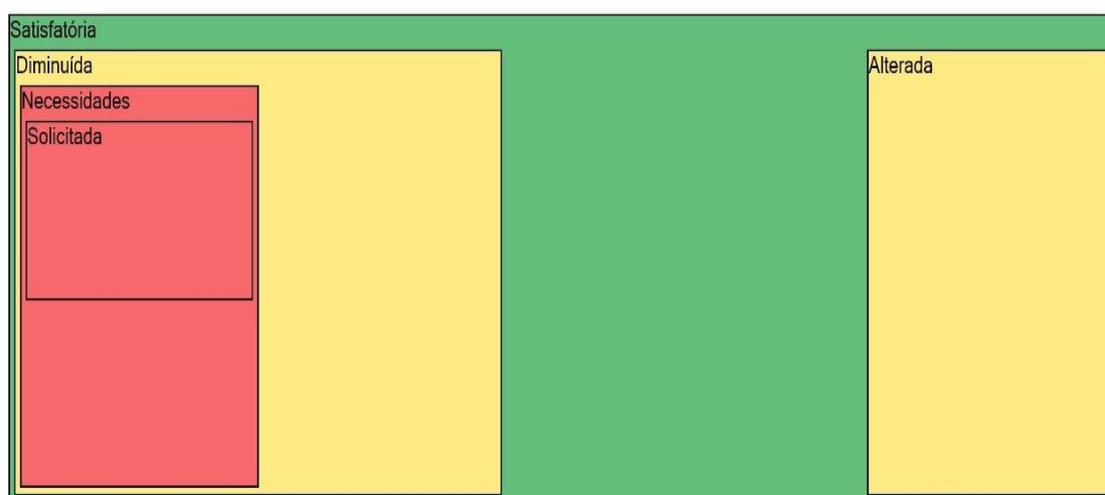
Segundo os gestores, existe evasão dos participantes, mas essa evasão é muito baixa. Essa evasão ocorre principalmente nos primeiros dias e deve-se a falta de dedicação (Figura 57).

Figura 58 – Árvore 46 – 2.9«Existe evasão dos participantes? Se sim, indique quais as causas dessa evasão.»



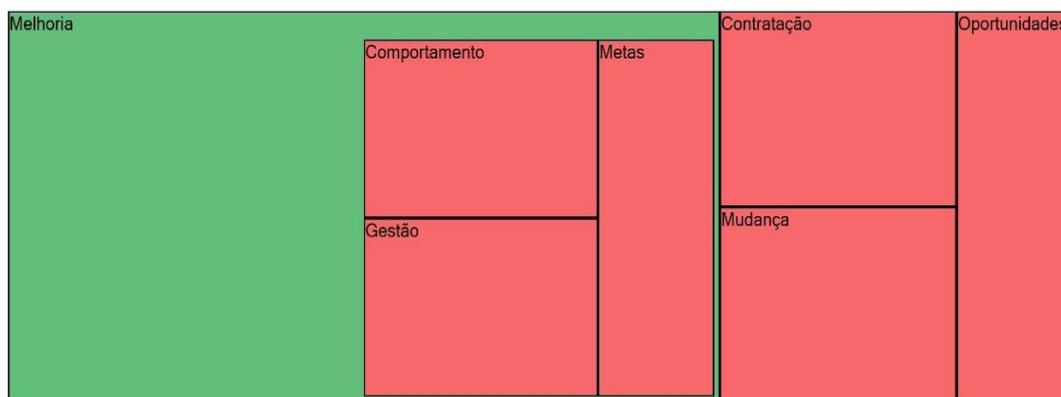
Embora tenha sido alterada (diminuída) nos últimos tempos a carga horária é considerada satisfatória na medida que vai ao encontro das necessidades dos formandos. (Figura 58)

Figura 59 – Árvore 47 – 2.10 Acredita que a carga horária oferecida pelo programa é satisfatória para o conhecimento e competências que se pretende desenvolver nos formandos?



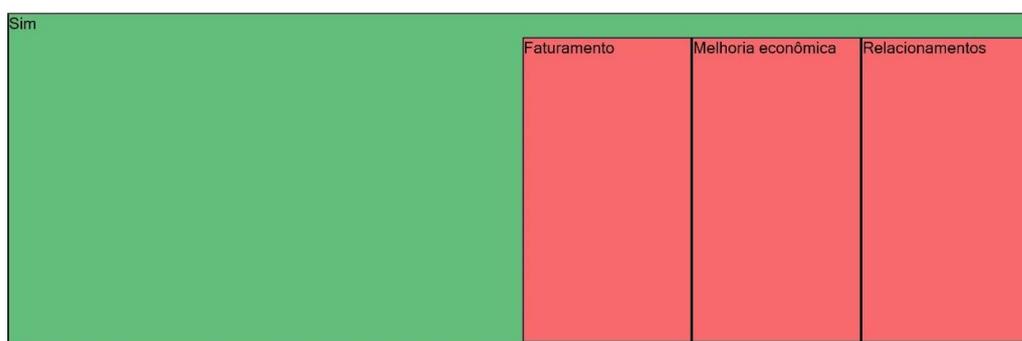
De um modo geral, os gestores entrevistados acham que o EMPRETEC/Sebrae trouxe melhorias no comportamento e na gestão do negócio (Figura 59).

Figura 60 – Árvore 48 – 3.1 Em sua opinião, qual ou quais os maiores contributos, contribuições do EMPRETEC/SEBRAE para a vida dos formandos?



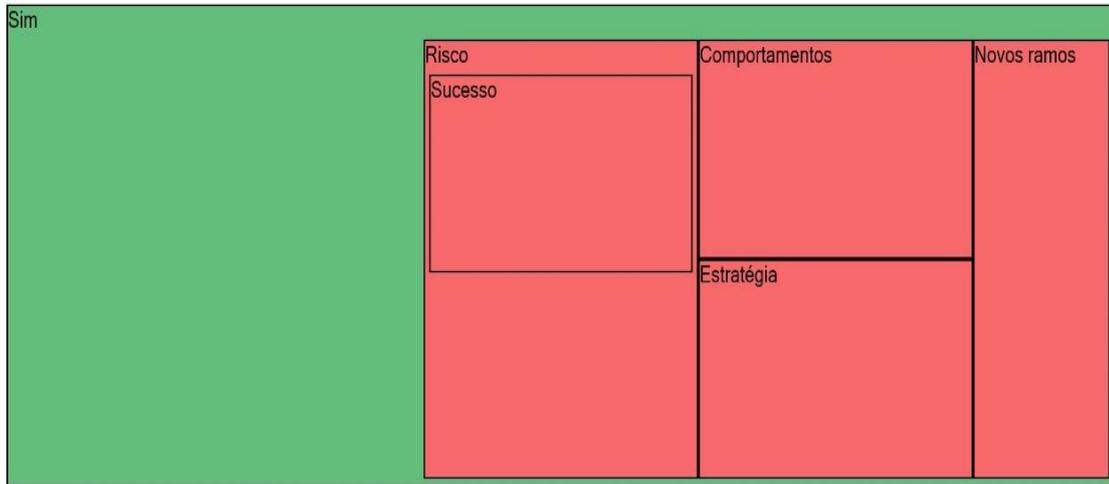
Segundo os gestores o curso contribuiu para a melhoria da condição econômica e profissional dos formandos (Figura 60).

Figura 61 – Árvore 49 – 3.2 Em sua opinião, o curso contribuiu para a melhoria da condição econômica e profissional dos formandos, hoje empretecos? Por quê?



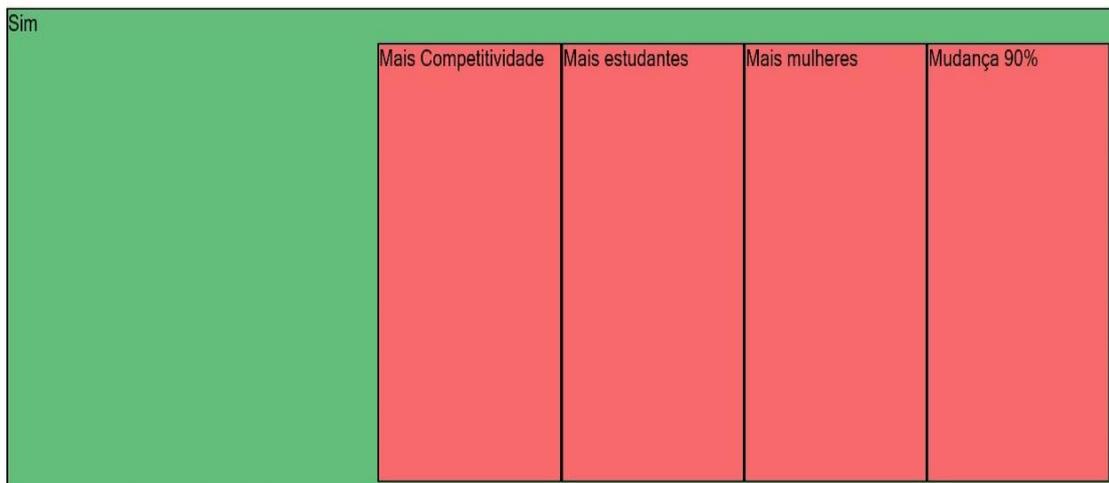
Segundo a opinião dos gestores, os EMPRETECOs saem do curso preparados para perceber e criar novas oportunidade empreendedores no negócio na medida em que passam a ter uma noção mais clara do risco e da necessidade de mudança de comportamentos e estratégias (Figura 61).

Figura 62 - Árvore 50 - 3.3 Em sua opinião, os empretecos saem do curso preparados para perceber e criar novas oportunidades empreendedoras no negócio que já possuíam e/ou em novos negócios? Por quê?



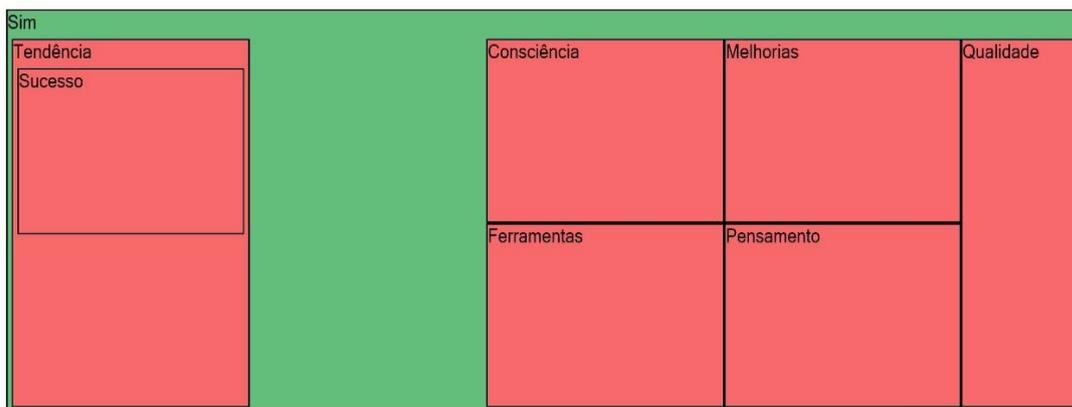
Os gestores acreditam que ocorreram algumas mudanças no perfil dos participantes, na medida em que estes são agora mais competitivos. Em termos de caracterização social, eles dão conta da existência de mais mulheres e de mais estudantes (Figura 62).

Figura 63 - Árvore 51 – 3.4«Você acredita que houve alguma mudança no perfil (ênfase) dos participantes ao longo dos anos? Por quê?»



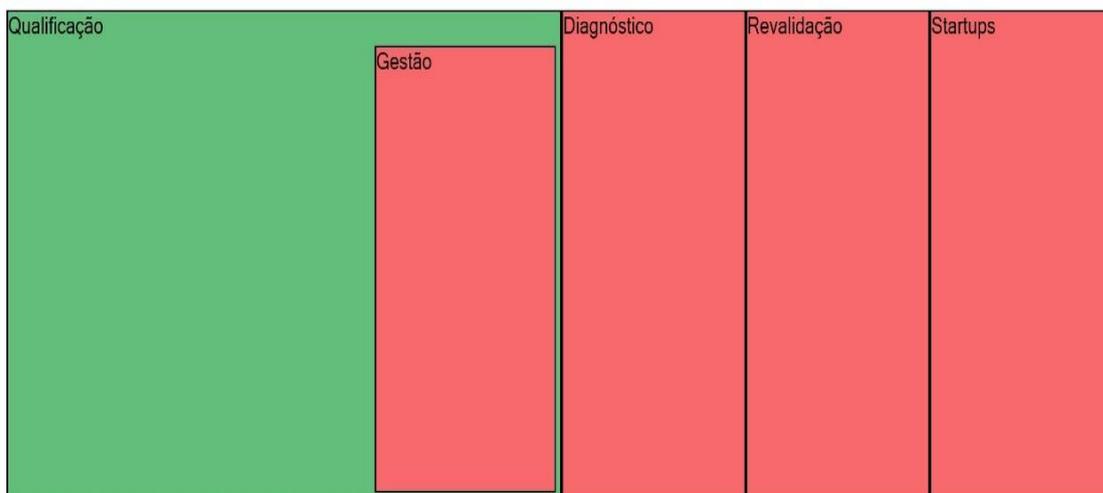
Segundo os gestores, a formação EMPRETEC pode ser associada ao sucesso profissional dos formandos. Os formandos ficam com uma noção mais clara da qualidade, das ferramentas e do pensamento que impulsiona o sucesso (Figura 63).

Figura 64 – Árvore 53 – 3.5«Na sua opinião, a formação EMPRETEC pode ser associada ao sucesso profissional dos formandos? Por quê?»



Os gestores sugerem uma formação também virada para a gestão e sugerem que esta formação seja de carácter continuado, tendo sido até sugerido um segundo curso para diagnosticar o desempenho do primeiro (Figura 64).

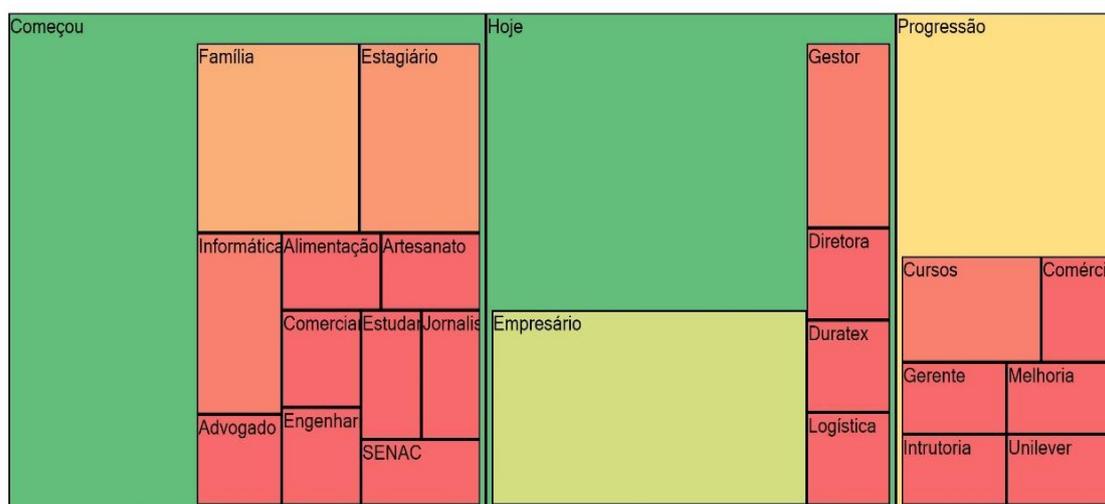
Figura 65 - Árvore 53 – 3.6«Tem sugestões a dar de melhorias quanto a futuras formações do EMPRETEC?»



iii. Análise do Conteúdo – EMPRETECOs

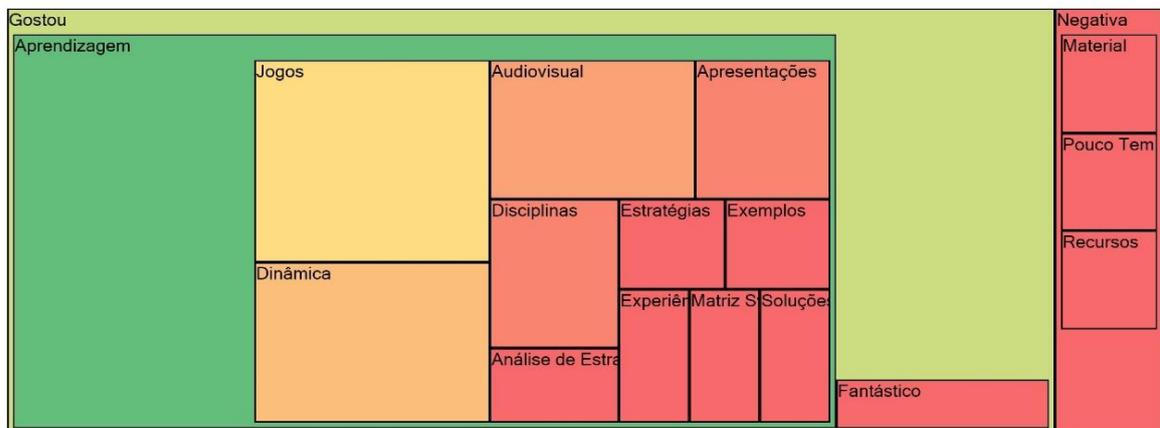
De uma forma geral, pode-se dizer que os EMPRETECOs tiveram um percurso profissional heterogéneo. No entanto verificou-se que muitos deles foram influenciados por um negócio de família e estágios, e que o desfecho desse percurso resultou, em grande parte dos casos, numa iniciativa empreendedora (Figura 65).

Figura 66 – Árvore 54 – 1.1 «Relate o seu percurso profissional quando começou a trabalhar até os dias atuais.»



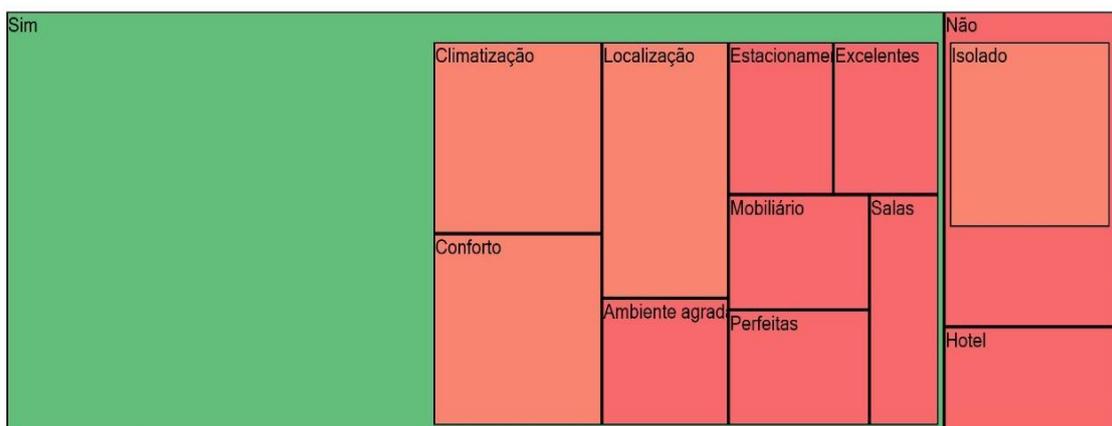
E quando questionados sobre os processos (estratégias, métodos e recursos) utilizados no curso, os formandos não foram muito claros na resposta, mas fizeram a sua avaliação tendo dado grande enfoque na qualidade e importância da aprendizagem assimilada. De mencionar que foram também feitas apreciações negativas relativamente ao material do curso (Figura 66)

Figura 67 – Árvore 55 – 2.1 «Como se realizou o processo de formação durante o curso que frequentou, EMPRETEC/SEBRAE, ou seja, quais as estratégias, os métodos, os recursos utilizados no curso que frequentou? O que é que os formadores fizeram, usaram que artifícios, que materiais, que equipamentos para transmitir seus ensinamentos, você recorda?»



Alguns formandos tiveram a formação em hotel e outros consideram que o local da formação é muito isolado, mas de uma forma geral, as instalações físicas foram consideradas próprias para o desenvolvimento dos trabalhos (Figura 67).

Figura 68 – Árvore 56 – 2.2 «Você acredita que as instalações físicas onde ocorre o EMPRETEC no SEBRAE/RECIFE, elas são próprias para o desenvolvimento dos trabalhos para que se propõe o curso? Por quê?»



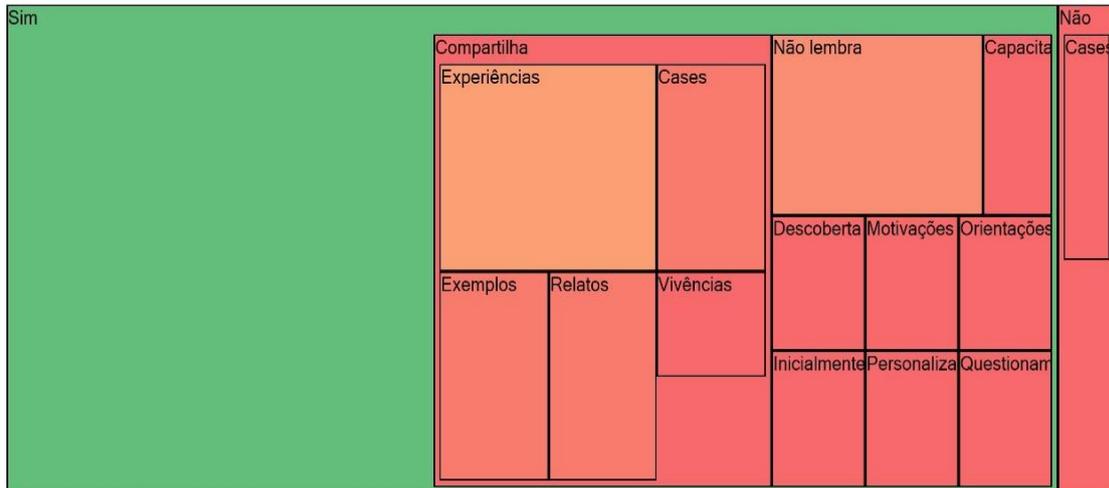
Todos os formandos responderam afirmativamente a esta questão, explicando como os facilitadores/formadores usaram uma linguagem acessível e casos cotidianos, e como têm em conta a identidade pessoal e profissional dos formandos e a importâncias dos seus relatos (Figura 68).

Figura 69 – Árvore 57 – 2.3«Em sua opinião, no decorrer das aulas os formadores tiveram em consideração os saberes, as experiências prévias e a linguagem quotidiana dos formandos? Se acha que sim, pode dar-me algum exemplo ou exemplos de como isso ocorreu? Se acha que não, por que razão ou razões acha que isso não foi feito?»

Sim	Acessibilidade	Identidade	Linguagem	
		Orientações	Relatos	Resolução de p
	Casos cotidianos			

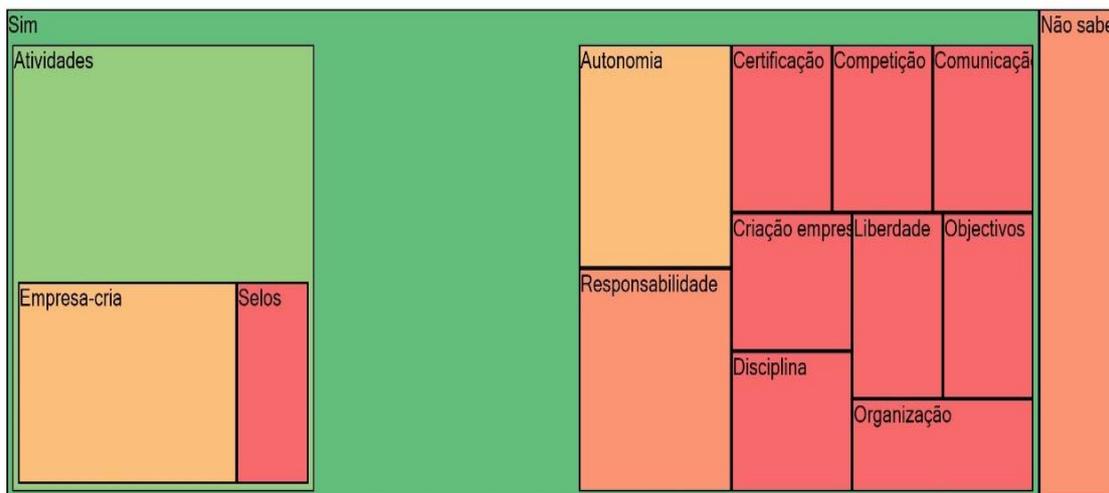
Os formandos concordaram que, no decorrer das aulas, os formadores partiam dos seus problemas quotidianos e dos seus desafios e motivações. Foram feitas várias menções à constante apresentação de exemplos, relatos, e partilha de experiências. No entanto também se registou uma resposta negativa a esta questão, salientando que o curso peca por enaltecer somente os casos de sucesso (Figura 69).

Figura 70 - Árvore 58 – 2.4 «No decorrer das aulas do curso, era costume os formadores partirem dos problemas quotidianos e dos desafios e motivações dos formandos? Se sim, pode dar-me algum exemplo ou exemplos de como isso ocorreu? Se não era costume, por que razão ou razões acha que isso não foi feito?»



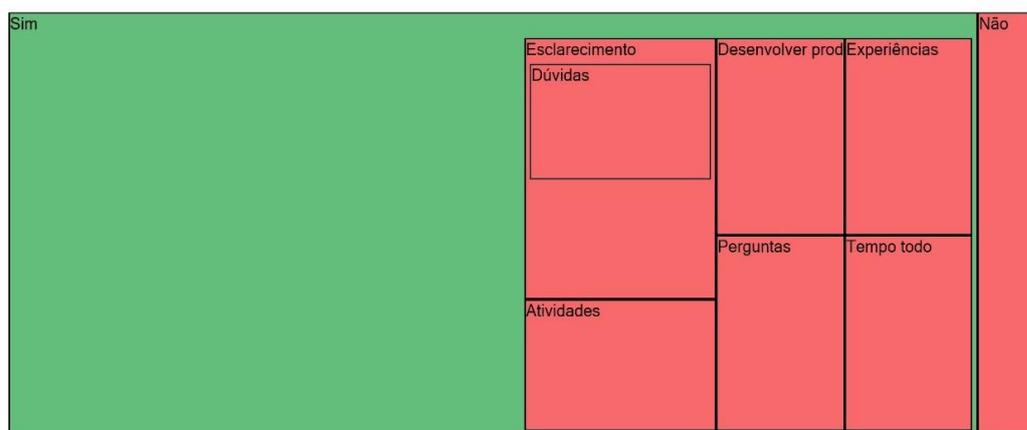
Os formandos reconheceram que se sentiram autônomos, livres e responsáveis quando da realização das atividades promovidas durante o curso (Figura 70).

Figura 71 – Árvore 59 – 2.5 «No processo educativo/formativo implementado no curso, foi dada autonomia e responsabilidade aos formandos para realizarem as suas aprendizagens? Se sim, pode dizer-me de que forma essa autonomia e responsabilidade foi dada aos formandos? Se isso não se fez, por que razão ou razões acha que isso não foi feito?»



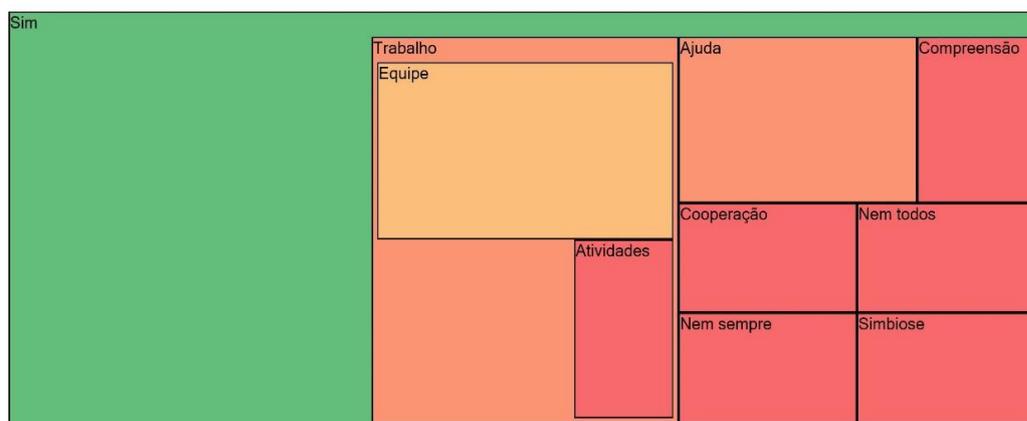
Todos os formandos concordaram que o processo educativo/formativo implementado no curso proporcionou a participação ativo dos formandos. Todas as atividades e esclarecimento de questões pressupunham a intervenção e participação dos formandos. (Figura 71).

Figura 72 – Árvore 60 – 2.6 «No processo educativo/formativo implementado no curso proporcionou-se a participação ativa dos formandos? Se sim, pode dizer-me de que forma ou formas tal ocorreu? Se acha que isso não se fez, pode dizer-me por que acha que não se fez?»



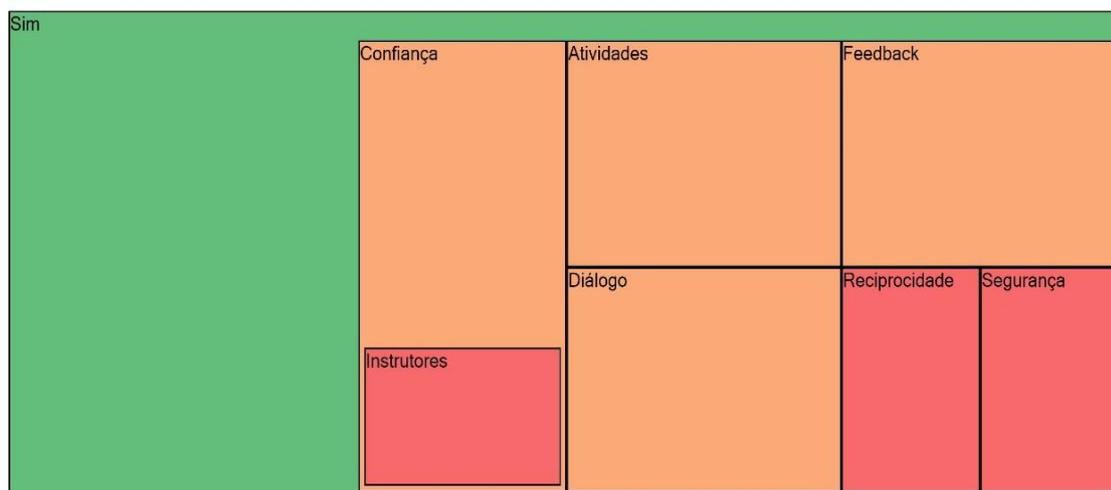
Os formandos concordaram que o curso promoveu a cooperação entre os mesmos, evidenciando o trabalho em equipe e a filosofia de interajuda que imperou no curso (Figura 72).

Figura 73 – Árvore–61 2.7 «O processo educativo/formativo implementado no curso proporcionou, promoveu a cooperação entre os formandos? Se acha que sim, pode dizer-me de que forma ou formas isto ocorreu? Se acha que isso não se fez, pode dizer-me por que isso não se fez?»



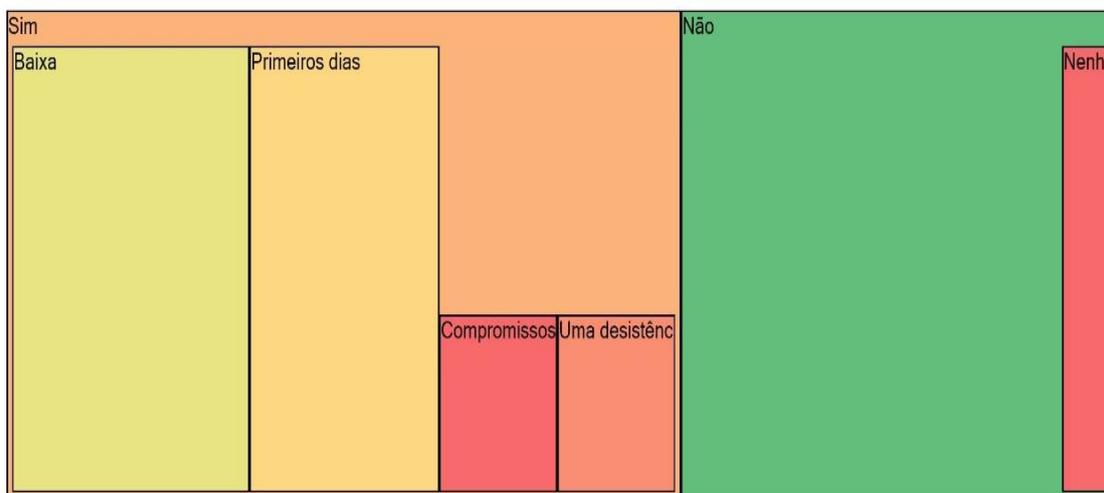
Segundo os formandos o processo educativo/formativo implementado no curso baseou-se no diálogo, na reciprocidade e confiança mútua entre estes e os formadores. Os formandos depositaram grande confiança nos instrutores, e sentiram segurança e reciprocidade nos seus feedbacks dos formadores e nas atividades que eram atribuídas (Figura 73).

Figura 74 – Árvore 62 – 2.8 «O processo educativo/formativo implementado no curso baseou-se no diálogo, na reciprocidade e confiança mútua entre formadores e formandos? Se acha que sim, pode dizer-me de que forma ou formas isto ocorreu? Se acha que isso não se fez, pode dizer-me por que acha que isso não se fez?»



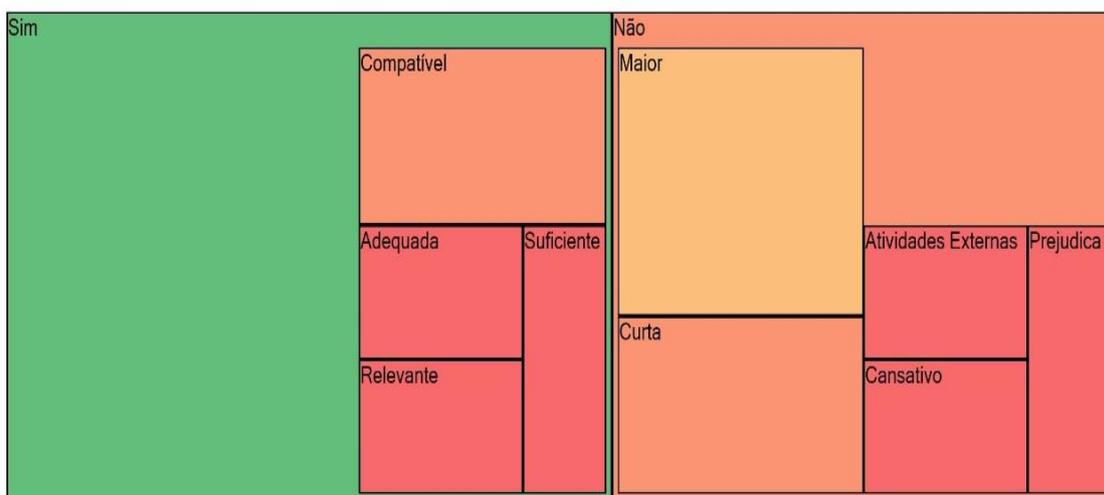
Alguns formandos assumiram que existiu alguma evasão de EMPRETECos nos primeiros dias, mas que essa evasão foi baixa. Outros formandos responderam negativamente à existência de evasão de EMPRETECos (Figura 74).

Figura 75 – Árvore 63 – 2.9«Durante a sua frequência do curso notou que existia evasão dos empretecos? Ou seja, alguém desistiu no início do curso?»



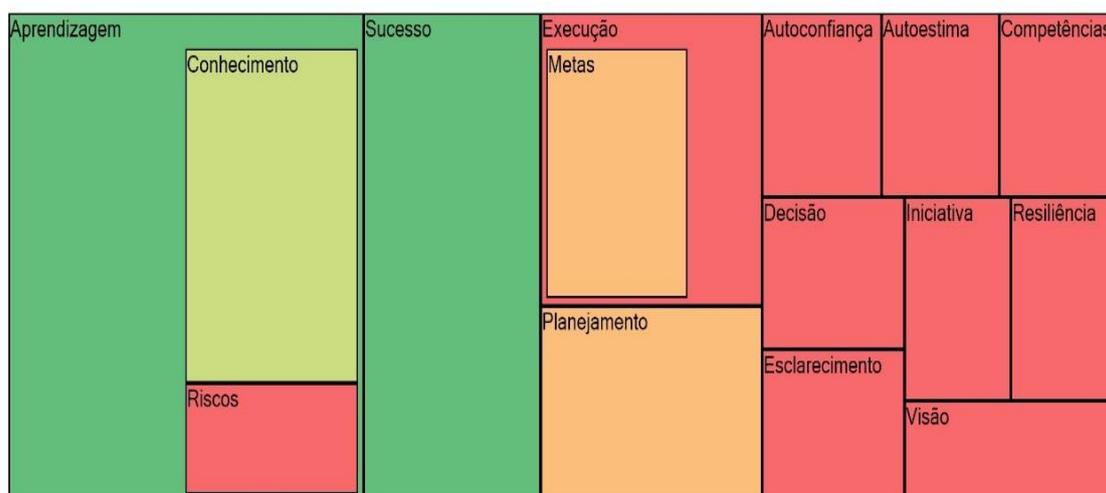
Quando questionados se a carga horária oferecida pelo programa é satisfatória para o conhecimento e competências que se pretendem desenvolver, os formandos dividiram-se. Uns acreditam que ela é adequada e suficiente, outros acham que a carga horária é intensiva demais (Figura 75).

Figura 76 – Árvore 64 – 2.10 «Acredita que a carga horária oferecida pelo programa é satisfatória para o conhecimento e competências que se pretende desenvolver nos formandos? Por quê?»



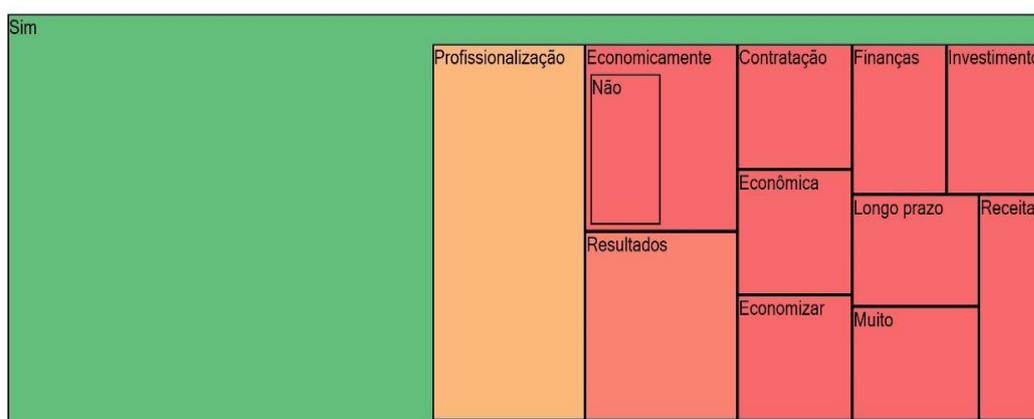
Quando chamados a dizer quais os maiores contributos do EMPRETEC/SEBRAE para a sua vida, os formandos deram enfoque não só no sucesso, mas também na importância do conhecimento e aprendizagem adquirida (Figura 76).

Figura 77 – Árvore 65 – 3.1 «Em sua opinião, qual ou quais os maiores contributos do EMPRETEC/SEBRAE para a sua vida?»



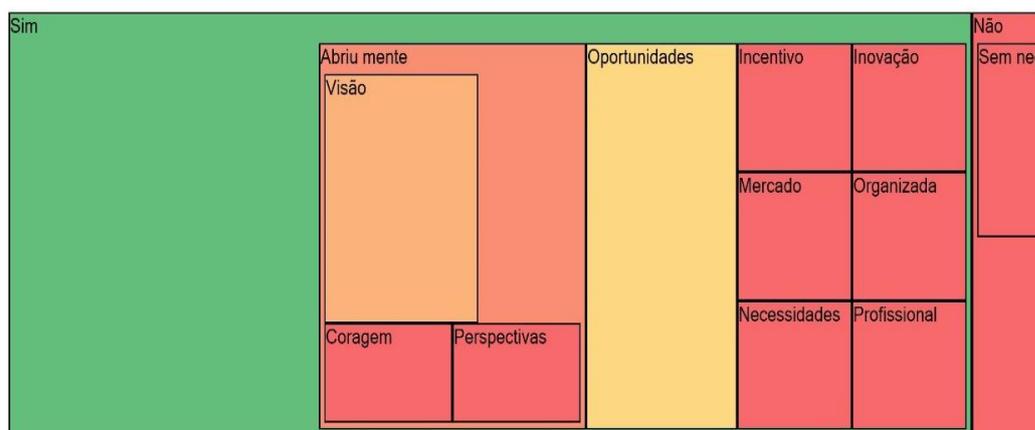
Na opinião dos formandos, o curso contribuiu para a melhoria da sua condição econômica e profissional, visto que estes obtiveram assim uma abordagem mais profissional ao seu negócio, e conseguiram resultados (maior receita e disciplina financeira) e mais contratação (Figura 77).

Figura 78 – Árvore 66 – 3.2 «Em sua opinião, o curso contribuiu para a melhoria da sua condição econômica e profissional? Por quê?»



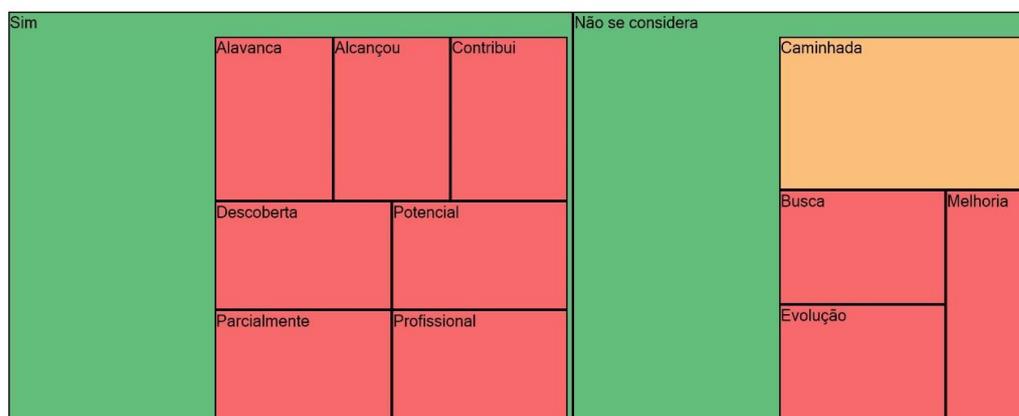
Na ótica dos formandos, o curso preparou para a percepção de novas oportunidades empreendedoras no negócio. Contribuiu conferindo coragem e abrindo a mente para uma nova visão com novas perspectivas de estruturar o negócio. Apenas os formandos que não tinham negócio responderam negativamente à questão. (Figura 78).

Figura 79 – Árvore 67 – 3.3«Em sua opinião, o curso o preparou para perceber e criar novas oportunidades empreendedoras no negócio que já possuía? E/ou para criar novas oportunidades empreendedoras de novos negócios? Por quê?»



Metade dos formandos consideram-se pessoas de sucesso profissional. A formação EMPRETEC foi considerada como uma alavanca para o sucesso.. A outra metade dos entrevistados não se considera bem sucedida profissionalmente, mas estão buscando o sucesso, admitindo que o a formação EMPRETEC poderá abrir essa caminhada (Figura 79).

Figura 80 – Árvore 68 – 3.4«Considera-se uma pessoa de sucesso profissional? Se sim, a formação EMPRETEC pode ser associada ao seu sucesso profissional?»



A maior parte dos formandos tomou a liberdade de dar sugestões para melhorar futuras formações do EMPRETEC, sugerindo maior carga horária e outros horários, mais formação complementar com reciclagem constante e acompanhamentos pós-curso (Figura 80).

Figura 81 – Árvore 69 – 3.5«Tem sugestões a dar de melhoria quanto a futuras formações do EMPRETEC?»

+ carga horária	Programa complementar	+ divulgação	Acompanhamento
		Continuidade	Outros cases
Não	Reciclagem	Outro horário	Questões financeiras

ANEXOS

ANEXO A

CONCESSÃO DA ONU AO SEBRAE COMO CENTRO FORMADOR DE EMPREENDEDORES

**CONFÉRENCE DES NATIONS
UNIES SUR LE COMMERCE ET LE**



**UNITED NATIONS
CONFERENCE ON**

Téléfax : (+ 41 22) 917 0122

Palais des Nations

Por la presente carta se declara que:

1. EMPRETEC es un programa de la UNCTAD para el fomento de la capacidad emprendedora y la promoción de la creación de estructuras de apoyo sostenibles que asiste a los empresarios de países en desarrollo en la constitución de pequeñas y medianas empresarias (PYMES) innovadoras e internacionalmente competitivas, contribuyendo así a desarrollar un sector privado dinámico.
2. SEBRAE ofrece e implementa actividades de capacitación empresarial y difusión de la cultura emprendedora en Brasil. Entre los programas llevados a cabo por SEBRAE en Brazil se encuentra el programa EMPRETEC de la UNCTAD por el cual SEBRAE implementa el taller de “Desarrollo de la Capacidad Emprendedora”¹ bajo distintos nombres en función de los grupos objetivos o segmentos de mercado a los que se dirigen, y siguiendo las pautas del enfoque del comportamiento único emprendedor del Programa EMPRETEC.
3. SEBRAE tiene licencia de uso EXCLUSIVA de nuestra marca EMPRETEC en Brasil por un plazo indefinido contado a partir del año 1993.

Para que este reconocimiento conste y surta efecto allí donde fuese procedente, firmo en Ginebra el 19 de febrero de 2008.



Doña Fiorina
Mugione

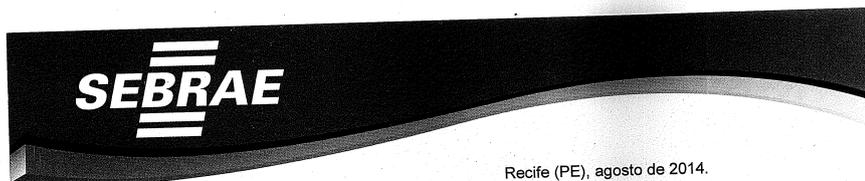
Jefa, Sección de Políticas Empresariales y Desarrollo
de Capacidades

División de la Inversión y Empresa

UNCTAD

ANEXO B

CARTA-CONVITE DO SEBRAE PARA PARTICIPAÇÃO DOS EMPRETECOs



Recife (PE), agosto de 2014.

Caro Empreteco,

Com o objetivo de **avaliar o impacto do Programa de Formação de Empreendedores (Empretec) na vida profissional dos Empretecos formados no SEBRAE-Recife**, solicitamos sua disponibilidade e atenção para participar de uma pesquisa que relaciona os temas *Educação de Adultos, Empreendedorismo e a Formação Empreendedora*.

Trata-se de uma investigação científica realizada pelo pesquisador Fernando José Moreira Coelho, no âmbito do Programa Doutoral em Ciências da Educação - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal, com o apoio do SEBRAE - Recife.

Sua contribuição é muito importante para o desenvolvimento e análise dos temas estudados. Por meio de seu relato, será possível conhecer melhor os resultados do Programa, bem como sugerir possíveis melhorias e beneficiar toda a comunidade. Ressaltamos que sua informação é totalmente confidencial e será utilizada apenas para os fins da pesquisa.

Agradecemos antecipadamente sua contribuição.

Com os melhores cumprimentos,


SEBRAE - Recife


Isabel Nolasco
Gerente de UM
Educação e Orientação Empresarial

SEBRAE
Serviço de Apoio às
Micro e Pequenas Empresas em
Pernambuco

UNIDADE DE NEGÓCIOS:
MATA SUL
01. 3518.2323
AGRESTE CENTRAL E SETENTRIONAL
01. 2103.8400

Rua Tabaiaras, 360 - Ilha do Retiro
CEP 50750-230 - Recife/PE - Brasil
CNPJ: 09.829.524/0001-64

AGRESTE MERIDIONAL
07. 3762.1752
SERTÃO CENTRAL, MOXOTÓ,
PAJEU E ITAPARICA
07. 3931.2496

Tel: 55. 81 .2101.8400
Fax: 55. 81. 2101.8500
0800 570 0800
www.pe.sebrae.com.br

SERTÃO DO ARARIPE
07. 3873.1708
SERTÃO DO SÃO FRANCISCO
07. 2101.8500

ANEXO C

COMPROVANTE DE PARTICIPAÇÃO DO PESQUISADOR NO PROGRAMA EMPRETEC

The logo for Empretec, featuring a stylized lowercase 'e' inside a circle followed by the word 'empretec' in a lowercase sans-serif font.

Certificado

Certificamos que **Fernando José Moreira Coelho**

Participou do curso "EMPRETEC"

Promovido pelo SEBRAE-PE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Pernambuco, no período de 25/11/2013 a 30/11/2013, com carga horária equivalente a 60 (sessenta) horas.

Recife/PE, 30 de Novembro de 2013.

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'S. Moreira Coelho', written over a horizontal line.

SEBRAE-PE

Realização



UNCTAD



Sebrae
Centro de
Educação
Empresarial

The logo for SEBRAE, featuring the word 'SEBRAE' in a bold, uppercase sans-serif font, with three horizontal lines above and below the letters.